

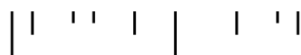


A Inclusão do Teatro como disciplina no currículo do 2.º Ciclo do Ensino Básico

Rita Alexandre Dias Cardoso Fonseca Miranda

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção de grau de mestre em Educação Artística - especialização de
Teatro na Educação

2021



A Inclusão do Teatro como disciplina no currículo do 2.º Ciclo do Ensino Básico

Rita Alexandre Dias Cardoso Fonseca Miranda

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção de grau de mestre em Educação Artística - especialização de
Teatro na Educação

Orientador: Miguel Falcão

2021

| | ' ' | | ' ' |

Agradecimentos

A concretização desta dissertação de mestrado contou com o importante apoio e muitos incentivos sem os quais terminar este trabalho não teria sido possível.

À minha família e aos amigos que sempre manifestaram apoio e ânimo, o meu obrigado.

À maravilhosa turma e aos fantásticos professores do Mestrado em Educação Artística 2017-2019, com quem vivi momentos maravilhosos de crescimento e aprendizagem, em especial ao *Trevo de quatro folhas*, que agora se completa.

Aos meus alunos que participaram neste projeto e aos seus pais, sem eles este estudo não teria sido possível. Mas também aos meus alunos (atuais e futuros) da disciplina de Teatro, pois é por eles que tento fazer mais e melhor.

À Direção do Colégio, que sempre se mostrou disponível e cooperante com as minhas necessidades, e às colegas Custódia e Regina que colaboraram no processo deste projeto.

À minha querida amiga Ana Rita, que me apoiou neste longo caminho, incondicionalmente, e mesmo estando longe da vista esteve sempre perto do coração.

Aos meus amigos Filipe, Liliana, André, Ana Luisa e Ângela, que apareceram na hora certa cheios de energia e companheirismo.

Ao meu mestre nestas andanças teatrais, professor, encenador e amigo de uma (e para) vida inteira, Manuel João.

Ao professor Miguel Falcão, orientador, sempre presente e tão paciente comigo. De todas as vezes em que pensei desistir, o professor Miguel mostrava-me que o caminho estava quase feito. Desistir é um ato de solidão, mas quando se está acompanhado, o caminho faz-se. Obrigada, professor Miguel.

Por fim, agradeço à minha grande inspiração, a minha mãe, que nunca me deixa recuar, nem desistir dos meus sonhos. Obrigada, mãe querida.

Resumo

A Educação Artística está presente no processo de aprendizagem das crianças desde tenra idade. Por conseguinte, compete à Escola o papel de educar desde cedo e de forma continuada a relação com as diferentes áreas do conhecimento, promovendo o desenvolvimento pelos alunos de competências que lhes permitam questionar os saberes estabelecidos, tendo o Teatro essa capacidade multidisciplinar de integrar conhecimentos emergentes, comunicar eficientemente e resolver problemas complexos.

O presente projeto foi desenvolvido numa instituição do ensino particular, situada no concelho de Alcochete, tendo como questão de partida: “Como criar e implementar a disciplina de Teatro no 2.º ciclo, num estabelecimento de ensino da rede privada na área metropolitana de Lisboa, no quadro da legislação produzida sobre autonomia e flexibilidade curricular?”.

Este projeto do tipo investigação-ação segue uma metodologia qualitativa e enquadra-se no paradigma interpretativo.

Esta metodologia permitiu estudar e reorganizar as experiências artísticas e teatrais realizadas enquanto disciplina curricular, com alunos do 5.º e do 6.º anos de escolaridade e procurou cumprir os seguintes objetivos: (i) conceber uma estrutura programática que se enquadre no currículo do 2.º ciclo do ensino básico e que se articule com os documentos orientadores para a área de teatro dos ciclos adjacentes; (ii) descrever e analisar as práticas de implementação da disciplina de Teatro no 2.º ciclo do ensino básico; e (iii) perceber como é avaliada, pela comunidade escolar, a inclusão da disciplina de Teatro na oferta curricular do 2.º ciclo do ensino básico.

O estudo, para além de pesquisa documental, exigiu a elaboração do Programa da disciplina de Teatro criado especificamente com este propósito, o planeamento geral da intervenção e as planificações de aula, o registo regular em notas de campo e a aplicação de questionários, que, no conjunto e uma vez triangulados, permitiram dar resposta à questão principal da pesquisa e cumprir os objetivos estabelecidos.

Os resultados obtidos confirmam o reconhecimento da importância que a presença do Teatro tem em contexto curricular, no desenvolvimento de competências a nível pessoal, artístico e cultural dos jovens, realçando, também, a relevância da continuidade pedagógica desta disciplina ao longo do percurso escolar dos alunos.

Palavras-chave: Educação Artística; Teatro na Educação; Teatro no 2.º ciclo; Programa de Teatro; Currículo.

Abstract

Artistic Education is part of children's learning process from a very young age. As such, it falls to the School the duty to educate her students, since early and continuously, on their relationship with different subjects, helping them develop skills which may allow them to question established knowledge. Theater has that cross-disciplinary capacity to integrate emergent knowledge, communicate efficiently and resolve complex problems.

The project herein was developed in a private education institution, located in the Portuguese municipality of Alcochete, having as a starting point the question: "How to create and implement the subject of Theater in the 2nd Cycle, in a private schooling institution in the Lisbon Metropolitan Area, within the legislative framework on curricular autonomy and flexibility?"

This project of the research-action type follows a qualitative methodology and adheres to the interpretive paradigm.

This methodology has allowed the study and research of artistic and theater experiences performed as a curricular subject, with students of the 5th and 6th years of schooling (the Portuguese 2nd Cycle of Basic Education). It sought to fulfill the following objectives: (i) To conceive of a programmatic structure fitting within the curriculum of the 2nd Cycle of Basic Education which is compatible with guiding documentation for the subject of Theater in adjacent Cycles; (ii) To describe and analyse the practice of implementing the subject of Theater in the 2nd Cycle of Basic Education and (iii) To understand how the school community assesses the inclusion of the subject of Theater as part of the curricular offer in the in the 2nd Cycle of Basic Education.

The study, apart from documentary research, required the creation of the Programme of the subject of Theater specifically constructed for this purpose, overall planning of class interventions and schedules, regular recording in field notes and use of questionnaires, all of which, after assembly and triangulation, allowed answering the main question of this research and fulfill the established objectives.

The results attained confirm the recognition of the importance that the presence of Theater has within a curricular context, in aiding the development of personal, artistic and cultural skills of the students. Those results also highlight the relevance of pedagogical continuity of the subject, all throughout the students' school journey.

Keywords: Arts Education; Theater in Education, Theater in Primary Education; Theater Programme; Curriculum.

ÍNDICE GERAL

1.INTRODUÇÃO.....	1
2.ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	4
2.1 Os Ecos do Teatro ao longo da História na Educação.....	5
2.2 A Educação Artística	7
2.3 O Teatro: um trunfo nos Currículos e na Educação	10
2.4 A Presença do Teatro no Currículo Escolar.....	12
2.5 O Lugar do Teatro no Currículo no 2.º Ciclo	16
2.6 Os Caminhos da Escolaridade Obrigatória	18
2.7 O Perfil e Competências do Professor de Teatro.....	20
3.PROBLEMÁTICA E PLANO DE AÇÃO.....	24
3.1 Definição da problemática	25
3.2 Caracterização do contexto	27
3.3 Grupo de participantes	28
3.4 Questões orientadoras	30
3.5 Objetivos do estudo.....	31
3.6 Plano de intervenção.....	31
3.7 Apresentação da disciplina.....	32
4.METODOLOGIA	34
4.1 Tipo de estudo.....	35
4.2 Processos e técnicas de recolha de dados.....	37
4.3 Processos e técnicas de análise de dados	39
4.4 Tratamento estatístico	40
4.5 Análise documental	40
5.APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	42
5.1 Pesquisa documental	43
5.2 Programa.....	45
5.3 Planificações	49
5.4 Ida ao teatro	50
5.5 Questionários	56
5.5.1 Alunos	56
5.5.2 Órgãos de gestão da instituição.....	63
5.5.3 Comunidade Escolar	65
5.6 Avaliação pelos alunos	67
5.7 Discussão de resultados.....	69

6.CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
7.REFERÊNCIAS	82
8.ANEXOS.....	87

Índice de figuras

Figura 1 Grupo de participantes	29
Figura 2 Relação de idades, turma 5.º ano	29
Figura 3 Relação do n.º de alunos, turma 5.º ano	29
Figura 4 Relação de idades, turma 6.º ano.....	29
Figura 5 Relação do n.º de alunos, turma 6.º ano.....	29
Figura 6 Relação de alunos que frequentaram o Colégio	30
Figura 7 Exemplo de avaliação diária.....	48
Figura 8 Desenho do espaço cénico.....	52
Figura 9 Desenho de equipamento de luz	52
Figura 10 Desenho de blackout.....	52
Figura 11 Desenho do espaço cénico.....	55
Figura 12 Desenho do palco e cenário.....	55
Figura 13 Desenho do espaço cénico e atores.....	55
Figura 14 Alunos inquiridos por ano de escolaridade.....	56
Figura 15 Idade dos alunos inquiridos.....	56
Figura 16 Nivel de escolaridade onde iniciou as aulas de teatro	57
Figura 17 Respostas dos alunos do 5.º ano.....	57
Figura 18 Respostas dos alunos do 6.º ano.....	58
Figura 19 Importancia da disciplina – Alunos.....	58
Figura 20 O que o teatro proporciona.....	59
Figura 21 O que o teatro proporciona – Outros.....	59
Figura 22 Duração da aula	60
Figura 23 Continuar com o Teatro no 3.º ciclo?.....	60
Figura 24 Orgãos de Gestão.....	63
Figura 25 Elementos da Comunidade.....	65
Figura 26 Importância da inclusão do teatro na oferta curricular	65
Figura 27 O que os alunos mais apreciam na disciplina	68
Figura 28 Turma que aprecia mais jogos	68
Figura 29 Proposta de organização de uma aula de teatro.....	72
Figura 30 Avaliação final de aula.....	73

Índice de tabelas

Tabela 1: Relação de alunos por valências.....	27
Tabela 2: Critérios de avaliação – Domínios específicos, pessoais e sociais.....	48
Tabela 3: Ida ao Teatro 5.º ano - Momentos mais apreciados	50
Tabela 4: Ida ao Teatro 5.º ano - Momentos menos apreciados	51
Tabela 5: Ida ao Teatro 6.º ano - Momentos mais apreciados	53
Tabela 6: Ida ao Teatro 6.º ano - Momentos menos apreciados	54
Tabela 7: Práticas da disciplina – mais apreciadas	61
Tabela 8: Práticas da disciplina – menos apreciadas.....	61
Tabela 9: Alunos - Sugestões para a disciplina.....	62
Tabela 10: Órgãos de gestão - Razões para a criação da disciplina de Teatro.....	63
Tabela 11: Carga horária – Alterações	64
Tabela 12: Comunidade Educativa - Considerações sobre Inclusão da disciplina	66

Lista de abreviaturas

AE	Aprendizagens Essenciais
APEVT	Associação Nacional de Professores de EVT
CEB	Ciclo do Ensino Básico
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNU	Conferencia Nacional de Educação Artística
CRSE	Reforma do Sistema Educativo
DL	Decreto-Lei
EA	Educação Artística
PAFC	Projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular
PASEO	Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória

1. INTRODUÇÃO

O talento:
É ter ganas de fazer algo e nada mais. Depois, há
toda uma vida para experimentar fazê-lo.

Jacques Brel (1971)

Desde criança, a minha vida sempre se encontrou dividida entre dois universos apaixonantes: a escola e o teatro. Mais tarde, quando cresci e enveredei pela carreira de docente, compreendi que ambos criavam uma simbiose inseparável.

A escolha do tema surgiu primeiramente em detrimento da minha paixão e vocação pela docência, e também, em grande parte pelo gosto pessoal pelas Artes, em particular, pelo Teatro, e ainda pelo facto de se tratar de um tema inovador, oferecendo uma exploração didática desafiadora. Neste sentido, sublinho a paixão nutrida pelo Teatro, que aporta saberes sociolinguísticos, culturais, tendo sido um dos principais motivos que me levou a enveredar por um tema tão complexo, discutido e, principalmente, desafiante. Com efeito, a grande questão norteadora deste projeto nasceu deste fascínio pelas artes Teatrais e, sintetizando, o desejo foi o de criar e implementar a disciplina de Teatro no 2.º Ciclo do Ensino Básico, num estabelecimento de Ensino Privado, tendo em conta o exposto na legislação atual sobre a Autonomia e Flexibilidade Curricular.

Neste sentido, reitera-se a existência de estudos teóricos e propostas didáticas recentes que, neste âmbito, começam a surgir gradualmente, embora o tema da inclusão da disciplina de Teatro no 2.º Ciclo do Ensino Básico ainda não esteja a ser tratado com a devida projeção e importância no ensino em Portugal. Posto isto, e exposta a paixão pelo Teatro, decidi apostar na criação de uma disciplina de Teatro no 2.º CEB e este trabalho é o espelho desse labor. Estou certa de que se trata de um projeto pioneiro, todavia pretendo demonstrar a sua eficácia e o seu contributo inegável na formação dos alunos. Assim, serão apresentadas as várias etapas do projeto: desde as linhas primitivas da sua conceção, à aplicação e reflexões finais.

A estrutura desta dissertação inclui um enquadramento teórico da Educação Artística, dando maior destaque ao Teatro, quer com vista a perceber a sua presença e o seu lugar no Currículo escolar, principalmente no 2.º CEB, quer no estabelecimento de correspondências com a legislação relativa a Flexibilização Curricular, Autonomia e Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória e as competências previstas para o Professor de Teatro.

No terceiro capítulo, são apresentados a problemática e o plano de ação, que se referem à caracterização do contexto do estudo, à definição do problema e à apresentação do grupo de participantes, continuando com a exposição das questões orientadoras e dos respetivos objetivos, bem como o plano de intervenção e a apresentação da disciplina tal como foi prevista.

No quarto capítulo, é apresentada a metodologia implementada, de natureza qualitativa, no âmbito do paradigma interpretativo.

No quinto capítulo, é feita a apresentação dos resultados, tanto da análise da pesquisa documental, como do programa realizado para a disciplina, das planificações e dos questionários realizados aos alunos, órgãos de gestão e comunidade escolar. Consequentemente, na discussão dos resultados, procede-se à triangulação de todos os resultados, incluindo os da revisão de literatura mobilizada no enquadramento teórico, tendo como eixos norteadores os objetivos e as questões orientadoras.

Neste mesmo sentido, acredita-se que a concretização desta dissertação contribui para a afirmação de uma identidade de professores atentos à realidade educativa e, conseqüentemente, para os seus desafios e necessidades. Assim, crê-se que este foi um passo fundamental para o próprio desenvolvimento profissional e pessoal, na medida em que contribuiu para um melhor conhecimento na área e proporcionou um novo olhar sobre o Teatro e o leque de vantagens que este aporta para a comunidade escolar.

É certo que a questão da inclusão da disciplina de Teatro no 2.º Ciclo do Ensino Básico tem ainda um vasto caminho a percorrer e, neste sentido, através do contributo deste trabalho, espera-se que este possa alumiar a invisibilidade em torno do Teatro que existe no contexto de educação formal, em particular no âmbito curricular.

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1 Os Ecos do Teatro ao longo da História na Educação

Ao longo da História da Humanidade, o binómio Arte e Educação sempre mantiveram uma relação bastante estreita devido ao carácter filosófico, histórico, social, estético, psicológico e pedagógico (Laferrière, 1997b).

Partindo da ideia anteriormente referida, dá-se início a este trabalho, levando a cabo uma reflexão centrada no teatro como uma arte cujas origens remontam ao surgimento da humanidade, desde as representações pioneiras do homem primitivo, que dramatizavam caças, animais e a personificação dos seus ancestrais. Desde aqueles tempos, às mais modernas formas de representação, esta linguagem artística sofreu diversas modificações, mas sempre ocupou um lugar predominante na História do ser humano. Na verdade, para Berthold (2006), o teatro refletiu continuamente o momento social e os pensamentos de cada época.

Na Antiguidade e na ótica de Platão (367 a.C.), o jogo e a presença do lúdico são fundamentais na educação. Platão acreditava que a educação deveria começar de forma lúdica, sobretudo para que as crianças pudessem seguir e desenvolver a tendência natural do seu carácter. Também Aristóteles e outros pensadores clássicos avaliaram o papel do jogo no ensino. Léon Chancerel (1948), na introdução do seu livro *Jeux dramatiques dans l'éducation*, alega que, se por um lado o jogo é uma atividade normal da infância, por outro lado, subentende regras e convenções que tanto o jogo como a arte não podem dispensar. Como se constata, o estudo do lúdico, do jogo e da representação teatral provêm da Antiguidade Clássica e, como se sabe, continua a ser objeto de estudo, em certo grau de importância, no campo da educação.

Segundo Courtney (1980), no século V a.C, a educação ateniense alicerçava-se na música, no desporto e na literatura. Neste último tópico, inseriam-se as declamações de obras poéticas com recursos teatrais vocais, gestos dramáticos e expressões faciais. Para o autor, o próprio teatro é considerado como a “maior força unificadora e educacional no mundo ático” (p.5). Com efeito, o teatro era utilizado como meio de transmissão de conhecimentos e constituía o único prazer literário do povo. Já para os romanos, o teatro abarcava propósitos educacionais, sempre e quando transmitisse uma moral.

De acordo com Cutillas Sánchez (2015), é no século XX que é possível situar o arranque do fenómeno do teatro infantil e juvenil. Anteriormente, já no século XVII, a literatura infantil tinha impulsionado o teatro infantil, graças aos textos de Charles Perrault, Irmãos Grimm e, em particular, Hans Christian Andersen. Neste sentido, o teatro infantil e pedagógico dava os seus primeiros passos.

Se nos focarmos nos últimos anos do século XIX e, em especial na primeira metade do século XX, verifica-se que diversos autores se dedicaram ao tema teatro/educação, desenvolvendo abordagens pedagógicas. Tome-se como exemplo o contributo evidente da norte-americana Winifred Ward (1884-1975), cuja obra reflete a hipótese da Escola Nova. A autora enfatiza a importância da expressão criativa da criança, defendendo que o processo do trabalho com teatro em escolas deve ser mais valorizado do que o seu produto final (Ward, 1957).

Courtney (1980) salienta, na primeira metade do século XX, os trabalhos de Caldwell Cook (1885-1939), que defendia a ideia de que a atividade dramática poderia ser um método eficiente de aprendizagem. Na sua obra *The Play* (Cook, 1917), o professor implementou o seu método de abordagem de atividades dramáticas em contextos escolares. Cabe referir que, até este momento, o teatro nas escolas consistia simplesmente em pequenas encenações de peças e leituras de diálogos, especialmente no seio das aulas das ciências humanas e literatura.

Assim, Cook propôs uma nova forma de abordagem: para este, a atuação, através de jogos dramáticos era efetivamente um caminho eficaz para a aprendizagem. O seu método consistia em utilizar o conteúdo dos livros didáticos de diversas disciplinas como pretexto para que os alunos o encenassem, facilitando, assim, a aprendizagem. Deste modo, Cook, para o desenvolvimento do seu método, partia das seguintes premissas: o conhecimento adquirido e a proficiência advêm da experiência e não da escuta ou da leitura; que o bom trabalho é, *a priori*, o resultado do livre interesse e do esforço espontâneo; e que o jogo é o meio natural de estudo para a juventude (Cook, 1917). Na realidade, o que o autor propunha era uma encenação livremente improvisada pelos alunos, em sala de aula, sem a intervenção do professor e ausente de maiores preocupações com convenções teatrais.

Por sua vez, os anos oitenta marcaram, decididamente, o campo da educação, graças às mudanças educativas no contexto europeu, que favoreceram o aparecimento de várias e inovadoras iniciativas pedagógicas nas escolas. Tendo em

conta as palavras de Bercebal *et al.* (2001), no decorrer dos anos oitenta, e remetendo para o contexto europeu, muitas editoras publicaram livros de teatro para crianças, companhias de teatro e outras instituições adaptaram e representaram obras para o público infantil e promoviam, principalmente, atividades de fomento ao teatro infantojuvenil e, simultaneamente, as leis educativas favoreciam a incorporação do teatro escolar.

Posto isto, desde 1986, tem-se assistido a uma continuidade de propostas e inovações no âmbito da Educação Artística que, sem dúvida, mostram que esta tem vindo a ocupar um lugar cada vez mais importante nas salas de aula em Portugal.

Em síntese, através da análise das obras revisitadas, depreende-se que o teatro em contextos educativos foi evoluindo, principalmente no século XX, dependendo fortemente da situação sociopolítica de cada país.

2.2 A Educação Artística

A criatividade, a imaginação e a capacidade de adaptação, competências que se desenvolve através da Educação Artística, são tão importantes como as competências tecnológicas e científicas necessárias para a resolução desses problemas.

Koïchivo Matsuura (citado em CNU, 2006)

A Educação Artística está presente nas aprendizagens das crianças desde muito cedo. Assim, na educação pré-escolar, as crianças têm contacto com expressões como a pintura, desenho, brincar ao faz de conta, contar e mimar histórias, música, teatro ou dança, de forma lúdica. Reconhece-se, nestas instâncias, o papel da escola que, para Grácio, (1996) “cabe à Escola um papel de iniciação e de compensação: educar desde cedo o gosto, suscitar atividades criadoras, revelar as vocações” (p. 189).

A Educação Artística foi, ao longo do tempo, estudada por filósofos, artistas, psicólogos e educadores que, de certa forma, conceberam o conceito de diversas maneiras. A nível geral, é entendida como um meio para descarregar energias, uma panóplia de atividades lúdicas e prazerosas, uma forma de a criança se evadir da sua própria rotina, uma integração harmoniosa e equilibrada, conferindo aos estudantes a

oportunidade de desfrutarem de um processo de aprendizagem mais motivante, emotivo e criativo.

No que concerne à nomenclatura utilizada – Educação Artística - o termo parece ser pouco consensual quanto ao significado e, conseqüentemente, na perspectiva de Eça (2008): “as terminologias para designar a educação através da apreciação, análise crítica e produção artística são extremamente ambíguas e conflituosas, levando a interpretações por vezes redutoras das potencialidades desse tipo de educação” (p. 1). Também se constata a existência de termos bastante similares como: “ensino da arte, educação pela arte ou pelas artes, através das artes, e arte – educação, que foram extremamente importantes após a segunda guerra mundial, sob a orientação teórica de Sir Herbert Read” (Eça, 2008, p. 1). Sabe-se que, em Portugal são usados os termos Educação Visual, Expressão Plástica, Educação Musical, Expressão Dramática, Oficina de Artes e, vulgarmente, Desenho, etc., para abarcar as áreas curriculares que esboçam a Educação Artística.

Para Eça (2008), são atualmente necessários “modelos educativos sem disciplinas estanques e baseados na transversalidade e nos trabalhos de projeto” (p. 12). Paraphrasing the author, it is necessary to redefine some key concepts, it is indispensable to reflect on the denominations used, finding a term that coheres with the current reality. Thus, the author suggests the substitution of the term Educação Artística by the concept of Educação Cultural, which would encompass “the study and the practice of all areas of expression and communication visual, oral, dramatic, musical, kinesthetic and multimedia, promoting the experience and the knowledge of aesthetic through axes of understanding, criticism and production in different areas of expression, communication and artistic productions” (Eça, 2008, p.2).

Neste sentido, nas palavras de Sánchez (1983), a EA constitui uma das principais linhas fundamentais na formação integral de um indivíduo, já que desenvolve a sua sensibilidade e capacidade criativa, levando-o a conhecer o valor intrínseco das obras de arte que entram na configuração de qualquer tradição cultural.

Também para Pérez (2006), a EA refere as maiores oportunidades de desenvolvimento (físico, emocional e intelectual). Para o autor, o seu propósito não é, propriamente, formar artistas, mas indivíduos integrais, para que no futuro venham a ser um melhor médico, um melhor advogado, um melhor engenheiro ou um melhor professor.

Em continuação, o papel das Artes nas escolas e no currículo tem sido preponderante e muitos são os autores que defendem a inclusão efetiva das Artes na escola. Para Caldas e Vasques, (2014):

As artes têm um relevante papel a desempenhar na formação integral dos indivíduos, contrariando a tão generalizada separação entre as artes e o resto do currículo educativo, usando-as nas nossas escolas, tantas vezes de forma explícita, como uma mera indulgência do prazer, sem o reconhecimento efetivo da sua importância formativa. (p. 9)

Na ótica de Xavier (2010), “os projectos artísticos em contexto educativo não devem ser considerados uma mera ferramenta de ocupação ou expressão, mas um elemento poderoso de construção numa sociedade que precisa de pessoas livres, críticas e criativas” (p. 4-5).

Atualmente, sabe-se que o sistema educativo oferece aos alunos um tempo e um espaço artístico integrado no currículo, colocando à sua disposição os instrumentos e os meios de expressão que lhes permite efetuar experiências culturais, estéticas e sensitivas. Ainda que se tenham veiculado medidas para a promoção e inclusão da EA nas escolas e as opiniões dos autores supracitados, a realidade no contexto educativo tem sido distinta. Na verdade, a evolução das Artes na escola tem sido feita no sentido de afastar estas áreas das estruturas curriculares e construir opções que desagregam as Artes dos currículos, tornando-as de cariz opcional e, conseqüentemente, desvalorizadas.

O lugar atribuído às artes no currículo e a importância dada à Educação Artística em Portugal surgiu com maior força em 1986, com a Lei de Bases do Sistema Educativo que reconhece a relevância de assegurar que a formação dos alunos, garantisse “a descoberta e o desenvolvimento da capacidade de raciocínio, memória e espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética” e que fosse uma formação capaz de inter-relacionar “o saber e o saber fazer, a teoria e a prática, a cultura escolar e a cultura do quotidiano” (Decreto Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro).

Ainda que se notem melhorias no caminho da EA ao longo dos anos, a verdade é que a cultura tem ganho uma especial atenção nas preocupações e orientações programáticas. Como alega Fortuna (2014), a EA “ganha maior expressão na retórica política e programática do que nas medidas concretas e nas grandes opções de financiamento” (p. 14). Segundo o mesmo autor, a EA é uma “expressão prática

crecente, nomeadamente no quadro de iniciativas desenvolvidas à escala local e regional e apoiadas por fundos estruturais” (*ibidem*, p. 14).

Com efeito, no *Currículo Nacional do Ensino Básico: Competência Essenciais* (2001), que apesar de ter sido revogado preconizou uma perspetiva relevante, lê-se que “as vivências artísticas influenciam o modo como se aprende, como se comunica, sendo essenciais para o crescimento intelectual, social, físico e emocional das crianças e jovens” (p. 149). Neste sentido, as aprendizagens através das expressões artísticas são consideradas um fator importante para o desenvolvimento pessoal, cognitivo, social e emocional do indivíduo, trabalhando várias competências nas mais diversas áreas do saber ser e no saber estar, tendo em conta que “o interesse, as pulsões afetivas dinamizam os campos da aprendizagem e não há razão nenhuma para supor que a emoção está excluída da aprendizagem intelectual...” (Grácio, 1996, p. 198). Crê-se que uma das características essenciais da educação artística é, segundo Eça (2010), “a facilidade com que esta área consegue desenvolver capacidades e competências cognitivas e metacognitivas, promover educações a partir das suas linguagens específicas, elaborando projetos de aprendizagem relevantes para os alunos e para as comunidades, onde as escolas se inserem” (p. 138).

Chegando até aqui, é reforçada a importância da EA no seio do currículo escolar, já que facilita o desenvolvimento integral dos alunos, em particular as suas habilidades, conhecimentos, atitudes e valores. Assim, a EA forma atitudes específicas, desenvolve capacidades, hábitos fulcrais no encontro do aluno com o mundo, fazendo com que este compreenda a arte como um conjunto imensurável de manifestações histórico-sociais, dotando-o, ainda, de destrezas necessárias para analisar e deleitar-se com os valores estéticos que emanam de uma obra de arte.

2.3 O Teatro: um trunfo nos Currículos e na Educação

O teatro é uma arte quase tão antiga como a própria humanidade, o espelho que o ser humano esboçou para autodescrever-se e transmitir, assim, as suas vivências, com um objetivo puramente didático: ensinar os seus descendentes. Assim, o teatro permite que o ser humano se expresse, mediante uma série de atividades artísticas que incrementam os sentidos de criatividade e comunicação. É nestas primeiras linhas que se reconhece a vertente pedagógica e criativa do teatro, o pendor deste trabalho.

Na verdade, o teatro sempre refletiu momentos sociais e os pensamentos de cada época (Berthold, 2006). Partindo desta premissa, a relação do homem com o teatro sempre foi bastante estreita, desde a Antiguidade até à atualidade.

No campo da educação, é perceptível que o teatro ganha figura como uma técnica pedagógica, a qual se pode utilizar para desenvolver capacidades de expressão e comunicação dos alunos. Além disso, a vertente holística do teatro permite que não se centre apenas nas habilidades linguísticas de ler, escrever e ouvir, mas, efetivamente, de comunicar, construir, anunciar e transferir conhecimento. Deste modo, metaforicamente, o teatro funciona como uma injeção que fomenta o desejo de aprender do aluno, introduzindo-o na ação e, simultaneamente, melhorando as suas capacidades de comunicação.

Quando compreendidos conceitos como “Teatro”, “Ensino” e “Educação Artística” não se pode deixar de citar Vygotsky. O autor apoia-se na grandeza da linguagem teatral, que agrega a linguagem falada, corporal, simbólica e estética, comunicando ao homem o sentido global – na sua profundidade de significados objetivos e subjetivos – da questão exposta, para justificar a valorização do seu papel na educação. Para o autor, a criança mimetiza as impressões externas que percebe do meio que a rodeia. Com a força do seu instinto e da sua imaginação, cria ambientes que proporcionam situações cheias de emoções, a chamada “fantasia infantil” que não reside apenas na esfera do sonho, como acontece com os adultos. A criança quer tornar o real em ações, em imagens vivas, tudo o que pensa e sente (Vygotsky, 1987).

Read considerou a expressão dramática como “(...) fundamental em todos os estádios da educação. Considero-a mesmo uma das melhores atividades, pois que consegue compreender e coordenar todas as outras formas de educação pela arte” (Read, em Sousa, 2003, p.20). Também Courtney (2003) eleva a importância da “educação dramática” para o desenvolvimento humano, uma vez que “é a base de toda a educação centrada na criança” (p. 57).

Posteriormente, o universo social que circunda a criança reflete-se e toma a vida na ação criativa do teatro. Desta feita, esta experiência é riquíssima para que se compreenda e experimente os papéis atribuídos aos adultos, em sociedade. Da mesma maneira, são transmitidos e compreendidos valores culturais, éticos e morais. Assim, acredita-se plenamente que entre as modalidades artísticas que elencam a EA,

o teatro assume-se, particularmente, como um trunfo na Educação, graças às possibilidades de interação, interiorização da cultura, uso da palavra e expressão afetiva, entre outros. Tendo como certo que a realização de atividades teatrais pode ser uma grande mais-valia no desenvolvimento das crianças e adolescentes, um instrumento didático poderoso nas mãos dos professores. Na perspectiva de Lobo (2005) é “importante que o professor atenda verdadeiramente os alunos em toda sua complexidade pessoal, que aprenda a escutá-los, crer realmente neles para estimular a autoestima, a firmeza e a alegria de viver” (p. 4).

Neste sentido, a exploração do teatro na escola deverá resultar da aproximação ao teatro enquanto arte e não residir apenas em atividades fragmentadas de expressão dramática.

Posto isto, Navarro (2007) alega que o teatro e toda a expressão dramática também possibilita uma criação própria e pessoal da linguagem que gera diferentes inteligências múltiplas. Com efeito, compreende-se que o teatro não só favorece o desenvolvimento de competências básicas do aluno, como também facilita a aquisição do conhecimento e conteúdos, de uma forma lúdica, pragmática e proativa.

Em resumo, crê-se que, do ponto de vista epistemológico, está suficientemente argumentada a importância da EA/Teatro no processo da educação integral da criança, pois, foi possível demonstrar que a linguagem teatral, através dos seus recursos, oferece ao aluno uma maior quantidade de operações significativas, as quais acrescentam às intervenções conceituais um sentido mais global, mais criativo, libertador, permitindo dessa maneira que o aluno se funda no conhecimento de maneira mais lúdica e holística.

2.4 A Presença do Teatro no Currículo escolar

Currículo, do latim *curriculum*, designa o percurso ou caminho, o que remete para a concepção de uma organização sistemática dos estudos. Assim, o termo currículo como campo particularizado das Ciências da Educação surge no séc. XIX, quando a escolarização se torna uma atividade organizada em função de interesses sociais, políticos, económicos e culturais. No que concerne à sua concepção, sabe-se que o currículo corresponde a um plano nacional de disciplinas organizadoras do conhecimento escolar, politicamente implementado em escolas que são reguladas administrativamente.

Ainda nesta linha, o currículo é um conceito passível de múltiplas interpretações no que ao seu conteúdo se refere e quanto aos inúmeros modos e variadas perspectivas acerca da sua construção e desenvolvimento (Pacheco, 1996; Ribeiro, 1990). Mas, procurando definir, no quadro histórico-cultural da relação da escola com a sociedade, é possível entender o currículo escolar – em qualquer circunstância – como o conjunto de aprendizagens que, por se considerarem socialmente necessárias num dado tempo e contexto, cabe à escola garantir e organizar.

O currículo torna-se um projeto curricular quando a escola (ou grupo de escolas servindo uma comunidade) assume o seu conjunto de opções e prioridades de aprendizagem, enquadradas no currículo nacional, delineando e adequando os modos estratégicos específicos de as pôr em prática no seu contexto, com o objetivo de melhorar o nível e a qualidade da aprendizagem dos seus alunos – quando constrói o seu projeto curricular (que é naturalmente o principal conteúdo do seu projeto educativo). No essencial, “diferenciar” significa definir percursos e opções curriculares diferentes para situações diversas, que possam potenciar, para cada situação, a consecução por todos das aprendizagens pretendidas (Roldão & Almeida, 2009).

Na linha do que afirma Roldão (2009), foi a partir da década de noventa que vários países europeus (Noruega, Finlândia, Reino Unido, Portugal) desenvolveram uma lógica curricular assente num currículo nacional que estabelece metas comuns a atingir e as áreas de estudo a trabalhar. Esta “reorganização” aconteceu devido à massificação escolar e à diversidade de públicos. Esta diversidade cultural e social dos alunos fez surgir a necessidade de as escolas gerirem os seus próprios projetos curriculares e atuarem mais ativamente na deliberação e gestão do currículo adequando-o ao contexto de cada escola (tal como se denominou em Portugal a partir do DL 6/2001).

Assim, por todo o mundo e na Europa em particular, têm vindo a ser realizadas iniciativas de dimensão internacional dedicadas à Educação Artística, na maior parte dos casos com o alto patrocínio dos órgãos governativos que definem as políticas educativas e culturais dos países, unidos pela mesma vontade de tornar o projeto de cruzamento das artes e da educação – habitualmente, é um “projeto” que todos garantem subscrever – numa realidade (Falcão, 2014).

De acordo com Falcão (2014), o Currículo português não é uma exceção aos

reptos que têm sido lançados no contexto europeu no que concerne à EA. Em Portugal, o *Currículo Nacional do Ensino Básico: Competência Essenciais (2001)* já preconizava os eixos norteadores para a Educação Artística, que se passa a citar:

- a) Estudo de trabalhos artísticos;
- b) Contacto direto com trabalhos artísticos;
- c) Participação em práticas artísticas (CNU, 2006, p. 10).

Deste modo, e analisando os três princípios anteriormente desenhados, verifica-se que é preconizado que o estudante adquira conhecimentos “pela investigação e pelo estudo (de uma forma de arte e da relação entre arte e história), (...) interagindo com o objeto ou a representação de arte, com o artista e com o seu (a sua) professor(a) (...) e através da sua própria prática artística” (CNU, 2006, p. 10).

Como se constata, os documentos mais recentes desenvolvidos no âmbito do Currículo Nacional do Ensino Básico projetam a Educação Artística, onde se situa o Teatro, numa dimensão holística, privilegiando o contacto direto e indireto do aluno com trabalhos artísticos e involucrando o mesmo no seio dessas práticas como analisamos no último tópico em destaque. Com efeito, o Currículo Nacional do Ensino Básico (2001) exprime, nos seus vários apartados, o peso inegável da Educação Artística na medida em que,

as artes permitem participar em desafios coletivos e pessoais que contribuem para a construção da identidade pessoal e social, exprimem e enformam a identidade nacional, permitem o entendimento das tradições de outras culturas e são uma área de eleição no âmbito da aprendizagem ao longo da vida. (Ministério da Educação, 2001, p.149)

Neste sentido, defende-se que o teatro não é só essencial para o desenvolvimento das capacidades motoras. Acredita-se que este proporciona o desenvolvimento de outros domínios que são fundamentais numa formação equilibrada do indivíduo, devendo, por isso, ser facultado a todos os estudantes. Com efeito, o teatro assegura um valor fundamental na transmissão de conhecimentos e valores de uma sociedade sendo, igualmente, importante no processo formativo global do indivíduo.

Em resumo, é possível verificar que o Currículo Nacional do Ensino Básico (2001) considerava as artes como sendo elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno. Estas são concebidas no documento como formas de saber que articulam a imaginação, razão e emoção, contribuindo para o desenvolvimento de diferentes competências refletindo-se no modo como se pensa e no que se produz com o pensamento.

Na linha do que diz Xavier (2021), o Núcleo de Ensino Artístico, em 2005, saiu da Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular para a Direção-Geral de Formação Vocacional. De facto, observa-se que marcou uma “alteração não meramente administrativa e pouco notada apesar da sua importância, tornando, eventualmente, a matéria das artes no quadro do 3.º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário mais um assunto de formação vocacional do que de formação básica” (p.8).

Por sua vez, em 2007, em consonância com o Decreto-Lei nº310/83, de 1 de julho, o estudo de avaliação do ensino artístico, coordenado por Domingos Fernandes (2014), sugeriu a “plena integração do ensino artístico” (p. 171), considerando que a oferta ao nível do ensino básico era adequada e propondo um curso de artes no ensino secundário.

Crê-se também importante ressaltar que, no mesmo ano, celebrou-se a primeira Conferência Nacional de EA, no Porto. Em detrimento desta Conferência, nasceu o Clube UNESCO, um espaço permanente de discussão e afirmação da EA em Portugal (CNU, Educação Artística, s.d.). Com efeito, reconhece-se a importância do nascimento deste clube, pois fez com o campo da EA em Portugal ganhasse um corpo mais consistente e visível.

Em continuação, cabe mencionar que, em 2012, a emissão legislativa de uma nova revisão da estrutura curricular delineou o reforço das disciplinas consideradas fundamentais, existindo em termos globais, uma diminuição da presença das áreas de EA no currículo (Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de agosto). Dois anos mais tarde, o Decreto-Lei n.º 176/2014, de 12 de dezembro, restabeleceu tempos mínimos para as diversas áreas, existindo a redução dos mesmos no que respeita às áreas da EA.

Em síntese, embora se denotem melhorias na demanda da EA ao longo dos anos, observa-se que a cultura tem ocupado um lugar de destaque no seio das

orientações programáticas e “ganha maior expressão na retórica política e programática do que nas medidas concretas e nas grandes opções de financiamento” (Fortuna, 2014, p. 14). Assim, esta realidade tem vindo a consagrar-se como uma “expressão prática crescente, nomeadamente no quadro de iniciativas desenvolvidas à escala local e regional e apoiadas por fundos estruturais” (Fortuna, 2014, p. 14).

2.5 O lugar do Teatro no Currículo no 2.º Ciclo

[O] entusiasmo criador parece arrefecer com a idade. As aptidões manuais e plásticas são menos estimuladas ao longo do 2.º ciclo do liceu e, com o esforço do espírito crítico, o aluno torna-se mais exigente consigo mesmo. (Grácio, 1996, p. 192)

No sistema educativo português, no 2.º ciclo, mantêm-se até aos dias de hoje, apesar da alteração e separação de algumas disciplinas integrantes no currículo, as disciplinas de conteúdos artísticos que estão concentradas no que está nomeado como “Educação Artística e Tecnológica”, de acordo com as disciplinas adotadas: a Educação Visual, a Educação Tecnológica e a Educação Musical.

Segundo o parecer emitido pela APEVT, a Educação Visual é a única disciplina destas áreas curriculares que revela ter paradigmas metodológicos coerentes, integradores e sequenciais nos três ciclos de estudo do ensino básico e secundário e que se desenvolve nas diferentes manifestações culturais do património local e global.

No que diz respeito à Educação Tecnológica, neste momento, não existe uma garantida sequencialidade do 2.º para o 3.º ciclo, nem como disciplina nem como componente de uma área artística e tecnológica integradora. A Educação Tecnológica, em coerência com o próprio Perfil do Aluno, convoca o “saber científico, técnico e tecnológico” indispensável para que os alunos consolidem hábitos de planeamento das etapas do trabalho, identificando os requisitos técnicos, condicionalismos e recursos para a concretização de projetos, com recurso a materiais, instrumentos e equipamentos. O seu papel e lugar carecem de clarificações essenciais, pois a progressiva menorização dos seus saberes estruturantes é substituída por novas disciplinas que justapõem componentes que nela se integram (APEVT, 2017).

Posto isto, a presença das áreas da educação artística nos 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico caracteriza-se por um desequilíbrio, no que diz respeito à oferta das diferentes áreas artística. Com efeito, apenas a Educação Visual e a Educação

Musical constam como disciplinas obrigatórias no 2.º ciclo. Caldas & Pacheco (1999) abordam que a “probabilidade de institucionalização efetiva, isto é, curricular (mesmo se optativa) de disciplinas artísticas provenientes de espaços menos autonomizados – como, justamente o teatro (mas não apenas: as artes gráficas, o design, a dança, e outras), face à música e à chamada educação visual – obriga a ações de ordem normativa e regulamentar cujo ritmo e capacidade de implementação não são simples nem imediatos” (p.79).

Consequentemente, verifica-se que o Teatro não figura no leque de disciplinas artísticas no Currículo do 2.º ciclo, tornando-se assim crucial proporcionar aos alunos um contacto direto com o teatro, como disciplina, integrada no currículo dos mesmos.

Perante os benefícios e contributos do teatro/expressão dramática projetados ao longo deste trabalho, entre os professores é sabido que a experiência das atividades dramáticas não está acessível a todos os alunos, nem a todos os ciclos. Como em todas as artes, é ao nível da educação pré-escolar que melhor se cruzam as práticas e as orientações curriculares, no que diz respeito às atividades dramáticas. Não obstante, encontra-se também a integração do Teatro no currículo do 3.º Ciclo do Ensino Básico, contudo de forma ténue e de cariz opcional.

Assim, na linha do que refere Antunes (1998), já no 1.º Ciclo do Ensino Básico, a “hierarquização” dos saberes e a falta de preparação dos docentes remete as expressões artísticas para momentos pontuais do desenvolvimento curricular e, com grande incidência, associam a prática destas atividades às de épocas festivas, como é o caso do Natal, do Carnaval ou do final de ano letivo.

Chegando a este ponto, é possível questionar: se a Educação Artística, em particular a disciplina de Teatro possui tantas vantagens no processo de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos, por que razão as artes têm cada vez menos voz nos currículos, nomeadamente no 2.º Ciclo do Ensino Básico?

Em virtude da questão levantada, Duarte (2001) sinaliza que nas sociedades modernas industriais, os decisores e gestores dos currículos têm focado pouco interesse na Educação Artística, na medida em que esta não dá resposta aos problemas “reais” resolvidos pela “ciência”. Por outro lado, o autor também refere que a área da Educação Artística também não está privilegiadamente assente na produção utilitária de bens. Por conseguinte, é uma área que, trabalhando com e sobre o “ser sensível”, não se encontra na vanguarda do reconhecidamente “essencial” e/ou do lucro económico, aportando assim os seus custos.

O Decreto de Lei nº55/2018 e os princípios de Autonomia e Flexibilidade Curricular parecem dar resposta às questões delineadas nas alíneas acima, na medida que nos permitem criar, indubitavelmente, uma disciplina de Teatro no 2.º CEB.

2.6 Os Caminhos da Escolaridade Obrigatória

O Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória tem como finalidade garantir que as competências à saída de cada ciclo de escolaridade sejam alcançadas por todos os alunos, ainda que através de diferentes percursos, assumindo que cada aluno é um ser único e individual, com diferentes interesses, capacidades e predisposições; com ritmos diferentes de trabalho e aprendizagens; pertencem a grupos sociais, culturais, étnicos e linguísticos diferentes. (Ministério da Educação, 2017)

Neste contexto, as políticas da Flexibilização Curricular, parafraseando Roldão e Almeida (2018), criaram a necessidade de diferenciar quatro níveis de decisão curricular, nomeadamente o nível central (macro), que estabelece o currículo nacional delineado pela administração central; o nível institucional (meso), que consiste na adaptação do currículo nacional ao contexto das escolas; o nível grupal (meso), a adaptação do projeto curricular ao projeto de desenvolvimento curricular para cada turma – ou outros grupos de trabalho e aprendizagem; e, por último, o nível individual (micro), relaciona-se com o quotidiano da ação educativa concreta e as opções que os professores tomam. De facto, a gestão curricular pressupõe a existência de um processo contínuo de tomada de decisão nestes quatro níveis, articulados entre si:

As decisões relativas à gestão curricular respondem às questões o quê, para quê, quando, como ensinar, pilares da teoria curricular clássica. Relacionadas com cada uma delas situam-se as questões o quê, para quê, quando, como avaliar. (Roldão & Almeida, 2018, p.23).

As autoras estabelecem os campos principais de decisão curricular que respondem a essas questões transversais nos 4 níveis, identificados como:

- Visão pedagógica (princípios orientadores e características do cidadão que se pretende formar implicando uma visão pedagógica);
- Opções e prioridades (prioridades/ introdução de novas competências ou aprendizagens/conteúdos comuns);

- Organização das aprendizagens (sequenciação das aprendizagens, a sua articulação vertical e horizontal e modos de organização curricular);
- Métodos e estratégias de ensino e avaliação (diferenciação curricular, valorização da diversidade de metodologias e estratégias de ensino);
- Os modos de organização da escola e das aulas (todo o tipo de decisões que enquadram as atividades de aprendizagem e o trabalho dos professores);
- A avaliação do resultado das opções tomadas (avaliação da sua realização e adequação através de um processo de monitorização que definirá os ajustes ou reformulações necessárias no projeto curricular e, conseqüentemente, nos projetos curriculares de turma).

Em suma, na ótica de Roldão e Almeida (2018), estes campos de decisão não seguem necessariamente uma certa ordem, mas enfatizam que qualquer processo de desenvolvimento curricular deve passar por todos e que qualquer decisão que se tome num deles afeta todos os outros. Com efeito, as autoras alegam que todos os campos de decisão dizem respeito a aprendizagens, quando assumem que o “currículo não é senão um *corpus* ativo e dinâmico de aprendizagens a garantir, a fazer passar (currículo – passagem/ percurso). As disciplinas, as cargas horárias, os elencos de temas, as áreas de projeto, os espaços a, b ou c são elementos, peças do currículo, não são currículo por si” (*ibidem*, p.29).

Observa-se, então, com a dualidade que o currículo apresenta: o que aprender e o caminho para alcançar as aprendizagens. Por outras palavras, é “o corpo de aprendizagens que se quer fazer adquirir e é também o modo, o caminho, a organização, a metodologia que se põe em marcha para o conseguir. Entra-se, assim, na dinâmica currículo-desenvolvimento curricular que, cada vez mais, se têm de analisar como um todo no que à gestão diz respeito” (Roldão & Almeida, 2018, p.30).

Explanadas as diretrizes para a Flexibilidade Curricular e o caminho sugerido por Roldão e Almeida (2018), importa salientar que o respeito e valorização das características individuais da criança, a sua diferença, constituem a base de novas aprendizagens, como também a “oportunidade de usufruir de experiências educativas diversificadas, num contexto facilitador de interações sociais alargadas com outras crianças e adultos, permite que cada criança, ao construir o seu desenvolvimento e aprendizagem, vá contribuindo para o desenvolvimento e aprendizagem dos outros” (Ministério da Educação, 1997, p.19).

Assim, todos os pressupostos educacionais patentes no atual Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, no conseqüente enfoque nas Aprendizagens

Essenciais e no Projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular (PAFC), perspetivam a assunção das artes, da ciência e tecnologia, do desporto e das humanidades como componentes estruturantes da matriz curricular das diversas ofertas educativas e formativas. Ora, procedendo a um pequeno estudo comparado entre o atual currículo nacional e as propostas das matrizes curriculares base para o PAFC, verifica-se que, à exceção do 1.º ciclo, as soluções curriculares encontradas não são claras na concetualização, nem acentuam a importância expressa das áreas de educação artística e tecnológica no 2.º e no 3.º ciclo.

Posto isto, compreende-se o poder da flexibilização do currículo escolar com o principal objetivo de contemplar as artes, a autonomia e o trabalho colaborativo, não de forma praticamente invisível, como tem sido feito até então, nomeadamente no 2.º ciclo, o público-alvo deste estudo.

Em modo síntese, assiste-se a um sistema com ações que, como alertava Grácio, (1996) “conferem um peso muito maior às denominadas disciplinas intelectuais do que às disciplinas de feição manual e artística, *as disciplinas principais* como lhe chamam” (p. 183). Neste sentido, os professores, devem dirigir o seu trabalho apostando, claramente, na valorização da Educação Artística, sendo na flexibilidade curricular que encontram as ferramentas necessárias para o fazer.

2.7 O Perfil e Competências do Professor de Teatro

Levando a cabo um périplo pelo enquadramento da educação artística na escola atual, com a introdução Expressão dramática/Teatro como disciplina curricular do sistema educativo português, observa-se facilmente que a inclusão do Teatro no currículo tem sido feita de forma lenta, fragmentada e fracamente sistemática.

Neste ponto, parece pertinente abordar uma questão pouco consensual entre quem se dedica ao tema da arte e do ensino. Esta questão prende-se com o perfil do professor de Teatro, enquanto dinamizador das atividades de cariz artístico e cultural. Neste sentido, podem ser colocadas as seguintes questões: qual o perfil do professor de Teatro? Que competências deve reunir?

Para Eisner (1997), analogamente focado no campo das artes visuais, as qualificações adequadas de quem ensina arte dependem das diferentes perspetivas

sobre os objetivos e conteúdos da arte na escola. Nesse sentido, o autor indica três percepções, a que correspondem distintas formações académicas. A primeira defende que a formação do professor/dinamizador deve ser uma mescla de arte e psicologia. A segunda remete para o professor como motor de arranque, levando-o a iniciar e a desenvolver o gosto e apreciação crítica pelas obras de arte, apostando numa formação do docente em História de Arte. Finalmente, existem ainda os que sustentam que o ensino da arte deve ser visto como preparação para a atividade artística e que, portanto, insistem que o ensino deve ser ministrado por um especialista.

Daqui, depreende-se que nem sempre os professores de Teatro recebem a formação necessária ou possuem o perfil desejado para exercer tais funções. Ainda neste sentido, enquanto docentes, sabe-se que muitas vezes são promovidos no seio escolar cursos de formação na área das artes que visam sensibilizar e dotar os mesmos de ferramentas necessárias para a lecionação das disciplinas. Ora, na esmagadora maioria dos casos, este tipo de formação é apenas assessorial, determinado no tempo e insuficiente. Assim, pretende-se, nas próximas linhas, aproximar ao arquétipo do perfil do professor de Teatro que é fundamental para o desenvolvimento e sucesso da disciplina.

Nesta linha, Guerra (1991) e Nóvoa (1989) indicam que a problemática da formação de quem leciona as disciplinas relacionadas com a EA e o Teatro é uma questão antiga e dúbia. Os autores referem que, pondo de parte as diferentes terminologias referentes à prática das atividades dramáticas com a institucionalização da expressão dramática e a sua inclusão nos currículos nacionais, assistiu-se a uma crescente preocupação, por parte das instituições que formam para a docência, em dotar os futuros professores de meios para operacionalizar a prática da expressão dramática no decorrer da sua atividade profissional.

Também, neste sentido, parafraseando, Falcão (2014) adverte para esta problemática, no sentido em que os professores foram posicionados, desprevenidamente (e mais uma vez sem formação específica), entre dois paradigmas como se, todavia, fossem a mesma coisa: o paradigma educativo-artístico, que estava na base da reforma curricular de 2001, e o paradigma expressivo-estético, em voga sobretudo antes da Lei de Bases do Sistema Educativo (1986), que foi retomado na reforma curricular de 2012. Assim, constata-se que é fundamental apostar, garantidamente, na formação dos professores de Teatro, pois a versatilidade e complexidade da área requerem docentes formados não só no campo da arte, como

também da educação, isto é, capacitados para construir e implantar desafios artísticos, plurais, complexos e dinâmicos, veiculando os conteúdos escolares e a arte de forma multidisciplinar e transdisciplinar.

Grosso modo, acredita-se que o professor de Teatro deva projetar o meio adequado para que os seus alunos, no seio das suas relações intrapessoais e interpessoais, reflitam e conheçam o legado histórico e cultural do contexto em que estão inseridos, melhorando, desta feita, a sua forma de pensar, comunicar, transformar o seu mundo, os seus sonhos e aspirações. Assim, nesse sentido, o teatro é um recurso valioso e é desta forma que o professor de Teatro o deve articular na sua disciplina.

O Teatro, como disciplina, deve incidir na vivência e experiência individual dos alunos. Com efeito, cabe ao professor unir os alunos na participação homogênea e ativa. Salienta-se que o professor deve ser um agente de ensino proativo, reflexivo e deve estar alerta face às necessidades dos alunos, para que cultivem o gosto em aprender e se sintam autônomos e peças integrantes na construção de si próprios e da escola, enquanto espaço de partilha de afetos e saberes. Para Brook (2008) é imperativo que professor de Teatro tenha algum conhecimento de prática teatral para que possa intervir com toda a confiança transmitindo aos alunos algumas “(...) técnicas para encenar, para falar, para atravessar um palco” (p. 41).

Para Martins (2002), o professor de Teatro deve ser um “saltimbanco que sente e compreende, por vezes intuitivamente, que é no aqui e agora das situações que se passa o essencial da comunicação visível, mas também a invisível, sublimar, misteriosa, capaz de impulsionar sonhos, viagens e aventuras” (p. 22). Nesta linha, defende-se que o professor de Teatro deve figurar como um impulsionador, o “ator”/mediador entre as esferas da educação e da animação, do lúdico, do ensino, do conhecimento e da aprendizagem.

Para Fabrizio Cassanelli (1988) citado por Cañas (1999) “o professor deve mergulhar no jogo, por dentro; deve participar no prazer de se movimentar e gesticular com as crianças, deve usar o seu próprio corpo ao lado das crianças e não se colocar de fora, sem se envolver operacional e emocionalmente. O professor é o interlocutor de que as crianças precisam confirmar a proposta de si mesmas expressa no jogo” (p. 27).

Assim, e com o intuito de terminar esta reflexão sobre o perfil e competências do professor de Teatro, acredita-se que ensino do Teatro deva ser projetado de forma

contínua e sistemática, e sublinha-se aqui o papel preponderante da formação de professores, pois o professor e aluno encontram-se juntos nesta demanda, na qual o professor deve ser reflexivo e criativo e, conseqüentemente, aprender com o aluno e o seu mundo.

3. PROBLEMÁTICA E PLANO DE AÇÃO

Este terceiro capítulo é dedicado à apresentação do contexto onde se realizou este projeto do tipo investigação-ação. De seguida, será exposta a definição da problemática norteadora e proceder-se-á à caracterização do grupo de participantes. É também neste capítulo que serão elencados os objetivos resultantes das questões orientadoras deste estudo. No último subcapítulo desta secção, clarifica-se-á o plano de intervenção do projeto, desde o pedido que foi formalizado ao Colégio, até à fase final da sua implementação.

3.1 Definição da problemática

A problemática deste trabalho corresponde ao disposto na *Constituição da República Portuguesa*:

O Estado promove a democratização da educação e as demais condições para que a educação, realizada através da escola e de outros meios formativos, contribua para a igualdade de oportunidades, a superação das desigualdades económicas, sociais e culturais, o desenvolvimento da personalidade e do espírito de tolerância, de compreensão mútua, de solidariedade e de responsabilidade, para o progresso social e para a participação democrática na vida coletiva. (*Constituição da República Portuguesa*, art.º 73º, n.º 2)

Uma análise sobre a Educação Artística no contexto educativo atual permite verificar que a integração do Teatro na escola tem sido feita de forma pouco consistente e sem seguimento curricular. Por outro lado, a proficuidade da Educação Artística revela-se com mais ênfase durante a educação de infância e numa sequência lógica do desenvolvimento da criança, tendo a sua continuidade no 1.º ciclo, muitas vezes desenvolvida no âmbito de Atividades de Enriquecimento Curricular e, portanto, desinserida da abordagem curricular universal e obrigatória.

No que concerne ao 2.º ciclo, a disciplina equivalente à de Expressão Dramática/Teatro do 1.º CEB, e que lhe desse continuidade, nunca existiu no currículo, pois as áreas artísticas dividem-se em unidades curriculares independentes e direcionadas para as Artes Visuais, Tecnológicas e Educação Musical, deixando o Teatro como Clube ou Oficina de carácter opcional. A oferta do Teatro parece passar a

localizar-se no domínio da “eventual possibilidade” e a depender quer da intenção da escola, quer do corpo docente disponível. Assim, esta lógica mantém-se no 3.º ciclo, cujo currículo continua a integrar as opções.

Já no Ensino Secundário, do ensino regular, existiu a disciplina de Oficina de Expressão Dramática. Também no ensino profissional existem alguns cursos de teatro. Neste sentido, a jornada que o aluno inicia com a educação pré-escolar, que passa para o 1.º ciclo do ensino básico até ao ensino secundário (ainda dentro da escolaridade obrigatória), caracteriza-se pelo pouco investimento na formação artística e pelo seu progressivo eclipsar que, no caso específico do Teatro, é expressamente visível.

Com o surgimento do Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de Julho, as matrizes curriculares, mais concretamente no que se refere ao 2.º ciclo, concebem a componente de Complemento à Educação Artística, prevendo como descrito no artigo 13.º “a possibilidade de oferta que visa a frequência, ao longo do ciclo, de outros domínios da área artística e cuja oferta é objeto de decisão da escola, bem como a sua organização, o tempo que lhe é destinado e as regras de frequência, privilegiando, para o efeito, os recursos humanos disponíveis”, sendo assim concretizável e pertinente a criação da disciplina de Teatro neste estabelecimento de ensino.

Apesar deste caminho difícil e lento do Teatro no currículo, pode ser alegado que se tem vindo a sentir uma integração e consolidação também nestas valências. Parece importante alterar mentalidades e dar o reconhecimento devido à Educação Artística ao longo do percurso escolar dos alunos:

[É importante] o reconhecimento das virtudes pedagógicas da cena. Modernização, escolarização e pedagogia foram três vectores que definiram o capital educativo do teatro, apesar dos inúmeros preconceitos que historicamente o acompanharam. (Oliveira, 2003, p. 163)

A par de todas as observações expostas anteriormente, este estudo surge também da minha experiência pessoal, ainda enquanto aluna que frequentou o grupo de teatro na escola, com 10 anos e com uma vergonha e timidez extremas, mas que descobriu um espaço onde podia ser e estar autenticamente, onde o certo e o errado eram uma construção da narrativa que era criada a cada conquista. O percurso e a formação em teatro continuam a acontecer e têm sido as bases para muitas conquistas profissionais e pessoais. E é nesta tentativa de proporcionar um espaço

para os alunos serem e estarem ao seu ritmo, que surge a tentativa de implementação da disciplina de Teatro. O objetivo principal desta disciplina não é formar atores, mas sim trabalhar o “envolvimento nas tarefas propostas, sinceridade, imaginação, criatividade, cooperação em grupo (...)” (Bezлга, Correia, Machado, & Tavares, 2002). Os objetivos exploram o trabalho de dicção, memória, atenção e concentração. A disciplina de Teatro promove, através de um trabalho de autoconhecimento e autoconfiança, que o aluno reconheça as suas capacidades corporais, vocais, sensoriais e criativas, assim como o melhoramento da suas capacidades de comunicação e expressão. Além disso, a possibilidade de haver uma apresentação do trabalho desenvolvido, quer para os colegas quer para um público mais alargado, promove no aluno uma maior autoestima e valorização pessoal.

É a partir do acima exposto que foi definida a seguinte questão como ponto de partida para esta dissertação:

Como criar e implementar a disciplina de Teatro no 2.º ciclo, num estabelecimento de ensino da rede privada na área metropolitana de Lisboa, no quadro da legislação produzida sobre autonomia e flexibilidade curricular?

Com o propósito de responder a esta questão, começa-se por apresentar a caracterização do contexto.

3.2 Caracterização do Contexto

Este projeto foi desenvolvido numa instituição do ensino particular, situada no concelho de Alcochete, local no qual, à data, trabalhava, tornando-se assim mais atingível o processo de intervenção. Neste sentido, é um colégio moderno com pouco mais de 10 anos de existência, de pequena dimensão e com um ambiente bastante familiar, dispondo de quatro valências, tendo apenas uma sala para cada grupo de crianças/ aluno (Tabela1).

Tabela 1:
Relação de alunos por valências

	Creche	Pré-escolar	1.ºCEB	2.ºCEB
Grupos / Turmas	3	3	4	2
Total de Crianças/ Alunos	37	66	91	34

A missão deste Colégio tem por base assegurar um serviço educativo de excelência no concelho onde se localiza, provendo todos os alunos com as competências e conhecimentos fundamentais, para melhor cultivar as capacidades individuais de cada um, de forma a integrar os mesmos na sociedade, ativamente, e com espírito crítico. No seu projeto educativo, destaca-se a importância de desenvolver a capacidade de aplicar de forma crítica os conhecimentos científicos, tecnológicos, artísticos e culturais, assim como a capacidade de promoção de valores e atitudes próprias que resultem na convivência democrática e na capacidade de gestão equilibrada do corpo.

Deste modo, com a entrada em vigor da Portaria nº 59/2014, de 7 de Março, o Colégio passou a ter autonomia pedagógica e organizativa, podendo “tomar as suas próprias decisões nos domínios da oferta formativa, da gestão dos currículos, dos programas e atividade educativas (...)”. Atualmente, e com a entrada em vigor do Decreto-lei n.º 55/2018, para além de reforçar a autonomia pedagógica e a flexibilidade, o documento permitiu que existisse uma valorização e maior “assunção das artes, das ciências e tecnologias, do desporto e das humanidades como componentes estruturantes da matriz curricular das diversas ofertas educativas e formativas”. Neste sentido, e cumprindo estas orientações, o Colégio, no ano letivo de 2018/19, na sua oferta complementar, criou duas disciplinas: a disciplina de Teatro e a disciplina de Artes e Ofícios, perfazendo o total de 100 minutos semanais destinados a estas áreas artísticas.

3.3 Grupo de participantes

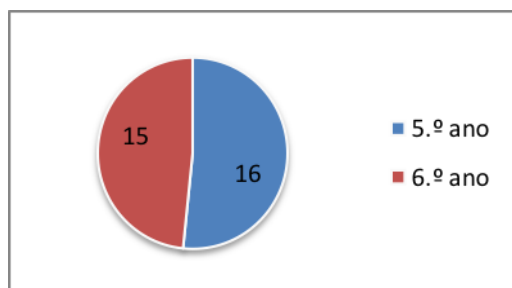
A criação e implementação da disciplina de Teatro no 2.º ciclo é a base deste projeto de investigação-ação. A par de todas as novas possibilidades inerentes à recente legislação sobre Flexibilidade Curricular e Aprendizagens Essenciais, coloca-se como vantagem o facto de as disciplinas da área do Teatro já serem lecionadas no Colégio, desde o ano letivo de 2013/14 pela mesma docente, com experiência e formação na área do Teatro.

Assim, e sendo do interesse do Colégio dar continuidade à experiência e aprofundar o conhecimento e a valorização das Expressões Artísticas, foi proposta a criação de uma área que não está prevista no currículo geral do 2.º CEB, mas que reunia todos os recursos legais e humanos para que ocorresse.

O grupo de participantes reuniu todos os alunos das duas turmas do 2.º ciclo do

Colégio, uma de cada ano de escolaridade (Figura 1).

Figura 1
Grupo de participantes



A turma do 5.º ano é constituída por 16 alunos, sendo 7 rapazes e 9 raparigas, com idades compreendidas entre os 9 e os 11 anos (Figuras 2 e 3).

Figura 2
Relação do n.º de alunos, turma 5.º ano

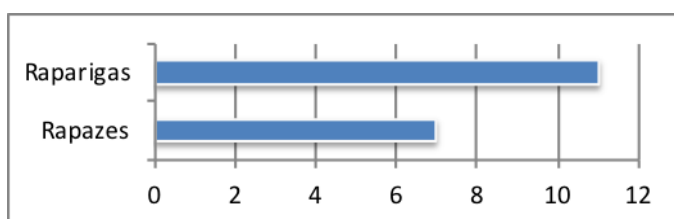
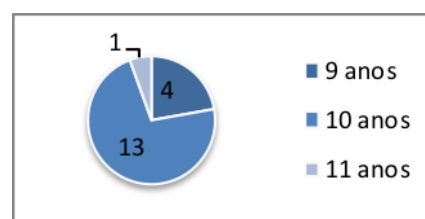


Figura 3
Relação de idades, turma 5.º ano



A turma do 6.º ano é constituída por 15 alunos, sendo 10 rapazes e 5 raparigas, com idades compreendidas entre os 11 e os 13 anos (Figuras 4 e 5).

Figura 4
Relação do n.º de alunos, turma 6.º ano

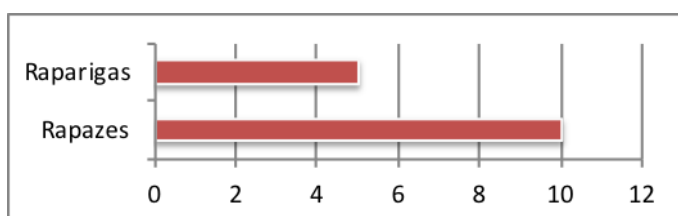
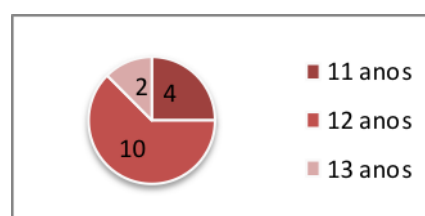


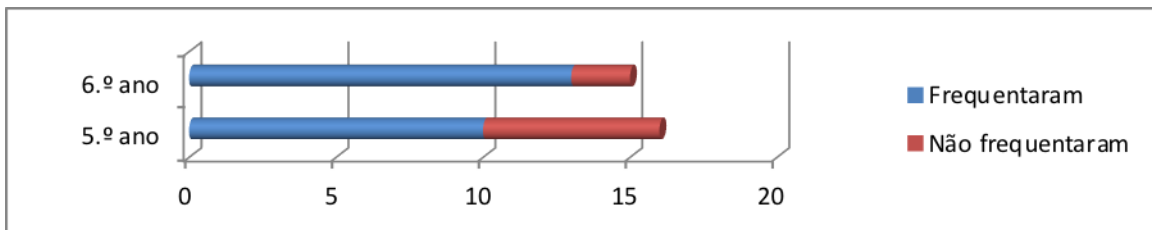
Figura 5
Relação de idades, turma 6.º ano



A maioria dos alunos das duas turmas frequentou o 1.º ciclo no mesmo Colégio, dando continuidade à sua aprendizagem e tendo na disciplina de Expressão Dramática/Teatro a mesma docente. Salienta-se que quatro alunos da turma do 5.º ano e dois da turma do 6.º ano não frequentaram o Colégio no 1.º ciclo (Figura 6)

Figura 6

Relação de alunos que frequentaram o Colégio no 1.º ciclo



3.4 Questões orientadoras

Tendo em conta a pergunta de partida, foram definidas três questões orientadoras:

- Como enquadrar a criação da disciplina de Teatro, no 2.º Ciclo do Ensino Básico, no âmbito da legislação relativa à Autonomia e Flexibilidade Curricular?
- Que metodologia de ensino e de avaliação adotar na implementação da disciplina de Teatro no 2.º ciclo?
- De que forma a experiência é avaliada pelos alunos e pela comunidade escolar envolvida e de que modo essa avaliação pode resultar numa melhoria das práticas?

A primeira questão prende-se com a possibilidade de integrar o Teatro como disciplina no 2.º ciclo, alargando o leque de conhecimentos e experiências vividas pelos alunos, tirando partido da atual legislação. Este projeto não se destina simplesmente à formação de atores, mas ao processo de construção criativa, estética e de capacidade de resolução de problemas e do “fazer fazendo”.

A segunda questão foi importante para nortear a planificação das aulas, dando um seguimento lógico e coerente aos conteúdos lecionados e às estratégias a ter com cada grupo, em sintonia com as *Aprendizagens Essenciais* e também com o decorrer de cada aula. Foi importante ter em conta as áreas de conteúdos consideradas fundamentais na disciplina de Teatro e criar um Programa que correspondesse às necessidades programáticas, assim como critérios de avaliação para a disciplina.

Por fim, a terceira questão pretende alcançar uma clarificação sobre qual o efeito da criação da disciplina de Teatro junto da comunidade educativa e dos alunos do 2.º ciclo, tentando observar e compreender o impacto que pode ter na vida

académica, no desenvolvimento pessoal e se, por ventura, fica a vontade e o interesse em continuar a aprofundar os conhecimentos e as práticas da disciplina.

3.5 Objetivos do estudo

O concreto enfoque do estudo foi traçado em três objetivos gerais:

- Conceber uma estrutura programática que se enquadre no currículo do 2.º Ciclo do Ensino Básico e que se articule com os documentos orientadores para a área de teatro dos ciclos adjacentes.
- Descrever e analisar as práticas de implementação da disciplina de Teatro no 2.º Ciclo do Ensino Básico.
- Perceber como é avaliada, pela comunidade escolar, a inclusão da disciplina de Teatro na oferta curricular do 2.º Ciclo do Ensino Básico.

O primeiro objetivo refere-se à construção de uma proposta de Programa para a disciplina de Teatro, tendo como ponto de partida os documentos orientadores já existentes, as *Aprendizagens Essenciais* de Expressão Dramática/Teatro do 1.º CEB e o documento experimental para a Oficina de Teatro com orientações curriculares para o 3.º ciclo.

O segundo objetivo incide na importância da análise de cada sessão, através de boas práticas, refletindo sobre cada aula, observando os resultados e analisando os pontos fortes e os constrangimentos. Nesta perspetiva, Roldão (2009) defende que um profissional deve refletir sobre a sua função, analisar as suas práticas à luz do seu conhecimento e o que ainda é capaz de apreender, a capacidade de se questionar sobre a eficácia da sua atuação no sentido de aprofundar os procedimentos e os resultados, reorientando através da tomada de decisões.

Por fim, o terceiro objetivo remete para a perceção do impacto que a disciplina tem dentro e fora da sala de aula, inclusive junto da comunidade educativa que inclui as famílias dos alunos.

3.6 Plano de intervenção

Este trabalho foi pensado e planificado para ser implementado no Colégio onde me encontrava a lecionar. Sendo um Colégio que integra e valoriza as expressões artísticas no currículo e no enriquecimento curricular, implementar este trabalho de

investigação-ação, dando continuidade à minha prática pedagógica, foi um processo desde logo bem acolhido.

Ficou estabelecido e acordado com a Direção Pedagógica do Colégio que iria ser criado o Programa da disciplina e os seus critérios de avaliação. Assim, as aulas de Teatro passaram a ter presença nos horários dos alunos do 2.º ciclo uma vez por semana, sendo que cada aula tinha a duração de 50 minutos.

Ao longo da investigação, foi inevitável ir repensando e alterando estes documentos conforme as necessidades que foram sendo sentidas e a pertinência do estudo em causa. Não só os documentos orientadores da disciplina foram alvo de alteração, como também toda a estrutura deste trabalho.

3.7 Apresentação da disciplina

A proposta da implementação do “Teatro” – com esta designação – como disciplina curricular foi apresentada à Direção do Colégio no final do ano letivo anterior à sua realização e, em setembro do ano letivo de 2018/2019, foi iniciado enquanto projeto de intervenção. A disciplina de Teatro no 2.º ciclo surgiu, deste modo, com vista a sistematizar e transformar os conhecimentos adquiridos em aprendizagens com significado, já anteriormente iniciados no 1.º ciclo, de forma a manter uma estrutura coerente e um fio condutor sequencial ao longo dos vários ciclos de ensino.

Numa primeira instância, de conceção e criação da disciplina, foi necessário seguir três passos iniciais. O primeiro: estudar e tratar os documentos orientadores existentes que norteiam a disciplina, podendo desenhar um documento muito semelhante ao das *Aprendizagens Essenciais* e sistematizar as competências que se pretendia que fossem adquiridas pelos alunos no final do 2.º Ciclo. O segundo: elaboração de planos de aula que mobilizassem os diversos conteúdos, preparados numa lógica de planificação aula a aula. O terceiro: definir critérios e descritores de avaliação e apresentar estratégias para o desenvolvimento da disciplina de Teatro por alunos e professores.

O intuito foi sempre o de proporcionar ao aluno uma diversidade de experiências de práticas teatrais e dramáticas, através da exploração da sua criatividade, do estímulo do sentido crítico, o desenvolvimento da comunicação e autonomia no seu processo criativo. A disciplina de Teatro surgiu, assim, para aprofundar os conhecimentos pela linguagem teatral, o desenvolvimento estético e crítico, assim como promover a confiança do aluno, a relação e o compromisso com o

grupo, o trabalho conjunto, vários tipos de expressão (corporal, gestual, vocal...) diversão, criatividade e o prazer pelo jogo.

Quanto ao material necessário para a realização, foi importante prever que o Teatro decorreria no horário de utilização do ginásio, sendo este um espaço amplo e desimpedido de outros artefactos. Foi também solicitada uma aparelhagem. Em relação ao material solicitado aos alunos, foi pedido que trouxessem uma roupa confortável, para que pudessem estar mais à vontade durante os exercícios e meias antiderrapantes de forma a poderem fazer a aula descalços, para deixar o corpo mais disponível, mais relaxado, livre para fazer exercícios e movimentos com maior expressividade. Neste ponto, pretende-se passar a ideia de que se tiram os sapatos que são utilizados na rua, para dar lugar a um espaço particular, limpo, diferente, lúdico, criador, criativo e livre.

Foi também planificada, em articulação com a disciplina de Português, uma ida ao Teatro e a exploração da obra de leitura obrigatória, através do teatro, de cada ano.

Acrescenta-se, ainda, que foi necessário associar a disciplina de Teatro à preparação dos alunos para os eventos escolares habituais e de grande destaque no Colégio – as festas de Natal e de final de ano letivo.

4 . METODOLOGIA

4.1 Tipo de estudo

Metodologia consiste num conjunto de procedimentos que contribuem para a obtenção do conhecimento. Consiste em estudar e avaliar os vários caminhos disponíveis e as suas utilizações (Vilelas, 2009).

Escolher o caminho, pensar e iniciar uma investigação pode ser comparado a uma sala de aula, palco onde assistimos constantemente a presença de incertezas, o aparecimento de angústias, a construção de debates e tantas outras circunstâncias decorrentes da acção humana:

[P]ela atividade daqueles que se envolvem arduamente nesse espaço de intensa correria, acabam sempre por fazer brotar para a esfera social o que de melhor se pode extrair de um ambiente pleno de diálogos e de sonhos, onde a vontade de mudar pulsa a cada momento. Investigar para agir, investigar e agir ou investigar agindo?”. (Coutinho, Sousa, Dias, Bessa, Ferreira, & Vieira, 2009, p. 366)

Este é um projeto do tipo investigação-ação, ou seja, segue a metodologia qualitativa e enquadra-se no paradigma interpretativo.

Segundo Pacheco (1993, citado por Coutinho, 2011, p. 26), numa investigação deste carácter, “...o investigador pretende desvendar a intenção, o propósito da ação, estudando-a na sua própria posição significativa, isto é o significado tem um valor enquanto inserido nesse contexto”. Coutinho (2011) refere também que na abordagem pelo paradigma interpretativo, o investigador pretende entrar no universo pessoal dos intervenientes.

Jonh Elliot (citado por Bell, 2008) certifica que, na investigação-ação, as teorias são validadas através da prática e que a sua finalidade é estimular a capacidade de ajuizar de forma prática em situações concretas. Judith Bell (1993) esclarece que devido à sua ênfase prática na resolução de problemas, a investigação-ação não é um método nem uma técnica, mas sim uma abordagem que se manifesta particularmente atraente para os educadores com vista a um maior entendimento e aperfeiçoamento do seu desempenho. Assim, para Bell (1993), a investigação é um processo que tem como objetivo desenvolver e acrescentar algo ao conhecimento já existente e é direcionada de forma a resolver problemas e a ampliar saberes.

No que concerne à caracterização do contexto, a intervenção teve lugar no que era, à data, o meu local trabalho, mesmo tendo em conta que estudar o próprio contexto no qual se desenvolve a atividade profissional pode agregar alguns problemas éticos (Lima & Pacheco, 2006). No quadro destas prevenções, Jorge Ávila de Lima (2006) explica, com base em Pritchard (2002), que existem três aspetos de desenho e de interação com os participantes que suscitam questões de ética, nomeadamente: (i) o “consentimento informado dos participantes”, uma vez que os alunos podem não ter a consciência exata da dimensão e da responsabilidade da situação em que são convidados a participar; (ii) o “voluntariado”, dado que, neste caso, trata-se de uma relação professora–alunos, na qual os alunos, assim com os pais, podem sentir-se pressionados a participar; e por fim (iii) as chamadas “descobertas contingentes”, quando uma informação destinada a fins de pesquisa pode interferir na relação profissional de modo a beneficiar algum participante, caso o investigador adquira informação sobre o participante que possa alterar a sua relação com o mesmo.

Tendo também em conta que a investigação recai sobre um grupo de participantes ainda jovem, “o princípio da responsabilidade ética e a garantia da salvaguarda dos seus direitos, interesses e sensibilidades são quesitos morais que requerem tanto mais a interpelação da consciência do investigador, quanto menor é a capacidade defensiva que as crianças têm” (Máximo-Esteves, 2008, p.107).

Assim, seguiu-se a linha de pensamento da autora conforme descrito na *Carta Ética* da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, de 2014, que aponta para o “consentimento Informado”, ou seja, o direito de os participantes serem plenamente informados e elucidados sobre o cariz da sua participação na investigação, tendo os investigadores o dever de informar antecipadamente os participantes, ou os seus representantes legais, sobre a natureza e os objetivos da investigação, assim como todos os esclarecimentos necessários. Pelo exposto, foi, desde o início, dado a conhecer a finalidade e os objetivos desta investigação-ação aos participantes com o prévio consentimento dos alunos, dos pais e responsáveis pela instituição onde decorreu a investigação, assim como também ficou garantida a confidencialidade de dados e o direito à privacidade, protegendo o anonimato dos intervenientes através do recurso a designações numéricas.

Com alguma audácia e muita vontade de conceber e melhorar a prática pedagógica, destaca-se Lanvgeveld (1965, citado por Bell, 2008) quando descreve que nos estudos em educação pretendemos conhecer e compreender com o objetivo

de sermos capazes de agir e de agir “melhor” que anteriormente.

4.2 Processos e técnicas de recolha de dados

Estando esta investigação inserida no paradigma qualitativo, foi necessário estabelecer meios de recolha de dados para análise e reflexão sobre o tema de estudo, para que os resultados da investigação se tornassem em criações ricas, densas e reflexivas dos fenómenos em análise. A investigação é considerada um processo interativo representado pela história pessoal das pessoas que descreve e pela sua própria história (Aires, 2015).

Através da observação direta, dos inquéritos por questionário realizados aos alunos do 2.º ciclo, ao órgão de gestão do Colégio e à comunidade educativa, assim com das reflexões finais dos alunos, dos registos em vídeo e fotográficos e também de desenhos sobre a ida ao teatro, foram aferidos os dados que possibilitaram realizar a triangulação de informações. Estes dados sustentam a estruturação de uma trama de conhecimentos criados a partir das várias fontes de recolha.

Na ótica de Máximo-Esteves (2008), no caso concreto de um professor-investigador, existirão métodos que se adequem mais do que outros, uma vez que este exerce o papel de investigador que estuda um determinado contexto e no qual participa de forma direta, devido à sua função.

Com o objetivo de compreender a real importância, que é atribuída à disciplina de Teatro, assim como as competências, a compreensão e gosto dos alunos, da comunidade educativa e dos órgãos de gestão do Colégio, foram realizados inquéritos por questionário. Quivy e Campenhoudt (1995) consideram que este método consiste em ter a perceção e o conhecimento de uma população enquanto tal, das suas opiniões, de modo a quantificar os dados e perceber, por conseguinte, as numerosas análises de correlação apesar do carácter relativamente frágil da credibilidade dos mesmos.

Os inquéritos aplicados aos alunos do 2.º ciclo (cf. Anexo D.1) tiveram como principal objetivo perceber as suas expectativas em relação à disciplina, assim como a sua experiência no Teatro em âmbito escolar. Foram também aplicados questionários aos órgãos de gestão pedagógica do colégio (cf. Anexo D.2), como forma de perceber quais as razões que levaram a incluir o Teatro no 2.º ciclo e quais as condições que tiveram de ser criadas para manter a disciplina.

Por último, mas não menos importante, foram aplicados questionários aos membros da comunidade educativa (cf. Anexo D.3) que aceitaram responder ao mesmo, com o intuito de perceber a repercussão que esta experiência estava a ter fora da sala de aula de teatro. Nos três casos, os questionários aplicados foram «de administração direta» (Quivy & Campenhoudt, 1995, p. 188), pois foram os próprios inquiridos a preencher o questionário.

Segundo Quivy e Campenhoudt (1995), no caso da investigação-ação, os métodos de observação direta constituem os únicos métodos de investigação social que captam os comportamentos no momento em que eles se produzem em si mesmos. Os autores referem existir duas diferentes modalidades concretas da observação em investigação: o método de “observação não participante”, cujos processos técnicos são muito formalizados, e a “observação participante”, que é a que melhor corresponde às preocupações habituais dos investigadores, que consiste em estudar a comunidade participando na vida coletiva. Este estudo integra-se na segunda modalidade – observação participante – em que, de acordo com Quivy e Campenhoudt (1995), o “acto de observar será estruturado, por uma grelha de observação previamente construída” (p. 67), que neste projeto especificamente foi concretizada através de notas de campo.

Como instrumento para o registo das observações foi utilizado um caderno de notas, que idealmente seria preenchido a cada final de aula. Porém, devido aos curtos espaços de tempo de aula e mesmo entre aulas, nem sempre me foi possível proceder ao registo das observações, personificando assim um dos limites e problemas identificados por Quivy e Campenhoudt (1995), o “problema do registo”:

O investigador não pode confiar unicamente na sua recordação dos acontecimentos apreendidos “ao vivo”. Como nem sempre é possível tomar notas no próprio momento, a única solução consiste em transcrever os comportamentos após a observação. Na prática, trata-se muitas vezes de uma tarefa muito pesada, devido à fadiga e às condições de trabalho por vezes esgotantes. Em cada final de aula foi solicitado aos alunos que fizessem uma reflexão sobre o que sentiram. Essa reflexão foi feita num formato de autoavaliação com tópicos predefinidos para ajudar num possível bloqueio de pensamento.

Por fim, os registos fotográficos e em vídeo revelaram-se suportes de grande importância, pois contribuíram para recordar, comprovar e ilustrar algumas das experiências, conversas e ideias criadas em sala de aula (Lee, 2002).

4.3 Processos e técnicas de análise de dados

Na análise de dados, como refere Bell (2008), o objetivo é conseguir o leque de respostas mais representativo possível que permita satisfazer os objetivos do estudo e que faculte respostas a questões chave. Este mesmo procedimento deverá ser sempre alvo de apreciação crítica para perceber até que ponto será fiável e válido. Neste estudo, os dados obtidos através de inquéritos por questionário foram alvo de análise de conteúdo.

Para Quivy e Campenhoudt (1995), os métodos de análise de conteúdo envolvem a utilização de processos técnicos relativamente precisos e estáveis para permitir ao investigador realizar uma interpretação “lógica, coerente e sucinta” (Pacheco, 1995, p. 27), ainda que a análise de conteúdo seja uma prática que “procurará validações extrínsecas à sua própria prática” (Ghiglione & Matalon, 1997, citados por Lima & Pacheco, 2006, p. 23).

A relevância da análise de conteúdo está relacionada com a possibilidade de tratar, de forma metódica, informações e testemunhos de grande importância para o estudo (Quivy & Campenhoudt, 1995). Os autores sustentam que, quando o material é “rico e penetrante”, a análise de conteúdo permite satisfazer as exigências do rigor metodológico articulando os elementos do “discurso”.

Os questionários elaborados para este estudo envolveram perguntas de resposta aberta. Para proceder à categorização dos dados foi necessário “apresentar a sua distribuição com a ajuda de quadros ou gráficos” para melhor decompor e “expressar esta distribuição de forma sintética” (Quivy & Campenhoudt, 1995, p. 30). Para melhor agrupar e ilustrar a visão global dos dados recolhidos, foi necessário agrupá-los em subcategorias (Quivy & Campenhoudt, 1995) e, assim, construir uma tabela de análise de dados.

Esta análise foi dividida em categorias nas quais, segundo Esteves (2006), os dados contidos e considerados pertinentes foram agrupados em procedimentos abertos. Segundo a autora, os procedimentos abertos (também por vezes designados de exploratórios) são mais frequentes neste tipo de investigação e advêm, essencialmente, do próprio material recolhido. Neste caso, o processo seguido é essencialmente indutivo, isto é, “caminha-se dos dados empíricos para a formulação de uma classificação que se lhes adequa” (Esteves, 2006, p.110). Esta categorização, segundo a autora, vai sendo alvo de remodelações à medida que os novos dados vão

sendo considerados.

Para melhor encadear as respostas, foram recolhidas as unidades de registo, entendidas como “elemento de significação a codificar, a classificar, ou seja, a atribuir a dada categoria” (Esteves, 2006, p.114), o que deu a possibilidade de retirar interpretações, agrupando-as em diferentes “indicadores”, delineando conexões, relações e singularidades que deram origem a “subcategorias”, afinando, assim, o olhar e a leitura, tornando-a mais clara para então proceder à triangulação de todos os dados recolhidos.

Foi também necessário contabilizar estas unidades de registo para, a partir dessa contagem, calcular as “frequências relativas das ocorrências entre categorias e/ou entre subcategorias de uma mesma categoria” (Esteves, 2006, 115).

4.4 Tratamento estatístico

Para além dos inquéritos por questionário, foram também objeto de estudo e análise, as reflexões feitas pelos alunos ao longo do ano. Essas reflexões são fruto das conversas de roda, dos desenhos alusivos a essa experiência, assim como da inquirição através de diferentes instrumentos que antecedeu a intervenção e que foram essenciais para o desenrolar da atividade. Esses documentos incluem um possível Programa para a disciplina de Teatro no 2.º ciclo (cf. Anexo H.1) à luz de um documento com base nas Aprendizagens Essenciais (cf. Anexo H.2) e as planificações das aulas (cf. Anexo C).

4.5 Análise documental

Para Bardin (1977), a análise documental pretende que se interprete determinado conteúdo com um olhar mais objetivo e direcionado que o original, de maneira a facilitar a consulta, sendo necessário executar um novo documento com as informações consideradas importantes sobre o tema em central, para posteriormente analisar de forma sintetizada as informações relevantes dos documentos analisados.

A pesquisa documental realizada para este estudo foi assente no documento de orientação curricular à luz da Legislação, nomeadamente do Decreto-Lei nº 55/2018, fazendo assim uma síntese ao que de novo trouxe para a proficuidade das Artes no currículo, em particular do Teatro enquanto disciplina, articulando-a com os documentos orientadores das Aprendizagens Essenciais e com o Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória.

5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No presente capítulo, apresentam-se os resultados provenientes de diferentes fontes, conforme mencionado no Capítulo 4. O primeiro subcapítulo é dedicado ao resultado da pesquisa documental da legislação que permitiu a criação desta disciplina, seguindo-se a proposta do programa da disciplina de Teatro, as planificações das respetivas aulas, a análise dos resultados dos questionários realizados aos responsáveis pelos órgãos de gestão da instituição, a elementos da comunidade escolar e aos alunos de 2.º Ciclo. Por fim, apresenta-se também a verificação global das avaliações feitas pelos alunos, assim como as notas de campo retiradas ao longo do estudo.

5.1 Pesquisa documental

A sociedade enfrenta atualmente novos desafios decorrentes de uma globalização e desenvolvimento tecnológico em aceleração. Tendo a escola de preparar os alunos, que serão jovens e adultos, desenvolvendo competências que lhes permitam questionar os saberes estabelecidos, integrar conhecimentos emergentes, comunicar eficientemente e resolver problemas complexos, para empregos ainda não foram criados, para tecnologias ainda não inventadas, para uma resolução de problemas que ainda se desconhecem. É neste enquadramento que no Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho, se desafiam as escolas, conferindo-lhes autonomia, em articulação documento aprovado do Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória, que estabelece a matriz de princípios, valores e áreas de competências a que deve obedecer o desenvolvimento do currículo.

Tendo em conta o exposto, pretende-se levar a cabo uma análise pelo Decreto-Lei e observar quais as diretrizes que este nos oferece para o desenvolvimento do presente tema e trabalho.

A publicação deste DL n.º 55/2018 destaca o propósito de facilitar a acessão a variados domínios da educação artística (Art.º 6, alínea h) e de adquirir com a formação artística um método de resolução de problemas, a valorização do ensino artístico, a revisão dos currículos, passando por uma diminuição da carga disciplinar dos mesmos e pelo incentivo à flexibilidade curricular (Art.º 3º, alínea c) e a continuação e generalização da “escola a tempo inteiro”. Também se menciona a importância da transdisciplinariedade das aprendizagens, sejam teóricas ou práticas, promovendo não só conhecimento científico, mas dando igualmente valor à curiosidade intelectual, o espírito crítico e interventivo, a criatividade e o trabalho

colaborativo (Art.º 3º, alínea m), que são competências profundamente exploradas nas diversas áreas artísticas.

Aqui surge também, como algo novo nas matrizes curriculares-base do ensino básico geral que incluem a componente de Complemento à Educação Artística, com a promoção da “possibilidade de uma disciplina de oferta que visa domínios da área artística a qual é objeto de decisão da escola, bem como a sua organização, o tempo que lhe é destinado e as regras de frequência, privilegiando, para o efeito, os recursos humanos disponíveis” (cf. Anexo A). Este documento legal refere que «Autonomia e Flexibilidade Curricular» [é] a faculdade conferida à escola para gerir o currículo dos ensinos básico e secundário, partindo das matrizes curriculares-base, assente na possibilidade de enriquecimento do currículo com os conhecimentos, capacidades e atitudes que contribuam para alcançar as competências previstas no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória” (Decreto-lei n.º 55/2018, art.º 3º, alínea c).

Do mesmo decreto-lei, salienta-se também a alínea m), referente à “importância da natureza transdisciplinar das aprendizagens, da mobilização de literacias diversas, de múltiplas competências, teóricas e práticas, promovendo o conhecimento científico, a curiosidade intelectual, o espírito crítico e interventivo, a criatividade e o trabalho colaborativo”. Neste sentido, reconhece-se o espírito integrador do documento, na medida em que promove a mobilização de literacias diversas, o fomento do espírito crítico e do trabalho colaborativo. Ora, é neste ponto que podemos localizar a Educação Artística/Teatro, no sentido em que constitui uma vantajosa ferramenta na articulação transdisciplinar, promovendo a criatividade, curiosidade e o trabalho de grupo entre os alunos. Ainda neste sentido, a alínea q) parece corroborar a nossa ideia, já que incide na “Assunção das artes, das ciências e tecnologias, do desporto e das humanidades como componentes estruturantes da matriz curricular das diversas ofertas educativas e formativas”, enfatizando, de forma geral, a assunção e o lugar das artes na matriz curricular.

Por sua vez, o art.º 6º enquadra a implementação do nosso projeto: “Enriquecimento do currículo com a dinamização da componente de Oferta Complementar, através da criação de novas disciplinas no ensino básico”, dando a oportunidade de enriquecer o currículo escolar, mediante a criação de novas disciplinas no ensino básico. Ora, como se viu anteriormente, esta possibilidade curricular abre portas e dá a oportunidade de gerir o currículo, criando novas disciplinas. Pode-se, portanto, afirmar que se encontra a simbiose perfeita para a implementação deste projeto. No que concerne ao número de horas definido para as

novas disciplinas, o documento assegura que “as escolas recorrem à utilização de um conjunto de horas de crédito definidas no despacho previsto no n.º 3 do artigo 5.º”.

O documento fornece as diretrizes essenciais para a criação de novas disciplinas, e, em particular, contempla a Educação Artística:

As matrizes curriculares-base do ensino básico geral incluem a componente de Complemento à Educação Artística, prevendo: a) No 2.º ciclo, a possibilidade de oferta que visa a frequência, ao longo do ciclo, de outros domínios da área artística e cuja oferta é objeto de decisão da escola, bem como a sua organização, o tempo que lhe é destinado e as regras de frequência, privilegiando, para o efeito, os recursos humanos disponíveis. (Decreto-lei n.º 55/2018, art.º 13º)

É de realçar também no Anexo II, ainda referente ao 2º ciclo, o facto de o documento prever a criação de uma “(d) Componente destinada à criação de nova(s) disciplina(s) para enriquecimento do currículo, através da utilização do conjunto de horas de crédito. Disciplina (s) de oferta facultativa, mas de frequência obrigatória quando exista” e também “(f) Componente que possibilita a frequência de outros domínios da área artística, ao longo do ciclo, cuja oferta é objeto de decisão da escola, bem como a sua organização, o tempo que lhe é destinado e as regras de frequência, privilegiando, para o efeito, os recursos humanos disponíveis, através da utilização do conjunto de horas de crédito.”

Em síntese, entende-se que o Decreto-Lei n.º 55/2018 inaugura uma rutura com o modelo centralizado e fechado do currículo que ainda vigora em muitas escolas. O referido decreto, em articulação com o decreto-lei 54/2018, pretende expandir a todo o sistema educativo português projetos associados ao exercício de Autonomia e Flexibilidade curricular que, desde há algum tempo, vão tendo lugar, contudo, de forma pioneira e sem figurarem de forma “oficial” no currículo de cada escola

5.2 Programa

Conceber uma estrutura programática que se enquadrasse no currículo do 2.º Ciclo do Ensino Básico e que estivesse em articulação com os documentos orientadores para a área de Teatro dos ciclos adjacentes, sempre foi um dos grandes objetivos desta investigação. A conceção de uma proposta para o Programa de Teatro no 2.º ciclo foi extremamente motivante enquanto investigação e essencial para a

organização das aulas e da disciplina, enquanto professora da disciplina.

Efetivamente, o que pretendemos com este programa foi, essencialmente, criar um documento que me permitisse, na minha prática pedagógica, mas também a outros professores de Teatro, desenvolver uma metodologia de trabalho que abarcasse os conteúdos da disciplina especificamente pensados para o 2.º ciclo, assim como os pressupostos do ensino-aprendizagem em Teatro.

Sendo que o desenho curricular tem como ponto de partida um desenho curricular base, os pressupostos programáticos assinalados deste documento surgem como meros pontos de partida para o trabalho a desenvolver na disciplina de Teatro no 2.º ciclo (cf. Anexo H1). A pretensão não foi a de criar uma “receita única”, mas a de poder criar mais um recurso útil, prático e em constante renovação. A estrutura desta proposta de programa divide-se em três grandes partes: (i) Introdução; (ii) Planificações; (iii) Avaliação.

A primeira parte é relativa à contextualização das Artes na educação e às Aprendizagens Essenciais que se pretende que sejam adquiridas pelos alunos no final do 2.º ciclo, uma apresentação que o leitor poderá encontrar neste programa, defendendo uma metodologia de trabalho ativa, participativa, individualizada, personalizada, lúdica (Laferrière, 1997a), as áreas de conteúdos fundamentais da disciplina de Teatro e também os pressupostos do ensino-aprendizagem em Teatro:

[P]ressupõem-se que seja proporcionado ao aluno uma diversidade de experiências impulsionadoras de uma variedade de práticas teatrais e dramáticas, através da exploração da sua criatividade, do estímulo do sentido crítico, o desenvolvimento da comunicação e autonomia no seu processo criativo. (cf. Anexo H.1)

A segunda parte, mais centrada nos planos de aula propostos, com exercícios que mobilizam diversos conteúdos, apresenta os elementos de uma planificação estruturados numa lógica de planificação aula a aula, conforme apresento mais à frente. Por fim, também são sugeridos alguns exercícios e práticas, pois considerei que seria importante deixar algumas ideias, estratégias e pontos de partida para o leitor do programa, podendo servir como base para várias atividades e também relatos na primeira pessoa sobre a aplicação dos mesmos. Foram realizados, a partir do programa, vários exercícios de movimento, dinâmicas para a confiança do grupo, exploração de objetos e formas animadas e, na maioria das sessões, os alunos apresentavam os trabalhos e projetos desenvolvidos. (cf. Anexo I)

Como expressava o professor Miguel Seabra nas suas aulas de “Oficina Artístico-Pedagógica” do MEA, o professor deve ser claro para não haver equívocos. A simplicidade é um caminho importante que o professor deve seguir, para que atenda à complexidade pessoal de cada aluno (Lobo, 2005).

A terceira e última parte alude à sistematização de critérios e descritores de avaliação e como pode ser executada na disciplina de Teatro por alunos e professores (cf. Anexo H.1).

Como refiro ao longo do trabalho, a avaliação da disciplina de Teatro não pretende avaliar o talento dos jovens como atores. Esta avaliação aplica-se na apreciação do desenvolvimento expressivo do aluno e ocorre ao longo do trabalho, através da avaliação formativa. A criação de critérios tornou-se necessária uma vez que se trabalha através de um processo de domínios e aprendizagens a alcançar e deve ter em conta a evolução de cada aluno.

Tal como é explanado no programa:

[A] avaliação fundamenta-se na observação direta de comportamentos e atitudes. A criação de critérios torna-se inevitável uma vez que se opera através de um sistema de domínios e aprendizagens a alcançar, aplicados a um conjunto de indivíduos todos diferentes. De acordo com a especificidade da disciplina os critérios deverão ser estabelecidos no início do ano e manter-se constantes. Esta abordagem deve ter em conta a evolução de cada aluno. (cf. Anexo H.1)

Os critérios desta avaliação têm como base o desenvolvimento de um conjunto de conhecimentos dos domínios, cruzando-os com as competências transversais e as áreas de competência do Perfil do aluno (Tabela 2).

Para além da avaliação formativa, seguindo os critérios predefinidos, foi importante, e muito útil a este estudo, ter os registos de avaliação (escrita ou gráfica) dos alunos no final de cada aula (Figura 7).

Tabela 2

Crêterios de avalia o – Domínios específicos, pessoais e sociais

Domínios específicos				Domínio pessoal e social															
Projetos ao longo do ano																			
Apropria�o e Reflexão		Interpreta�o e Comunica�o		Experimenta�o e Cria�o		Desenvolvimento Pessoal e Autonomia			Relacionamento interpessoal										
Desenvolvimento de vocabulário e os princípios da disciplina/ Regras do jogo dramático		Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunica�o e operacionaliza�o de conceitos		Desenvolvimento da criatividade		Apresenta�o/ Participa�o ativa e pertinente		Pontualidade e Assiduidade		Organiza�o/ Responsabilidade		Autonomia e Rigor		Comportamento		Participa�o		Coopera�o	

Figura 7

Exemplo de avalia o diária - alunos

EXEMPLO DE FICHAS DE REGISTO E AVALIA�O DOS ALUNOS													
<p>Institui�o</p> <p>Teatro</p> <p>Nome _____ Ano _____ Turma _____ Data _____</p> <p>Faz uma reflexão sobre a aula. (a ordem dos exercícios, nome dos exercícios, o que sentiste ao desenvolver cada um deles, apontamentos para lembrar mais tarde, desabafo, aspetos a melhorar, pontos positivos...)</p> <p>Indica a atividade que mais gostaste nesta aula e porquê.</p> <p>Indica uma palavra do teatro que hoje tenha sido usada e que consigas explicar.</p> <p>Nas próximas aulas, o que achas que deves melhorar?</p>	<p>Algum comentário ou desabafo?</p> <p>I</p> <p>Nesta aula o meu comportamento* foi...</p> <p style="text-align: center;">☆☆☆☆☆</p> <p>O/A aluno/a _____</p> <p><small>*consultar quadro de comportamento</small></p> <table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2">Para avaliar o meu comportamento, tenho em conta...</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>★☆☆☆☆</td> <td>Nunca ou quase nunca respeitei as normas de convivência para com os meus colegas, a professora e as atividades da aula. Não participei nas atividades propostas.</td> </tr> <tr> <td>★★☆☆☆</td> <td>Raramente respeitei as normas de convivência para com os meus colegas, a professora e as atividades da aula. S� participei quando chamado � aten�o, mas a minha participa�o não foi devidamente preparada.</td> </tr> <tr> <td>★★★☆☆</td> <td>Em alguns momentos cumpri as normas de convivência para com os meus colegas, a professora e as atividades da aula. Participo algumas vezes, embora nem sempre como solicitado pela professora;</td> </tr> <tr> <td>★★★★☆</td> <td>Quase sempre respeitei as normas de convivência para com os meus colegas, a professora e as atividades da aula. Participo nas atividades propostas e quase sempre de acordo com o solicitado pela professora;</td> </tr> <tr> <td>★★★★★</td> <td>Respeitei sempre as normas de convivência para com os meus colegas, a professora e as atividades da aula.</td> </tr> </tbody> </table>	Para avaliar o meu comportamento, tenho em conta...		★☆☆☆☆	Nunca ou quase nunca respeitei as normas de convivência para com os meus colegas, a professora e as atividades da aula. Não participei nas atividades propostas.	★★☆☆☆	Raramente respeitei as normas de convivência para com os meus colegas, a professora e as atividades da aula. S� participei quando chamado � aten�o, mas a minha participa�o não foi devidamente preparada.	★★★☆☆	Em alguns momentos cumpri as normas de convivência para com os meus colegas, a professora e as atividades da aula. Participo algumas vezes, embora nem sempre como solicitado pela professora;	★★★★☆	Quase sempre respeitei as normas de convivência para com os meus colegas, a professora e as atividades da aula. Participo nas atividades propostas e quase sempre de acordo com o solicitado pela professora;	★★★★★	Respeitei sempre as normas de convivência para com os meus colegas, a professora e as atividades da aula.
Para avaliar o meu comportamento, tenho em conta...													
★☆☆☆☆	Nunca ou quase nunca respeitei as normas de convivência para com os meus colegas, a professora e as atividades da aula. Não participei nas atividades propostas.												
★★☆☆☆	Raramente respeitei as normas de convivência para com os meus colegas, a professora e as atividades da aula. S� participei quando chamado � aten�o, mas a minha participa�o não foi devidamente preparada.												
★★★☆☆	Em alguns momentos cumpri as normas de convivência para com os meus colegas, a professora e as atividades da aula. Participo algumas vezes, embora nem sempre como solicitado pela professora;												
★★★★☆	Quase sempre respeitei as normas de convivência para com os meus colegas, a professora e as atividades da aula. Participo nas atividades propostas e quase sempre de acordo com o solicitado pela professora;												
★★★★★	Respeitei sempre as normas de convivência para com os meus colegas, a professora e as atividades da aula.												

Estes registos feitos pelos alunos ajudaram no processo de planifica o das aulas, mas tambem foram uma ferramenta importante para conseguir entender o que, por algum motivo, tinha ficado por dizer. Desta forma, foi possível articular o que estava anteriormente planificado, com as manifesta es escritas dos alunos, sobre o que gostavam mais ou menos, assim como uma reflexão sobre a aula. Também se

considerou importante criar um espaço onde os alunos pudessem pensar sobre o comportamento durante a aula de Teatro, isto porque nem sempre foi fácil para alguns alunos gerir a liberdade que esta aula promove, sem esquecer algumas regras para o bom funcionamento da mesma. O objetivo desta análise, a par de regular algumas atitudes, também foi pensado para que os alunos fizessem uma “paragem”, para refletir sobre as aprendizagens adquiridas (cf. Anexo H).

5.3 Planificações

A disciplina de Teatro, tal como é aqui apresentada, foi proposta e pensada para decorrer durante o ano letivo de 2018/2019, com uma turma de 5.º ano e uma turma de 6.º ano.

As aulas de Teatro tinham lugar à sexta-feira, para ambas as turmas, com a duração de 50 minutos cada. Todas as aulas decorreram no ginásio do Colégio, um espaço amplo e vazio, que facilitou a realização das atividades físicas e de movimento livre (cf. Anexo I.1 e I.2). As aulas previstas foram 36, as planificações diárias corresponderam ao 1.º e 2.º período escolar, sendo que no 3.º período as aulas de Teatro foram de preparação para a festa de final de ano do Colégio (cf. Anexo I.3). De facto, é importante, para a preparação das aulas, que seja feita uma planificação do trabalho que se pretende desenvolver. É igualmente necessário saber a quem se destina; o quê e que conteúdos, conceitos e técnicas serão trabalhados; que aprendizagens serão feitas e para quê; quais as metas e objetivos a atingir; como atingir os objetivos; com o recurso de que material; quanto tempo será necessário e como se verifica e avalia o processo (cf. Anexo C).

Em cada planificação diária descreve-se:

- A quem se destinam as aprendizagens (os alunos – o grupo/ ano/ turma);
- Que aprendizagens vão ser feitas (as Aprendizagens Essenciais – conhecimentos, capacidades e atitudes);
- Quanto tempo e quando (datas, número de aula);
- Para que servem essas aprendizagens (competências orientadas para o “Perfil do Aluno”);
- Como operar para que essas aprendizagens se façam (domínios organizadores e descrição das atividades);
- Quais os recursos materiais/ humanos que são necessários;
- Como verificar ou avaliar (modalidades/instrumentos e indicadores).

A concretização das planificações foi importante para a composição das aulas. Nem todas as aulas se cumpriram como o planificado, por razões alheias à disciplina.

5.4 **Ida ao teatro**

A disciplina de Teatro no 2.º ciclo, para além de toda a componente prática de experimentação e ação conhecida do espaço escolar, também pretende promover atividades complementares relacionadas com a fruição artística, com o objetivo de proporcionar aos alunos experiências diversificadas.

Em articulação com a disciplina de Português, os alunos, após lerem as obras dirigidas a cada ano pelo Plano Nacional de Leitura, assistiram no auditório Pedro Arrupe, em Lisboa (Parque das Nações), à apresentação pela companhia *Cultural Kids* dos espectáculos *O Príncipe Nabo* e *As aventuras de Ulisses* destinadas ao 5.º e 6.º ano, respetivamente.

Depois de se assistir aos espectáculos, foi realizada, com cada turma, uma conversa de roda (cf. Anexo I.1.1.) e registaram-se, por escrito, os momentos que os alunos mais gostaram e os que menos gostaram na ida ao Teatro. Também lhes foi solicitado que fizessem um desenho livre sobre o que mais os marcou na encenação.

Relativamente aos alunos da turma do 5.º ano (Tabelas 3 e 4), verificou-se que as ocasiões mais apreciadas pelos alunos estão relacionadas com momentos que envolvem as personagens principais e a relação entre elas. Assim, a maioria dos alunos reconhece as personagens e identifica-as pelos nomes; existem duas cenas específicas referenciadas e um aluno faz alusão a um momento que, não fazendo parte da obra literária original, foi inserido na história. Por outro lado, os momentos menos apreciados pelos alunos estão relacionados com a obra em si e os contornos do argumento, mas também aspetos relacionados com a sensibilidade, valores e maturidade dos alunos. Também são referidos fatores técnicos e opções de adaptação à obra (cf. Anexo G.1.1).

Tabela 3

Ida ao Teatro 5.º ano - Momentos mais apreciados

CATEGORIA	SUB CATEGORIA	INDICADORES	F/SC	F/C
O momento que mais gostaram	Personagens e enredo	Referência à personagem principal	7	13
		Personagens secundárias	3	

		Cena Concreta	3	
	Criatividade e atualidade na encenação	Momentos criados para o espetáculo, que não fazem parte do texto original	1	1

Tabela 4

Ida ao Teatro 5.º ano - Momentos menos apreciados

CATEGORIA	SUB CATEGORIA	INDICADORES	F/SC	F/C	
O que menos gostaram	Adaptação da obra	Fatores técnicos	1	8	
		Formato escolhido pela companhia para apresentação do espectáculo	1		
		A obra e suas personagens	6		
	Características pessoais e morais	Valores e afectividade	4	4	
	Aspetos alheios à encenação	Meio envolvente	1	1	
	Não responde			2	2

Nos desenhos sobre a compreensão da peça, elaborados por este grupo de alunos, (cf. Anexo G1.3), a cena final do espetáculo é das mais frequentes nas ilustrações, assim como a figura que aparece mais vezes representada é a da personagem principal – a Princesa Beatriz

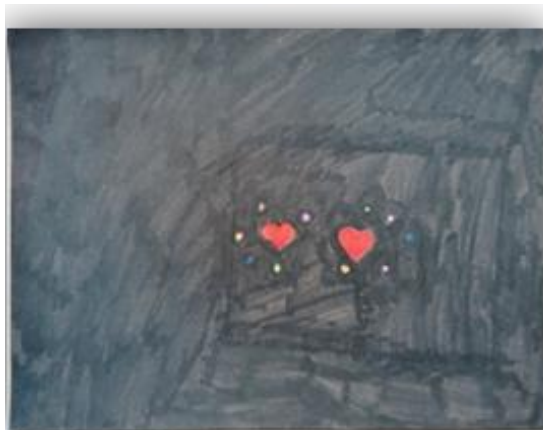
Figura 8
Desenho do espaço cénico



Figura 9
Desenho de equipamento de luz



Figura 10
Desenho de blackout



Dois alunos representam graficamente esta experiência sem desenhar personagens, contrariando assim a grande maioria; três alunos desenharam elementos que compõem o espaço cénico como o pano de boca de cena (Figura 8) e referencia ao equipamento de luz e blackout (Figuras 9 e 10) fazendo a relação entre a ida ao teatro e o desenho.

Relativamente à turma do 6.º ano (Tabelas 5 e 6), verificamos que os momentos mais apreciados pelos alunos estão relacionados com momentos cómicos; a maioria dos alunos reconhece as personagens e identifica-as pelos nomes, o que poderá estar relacionado com o facto de já terem lido a obra anteriormente na disciplina de Português. Existem duas cenas específicas referenciadas por dois alunos e existem duas referências a momentos que, não fazendo parte da obra literária original, foram inseridas na história. Contudo, os momentos menos apreciados pelos alunos estão arrolados com as opções de enquadramento da história, na criação do espetáculo (quer pela introdução ao espetáculo com o visionamento de um *PowerPoint* onde se contextualiza a história e enumeram os personagens e deuses, quer pela parte “criativa” onde os autores do espetáculo descrevem toda a história de Ulisses como se fosse um jogo de computador). São apontados, também, momentos que parecem estar relacionados com os valores morais dos alunos ou que, de alguma forma, os sensibilizam. Também são referidas partes concretas do espetáculo de imagens que lhes ficaram na memória (cf. Anexo G2.1).

Tabela 5
Ida ao Teatro 6.º ano - Momentos mais apreciados

CATEGORIA	SUB CATEGORIA	INDICADORES	F/SC	F/C
O que mais gostaram	Personagens e enredo	Referência à personagem principal	4	11
		Referência a uma personagem concreta	3	
		Personagens secundárias	4	
	Espaços cénicos	Referência a espaços e cenários	2	2

	Criatividade e atualidade na encenação	Momentos criados para o espetáculo, que não fazem parte do texto original	2	2
--	--	---	---	---

Tabela 6

Ida ao Teatro 6.º ano - Momentos menos apreciados

CATEGORIA	SUB CATEGORIA	INDICADORES	F/SC	F/C
O que menos gostaram	Adaptação da obra original	Formato escolhido pela companhia para apresentação do espetáculo	3	7
		Introdução histórica da obra e suas personagens	4	
	Características pessoais e morais	Valores e sensibilidade	2	2
	Não justificado	Cenas específicas	4	4
	Aspetos alheios à encenação	Condições para assistir ao espetáculo	1	1

Nos desenhos sobre a percepção do espetáculo desta turma (cf. Anexo G2.3), a cena final do espetáculo não é das mais frequentes nas ilustrações. Existe um leque de imagens de cenas variadas, sublinhando-se que a figura que aparece mais vezes representada é a da personagem principal – *Ulisses*, em vários momentos da história. Três alunos desenharam elementos que compõem o espaço cénico, como o pano à boca de cena (Figura 11), a altura do palco e o cenário (Figuras 12 e 13).

Figura 11
Desenho de espaço cénico



Figura 12
Desenho do palco e cenário

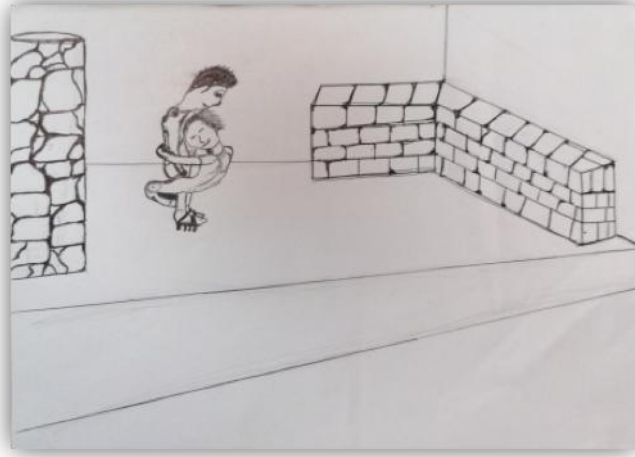


Figura 13
Desenho do espaço cénico e atores



Toda a preparação da ida ao teatro e as propostas para realizar as conversas de roda, assim como a ilustração, tiveram como base de trabalho o texto “A ida ao Teatro” de Ingrid Koudela. Este último defende que a ida ao teatro é a oportunidade de criar uma situação de ensino/aprendizagem na construção do conhecimento, uma prática sensível que cabe ao professor preparar, garantindo não só a deslocação e toda a burocracia adjacente, como também a ajuda na interpretação, inserindo o aluno no contexto, através da apreciação do espetáculo, implicando apoios na construção de conhecimento (Koudela, s.d.).

5.5 Questionários

Os questionários elaborados continham perguntas de resposta aberta, nas quais os inquiridos responderam espontaneamente, assim como perguntas de resposta fechada, com hipóteses previamente definidas. Deste modo, pretendia ter-se a perceção de como é encarada a disciplina e de que forma a experiência é avaliada, quer pelos alunos, quer pela comunidade escolar. Estes questionários também tinham como objetivo ponderar sobre a melhoria das práticas (cf. Anexo D).

5.5.1 Alunos

O questionário aos alunos do 2.º ciclo foi aplicado às duas turmas que estiveram envolvidas neste projeto (Figura 14). No total, formaram uma amostra de 31 alunos, sendo que quinze (15) frequentavam a turma do 5.º ano e dezasseis (16) a turma do 6.º ano, com idades compreendidas entre os 9 e os 13 anos (Figura 15).

Figura 14

Alunos inquiridos por ano de escolaridade

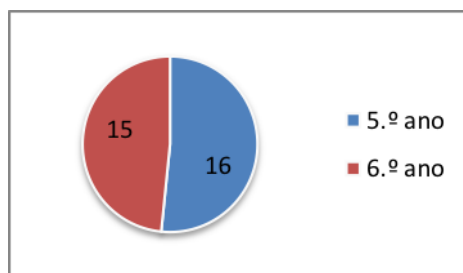
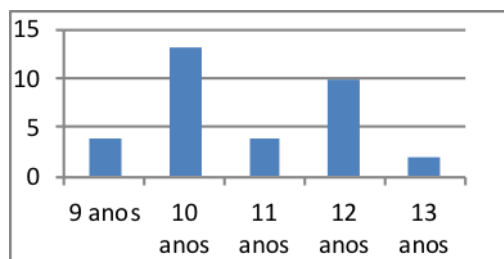


Figura 15

Idades dos alunos inquiridos



Conforme o gráfico apresentado na figura 16, a maioria dos alunos iniciou o seu percurso nesta instituição no 1.º ciclo (e alguns na educação pré-escolar), dando continuidade até à saída no 2.º ciclo. A resposta mais frequente à questão “Desde

que nível de escolaridade frequentas as aulas de Teatro/ Expressão Dramática?”, sendo eu professora das mesmas nos dois ciclos (1.º e 2.º ciclo), é o 1.º Ciclo.

Percebe-se, relativamente à questão 2 do questionário, que dos 6 novos alunos que ingressaram pela primeira vez no colégio, na turma do 5.º ano, apenas 1 aluno diz ter iniciado as aulas de Teatro apenas no 2.º ciclo (Figura 17).

Já na turma do 6.º ano, consta-se que 4 alunos dizem ter iniciado as aulas de Teatro no 2.º ciclo, embora, sendo professora de Teatro, saiba que apenas dois dos 16 alunos não frequentaram o 1.º ciclo no colégio (Figura 18). Atribuo resultado a uma possível interpretação incorreta ou enviesada da questão ou, mais provavelmente, ao não reconhecimento da designação da área disciplinar no 1.º ciclo: Expressão Artística - Expressão Dramática.

Figura 16

Nível de escolaridade em que iniciou as aulas de Teatro

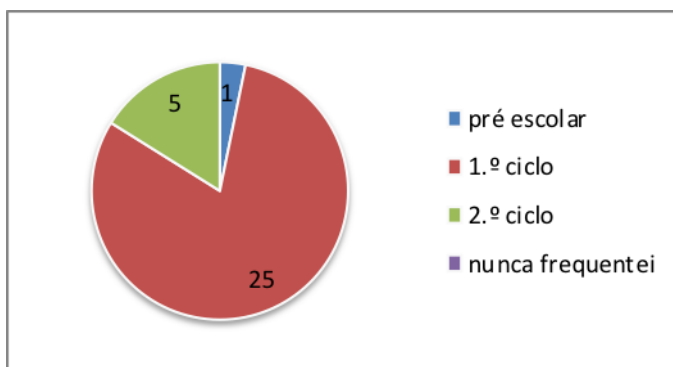


Figura 17

Respostas dos alunos do 5.º ano

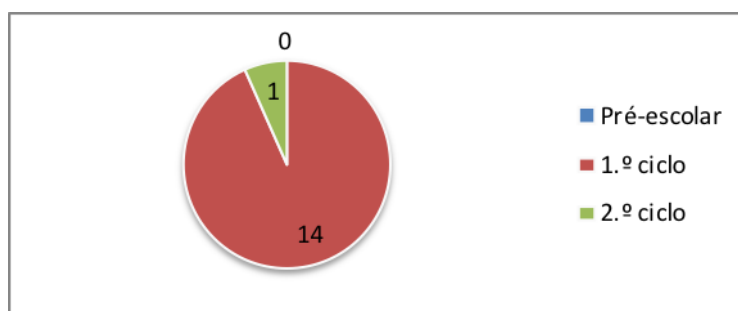
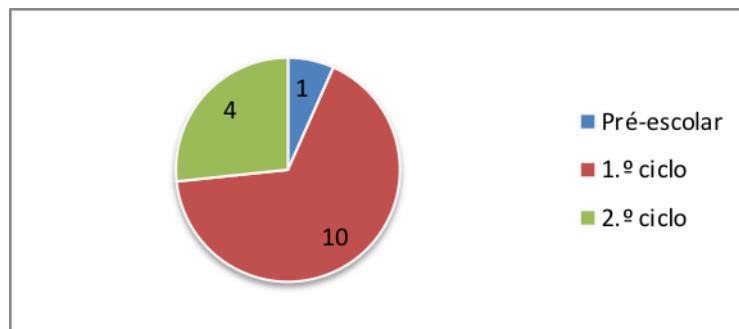
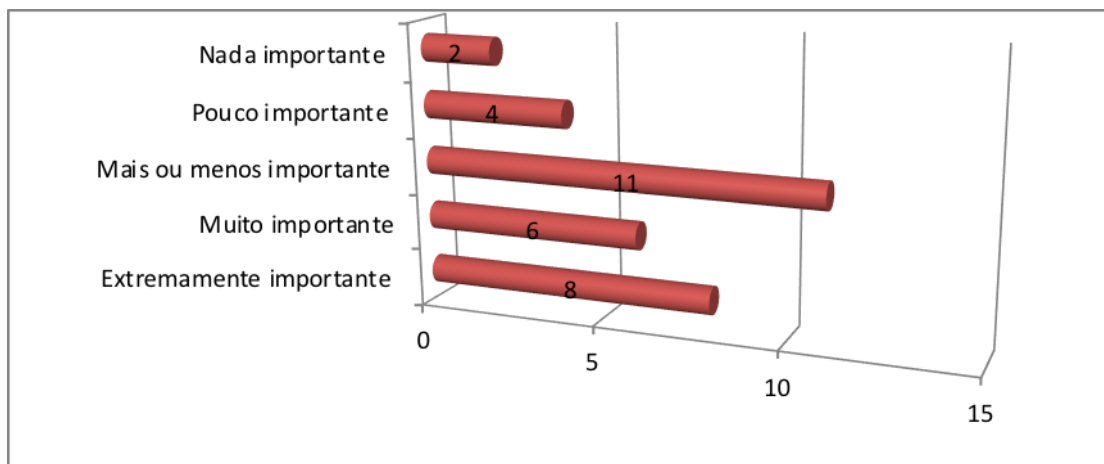


Figura 18
Respostas dos alunos do 6.º ano



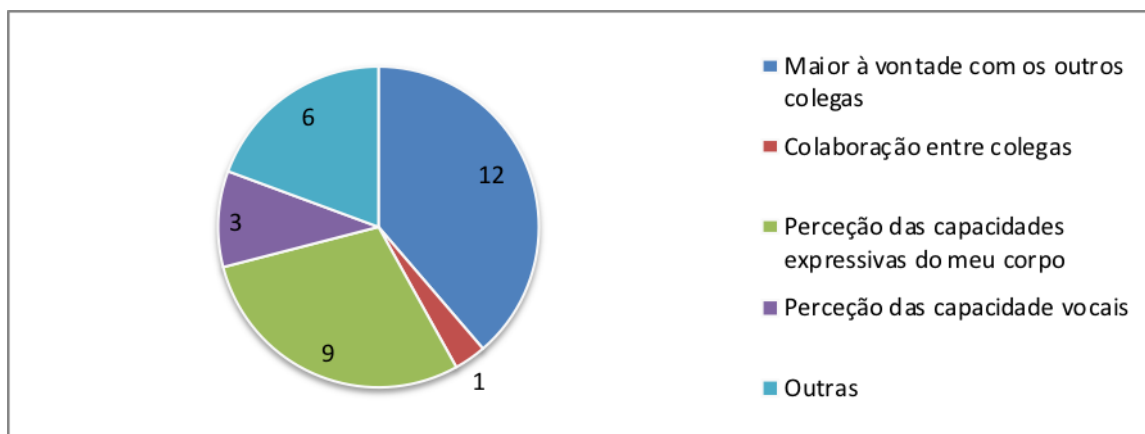
Relativamente à terceira questão que se prendia com a importância da disciplina de Teatro para o desenvolvimento dos alunos, a maioria dos alunos considera a importância da disciplina “mais ou menos importante” (cf. Figura 19).

Figura 19
Importância da disciplina - Alunos



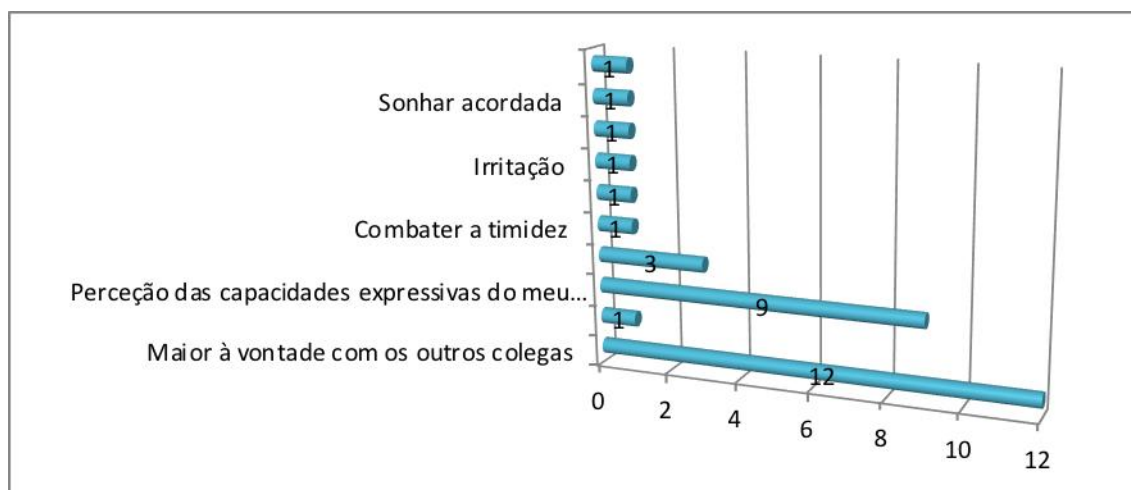
No que respeita à quarta questão, dos 31 alunos que responderam a este questionário, a maioria considera que o Teatro proporciona um maior à vontade junto dos colegas. Também é dada uma grande importância às “capacidades expressivas do corpo” (12 respostas) e à “percepção das capacidades vocais” que o teatro proporciona (9 respostas) (Figura 20).

Figura 20
O que o Teatro proporciona



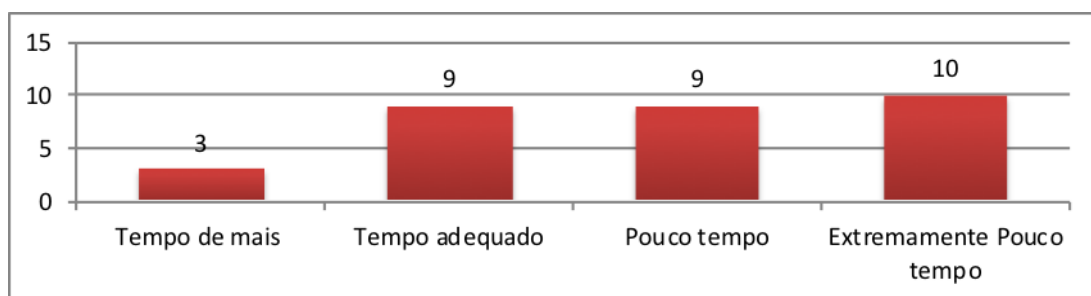
Destaco também as respostas dadas por 6 alunos referentes à opção “outras”, por terem, por um lado, apontado aspetos positivos, como o desenvolvimento da imaginação; a ajuda a combater a timidez; a sonhar acordado ou a divertir-se e, por outro lado, por terem apontado aspetos negativos, como o facto de ser uma disciplina aborrecida e que causa irritação (Figura 21).

Figura 21
O que o teatro proporciona - outras



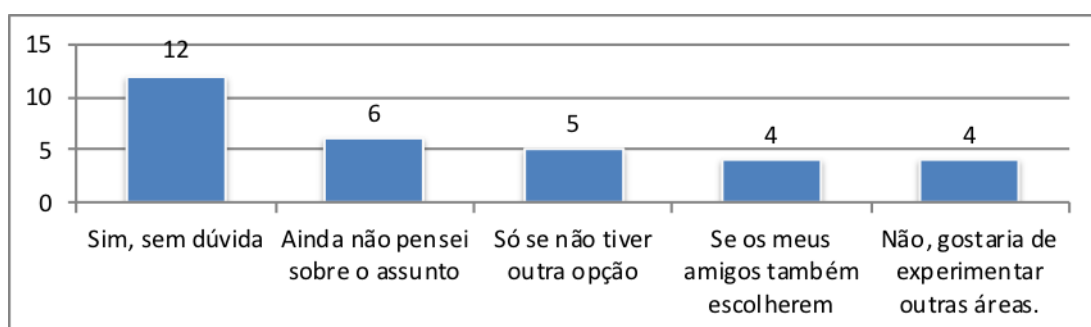
Em relação ao tempo destinado à aula de Teatro, a maioria dos alunos considera que o tempo de aula (Figura 22) se revela extremamente pouco. As opiniões assumem patamares idênticos nos alunos que entendem ser pouco tempo e nos que pensam ser o tempo adequado para a aula.

Figura 22
Duração da aula



Quando colocada a questão se no 3.º ciclo tencionam escolher a disciplina de Teatro como opção (caso haja essa opção na escola que frequentemente), 12 dos 31 alunos responderam afirmativamente e sem dúvidas sobre esta escolha (Figura 23).

Figura 23
Continuar com o teatro no 3.º ciclo?



Com a análise de conteúdo às respostas abertas dos inquéritos por questionário aplicados aos alunos, pretendeu-se aferir quais as considerações face à disciplina de Teatro, identificar as práticas mais e menos apreciadas e possíveis sugestões para a disciplina. Quando questionados sobre quais as expectativas da disciplina, a maioria dos alunos nomeou como principais aspetos o “desenvolvimento pessoal e social” e o “desenvolvimento da expressão e da criatividade” (cf. Anexos F1.2).

No que se refere às práticas mais apreciadas, as respostas revelam que a maioria dos alunos (17) dá maior importância aos conteúdos relacionados com a técnica teatral e dinâmicas de grupo (Tabela 7), mas é interessante perceber que as mesmas categorias surgem como menos apreciadas por 18 alunos (Tabela 8). Por exemplo, em ambas as tabelas surge a “improvisação” como resposta, sendo para 6 alunos um fator apreciado e para 3 alunos o conteúdo que menos apreciam.

Tabela 7*Práticas da disciplina – mais apreciadas*

CATEGORIA	SUB CATEGORIA	INDICADORES	F/SC	F/C
Práticas mais apreciadas na disciplina de Teatro	Técnica teatral	Improvisação	6	17
		Representação	6	
		Formas animadas	1	
		Aquecimento / relaxamento	4	
	Dinâmicas de grupo	Trabalho em grupo	2	16
		Jogos	14	

Tabela 8*Práticas da disciplina – menos apreciadas*

CATEGORIA	SUB CATEGORIA	INDICADORES	F/SC	F/C
Práticas menos apreciadas na disciplina de Teatro	Técnica teatral	Exposição perante o grupo	7	18
		Improvisação	3	
		Exploração corporal e movimento	3	
		Ensaio / repetição de tarefas	5	
	Práticas ligadas a dinâmica de grupo	Relação com os pares	4	4
	Perturbações da aula de Teatro	Supressão da aula	4	6
		Comportamentos inadequados na aula	2	

Quanto às práticas relacionadas com a dinâmica de grupo, interação e confiança

entre pares, a maioria dos alunos valoriza e considera as atividades lúdicas e as práticas de jogo mais interessantes. Porém, as mesmas atividades e as relações com alguns colegas, por vezes, tornam-se difíceis na perspectiva de alguns alunos (cf. Anexos F1.3).

Alguns alunos fazem referência ao desconforto que sentem quando os exercícios exigem contacto com determinados colegas: “abraçar as meninas” ([R9], cf. Anexo F1.3); “ter contacto físico com o sexo oposto” ([R11], cf. Anexo F1.3).

A ideia de ensaio e de preparação de uma apresentação também se revelou um fator menos apreciado por alguns alunos: “ensaiar para as festas”, “ensaiar para a festa de final de ano”, “os ensaios para a festa de final de ano”, “ensaiar para a festa de final de ano” e “ensaiar “ ([R5], [R7], [R8], [R18] e [R10] respetivamente, cf. Anexo F1.3). Mesmo durante as aulas, alguns alunos manifestavam a pouca vontade de tudo o que implicava repetição ou persistência no trabalho.

Por outro lado, quando são solicitadas sugestões para a disciplina de Teatro, oito alunos referem precisamente a montagem de um espetáculo de Teatro como uma sugestão ou objetivo importante a realizar na disciplina (Tabela 9). Há quem proponha “...realizar um guião (inventado) e montarmos um teatro” ([R20], cf. Anexo F1.4) ou “criar peças de teatro e apresentar às pessoas” ([R23], cf. Anexo F1.4). Mas, em maior número, surgem as sugestões de jogos lúdicos e expressivos que geralmente acontecem no início da sessão com o aquecimento e nas primeiras sessões de aulas para que os alunos se conheçam melhor (a si e aos outros).

Tabela 9

Alunos - Sugestões para a disciplina

CATEGORIA	SUB CATEGORIA	INDICADORES	F/SC	F/C
Sugestões para a disciplina de Teatro	Atividades de criação coletiva/ Apresentação	Montagem de peças de teatro	8	8
	Dinâmicas de jogo	Jogos Dramáticos	9	9
	Reorganização curricular da disciplina de teatro	Atribuição de mais tempo de aula	4	4

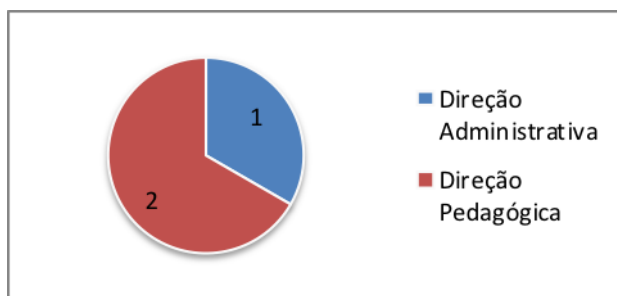
Foi curioso perceber que 4 alunos sugeriram que a aula de Teatro tenha uma maior carga horária, para que o trabalho adquirisse um envolvimento maior e um progresso melhor: “ter mais tempo de aula, assim podíamos desenvolver melhor” ([R29], cf. Anexo F1.4).

5.5.2 Órgãos de gestão da instituição

Também foi aplicado um questionário aos órgãos de gestão do Colégio para se compreender a importância atribuída à disciplina de Teatro e que organização institucional foi necessária.

Este questionário foi respondido por um elemento da Direção Administrativa e por dois elementos da Direção Pedagógica. São, ao todo, três mulheres responsáveis pelo funcionamento do Colégio (Figura 24).

Figura 24
Órgãos de gestão



Quando colocada a questão “Quais as razões que levaram o Colégio a oferecer a disciplina de Teatro no 2.º CEB?”, percebe-se a clara vontade de apostar na Educação Artística, dando maior valor às capacidades multidisciplinares associadas ao Teatro e também ao estímulo da criatividade e à capacidade crítica dos alunos (Tabela 10).

Tabela 10
Órgãos de gestão - Razões para a criação da disciplina de Teatro

CATEGORIA	SUB CATEGORIA	INDICADORES	F/SC	F/C
Razões do Colégio para a criação da disciplina de Teatro no 2º CEB	Reconhecimento das potencialidades do Teatro	Valorização do teatro como área artística	2	2
	Aposta na	Trabalho	4	6

	educação artística	multidisciplinar		
		Estimulação à criatividade	2	

Para as inquiridas, as condições necessárias para a disciplina de Teatro ter lugar no Colégio prendiam-se essencialmente com os recursos, quer humanos quer materiais, nomeadamente a disponibilidade de um espaço físico adequado: “salas”, “disponibilidade de espaços e materiais” e “espaço físico disponível” ([R1], [R2], [R3], respetivamente, cf Anexo F2.2). Referiram-se também à importância da adequação de horários e do perfil do docente, mencionando-se a “disponibilidade por parte de professor com formação” e a “liberdade criativa da professora” ([R1], [R2] respetivamente, cf. Anexo F2.2).

Também foi útil perceber que tipo de organização foi necessário ter em conta para que a disciplina fizesse parte da oferta disciplinar do Colégio. Colocada esta questão, as respostas dadas pelas Diretoras Pedagógicas realçaram a organização pedagógica, dando enfoque a questões relacionadas com o planeamento da disciplina “...não sendo uma disciplina curricular nem de leccionação obrigatória” ([R3], cf. Anexo F2.3) e também consideraram importante a experiência da docente; por parte da Direção Administrativa a resposta a esta questão foi: “não houve” ([R1], cf. Anexo F2.3).

Esta questão surge associada às alterações da carga horária que foram necessárias, sendo que as respostas dividem-se entre “nenhuma alteração” e “alterações na carga horária” (Tabela 11), observando-se, ainda, alguma controvérsia entre as respostas dadas: “menos horas de outras disciplinas”; “... não colidiu com a carga horária estabelecida” “todas as principais áreas de formação estão incluídas no currículo” ([R1], [R2], [R3], respetivamente, cf. Anexo F2.3)

Tabela 11
Carga horária – Alterações

CATEGORIA	SUB CATEGORIA	INDICADORES	F/SC	F/C
Alteração horária para integrar o	Reorganização da carga horária	Nenhuma alteração	3	3

Teatro		Alteração da carga horária	2	2
--------	--	----------------------------	---	---

Por fim, relativamente às vantagens do Teatro como disciplina obrigatória, as “competências expressivas” foram as mais mencionadas, seguidas das “competências sociais/transversais” da “interdisciplinaridade” (cf Anexo F2.4).

5.5.3 Comunidade Escolar

Foi também aplicado um questionário a alguns membros da Comunidade Escolar que, conhecendo de perto a dinâmica do Colégio, aceitaram responder ao mesmo. Responderam a este questionário seis (6) professoras do Colégio de 1.º e 2.º ciclo, quatro (4) alunos do Colégio do 1.º e 2.º ciclo, oito (8) Encarregados de Educação de alunos de 1.º e 2.º ciclo e duas (2) Técnicas de Ação Educativa (Figura 25). Quando colocada a questão “Qual a importância que considera ter a disciplina de Teatro no 2.º ciclo na instituição?”, os inquiridos responderam tendo por base uma escala de 1 a 5 (sendo que 1 é “nenhuma importância” e 5 “máxima importância”).

Figura 25
Elementos da comunidade

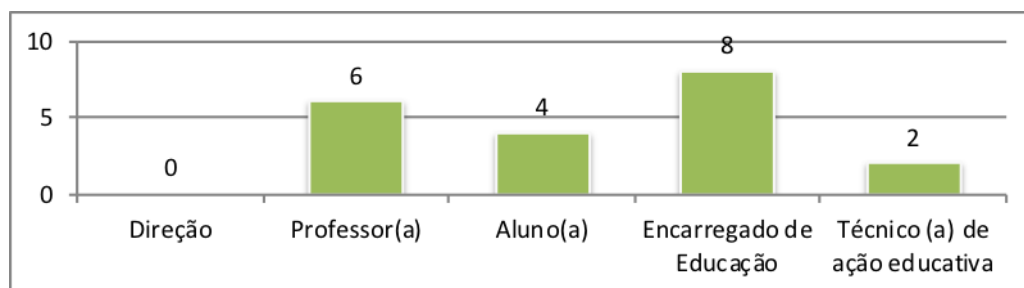
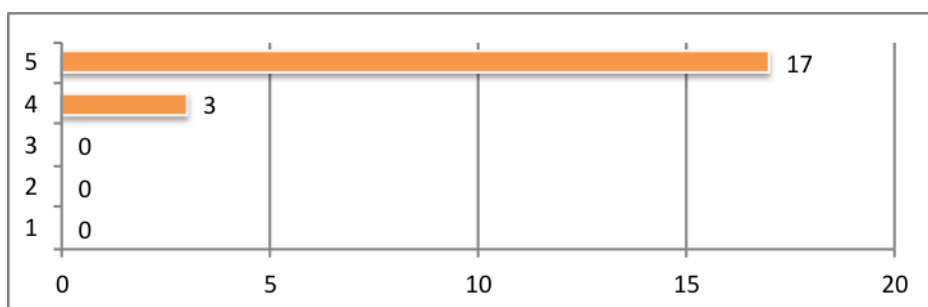


Figura 26
Importância da inclusão do Teatro na oferta curricular



A totalidade dos inquiridos considera que a disciplina é relevante no 2.º ciclo,

atribuindo os níveis 4 e 5 na escala de importância. (Figura 26)

Depois de analisar e tratar as respostas à questão “Como considera a inclusão da disciplina de Teatro na oferta curricular?”, percebemos que, entre os inquiridos, a apreciação global é positiva e a disciplina é considerada importante para o desenvolvimento integral dos alunos, obtendo respostas como: “é muito importante para os alunos”; “uma mais valia educativa”; “é muito importante”; “fundamental”, “...os alunos necessitam”; “essencial”; “muito importante na formação global dos alunos” ([R1], [R2], [R3], [R4], [R9], [R16] e [R20] respetivamente, cf. Anexo F3.1). Algumas respostas espelham a relevância da disciplina enquanto atividade contínua e curricular: “deveria ser uma componente obrigatória no currículo”, “...faz muita falta no ensino básico”, “deveria ser obrigatório” ([R7], [R11] e [R15] respetivamente, cf. Anexo F3.1).

Constata-se, também, a importância que é dada ao desenvolvimento de múltiplas competências (Tabela 12), havendo maior enfoque no que se refere ao desenvolvimento de competências sociais: “...futuras apresentações académicas e possivelmente profissionais” e “sistematização da personalidade de cada um nas relações com os outros” ([R16] e [R20] respetivamente, cf. Anexo F3.1), mas também ao desenvolvimento de competências expressivas e comunicacionais: “ajuda na forma como os alunos se conseguem exprimir”; “...dar expressão às crianças” e “...expressar sem medos” ([R1], [R14] e [R16] respetivamente, cf. Anexo F3.1).

Tabela 12

Comunidade Educativa - Considerações sobre Inclusão da disciplina

CATEGORIA	SUB CATEGORIA	INDICADORES	F/SC	F/C
Como considera a inclusão da disciplina de teatro na oferta curricular	Reconhecimento da importância da disciplina	Apreciação global positiva	21	24
		Valorização da dimensão lúdica	3	
	Valorização do desenvolvimento de múltiplas competências	Desenvolvimento pessoal	6	27
		Desenvolvimento de competências expressivas e comunicacionais	8	

		Desenvolvimento de competências sociais	8	
		Desenvolvimento de competências criativas da linguagem teatral	5	

5.6 Avaliação pelos alunos

No final de cada aula, era solicitado aos alunos que fizessem uma avaliação da aula num formato pré-estabelecido, conforme se apresenta na proposta de programa (cf. Anexo H1). Assim, esta avaliação era feita em casa e entregue na aula seguinte.

No final do ano, foi pedido que, com base nas avaliações e considerações realizadas ao longo do ano, fizessem em conjunto uma avaliação global da disciplina, lembrando os momentos mais importantes para cada um e que a registassem num modelo pré-existente para a avaliação global (cf. Anexo F.4).

Feita a análise da globalidade destas apreciações finais (16 do 5.º ano e 15 do 6.º ano), percebeu-se que os alunos incidiram a sua avaliação sobretudo no funcionamento da disciplina, na maioria dos casos sobre o desenvolvimento das sessões, referindo aspetos práticos e jogos: “gostava de ter mais aulas e com mais tempo”; “normalmente fazemos atividades que eu gosto, como por exemplo as atividades de “sombra”; “gato e do rato” e do “zoom – rah – kiu” ([R3], [R10] respetivamente, cf. Anexo F.4). Também revelaram algumas emoções sentidas, inerentes à prática: “eu gostei muito das aulas de Teatro, pois fazem-me sentir feliz”; “...senti-me estranho”; “gostei muito destas aulas, senti-me livre e gostei de todas as atividades” ([R7], [R15] e [R27] respetivamente, cf. Anexo F.4). Cinco alunos referiram a importância do Teatro relativamente à sua evolução pessoal e performativa: “acho que estava a ficar melhor na representação”, “...acho que fiz uma boa evolução”, “nas primeiras aulas eu chorava horrores, nas últimas não” ([R2], [R24] e [R26] respetivamente, cf. Anexo F.4). Algumas reflexões de oito alunos também revelaram avaliações globalmente negativas sobre a aula de Teatro. Referiram momentos de tensão e desconforto em determinadas situações – “...em alguns jogos eu ficava nervosa” ([R26], cf. Anexo F.4); a não preferência pela disciplina – “eu não gosto muito das aulas de Teatro, mas não odeio” ([R10], cf. Anexo F.4); e o desagrado em relação às festas de final de ano – “foram algumas engraçadas e outras mais chatas, como as

das festas”, “... começámos a ensaiar e eu não gostei” ([R11] e [R17] respetivamente, cf. Anexo F.4).

Quando colocada a questão do que mais gostaram na disciplina, a maioria das opiniões divide-se entre técnicas teatrais e dinâmicas de grupo. Ao fazer esta análise dos dados, considerei importante separar as respostas de cada turma e perceber os interesses de cada ano de escolaridade. Assim, e como é possível observar (Figuras 27 e 28), das quinze respostas sobre a preferência pelas técnicas teatrais, onze são dadas pelos alunos do 5.º ano, sendo possível notar que os alunos do 6.º ano preferem, sobretudo, as dinâmicas de grupo e jogos lúdicos (cf. Anexo F.4).

Figura 27

O que os alunos mais apreciaram na disciplina

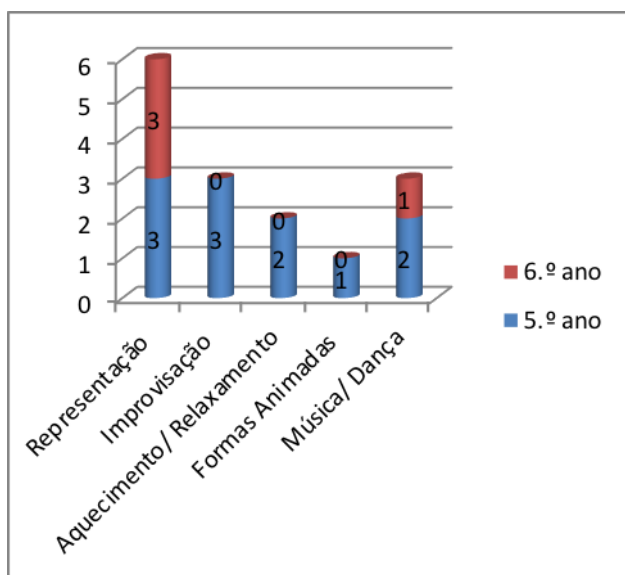
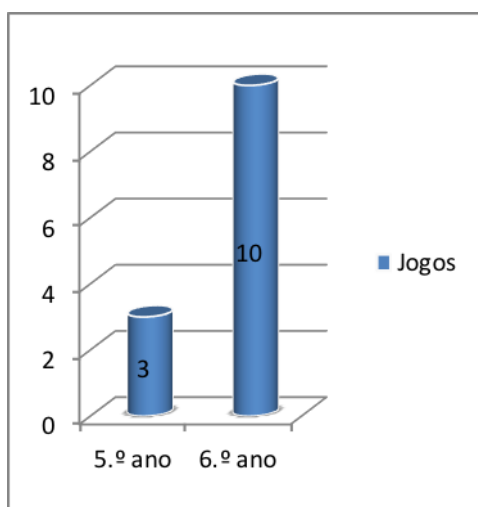


Figura 28

Turma que aprecia mais os Jogos



A maioria dos alunos (19) foi capaz de referir uma palavra diretamente relacionada com o vocabulário utilizado no teatro (cf. Anexo F4.4), como “drama”, “improvisação”, “mímica”, “ação”, “representar” e “teatro”. Todavia, apesar de as palavras solicitadas terem de ser do domínio do Teatro, uma minoria (9) relacionou-as com a experiência vivida: “alegria, porque era o que sentia”; “Ulisses, porque fizemos o teatro do Ulisses”; “engraçado, as aulas foram divertidas e gostei de algumas atividades”; “divertida, porque gosto muito da aula” ([R31], [R26], [R16], [R13] respetivamente, cf. Anexo F4.4)

Existe uma forte tradição no Colégio em relação ao espetáculo de final de ano. Os alunos também sentem essa “carga”, como um objetivo a atingir durante o percurso no Colégio. Os alunos participam de forma ativa neste processo de construção, principalmente a turma do 6.º ano, que, por ser finalista, fica com os papéis de maior destaque (cf. Anexo I.3). Foi feito um trabalho de escolha e preparação de personagens com os alunos que estiveram sempre envolvidos neste processo.

5.7 Discussão de resultados

De seguida, apresenta-se a triangulação dos resultados obtidos, considerando também a fundamentação teórica.

Retomam-se as questões orientadoras deste estudo:

- I. Como enquadrar a criação da disciplina de Teatro, no 2.º ciclo do Ensino Básico, no âmbito da legislação relativa à Autonomia e Flexibilidade Curricular?
- II. Que metodologia de Ensino e de Avaliação adotar na implementação da disciplina de Teatro no 2.º ciclo?
- III. De que forma a experiência é avaliada pelos alunos e pelos envolvidos e de que modo essa avaliação pode resultar numa melhoria das práticas?

De forma a responder à primeira questão foi necessário levar a cabo uma análise dos documentos em vigor. Conforme o Decreto-lei n.º 55/2018, de 6 de Junho, os princípios de Autonomia e Flexibilidade Curricular vêm possibilitar legalmente a criação de condições para o desenvolvimento deste estudo, na medida em que facilitam uma disciplina de Teatro no 2º ciclo, em particular a realização deste projeto, considerando, assim, uma vantagem para a Educação Artística, em especial a

disciplina de Teatro no currículo do 2º Ciclo do Ensino Básico (cf. Anexo A.1). Dentro desta mesma linha, não se pode deixar de articular este projeto com o Artigo 19 que incide, a grosso modo, no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória que deve visar a valorização das Artes, entre outros, bem como a integração das componentes de natureza regional e da comunidade local.

Além disso, o Anexo II (a que se referem o n.º 1 do artigo 11.º e o n.º 1 do artigo 13.º) indica, no âmbito do 2º ciclo e da gestão curricular, que “as escolas organizam o trabalho de integração e articulação curricular com vista ao desenvolvimento do Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória. As escolas organizam os tempos letivos na unidade que considerem mais adequada (n.º 1 do artigo 11.º e o n.º 1 do artigo 13.º). E neste aspeto reconhece-se que, segundo Grácio (1996), o papel da escola é importante na iniciação e de compensação.

Cabendo à entidade escolar a gestão, oferta e organização da mesma, privilegiando os recursos humanos existentes, as opções tomadas para a criação desta disciplina no 2.º ciclo, no contexto anteriormente explanado, foram as de introduzir domínios da esfera artística. Partilhando a visão de Vianna e Strazzacappa (2012), os responsáveis das escolas devem ter a consciência de que as especificidades que caracterizam esta linguagem artística requerem que se entenda o Teatro como uma área tão importante como as demais, das ciências exatas à literatura.

Continuando a dar resposta às questões colocadas, importa compreender qual a metodologia de ensino e de avaliação adotadas na implementação da disciplina de Teatro no 2.º ciclo.

Desta possibilidade da entrada do estudo do Teatro na escola, com todas as oportunidades que contém, destaca-se o reconhecimento experimental da centralidade da pessoa do aluno no processo educativo (Barata, 1979) e também a facilidade com que esta disciplina desenvolve capacidades e competências cognitivas e metacognitivas (Eça, 2010).

A escolha da metodologia deste projeto adequou-se, segundo Pino Juste (2001), de forma a “canalizar a imaginação e a criatividade para favorecer desenvolvimento pessoal e social, e estimular o trabalho de grupo para facilitar o domínio de habilidades sociais básicas como a conversa, o respeito mútuo, etc” (p. 16). Quando se considerou, nesta metodologia, o Teatro como uma disciplina académica tão importante quanto o Português, a Matemática ou as Ciências, foi necessário orientar a

prática em didáticas ativas e de descoberta, procurando a reflexão sobre as atividades. Toda e qualquer adequação teórico-prática surge na sequência das interrogações reflexivas sobre o quê, o como e o porquê do que acontece na prática pedagógica letiva dos diferentes professores ao trabalharem nesta área de expressão, assentando numa atividade que resulte da colaboração pelo encontro e troca de experiências. Foi importante ter em conta que o processo de ensino-aprendizagem desta disciplina apoia-se na planificação de uma forte componente prática, no exercício reflexivo, crítico e sistemático que permita adquirir a capacidade de integrar os princípios teatrais e estéticos, “a coerência, a sequência, a adequação, a flexibilidade, a continuidade, a precisão e a riqueza” (Cortesão, 1993, p. 94).

No desenho criado para a disciplina, assim como nas atividades programadas, fez todo o sentido que fossem proporcionadas vivências ativas e experiências culturais deste teor. O Teatro revela “potencialidades interdisciplinares, contribuindo para uma ligação de saberes espartilhados, possibilitando uma ligação entre o mundo interior e o mundo exterior” (Peixinho & João, 1998, p. 9). Assim, promove, fundamentalmente, o desenvolvimento da criatividade, dando liberdade à imaginação e à sensibilidade num trabalho criador, criativo e livre, assim como as noções básicas da linguagem do Teatro. O Teatro permite uma interdisciplinaridade, uma articulação de saberes, em que o aluno pode colocar-se num determinado papel, vivenciando e adquirindo saberes, facilitando o seu processo de aprendizagem. Zabala (1998) compreende que:

A interdisciplinaridade é a interação entre duas ou mais disciplinas, que pode ir desde a simples comunicação de ideias até a interação recíproca dos conceitos fundamentais e da teoria do conhecimento, da metodologia e dos dados da pesquisa. (p.143)

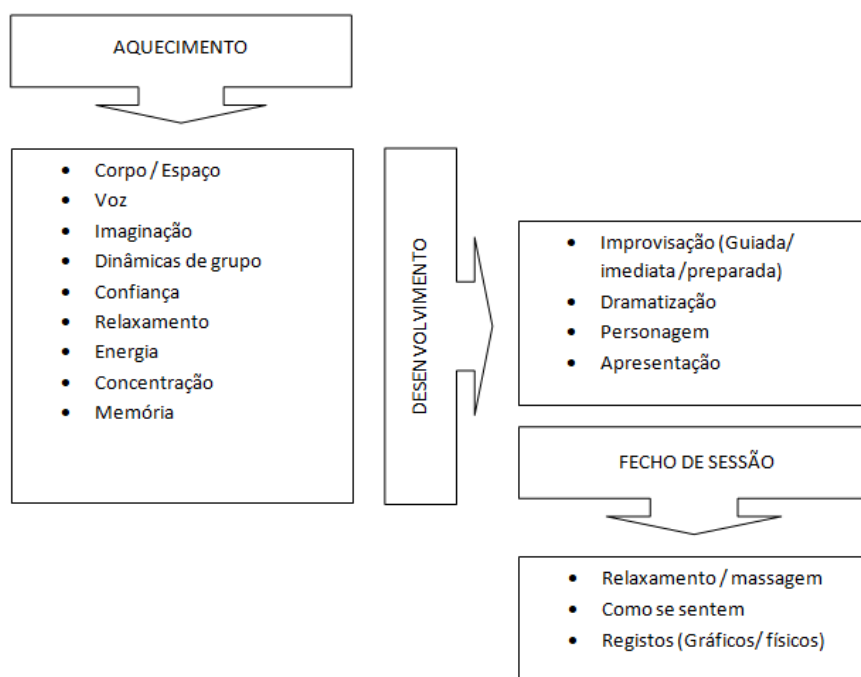
A interdisciplinaridade pode ocorrer de diferentes formas, entre as quais dentro da própria aula de Teatro, através do que Zabala designa por interação mútua de conceitos (1998). Sabemos que a disciplina de Teatro necessita de uma grande variedade de fontes didáticas e de ter em conta toda a componente pedagógica e os recursos necessários (Lafferrière, 1997a). É aqui que a transmissão de conhecimentos deve seguir uma lógica de transmissão de saberes com base num método de resolução de problemas e, sendo o Teatro uma disciplina artística, este conhecimento é direcionado e concretizado através da utilização de técnicas específicas, teóricas e práticas que conduzem às especificidades da arte dramática.

Também foi organizada uma visita de estudo em articulação com a disciplina de Português. Esta articulação entre disciplinas revelou-se bastante vantajosa,

principalmente para os alunos que conseguiram perceber a obra literária de forma exploratória e experiencial, dando a apropriação aos alunos do tema a desenvolver, como testemunha um aluno nas notas de campo do dia 15 de fevereiro: “gostei de construir um guião do meu episódio preferido do livro do Ulisses” ([B6] cf. Anexo B.2)

As aulas tinham a duração de 50 minutos semanais, tempo que se revelou escasso para seguir a dinâmica e o encadeamento programado, tal como as aulas foram pensadas e descritas no programa da disciplina (cf. Anexo H). Como orientação, é indicada a proposta de uma aula de Teatro, como também se observa nos exemplos de planificação de aula. (cf. Anexo H.1). Assim, a proposta de sessão (presente nas minhas planificações e também nos exemplos de planificação que apresento no programa) inicia-se com o aquecimento, que se pretende que predisponha e prepare o corpo e os sentidos para a aula; segue-se o desenvolvimento, onde é trabalhado o conteúdo específico da aula; e o fecho de sessão, onde se promove o retorno à calma e a partilha das experiências e aprendizagens feitas na aula (Figura 29).

Figura 29
Proposta de organização de uma aula de teatro



Nota: Proposta de organização de aula, a partir dos exemplos dados na unidade curricular “Desenvolvimento Curricular em Educação Artística [Teatro]” do MEA, coordenada por Miguel Falcão.

Segundo Cañas (1999), “este esquema que a princípio pode ser proposto de forma mais rígida, para aprofundar, na medida do possível, em cada uma das técnicas que compõem a sessão, pode, se desejado, ser variado dependendo do grupo que nos

ocupa, pois com segurança, haverá crianças que nos obrigarão a exercitar as técnicas psicomotoras por mais tempo ou talvez, em outros casos, na seção de improvisação ou vocalização” (p. 69). Mas em 50 minutos de aula é difícil conciliar gestão de tempo com qualidade de ensino-aprendizagem. Nem sempre foi possível cumprir as planificações na totalidade, sendo que o que ficou muitas vezes por fazer foi a fase de relaxamento antes de terminar a aula, conforme descrito em algumas notas de campo, como por exemplo na aula do 6.º ano do dia 4 de janeiro: “os objetivos foram alcançados na medida em que os alunos conseguiram refletir sobre a atividade e entender a função/dinâmica de grupo. Não foi possível realizar o relaxamento final”. E na aula do 5.º ano do dia 11 de janeiro: “esta aula foi muito interessante, os alunos mostraram grande à vontade no decorrer da atividade. Este tipo de exercício é, normalmente, o mais apreciado entre os alunos, pela possibilidade de “entrar” no mundo mágico do “faz de conta” (Figura 30). Contudo, nem sempre foi possível seguir a planificação na totalidade, como descrevo nas notas de campo: “não foi possível realizar o relaxamento final”. Também os alunos sentiam a necessidade de prolongar o tempo da aula ou atribuir outra carga horária: “gostei muito dos exercícios que realizamos. Eu acho que podíamos ter mais aulas de teatro...” ([R8] cf. Anexo F.4)

Figura 30
Avaliação final de aula



Toda a participação e envolvimento na arte dramática merece uma avaliação (Laferrière, 1997c). No que respeita à avaliação, e de acordo com Roldão (2008), para avaliar é necessário criar mecanismos de acompanhamento do processo para o ir entendendo, acertando e reorientando no sentido desejado. Avaliar é um conjunto organizado de processos que visam o acompanhamento regular de qualquer aprendizagem pretendida e que incorporam, por isso mesmo, a verificação.

A avaliação foi feita como “uma operação que prepara, acompanha e remata o processo de ensino-aprendizagem e que é o motor do seu constante aperfeiçoamento,

pretendendo, em última análise, conduzir todos os alunos ao sucesso pleno do programa de estudos que seguem” (Ribeiro & Ribeiro, 1990, p. 338). A observação direta e o *feedback* do professor são imprescindíveis, pois, segundo Laferrière (1997a), durante todo o processo, os alunos esperam e desejam que o professor os corrija e que faça reparos quanto à sua prestação, como se pode constatar através do comentário da aula do 6.º ano do dia 22 de fevereiro, em que B3 refere: “gostei quando a professora nos avaliou para melhorarmos. Percebi que devo melhorar o meu tom e som de voz na dramatização. Gostei de melhorar a minha dramatização”.

Através do processo de avaliação, foi possível acompanhar e regular o processo ensino-aprendizagem através dos registos feitos. Tal como sustenta Santos Guerra (1998) citado por Roldão (2008), a “avaliação permite saber (com maior ou menor rigor) se foram atingidos os objetivos definidos” (p. 83), ideia também defendida por Perrenoud citado por Estanqueiro (2010), quando afirma que “é a avaliação que ajuda o aluno a aprender e o professor a ensinar” (p. 83).

Segundo Laferrière (1997a), para que os alunos tenham integração com a disciplina e se envolvam no seu processo de aprendizagem, é essencial que intervenham também no processo de avaliação, pois deve estar consciente do processo evolutivo e que este permite criar referências para enriquecer a experiência. Também a participação em grupo e do grupo é importante no desenvolvimento da avaliação: “la expresión artística está elaborada como un medio de comunicación que implica varias personas” (Laferrière, 1997, p. 134)

Por fim, a última questão orientadora destaca de que forma a experiência é avaliada pelos alunos e pelos envolvidos. Segundo os questionários aplicados aos alunos, percebe-se que, no que se refere à importância da disciplina de Teatro para o desenvolvimento dos alunos, as opiniões dividem-se entre os que consideram a importância da disciplina como mediana e aqueles que consideram a elevada importância da disciplina. Destacam-se, também, as respostas da importância que o Teatro tem para os alunos, nas quais foram apontados aspetos como o desenvolvimento da imaginação; a ajuda ao combate da timidez; a possibilidade que permite de sonhar acordado ou de causar divertimento, embora alguns também a considerassem uma disciplina aborrecida e que causa irritação.

Na opinião dos membros da comunidade escolar, a disciplina é relevante no 2.º ciclo. É perceptível que, entre os inquiridos, a apreciação global é positiva e a disciplina é considerada importante para o desenvolvimento integral dos alunos: [R1] “é muito importante para os alunos”, [R2] “uma mais-valia educativa” (cf. Anexo F3.1). Com a

última questão, também se pretende perceber de que modo essa avaliação pode resultar numa melhoria das práticas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo chegado à última etapa deste projeto investigativo, pretende-se tecer algumas considerações sobre o mesmo, realçando e discutindo as principais conclusões que dele extraímos, evidenciando as suas limitações e, conseqüentemente, contributos para a nossa formação como professores e para a investigação no campo da educação artística.

Não obstante, cabe recuperar uma ideia já referida: o propósito do Teatro na escola não é o de formar artistas, mas o de desenvolver competências abrangentes, para que, no futuro, os que nele participam venham a ser bons profissionais na sua área de eleição (Pérez, 2006) e para que, no presente, consigam desenvolver capacidades, dando liberdade à imaginação e à sensibilidade num trabalho criador, criativo e livre, adquirindo noções elementares da linguagem do teatro.

Considera-se, assim, que o Teatro enquanto disciplina permite aos alunos entrar no campo da procura individual e coletiva, refletindo e trabalhando a comunicação; o pensamento crítico e criativo; o raciocínio e a resolução de problemas; o relacionamento interpessoal, assim como o desenvolvimento pessoal e o sentido de autonomia. De facto, todas as destrezas mencionadas anteriormente coadunam-se com as áreas de competência espelhadas no Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória.

Nesta ótica, considera-se que a questão que conduziu a este projeto foi cumprida com sucesso, no sentido em que foi criada e implementada a disciplina de Teatro, no 2.º ciclo, num estabelecimento de ensino privado, à luz do quadro da legislação produzida sobre Autonomia e Flexibilidade Curricular, articulando com as áreas de competência do Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória que visam incidir nas boas práticas e orientar a progressão do aluno no seu percurso escolar.

Esta proposta de implementação do Teatro como disciplina teve como objetivo organizar e transformar os conhecimentos adquiridos em aprendizagens, já anteriormente iniciadas no 1.º ciclo, de forma a manter uma estrutura coerente e um fio condutor sequencial ao longo das várias valências de ensino.

Seguidamente, avalia-se o conjunto de objetivos gerais do nosso trabalho, que retomamos:

- a) *“Conceber uma estrutura programática que se enquadre*

No currículo do 2º ciclo do ensino básico e que se articule com os documentos orientadores para a área de teatro dos ciclos adjacentes”, tendo sido criado e aplicado um programa específico para a disciplina de Teatro no 2.º ciclo (cf. Anexo H).

Este programa foi realizado a partir do estudo e tratamento dos documentos orientadores existentes que norteiam a disciplina, no atual documento regulador que define as Aprendizagens Essenciais, estruturadas por domínios transversais, que incidem em conhecimentos, capacidades e atitudes que deverão ser desenvolvidas em cada ciclo, de acordo com o Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de Julho. Posto isto, e dando seguimento ao objetivo, foi elaborado um programa para a disciplina, com a intenção de construir a ligação entre os conteúdos da disciplina e as atividades práticas específicas que dessem sentido às aprendizagens essenciais. Igualmente importante foi a procura de uma resposta didática e enriquecedora para a prática docente, com soluções metodológicas e propostas artístico-pedagógicas que se enquadrassem nos mais diversos contextos escolares e humanos.

A partir do documento pré-estabelecido das Aprendizagens Essenciais, houve também a necessidade de criar um documento adaptado que fosse ao encontro das particularidades do 2.º ciclo (cf. Anexo H1), mantendo muito idêntica a sua organização inicial, mas esmiuçando alguns conteúdos de forma a torná-los mais perceptíveis e enquadrados no estudo realizado.

Admite-se que esta prática pedagógica se baseou numa metodologia ativa (método de ação-reflexão-ação); participativa (implicando cada um no conjunto do grupo); descentralizada (no sentido da adaptação às circunstâncias de cada um e de cada grupo); individualizada (correspondendo às necessidades de cada um dentro do grupo a que pertence e do qual recebe e ao qual dá algo de novo); personalizada (respeitando o ritmo de cada um numa aprendizagem progressiva); lúdica (em situação de distensão, sem ansiedades, sem juízos de valor, sendo o jogo um estímulo à criatividade, à expressão, à originalidade) (Laferrère, 1997c). Estas premissas encontram-se espelhadas nas planificações de aula, na qual a sua organização pretendeu sempre criar uma dinâmica de proposta: a sessão inicia-se, por norma, com um aquecimento, de forma a predispor o corpo e os sentidos para a aula, seguindo-se o desenvolvimento, fase em que é trabalhado o conteúdo específico da aula; e o fecho de sessão, pretendendo promover o retorno à calma e a partilha das experiências e aprendizagens feitas na aula.

O desenvolvimento das aulas envolveu sempre práticas que proporcionassem o “à vontade” e confiança entre os alunos e a professora, nas quais a máxima de “tenta de novo, erra outra vez, erra melhor!” de Beckett foi referida com frequência. Deu-se a possibilidade de aprender com “o erro” e querer fazer mais e melhor, como

referiu um dos alunos: “gostei quando a professora nos avaliou para melhorarmos. Percebi que devo melhorar o meu tom e som de voz na dramatização. Gostei de melhorar a minha dramatização” ([B3] cf. Anexo B2)

Acredita-se que o Teatro como disciplina deve distinguir-se por criar estratégias de ensino-aprendizagem que facultem espaço às vivências e experiências individuais dos alunos, mas também cabe referir o papel importante do professor de Teatro, que se entende como agente de ensino proativo, que deverá ter um papel preponderante e mediador para um melhor desempenho, uma participação ativa e a capacidade de reflexão do aluno, como foi também apresentado na parte teórica deste trabalho.

- b) “Descrever e analisar as práticas de implementação da disciplina de Teatro no 2º ciclo do ensino básico” (cf. Anexo B)

Com base nas notas de campo a partir das observações e relatos dos alunos, foi possível apreender que o envolvimento dos alunos nas atividades da disciplina é maior quanto mais lúdico se apresentar. Assim, salienta-se, uma vez mais, a importância do jogo ainda nestas idades. De acordo com os dados recolhidos na avaliação global dos alunos (cf. Anexo F.4.1), verifica-se que os momentos destacados pelos alunos são precisamente os jogos realizados, o aquecimento, seguindo-se a representação. A dinâmica de jogo em grupo torna-se especialmente apreciada, pois proporciona um ambiente mais descontraído (onde os olhares não estão direcionados num só sentido) e até de coesão de grupo, como se vê nas palavras de [A10]: “nesta aula descobri que sei trabalhar em equipa” (cf. Anexo B.1). Foi possível proporcionar aos alunos multiplicidade de vivências e práticas teatrais. Com estas aulas, foi possível estimular o sentido crítico através da exploração da criatividade, desenvolvendo uma comunicação e linguagem próprias da disciplina.

Entende-se que foi a disciplina de Teatro que aprofundou os conhecimentos da linguagem teatral e de vários tipos de expressão (corpo, gesto, voz...). Proporcionou, ainda, momentos de diversão, criatividade e o prazer pelo jogo. Através do trabalho conjunto, da relação interpares e do compromisso com o grupo, o Teatro foi um grande promotor da conquista da confiança e auto-estima de alguns alunos;

- c) “Compreender como é avaliada, pela comunidade escolar, a inclusão da disciplina de Teatro na oferta curricular do 2.º Ciclo do Ensino Básico” a partir dos questionários realizados (cf. Anexo F).

A maioria dos intervenientes neste estudo (alunos e comunidade educativa) respondeu sempre de forma muito positiva e auspiciosa à inclusão do Teatro como oferta curricular do Colégio.

Ao ler e analisar todas as respostas e contributos para o estudo, é possível aferir que tanto para os alunos como para os pais e comunidade em geral, a experiência do Teatro na escola é muito mais do que conteúdos programáticos ou critérios de avaliação. Trata-se de uma prática que procura o melhor contributo humano e pessoal de cada um.

É possível, aqui também, considerar que o envolvimento pessoal e emocional já estabelecido com os participantes no estudo pode conduzir a algumas limitações deste estudo, na medida em que poderão existir respostas que tentem ir ao encontro daquilo que os participantes julguem ser a resposta esperada.

Importa referir, a título de curiosidade, que mesmo já não estando a trabalhar no Colégio onde efetuei este projeto, e onde já antes tinha iniciado o Teatro no 2.º ciclo, se manteve a oferta curricular. São as boas sementes que, bem cuidadas, dão bons frutos.

Por tudo o que foi apresentado e discutido nas linhas anteriores, é possível concluir que o Teatro, no contexto curricular, impulsiona a evolução da participação, autovalorização e processo de trabalho dos alunos e da comunidade; conduz a possibilidades de trabalho de articulação com outras disciplinas, com o propósito de estabelecer aprendizagens mais consistentes devido ao seu carácter transversal e multidisciplinar; valoriza a globalização das expressões e o contacto com as artes; e revela a importância do questionamento constante sobre boas práticas, opções pedagógicas e de avaliação constante do que se observa e se sente pelo professor.

Recorda-se, num último ponto, que o tema deste trabalho é inovador, desafiante, trabalhoso e complexo, pois requereu longas horas de trabalho, a consulta de muitos documentos e um sentido de orientação muito apurado. Sem embargo, frente a estas adversidades, é certo que poderá conquistar novos rumos e perspetivas, concretamente em outras instituições de ensino em Portugal. Assim, encara-se a concretização deste trabalho investigativo apenas como um despoletar do tema que, seguramente merecerá novas investigações e projeções didáticas no seio da Educação Artística/Teatro. Neste sentido, tenciona-se orientar e animar outros

professores com estes materiais, ideias, planificações, ferramentas didáticas e, em particular, determinação e paixão pelo ensino do Teatro.

Chegando a este ponto, e feita a devida reflexão, acredita-se que muito ainda há por fazer, no entanto, desejo que a construção deste projeto tenha um contributo útil para os que, com coragem e sensibilidade, queiram também refletir e implementar a disciplina de Teatro, com o real propósito de criar novas pontes para que os percursos das artes na escola sejam efetivamente valorizadas e aplaudidas de pé.

“Concluir es abrir un nuevo camino.”

(Anónimo)

7. REFERÊNCIAS

- Aires, L. (2015). *Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional*. Universidade Aberta.
- APEVT. (2017). APEVT - Associação Nacional de Professores de Educação Visual e Tecnológica. Consultado a 12 março 2018 em <https://apevt.pt/2017/12/23/parecer-educacao-artistica-no-desenho-das-matrizes-curriculares/>
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Edições Setenta.
- Beja, F., Topa, J. M., & Madureira, C. (2018) *Drama, pois! Jogos e projetos de Expressão Dramática*. Porto Editora.
- Bell, J. (1993). *Como realizar um projeto de investigação- um guia para a pesquisa em ciencias sociais e na educação*. (G. Valente, Ed., & M. J. Cordeiro, Trans.) Gradiva - Publicações S.A.
- Bercebal, F., De Prado, D., & Laferrière, G. &. (2000). *Con los pedagogos de hoy. Sesiones de trabajo*. Ciudad Real: Ñaque.
- Berthold, M. (2006). *História Mundial do Teatro*. São Paulo: Perspectiva.
- Bezelga, I., Correia, J., Machado, S., & Tavares, M. (2002). *OFICINA DE TEATRO – 3º Ciclo. Orientações Curriculares- 7.º, 8.º e 9.º anos*. Consultado a 12 maio 2020 em https://myesecweb.esec.pt/pagina/cdi/ficheiros/docs/Ofic_%20teatro_3ciclo.pdf
- Brel, J., (1971). Monsieur Troll, Jacques Brel Parle du talent et de l'envie Avec sous titres. Consultado a 28 de janeiro 2020 em <https://www.youtube.com/watch?v=APOLXFq0nQ>
- Brook, P. (1993). *O Diabo é o aborrecimento. Conversas sobre teatro*. Edições Asa.
- Caldas, J., & Pacheco, N. (. (1999). *Teatro na Escola, A Nostalgia do Inefável*. Porto: Quinta Parede.
- Cañas, J. (1999). *Didáctica de la expresión dramática*. Barcelona: OCTAEDRO S.L.
- Clube UNESCO de Educação Artística. (s.d.). Obtido em 13 de março, 2019, <http://www.clubeunescoedart.pt>
- Constituição da República Portuguesa. (n.d.). Consultado a 25 agosto 2020 em <https://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/constituicaorepublikaportuguesa.aspx>
- Cook, C. (1917). *The play way*. London: Heinemann.
- Courtney, R. (2003). *Jogo, teatro e pensamento*. São Paulo: Perspectiva.
- Coutinho, C. (2011). Paradigmas, Metodologias e Métodos de Investigação. In *Metodologias de Investigação em Ciências Sociais e Humanas* (pp. 9-41). Almedina.

- Coutinho, C. P., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J., & Vieira, S. (2009). *Investigação-acção : metodologia preferencial nas práticas educativas*. Instituto Superior Politécnico Gaya.
- Cury, A. (2003). *Pais brilhantes, Professores fascinantes*. Pregaminho.
- Damásio, A. (n.d.). Criatividade: a representação das memórias. (M. Mazzilli, Interviewer, M. Waquil, & F. Settineri, Translators)
- Duarte, J.-F. J. (2001). *Por que arte-educação? (12ª ed.)*. Papyrus Editora.
- Eça, T. T. (2010). A Educação Artística e as Prioridades Educativas do Século XXI. *Revista Iberoamericana de Educação*, 52, pp. 127-146.
- Eisner, W. (1997). *Educating artistic vision*. [S.l.]: Stanford University.
- Esteves, M. (2006). Análise de Conteúdo. In J. Á. Lima, & J. A. Pacheco, *Fazer Investigação* (pp. 105-125). Porto Editora.
- Falcão, M. (2014) Teatro no currículo: avaliar o quê e para quê? Consultado a 12 de setembro 2020 em <https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/3561/1/Teatro%20no%20curr%C3%a%20culo.pdf>
- Faure, G., & Lascar, S. (2000). *O jogo dramático na escola primária*. Estampa.
- Fortuna, C. (2014). *Cultura, Formação e Cidadania*. Gabinete de Estratégia, Planeamento e Avaliações Culturais, Secretaria de Estado da Cultura.
- Grácio, R. R. (1966). *Educação estética e ensino escolar*. Publicações Europa-America.
- Guerra, M. (1991). *Activites dramatiques hypotheses pour la formation des enseignants au Portugal, Tese de mestrado em Estudos Teatrais*. Instituto de Estudos Teatrais da Universidade de Sorbonne – Paris III.
- Koudela, I. D. (n.d.). A ida ao teatro. Sistema Cultura é currículo. Consultado a 2 de maio, 2020 em <http://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/administracao/Anexos/Documentos/420090630140316A%20ida%20ao%20teatro.pdf>
- Laferrière, G. (1997a). *El artista pedagogo y el modelo de formación basado en la mezcla y el mestraje*. Ñaque.
- Laferrière, G. (1997b). *La pedagogía puesta en escena*. Ñaque.
- Laferrière, G. (1997c). *La dramatización como herramienta didáctica y pedagógica*. Ñaque.
- Lima, J., & Pacheco, J. (2006). *Fazer Investigação. Contributos Para a Elaboração de Dissertações e Teses*. Porto Editora.
- Martins, A. (2002). *Didática das Expressões*. Universidade Aberta.

- Mascaró, P. J. (2001). *Teatro - el arte en la enseñanza*. Ñaque.
- Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da investigação-Ação*. Porto Editora.
- Mendonça, A. (2006). A problemática do insucesso escolar: a escolaridade obrigatória no arquipélago da Madeira em finais do sec. XX (1994-2000). Consultado a 5 de agosto de 2019 em <https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/194>
- Ministério da Educação (2018). *Aprendizagens Essenciais - Ensino Básico*. Consultado a 18 de março 2019 em https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/1c_teatro.pdf
- Ministério da Educação (2001). *Curriculo Nacional do Ensino Básico*. Consultado a 20 de setembro de 2019 em <https://alvarovelho.net/attachments/article/39/LivroCompetenciasEssenciais.pdf>
- Ministério da Educação (2018) *Organização Curricular e programas*. Consultado a 20 de setembro de 2019 em <https://www.dge.mec.pt/ensino-basico>
- Ministério da Educação (2018). *Perfil do aluno à saída da escolaridade obrigatória*. Consultado a 22 de setembro de 2019 em https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf
- Navarro, A. (n.d.). *Teatro en la Educación, nuevos enfoques del teatro para el cambio*. Ñaque
- Navarro, R. (2007). Drama, creatividad y aprendizaje vivencial: algunas aportaciones del drama a la educación emocional. pg 165. Consultado a 6 de outubro de 2020 <http://institucional.us.es/revistas/cuestiones/18/10%20drama,%20creatividad.pdf>
- Nóvoa, A. (1989). A Expressão Dramática e a Formação de Professores. *Aprender*, pp. 9.
- Oliveira, F. M. (2003). *Teatralidades: 12 percursos pelo território do espectáculo*. Angelus Novus
- Pacheco, J., & Morgado, J. (2003). *Construção e avaliação do projeto curricular de escola*. Porto Editora.
- Pais, A. (2011). *Jogos de Ser e Crescer*. Edições ISPA.
- Peixinho, H., & João, M. (1998). EXPRESSÃO DRAMÁTICA: um contributo para a mudança na escola. *RETIA - Rede de Centros de Formação de Associação de Escolas*, pp. 8-10.
- Pino Juste, M. R. (2001). Teatro y exclusión social. *Revista Galega de Teatro*, 26 .
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (1995). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* Gradiva.
- Read, H. (1958). *A Educação Pela Arte*. Edições 70.

- Ribeiro, L. C., & Ribeiro, A. C. (1990). *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Universidade Aberta.
- Roldão, M. D. (2009). *Estratégias de Ensino: o saber e o agir do professor*. V.N. Fundação Manuel Leitão.
- Roldão, M. D., & Almeida, S. D. (n.d.). *Gestão Curricular para a autonomia das escolas e professores*. Consultado a 12 de janeiro, 2020 em https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/AFC/livro_gestao_curricular.pdf
- Rooyackers, P. (2002). *101 Jogos dramáticos: Aprendizagem e diversão com jogos de teatro e faz-de-conta*. ASA.
- Sánchez, A. (1983). *Estética y Marxismo*. ERA.
- Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação (2014), *Instrumento De Regulação Ético-Deontológica Carta Ética*. Consultado a 29 de Novembro de 2020 em <http://www.spce.org.pt/PDF/CARTAETICA.pdf>
- Sousa, A. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação, bases psicopedagógicas*. Instituto Piaget.
- Vianna, T., & Strazzacappa, M. (2012). Teatro na Educação: Reinventado mundos. In S. Ferreira, *O Ensino das Artes: construindo caminhos* (p. 115). Papyrus Editora.
- Vieira, M., & Rodrigues, P. (2011). *Manual de atividades teatrais*. AREArtística
- Vilelas, J. (2009). *Investigação – O Processo de Construção do Conhecimento*. Edições Sílabo, LDA.
- Vygotsky, L. S. (1987). *Thinking and speech* (N. Minick, Trans.). In R. W. Rieber & A. S. Carton (Eds.). Plenum Press. (Original publicado em 1934).
- Xavier, J. B. (2004). Relatório do Grupo de Trabalho do Ministério da Educação e do Ministério da Cultura. Consultado a 15 de dezembro, 2020 em http://www.pranet.esecs.ipleiria.pt/files/_relatoriogt_educacao_e_cultura_4
- Xavier, J. B. (2010). *Políticas para a Educação Artística e Cidadania Activa: que perspectivas?* Comunicação apresentada no Seminário Repensar a Cidadania a partir da Experiência Artística da companhia de Teatro. O Teatrão.
- Zabala, A. (1998). *A prática educativa: como ensinar*. Artmed.

8. ANEXOS

ANEXO A: ANÁLISE DOCUMENTAL.....	90
A.1 Tabela-síntese da legislação em vigor sobre o currículo do ensino básico	91
ANEXO B: NOTAS DE CAMPO	96
B.1 Turma do 5.º ano	97
B.2 Turma do 6.º ano	101
ANEXO C: PLANIFICAÇÕES.....	104
C.1 Planificação 5º e 6º ano	105
C.2. Planificação diária - 5.º ano.....	134
C.3 Planificações diárias 6.º ano	152
ANEXO D: QUESTIONÁRIOS.....	180
D.1 Alunos	181
D.2 Direcção	185
D.3 Comunidade Educativa	187
ANEXO E: RESULTADOS DOS GRÁFICOS.....	189
E.1. Grupo de Participantes.....	190
E.2. Questionário aos Alunos	191
E.3. Questionário aos órgãos de gestão.....	193
E.4. Questionário à comunidade educativa	193
E.5. Avaliação final	194
E.6. Estrutura de aula - programa	194
ANEXO F: ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	195
F.1 Alunos.....	196
F.2 Direcção.....	205
F.3 Comunidade Educativa.....	210
F.4 Avaliação global.....	213
ANEXO G: IDA AO TEATRO	225
G.1 Conversas de roda/ análise 5.º ano	226
G.2 Conversas de roda/ análise 6.º ano	232
ANEXO H: PROGRAMA	237
H.1 Um currículo baseado em aprendizagens essenciais e as áreas de competência do perfil do aluno	300
ANEXO I: REGISTOS FOTOGRÁFICOS	308
I.1 5.º ano	309
I.2 6.º ano	310

I.3 Festa Final - Espectáculo 311

ANEXO A
ANÁLISE DOCUMENTAL

A.1 Tabela-síntese da legislação em vigor sobre o currículo do ensino básico

Tabela-síntese	
Diário da República, 1.ª série — N.º 129 — 6 de julho de 2018	
Decreto -Lei n.º 55/2018, de 6 de julho	
A concretização destes propósitos, já inscritos na Lei de Bases do Sistema Educativo, aprovada pela Lei n.º 46/86, de 14 de outubro, na sua redação atual, tem vindo a ser garantida através de medidas de aplicação universal.	
(...) A realização de aprendizagens significativas e o desenvolvimento de competências mais complexas pressupõem tempo para a consolidação e uma gestão integrada do conhecimento, valorizando os saberes disciplinares, mas também o trabalho interdisciplinar, a diversificação de procedimentos e instrumentos de avaliação, a promoção de capacidades de pesquisa, relação, análise, o domínio de técnicas de exposição e argumentação, a capacidade de trabalhar cooperativamente e com autonomia.	
O presente decreto -lei foi objeto de consulta pública, em que participaram estabelecimentos de ensino públicos e privados, instituição do ensino superior, associações de professores, profissionais da comunidade educativa, ordens profissionais, Comissão Episcopal, Comité Olímpico, Confederação Nacional das Associações de Pais, associações de pais e encarregados de educação, federações sindicais e particulares em geral.	
Artigo 3.º Definições	b) «Aprendizagens Essenciais», o conjunto comum de conhecimentos a adquirir, identificados como os conteúdos de conhecimento disciplinar estruturado, indispensáveis, articulados conceptualmente, relevantes e significativos, bem como de capacidades e atitudes a desenvolver obrigatoriamente por todos os alunos em cada área disciplinar ou disciplina, tendo, em regra, por referência o ano de escolaridade ou de formação;
	c) «Autonomia e flexibilidade curricular», a faculdade conferida à escola para gerir o currículo dos ensinos básico e secundário, partindo das matrizes curriculares -base, assente na possibilidade de enriquecimento do currículo com os conhecimentos, capacidades e atitudes que contribuam para alcançar as competências previstas no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória;
	h) «Matrizes curriculares -base», o conjunto de componentes de currículo, áreas disciplinares e disciplinas, que integram os planos curriculares de âmbito nacional, por ciclo e ano de escolaridade ou por ciclo de formação, bem como a carga horária prevista para cada um deles, que serve de suporte ao desenvolvimento do currículo concretizado nos instrumentos de planeamento curricular, ao nível da escola e da turma ou grupo de alunos;
	m) Assunção da importância da natureza transdisciplinar das aprendizagens, da mobilização de literacias diversas, de múltiplas competências, teóricas e práticas, promovendo o conhecimento científico, a curiosidade intelectual, o espírito crítico e interventivo, a criatividade e o trabalho colaborativo;
	q) Assunção das artes, das ciências e tecnologias, do desporto e das humanidades como componentes estruturantes da matriz curricular das diversas ofertas educativas e formativas;

CAPÍTULO II Currículo dos ensinos básico e secundário		SECÇÃO I Conceção
Artigo 6.º Finalidade	1 — O currículo visa garantir que todos os alunos, independentemente da oferta educativa e formativa que frequentam, alcançam as competências definidas no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória	
	f) Enriquecimento do currículo com a dinamização da componente de Oferta Complementar, através da criação de novas disciplinas no ensino básico;	
	h) Acesso a diversos domínios da educação artística;	
	3 — Na concretização do previsto nas alíneas f) e h) do número anterior, as escolas recorrem à utilização de um conjunto de horas de crédito definidas no despacho previsto no n.º 3 do artigo 5.º	
Artigo 13.º Matrizes curriculares -base do ensino básico	1 — As matrizes curriculares -base das ofertas educativas do ensino básico, constantes dos anexos I a V ao presente decreto -lei, integram:	
	b) No 2.º ciclo, diferentes disciplinas agregadas em áreas disciplinares, privilegiando abordagens interdisciplinares potenciadas pela organização bidisciplinar dos grupos de recrutamento desse ciclo;	
Artigo 19.º Prioridades e opções curriculares estruturantes	7 — As matrizes curriculares -base do ensino básico geral incluem a componente de Complemento à Educação Artística, prevendo:	
	a) No 2.º ciclo, a possibilidade de oferta que visa a frequência, ao longo do ciclo, de outros domínios da área artística e cuja oferta é objeto de decisão da escola, bem como a sua organização, o tempo que lhe é destinado e as regras de frequência, privilegiando, para o efeito, os recursos humanos disponíveis;	
ANEXO II (a que se referem o n.º 1 do artigo 11.º e o n.º 1 do artigo 13.º)	Ensino básico geral 2.º ciclo	1 — Centrando -se nas áreas de competências consignadas no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, a escola, no contexto da sua comunidade educativa, estabelece prioridades no desenvolvimento do planeamento curricular, tomando opções que visam:
		a) A valorização das artes, das ciências, do desporto, das humanidades, das tecnologias de informação e comunicação, e do trabalho prático e experimental, bem como a integração das componentes de natureza regional e da comunidade local;
		Tomando por referência a matriz curricular -base e as opções relativas à autonomia e flexibilidade curricular, as escolas organizam o trabalho de integração e articulação curricular com vista ao desenvolvimento do Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória. As escolas organizam os

	tempos letivos na unidade que considerem mais adequada.		
Componentes de currículo (b)	5.º ano	6.º ano	Total de ciclo
Áreas disciplinares/Disciplinas:			
Línguas e Estudos Sociais	525	525	1050
Português			
Inglês			
História e Geografia de Portugal			
Cidadania e Desenvolvimento			
Matemática e Ciências	350	350	700
Matemática			
Ciências Naturais			
Educação Artística e Tecnológica	325	325	650
Educação Visual			
Educação Tecnológica			
Educação Musical			
Tecnologias de Informação e Comunicação			
Educação Física	150	150	300
Educação Moral e Religiosa (c)	(c)	(c)	
Total	1350	1350	2700
Oferta Complementar.....	(d)	(d)	
Apoio ao Estudo (e).....	100	100	200
Complemento à Educação Artística (f).....	100	100	200
<p>(d) Componente destinada à criação de nova(s) disciplina(s) para enriquecimento do currículo, através da utilização do conjunto de horas de crédito. Disciplina(s) de oferta facultativa, mas de frequência obrigatória quando exista(m).</p> <p>(f) Componente que possibilita a frequência de outros domínios da área artística, ao longo do ciclo, cuja oferta é objeto de decisão da escola, bem como a sua organização, o tempo que lhe é destinado e as regras de frequência, privilegiando, para o efeito, os recursos humanos disponíveis, através da utilização do conjunto de horas de crédito.</p>			
Diário da República, 1.ª série — N.º 149 — 3 de agosto de 2018			
Portaria n.º 223-A/2018			

Decreto-Lei n.º 55/2018 de 6 de julho	
Esta Portaria procede à regulamentação das ofertas educativas do ensino básico previstas no n.º 2 do artigo 7.º do Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho	
Artigo 3.º Definições	<p>Para efeitos de aplicação da presente portaria, e para além das definições constantes do artigo 3.º do Decreto -Lei n.º 55/2018, de 6 de julho, entende -se por:</p> <p>d) «Opções curriculares», as diferentes possibilidades de organização e gestão, à disposição da escola, a implementar de acordo com as prioridades por ela definidas, no contexto da sua comunidade educativa, decorrentes da apropriação do currículo e do exercício da sua autonomia, que permitem a consecução das áreas de competências do Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória;</p> <p>e) «Regime articulado», a frequência de um curso artístico especializado quando assegurado por duas escolas distintas;</p> <p>f) «Regime integrado», a frequência de um curso artístico especializado quando assegurado por um único estabelecimento de ensino;</p>
Artigo 8.º Gestão da carga horária inscrita nas matrizes curriculares -base	4 — Para efeitos de operacionalização do previsto nos n.os 2 e 3, considera -se componente de currículo o conjunto das disciplinas que se encontram agregadas na matriz curricular -base.
Artigo 9.º Matriz curricular de escola	<p>1 — No âmbito do planeamento curricular ao nível da escola e da turma, e considerando as decisões previstas no artigo anterior em sede de matriz curricular, no que respeita ao ensino básico geral, cabe também à escola decidir, em conformidade com o previsto no artigo 13.º do Decreto -Lei n.º 55/2018, de 6 de julho, a forma como se configuram na matriz, sempre que aplicável:</p> <p>(...)</p> <p>b) O Complemento à Educação Artística</p> <p>c) A Oferta Complementar.</p> <p>3 — A Oferta Complementar, quando objeto de decisão da escola, pode ser lecionada, consoante as suas características e a sua integração no currículo, em qualquer dos anos de escolaridade do ciclo em que se integra.</p> <p>4 — Os documentos curriculares das disciplinas criadas no âmbito de Oferta Complementar são aprovados pelo conselho pedagógico.</p> <p>6 — No quadro da definição da matriz curricular de escola ou da turma, cabe ainda à escola decidir sobre a implementação:</p> <p>a) Das opções curriculares adequadas ao seu projeto educativo, considerando, entre outras, as previstas no n.º 2 do artigo 19.º do referido decreto -lei;</p>
Artigo 10.º Domínios de autonomia curricular	2 — O trabalho em DAC tem por base as Aprendizagens Essenciais com vista ao desenvolvimento das áreas de competências inscritas no Perfil dos Alunos à Saída da

	Escolaridade Obrigatória.
	3 — Os DAC, numa interseção de aprendizagens de diferentes disciplinas, exploram percursos pedagógico- -didáticos, em que se privilegia o trabalho prático e ou experimental e o desenvolvimento das capacidades de pesquisa, relação e análise

ANEXO B
NOTAS DE CAMPO

B.1 Turma do 5.º ano

Notas de campo			
Projeto de Intervenção: Teatro no 2.º ciclo			
Contexto da intervenção: Colégio da rede privada – Alunos do 5.º e 6.º ano			
Mestranda/formadora: Rita Miranda			
Ano lectivo 2018/2019	Turma: 5.º ano	Horário da aula: 8.20h	Local: Ginásio grande
1.º Período			
Data	Observação Relatos dos alunos (A)		
21 / 09 / 18	Entrada calma, os alunos tiraram os sapatos e formaram a roda. No aquecimento, notam-se algumas dificuldades por parte dos alunos na gestão relacional entre géneros. Durante as atividades, os alunos estão focados no objetivo, mas no final de cada exercício e antes de iniciar o seguinte, volta a agitação e conversa entre os alunos.		
	No aquecimento: A3 “Acho que preciso estar mais concentrado e ser mais rápido a entrar na aula”		
	No aquecimento, quando foi pedido para olhar e abraçar: A5 “Não quero fazer com as raparigas”		
	A10 “Estou a divertir-me”		
28 / 09 / 18	Sobre o relaxamento: A15 “Senti-me a flutuar”		
	No aquecimento, mantêm-se as dificuldades por parte dos alunos na gestão relacional entre géneros. A repetição dos exercícios fez com que os alunos se mostrassem mais confiantes no que estavam a fazer.		
	A18 “Mas porque é que temos de tocar nas raparigas?”		
12 / 10 / 18	Sobre o exercício: A13 “Este já fizemos”		
	Os alunos entraram na sala em fila e antes de entrar fizeram uma respiração profunda, a pedido da professora. Este momento de entrada foi mais demorado, mas o efeito de manter a calma e a concentração foram atingidos. mantêm-se as dificuldades por parte dos alunos na gestão relacional entre géneros.		
	A10 “Nesta aula descobri que sei trabalhar em equipa”		
	A14 “Esta aula foi divertida”		
	A12 “Não gostei de fazer pares”		
	A11 “Nesta aula descobri que não se deve ter nojo dos rapazes, mas não gostei muito de andar colada um rapaz”		
	A15 “Nesta aula consegui perceber que trabalhar com rapazes não é mau”		
	A18 “Não gostei de fazer o trabalho com raparigas”		
	A16 “Nesta aula consegui resolver os meus problemas para realizar os exercícios, mas não consigo trabalhar com uma pessoa de que não gosto”		
19 / 10 / 18	A7 “Não gostei que a S. seja infantil por ficar com um rapaz”		
	A5 “Trabalhar com um par foi divertido, não temos de trabalhar só com um amigo que nós gostamos mais”		
	A1 “Não é assim tão mau estar ao pé de rapazes”		
19 / 10 / 18	A aula iniciou normalmente. Depois de feito o aquecimento, quando os alunos viram as bolas, ficaram mais agitados e quiseram “jogar” com as bolas que iam ser usadas para o exercício seguinte. Foi necessário um retorno à calma para conseguir explicar o exercício. Neste exercício, alguns alunos sentiram-se muito à vontade, já outros mais atrapalhados, mas o trabalho em grupo resultou muito bem.		

	A3 "Gostei desta aula, porque rimos e divertimo-nos"
	A10 "Percebi que que temos de estar atentos para dar a contracena ao colega"
25 / 10 / 18	Primeira abordagem ao tema do que será a festa de natal, os alunos responderam de forma positiva á proposta de apresentação.
	A12 "Eu gostei de fingir ser outra pessoa"
	A6 "Acho que devo melhorar o meu empenho"
2 / 11 / 18	A aula foi bastante interessante, os alunos conseguiram entender o que se pretendia com o exercício e exploraram o corpo e as atitudes de animal e fizeram a relação dessas características para a forma humana.
	A15 "Gostei de representar"
	A13 " Gostei de representar o animal que depois passou para o homem, porque gosto de representar coisas ou animais"
	A16 "Gostei de fazer a dramatização"
	A3 "Fazer de animal deu-me mais inspiração"
9 / 11 / 18	Os alunos mostraram especial entusiasmo com o exercício "O Assalto".
	A8 "Gostei quando tínhamos de fingir que havia armadilhas no chão, a aula foi um bocado aborrecida na 1ª fase"
	A6 "A atividade que mais gostei foi a dos ladrões, a aula foi louca"
	A17 " A parte que mais gostei foi da parte da mímica, que é conseguirmos comunicar com uma pessoa através de gestos."
	A5 "Foi divertido e engraçado. Gostei muito desta aula."
16 / 11 / 18	Não houve aula devido a uma visita de estudo.
23 / 11 / 18	Durante o jogo do vírus os alunos estiveram muito interessados e perceberam que era importante que o grupo agisse em conjunto para o sucesso de todos.
	A4 "Gostei do jogo do vírus"
	A10 "Aprendi que temos de nos acalmar para não estragar o jogo"
	A2 "Trabalho de equipa"
30 / 11 / 18	Demos inicio aos ensaios para a festa de Natal, os alunos responderam de forma positiva á proposta de apresentação.
	A3 "Gostei de me preparar para a festa de Natal"
	A15 "Gostei de me imaginar no circo"
	A17 "Gosto de representar"
	A18 "Não gosto de participar na festa"

Notas de campo

Projeto de Intervenção: Teatro no 2.º ciclo			
Contexto da intervenção: Colégio da rede privada – Alunos do 5.º e 6.º ano			
Mestranda/formadora: Rita Miranda			
Ano lectivo 2018/2019	Turma: 5.º ano	Horário da aula: 8.20h	Local: Ginásio grande
2.º Período			
Data	Observação Relatos dos alunos (A)		
4 / 1 / 19	A aula decorreu com normalidade, os alunos participaram e não sentiram qualquer dificuldade na realização deste exercício. Não foi possível realizar o relaxamento final.		
	A2 "Gostei da representação"		
	A6 "Gostei da parte da dramatização, porque eu gosto de fazer peças de teatro"		
	A7 "Gosto de robots, e acho que preciso melhorar na apresentação do teatro para os colegas"		
	A10 "Eu gostei mas da dramatização porque senti-me dentro da personagem"		

	A13 “Gostei quando tivemos de apresentar uma peça quando estávamos bem preparados. Nas próximas aulas acho que devo melhorar a forma como realizo a peça, sem vergonha”
	A15 “Gostei muito da aula, e de fazermos teatro”
	A16 “Gostei mas da improvisação porque me faz pensar mais rapidamente”
	A18 “Fizemos uma dramatização”
11 / 1 / 19	Esta aula foi muito interessante, os alunos mostraram grande à vontade no decorrer da atividade. Este tipo de exercício é, normalmente, o mais apreciado entre os alunos, pela possibilidade de “entrar” no mundo mágico do “faz de conta”. Não foi possível realizar o relaxamento final.
	A2 “Gostei de ler a noticia, e percebi que tenho de ler melhor”
	A6 “Gostei mais da parte de escrever a noticia, gostei de ver as apresentações e acho que devo melhorar os meus movimentos”
	A8 “Fazer a notícia, porque me fez pensar. Acho que a notícia que eu fiz foi gira. Acho que devo melhorar a participação”
	A9 “Gosto de fazer as apresentações”
	A13 “Gostei da parte do aquecimento e gostei de sugerir uma coisa”
	A1 “Gostei da atividade da notícia, porque foi a pares”
18 / 1 / 19	Os alunos foram bastante participativos na conversa de roda, foi necessário chamar à atenção d V que estava constantemente a perturbar e a contestar as respostas dos colegas.
	A6 “Gostei de ouvir sobre O Príncipe Nabo, percebi que os figurinos são as roupas que os atores usam”
	A5 “Gostei de estarmos todos a conversar”
	A16 “Gostei de dar a minha opinião, por ter liberdade de dizer o que achava”
	A18 “Achei que a peça que fomos ver foi interessante”
	A13 “Eu gostei de partilhar as minhas ideias”
	A15 “Não gostei desta aula, porque só estivemos a falar”
	A8 “Começamos a dialogar sobre a peça e eu senti um sentimento feliz, pois expressei o que senti!
25 / 1 / 19	O primeiro contacto com o texto dramático correu bem, os alunos aderiram facilmente. O texto era muito extenso, o que causou alguma saturação nos alunos.
	A5 “Eu gostei muito de treinar a peça de teatro com o texto.”
	A8 “Nesta aula senti-me triste porque disseram que não gostavam de mim”
	A6 “Eu não gostei de ensaiar para a peça de teatro sobre o texto dramático, porque não consegui ensaiar tudo, mas gostei do aquecimento e da dança coletiva, porque eu e o meu colega começamos a girar”
	A14 “Já tenho dito isto, adoro as aulas de teatro só acho que são poucas”
	A16 “Fizemos o aquecimento e nesse momento senti-me livre. Também gostei de ler o guião, porque gosto de teatro”
1 / 2 / 19	Continua a ser visível algum desconforto na relação rapazes/raparigas, mas aos poucos vão cooperando mais nas atividades (aquecimento) e os próprios alunos percebem isso como uma melhoria. Não houve tempo para conversar com os alunos sobre as apresentações, mas estavam visivelmente entusiasmados com as apresentações.
	A17 “ Gosto de representar”
	A13 “No aquecimento, quando nos cruzávamos com alguém tínhamos de dar um abraço, eu achei engraçado porque parecia que estávamos num mundo em que só havia amigos e acho que fiz bem. Depois apresentamos a peça que treinámos durante a semana. Eu acho que eu e o meu grupo estivemos bem e representámos a coisas muito bem, só acho que devo fazer mais movimentos”
	A3 “As minhas amigas estavam chateadas comigo, e isso deixou-me triste. Por isso não consegui fazer bem a aula.”
	A12 “Eu gostei muito da parte dos cumprimentos e de ver os outros a fazer teatro,

	esta para mim foi a melhor parte aula de todas”
	A6 “Eu gostei do aquecimento e cumprimentei muita gente, incluindo rapazes e raparigas, porque não me importo com isso. Gostei de fazer a dramatização, porque eram 7 rapazes e todos faziam alguma coisa”
	A18 “Ao fazer a apresentação eu senti vergonha porque estava numa cama. Mas também achei engraçado.
8 / 2 / 19	A aula decorreu normalmente, os alunos mostraram interesse pela atividade.
	A8 “A parte que mais gostei foi quando representamos outra pessoa, porque não éramos nós”
	A15 “Gostei de representar, mas tive vergonha”
	A16 “Adoro Teatro e vou esforçar-me”
15 / 2 / 19	Alguma agitação inicial. A aula decorreu com normalidade e todos os alunos cooperaram.
	A9 “Senti alegria e confiança, devo melhorar o facto de falar baixo”
	A10 “Apresentamos o teatro e eu senti-me nervosa, mas também contente dentro da minha personagem. Adorei esta aula”
22 / 2 / 19	Esta aula de teatro de sombras foi muito interessante, os alunos mostraram boa disposição e vontade de experimentar. Este tipo de exercício é, normalmente, o mais apreciado entre os formandos, pela descontração e boa disposição resultantes e, essencialmente, pela possibilidade de “entrar” no mundo mágico do “faz de conta”. Teatro de sombras
	A5 “Eu gostei muito da aula, porque podíamos criar coisas através das luzes que estavam atrás do pano. Também gostei de ver as apresentações dos meus colegas.”
	A13 “Senti-me um bocadinho atrapalhado porque não sabia o que fazer. Eu gostei, foi uma coisa que achei engraçado e estranho, não sabia que isto acontecia.”
	A6 “Eu gostei muito de experimentar o teatro de sombras e fazer um teatro, porque qualquer objeto faz uma grande diferença e era possível fazer o que quiséssemos. Depende da criatividade”
	A14 “Gosto sempre do aquecimento porque me sinto livre.”
	A15 “Foi muito bonito”
	A16 “Achei estranho a forma como apenas com sombra e sem palavras conseguimos contar uma história”
	A17 “Quando estamos mais perto da luz maior ficamos e mais longe ficamos mais pequenos. Quando estava a representar senti-me estranho. Gostei mais de ver os outros a representar, porque faziam coisas engraçadas.”
1 / 3 / 19	Festejos de Carnaval – Não houve aula
8 / 3 / 19	A planificação sofreu alterações, devido à entrada de uma aluna nova na turma. Revelou-se mais importante para o grupo e para a aula que se realizassem jogos de ice-breaking e relação com o grupo.
	A12 “Eu tenho melhorado muito na minha timidez, porque tenho-me sentido mais segura comigo mesma. Hoje na aula de teatro, inventei uma personagem e apresentei em frente à turma sem medos.”
	A14 “Gostei do exercício do olhar, pois aprendi que podemos dizer muito com o nosso olhar. Gostaria de ter mais aulas de teatro”

B.2 Turma do 6.º ano

Notas de campo			
Projeto de Intervenção: Teatro no 2.º ciclo			
Contexto da intervenção: Colégio da rede privada – Alunos do 5.º e 6.º ano			
Mestranda/formadora: Rita Miranda			
Ano lectivo 2018/2019	Turma: 6.º ano	Horário da aula: 9.20h	Local: Ginásio grande
Data	Observação Relatos dos alunos (B)		
21 / 09 / 18	Alguma agitação no início da sessão, desde momento de entrada até formarem a roda. No aquecimento, notam-se algumas dificuldades por parte dos alunos na gestão relacional entre géneros. Durante as atividades, os alunos estão focados no objetivo, mas no final de cada exercício e antes de iniciar o seguinte, volta a agitação e conversa entre os alunos.		
	B3 “Gostei da aula”		
	B8”Gosto mais dos jogos”		
12 / 10 / 18	Os objectivos foram alcançados na medida em que os alunos conseguiram reflectir sobre a actividade e entender a função/ dinâmica de grupo.		
	B4 “Esta aula foi divertida”		
	B13 “Nesta aula, descobri o que pode fazer em conjunto”		
	B14 “Descobri como trabalhar bem em equipa”		
25/ 10/ 18	O tempo de aula começa a revelar-se insuficiente. 50 min de aula de teatro é muito pouco para a exploração das atividades convenientemente.		
	B5 “Acho que esta aula me ajudou a interpretar algo que não sou”		
	B14 “Nesta aula, consegui fazer uma personagem		
	B13 “Nesta aula, consegui representar melhor.”		
	B8 “Nas próximas aulas preciso melhorar a minha personagem”		
	B4 “Nas próximas aulas tenho de melhorar a concentração”		
2 / 11 / 18	A atividade foi bem conseguida		
	B3 “Tenho de me sentir mais confiante na apresentação, mas gostei muito desta aula, porque ajudou-me a melhorar a minha interpretação teatral”		
	B9 “Gostei mais de transformar o animal em pessoa porque é divertido ver um “animal numa pessoa”		
	B13 “Nas próximas aulas devo melhorar a minha representação.”		
	B12 “O que gostei mais foi de planear o teatro porque tive de trabalhar em equipa”		
	B6 “Na próxima aula tenho de melhorar o comportamento e não comentar o erro do colega”		
9 / 11 / 18			
	B6 “Foi uma aula divertida em que aprendemos a respeitar uns aos outros e que aprendemos diversas coisas como a mímica. Mímica, é o ato em que temos de dramatizar sem reproduzir som”		
	B3 “Devo melhorar a minha interpretação de outras pessoas”		
	B4 “é a melhor aula do mundo”		
23 / 11 / 18	Neste jogo o conflito foi mínimo. Cooperaram uns com os outros e á medida que o jogo avançava, conseguiam resolver individual e em grupo, as suas frustrações ao “perder”. Dois alunos participam menos, principalmente no início da actividade, talvez por falta de vontade ou não se quererem expor e ficar ao “nível” dos outros, deixavam-se ficar sentados sem cooperar com o grupo. Apontar situações de stress e fazer um paralelismo do jogo para a relação que tem tido nos recreios.		
	B12 “Gostei do jogo do vírus, porque tivemos de trabalhar em equipa.”		
	B4 “Nas próximas aulas devo acalmar os nervos e confiar nas outras pessoas. Eu gostei do jogo do vírus porque me ajudou a perder os nervos”		
	B1 “Devo melhorar quando trabalho em grupo”		
	B3 “Gostei de jogar o jogo do vírus pois uniu-nos mais”		

	B7 “Nas próximas aulas devo participar”
	B14 “Devo ser menos stressado”

Notas de campo			
Projeto de Intervenção: Teatro no 2.º ciclo			
Contexto da intervenção: Colégio da rede privada – Alunos do 5.º e 6.º ano			
Mestranda/formadora: Rita Miranda			
Ano lectivo 2018/2019	Turma: 6.º ano	Horário da aula: 9.20h	Local: Ginásio grande
Data	Observação Relatos dos alunos (B)		
04 / 01 / 19	Os objectivos foram alcançados na medida em que os alunos conseguiram reflectir sobre a actividade e entender a função/ dinâmica de grupo. Não foi possível realizar o relaxamento final.		
	B3 “Gostei da parte em que trabalhámos em grupo”		
	B5 “O que mais gostei foi a dramatização. Eu tenho uma sorte muito grande que é ter a melhor professora de teatro do mundo”		
	B6 “Esta aula ajudou-nos a dar-nos bem”		
	B8 “Tenho de melhorar a projetar a voz”		
	B10 “Gostei de trabalhar em grupo”		
	B11 “Gostei de apresentar o teatro que fiz, porque achei entusiasmante”		
11 / 01 / 19	Soltaram-se bastante no aquecimento. A atividade foi bem aceite pelos alunos. A Escolha do par de trabalho foi feita por eles.		
	B6 “Estas aulas são divertidas e ajudam a trabalhar o cérebro. Gostei de representar a notícia que nos calhou, pois interpretamos conforme os acontecimentos.”		
	B3 “Tenho de melhorar a minha representação, como sempre”		
	B11 “Achei divertida a atividade da notícia”		
	B10 “Gostei do aquecimento e da dança louca”		
01 / 02 / 19	A aula decorreu conforme o planificado. Mostraram muito entusiasmo no jogo da marmelada. Quiseram repetir.		
	B3 “Gostei muito do jogo da Marmelada. Senti que evolui, quando fiquei sempre sério e concentrado no teatro e na dramatização.”		
	B5 “Nesta aula não gostei que do comportamento do K, pois ele recusou-se a fazer uma atividade.”		
	B13 “No aquecimento, eu gostei de imitar os outros, mas não gostei de fazer movimentos para os outros me imitarem. Também gostei de fazer a improvisação, foi giro”		
08/ 02/ 19	A conversa de roda correu bem, mas com alguma agitação inicial. Os momentos mais apreciados pelos alunos estão relacionados com momentos que envolvem as personagens principais e relação entre ambas. A maioria dos alunos reconhece as personagens e identifica-as pelos nomes, apesar de ainda não terem lido a obra na totalidade na disciplina de Português.		
	B13 “Foi difícil lembrar-me de tudo”		
	B5 “Gostei de conversarmos sobre a atividade”		
	B10 “Acho que me portei bem no teatro e na aula”		
15 / 02 / 19	A atividade foi bem conseguida, os grupos foram escolhidos pelos alunos. Houve um grupo que preferiu experimentar teatro de sombras.		
	B8 “Escolhemos um episódio do Ulisses para dramatizar”		
	B6 “Gostei de construir um guião do meu episódio preferido do livro do Ulisses”		
22 / 02 / 19	Nota-se algum aborrecimento nos alunos em terem ensaiar e não poderem apresentar no imediato. É importante reforçar a ideia de que a repetição é		

	necessária para fazerem cada vez melhor. O grupo do teatro de sombras esteve um pouco perdido e eu não consegui dar muito pois estavam na sala de desenho a trabalhar enquanto o grande grupo estava no ginásio.
	B6 “Gostei da aula pois foi uma aula onde pude desenvolver a dramatização e ajudou-me a evoluir o lado académico e social”
	B3 “Gostei quando a professora nos avaliou para melhorarmos. Percebi que devo melhorar o meu tom e som de voz na dramatização. Gostei de melhorar a minha dramatização”
	B7 “O meu grupo fez teatro de sombras, não tivemos tempo para fazer tudo”
01 / 03 / 19	A planificação teve de ser alterada. Aproveitando o facto dos alunos estarem mascarados de personagens para o Carnaval, e também por estarem muito agitados devido ao mesmo. Foi pedido que fizessem improvisações orientadas e tirando partido das fantasias que estavam a usar.
	B6 “Gostei da aula, porque foi uma aula diferente com a temática do carnaval em conjunto com a improvisação”
	B5 “Eu gostei da improvisação, pois eu gosto de improvisar”
	B9 “Fizemos uma improvisação em que estávamos num autocarro ou numa jangada, eu não gostei muito pois não sabia onde intervir”
	B10 “Nas próximas aulas vou ter menos vergonha”
	B15 “Gostei das apresentações porque foram engraçadas”
08 / 03 / 19	Ensaio geral para as apresentações dos trabalhos em articulação com a disciplina de Português e Teatro.
	B3 “Adorei a aula e gostei de ver a evolução do David”
	B11 “Não conseguimos terminar por causa do tempo e de não termos material”
	B12 “Ensaio”
29/03/19	Apresentação dos trabalhos. A professora Regina de português, também assistiu às apresentações. Os alunos estavam ansiosos mas mostraram-se muito responsáveis durante as apresentações. Divertiram-se e aprenderam.
	B11 “Eu gostei desta aula pois diverti-me a fazer um teatro de sombras”
	B15 “Senti-me nervoso”
	B6 “A nossa apresentação correu muito bem e gostei de ver as apresentações dos colegas”
	B8 “Hoje foram as apresentações de teatro. Eu acho que falei mais alto e representei bem a personagem. Senti-me bem a fazer o teatro”
	B5 “Gostei das dramatizações e aprendi que mesmo errando temos de continuar”

Notas de campo

Projeto de Intervenção: Teatro no 2.º ciclo			
Contexto da intervenção: Colégio da rede privada – Alunos do 5.º e 6.º ano			
Mestranda/formadora: Rita Miranda			
Ano lectivo 2018/2019	Turma: 6.º ano	Horário da aula: 9.20h	Local: Ginásio grande
Data	Observação Relatos dos alunos (B)		
3.º Período	Ensaio para a festa de final de ano.		
	B6 “Gostei da aula pois interpretei a personagem que vou representar na festa de final de ano.		
	B11 “Gostei de fingir a personagem de festa de final de ano.”		
	B3 “Devo sair mais de mim e entrar na personagem”		

**ANEXO C
PLANIFICAÇÕES**

C.1 Planificação 5º e 6º ano

C.1.1 Planificação diária 1- 5.º ano e 6.º ano

PLANIFICAÇÃO DIÁRIA					
CPR		Turma: 5.º 6.º ano		2.º CEB	
APRENDIZAGENS ESSENCIAIS <ul style="list-style-type: none"> • Experimentar e explorar diferentes possibilidades motoras e expressivas do corpo em diferentes atividades. • Construir personagens, em situações distintas e com diferentes finalidades. 				Aula nº 1	21 / 09 / 18
COMPETÊNCIAS ORIENTADORAS PARA O PERFIL DO ALUNO A Linguagens e textos; C Raciocínio e resolução de problemas; D Pensamento crítico e pensamento criativo; E Relacionamento interpessoal; F Desenvolvimento pessoal e autonomia; H Sensibilidade estética e artística; J Consciência e domínio do corpo				Duração 50 min.	
Domínios	Conteúdos	Atividades	Recursos	Avaliação	
				Modalidades/ Instrumentos	Indicadores
APROPRIAÇÃO E REFLEXÃO EXPERIMENTAÇÃO E CRIAÇÃO	Contacto e Grupo Espaço	<u>Início de sessão</u> Em roda, conversa com os alunos sobre como se sentem ou se encontram energeticamente. De 1 a 5 como se sentem naquele momento. <u>AQUECIMENTO</u>	Sala ampla e vazia Rádio com música ambiente	•Observação direta e feedback do professor •Auto-avaliação	O/a aluno/a • Segue as orientações de forma a realizar a atividade de forma adequada

		<p>Em roda, aquecer as articulações fazendo rotações no pescoço, dos ombros, cotovelos, pulsos, ancas, joelhos e tornozelos.</p> <p>Interagir com o grupo – Andar pelo espaço de forma relaxada, tomando consciência do movimento que tem ao andar.</p> <p>Depois o professor dá a indicação de que quando se cruzarem com um colega os alunos deverão:</p> <p>-parar e colocar-se frente a frente, olhando nos olhos um do outro (olham-se por uns segundos e depois continuam a andar pelo espaço).</p> <p><u>DESENVOLVIMENTO</u></p> <p>Fotografia de família – Os alunos andam pelo espaço e ao sinal do professor devem colocar-se todos juntos e colocar-se em estátua para tirar uma fotografia de família. Antes de “tirar a fotografia” o professor dá sugestões de ambientes e sensações para que os alunos mimem a situação comum ao grupo. (ideias como: estão cheio de frios, cheios de calor, com medo, a rir, a chorar, com vontade de ir ao wc...)</p>	(quando necessário)	•Hetero-avaliação	<ul style="list-style-type: none"> •Explora as possibilidades expressivas do seu corpo no espaço •Socializa com o grupo através dos jogos e exercícios propostos •Desenvolve a capacidade da improvisação, assim como da criatividade na expressão
		<p><u>RELAXAMENTO</u></p> <p>Tensão / Relaxamento – Com a indicação do professor, metade da turma deita-se no chão, comprimindo todos os músculos, sentindo-se em tensão. Os alunos que estão em pé, vão ajudando os colegas a relaxarem algumas partes do corpo até que fiquem completamente em descontração, deitada no chão com a coluna direita.</p> <p>Trocam quando a música termina.</p>			<ul style="list-style-type: none"> •Desenvolve técnicas de construção de personagem e contracena

Fecho de sessão

No final, em roda, podem partilhar o que sentiram ao longo da sessão.

De novo, de 1 a 5 quanto, a quanto se encontram.

C.1.2 Planificação diária 2- 5.º ano e 6.º ano

PLANIFICAÇÃO DIÁRIA					
CPR		Turma: 5.º 6.º ano		2.º CEB	
APRENDIZAGENS ESSENCIAIS <ul style="list-style-type: none"> • Experimentar e explorar diferentes possibilidades motoras e expressivas do corpo em diferentes atividades. • Construir personagens, em situações distintas e com diferentes finalidades • Produzir, sozinho e em grupo, pequenas cenas a partir de dados reais ou fictícios, através de processos espontâneos e/ou preparados, antecipando e explorando intencionalmente formas de “entrada”, de progressão na ação e de “saída” 				Aula nº 2	28 / 09 / 18
COMPETENCIAS ORIENTADORAS PARA O PERFIL DO ALUNO A Linguagens e textos; C Raciocínio e resolução de problemas; D Pensamento crítico e pensamento criativo; E Relacionamento interpessoal; F Desenvolvimento pessoal e autonomia; H Sensibilidade estética e artística; J Consciência e domínio do corpo				Duração 50 min.	
Domínios	Conteúdos	Atividades	Recursos	Avaliação	
				Modalidades/ Instrumentos	Indicadores
Apropriação e Reflexão Interpretação e Comunicação	<ul style="list-style-type: none"> • Corpo e Movimento • Improvisação e Técnica teatral 	<u>Início de sessão</u> Em roda, conversa com os alunos sobre como se sentem ou se encontram energeticamente. De 1 a 5 como se sentem naquele momento. <u>AQUECIMENTO</u> Em roda, aquecer as articulações fazendo rotações no pescoço, dos ombros, cotovelos, pulsos, ancas, joelhos e tornozelos. Interagir com o grupo – Andar pelo espaço de forma relaxada, tomando consciência do movimento que tem ao andar. Depois o professor dá a indicação de que quando se cruzarem com um colega os alunos deverão: -parar e colocar-se frente a frente, olhando nos olhos um do	Sala ampla e vazia Rádio com	•Observação direta e feedback do professor •Auto-avaliação •Hetero-avaliação	O/a aluno/a • Segue as orientações de forma a realizar a atividade •Socializa com o grupo através dos exercícios propostos •Defende

		<p>outro (olham-se por uns segundos e depois continuam a andar pelo espaço);</p> <p>- apertar a mão colega, mantendo o contacto visual (Cumprimentam-se por uns segundos e depois continuam a andar pelo espaço);</p> <p>- abraçar o colega , (abraçam-se por uns segundos e depois continuam a andar pelo espaço).</p> <p><u>DESENVOLVIMENTO</u></p> <p>Fotografia de família – Os alunos andam pelo espaço e ao sinal do professor devem colocar-se todos juntos e colocar-se em estátua para tirar uma fotografia de família. Antes de “tirar a fotografia” o professor dá sugestões de ambientes e sensações para que os alunos mimem a situação comum ao grupo. (ideias como: estão cheio de frios, cheios de calor, com medo, a rir, a chorar, com vontade de ir ao wc...)</p> <p>Improvisação curta – A partir da sugestão de uma fotografia, o professor pede aos alunos que improvisem o que aconteceu depois da fotografia ter sido tirada.</p>	<p>música ambiente (quando necessário)</p> <p>Adereços que possam contribuir para a criação do ambiente desejado.</p>		<p>uma opinião estruturada</p>
		<p><u>Fecho de sessão</u></p> <p>No final, em roda, podem partilhar o que sentiram ao longo da sessão.</p> <p>De novo, de 1 a 5 quanto, a quanto se encontram.</p> <p>Pede-se aos alunos que digam uma palavra sobre a aula (de preferência, uma palavra do teatro).</p>			

C.1.3 Planificação diária 3 - 5.º ano e 6.º ano

PLANIFICAÇÃO DIÁRIA					
CPR		Turma: 5.º 6.º ano		2.º CEB	
APRENDIZAGENS ESSENCIAIS				Aula nº 3	12 / 10 / 18
<ul style="list-style-type: none"> • Experimentar e explorar diferentes possibilidades motoras e expressivas do corpo em diferentes atividades. 					
COMPETENCIAS ORIENTADORAS PARA O PERFIL DO ALUNO				Duração	50 min.
<p>A Linguagens e textos; C Raciocínio e resolução de problemas; D Pensamento crítico e pensamento criativo; E Relacionamento interpessoal; F Desenvolvimento pessoal e autonomia; H Sensibilidade estética e artística; J Consciência e domínio do corpo</p>					
Domínios	Conteúdos	Atividades	Recursos	Avaliação	
				Modalidades/ Instrumentos	Indicadores
<p>Apropriação e Reflexão</p> <p>Interpretação e Comunicação</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Corpo e Movimento • Improvisação e Técnica teatral 	<p><u>Início de sessão</u></p> <p>Em roda, conversa com os alunos sobre como se sentem ou se encontram energeticamente. De 1 a 5 como se sentem naquele momento.</p> <p><u>AQUECIMENTO</u></p> <p>Em roda, aquecer as articulações fazendo rotações no pescoço, dos ombros, cotovelos, pulsos, ancas, joelhos e tornozelos.</p> <p>Zip – Em roda, transmissão da palma/ impulso para o colega do lado de forma sequencial. Juntar o vocalizo “Zip”.</p>	<p>Sala ampla e vazia</p> <p>Rádio com</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Observação direta e feedback do professor • Auto-avaliação • Hetero-avaliação 	<p>O/a aluno/a</p> <ul style="list-style-type: none"> • Segue as orientações de forma a realizar a atividade • Socializa com o grupo através dos exercícios propostos • Defende

		<p>Zip, Zap, Zop – o impulso é agora enviado para qualquer membro do grupo, respeitando o ciclo de vocalizações “Zip – Zap - Zop” Zip – passa a palma para o lado; Zap inverte o sentido na roda; Zop – passa para outro colega aleatoriamente.</p> <p><u>DESENVOLVIMENTO</u></p> <p>Monstros de duas cabeças – Dois a dois, os alunos irão formar uma personagem de duas cabeças. Juntando os corpos lado a lado, com os braços entrelaçados, deverão realizar pequenas tarefas (andar, sentar, varrer, chamar o autocarro, marcar um número no telemóvel, telefonar, etc...).</p> <p>Depois de explorarem as várias possibilidades do gesto, os alunos devem arranjar uma forma de falar, sendo que têm duas bocas.</p> <p>Prolongamento – é dado aos alunos uma fita (trapilho) para coloquem à volta da cintura utilizando as mãos que estão disponíveis, e em conjunto, dar um nó na fita à volta da cintura.</p> <p>Dramatização – Os alunos em pequenos grupos deverão preparar uma curta apresentação de um dia na vida destes seres de duas cabeças.</p> <p><u>RETROACÇÃO</u></p> <p>Conversa com os alunos sobre as dificuldades da actividade.</p>	<p>música ambiente (quando necessário)</p> <p>Trapilho</p>		<p>uma opinião estruturada</p>
--	--	---	--	--	--------------------------------

		<p><u>Fecho de sessão</u></p> <p>No final, em roda, podem partilhar o que sentiram ao longo da sessão.</p> <p>De novo, de 1 a 5 quanto, a quanto se encontram.</p> <p>Pede-se aos alunos que digam uma palavra sobre a aula (de preferência, uma palavra do teatro).</p>			
--	--	--	--	--	--

C.1.4 Planificação diária 4 - 5.º ano e 6.º ano

PLANIFICAÇÃO DIÁRIA					
CPR		Turma: 5.º 6.º ano		2.º CEB	
<p>APRENDIZAGENS ESSENCIAIS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Experimentar e explorar diferentes possibilidades motoras e expressivas do corpo em diferentes atividades. • Distinguir, pela experimentação e pela reflexão, jogo dramático, improvisação e representação; 				Aula nº 4	19 / 10 / 18
<p>COMPETENCIAS ORIENTADORAS PARA O PERFIL DO ALUNO</p> <p>A Linguagens e textos; C Raciocínio e resolução de problemas; D Pensamento crítico e pensamento criativo; E Relacionamento interpessoal; F Desenvolvimento pessoal e autonomia; H Sensibilidade estética e artística; J Consciência e domínio do corpo</p>				Duração	50 min.
Domínios	Conteúdos	Atividades	Recursos	Avaliação	
				Modalidades/ Instrumentos	Indicadores
<p>Apropriação e Reflexão</p> <p>Interpretação e Comunicação</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Contacto e Grupo • Espaço • Corpo e Movimento 	<p><u>Início de sessão</u></p> <p>Em roda, conversa com os alunos sobre como se sentem ou se encontram energeticamente. De 1 a 5 como se sentem naquele momento.</p> <p><u>AQUECIMENTO</u></p> <p>Em roda, aquecer as articulações fazendo rotações no pescoço, dos ombros, cotovelos, pulsos, ancas, joelhos e tornozelos.</p> <p>Zip – Em roda, transmissão da palma/ impulso para o colega do lado de forma sequencial. Juntar o vocalizo “Zip”.</p> <p>Zip, Zap, Zop – o impulso é agora enviado para qualquer membro do grupo, respeitando o ciclo de vocalizações “Zip –Zap - Zop” Zip</p>	<p>Sala ampla e vazia</p> <p>Rádio com</p>	<ul style="list-style-type: none"> •Observação direta e feedback do professor •Auto-avaliação •Hetero-avaliação 	<p>O/a aluno/a:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Segue as orientações de forma a realizar a atividade •Socializa com o grupo através dos exercícios propostos •Defende uma opinião estruturada

		<p>– passa a palma para o lado; Zap inverte o sentido na roda; Zop – passa para outro colega aleatoriamente.</p> <p><u>DESENVOLVIMENTO</u></p> <p>“Passar a cena” – A “Cena” é representada por uma bola, os alunos andam pelo espaço, e “a cena” deve passar por todos e não pode ficar muito tempo com ninguém. “a cena não pode cair ao chão, pois se isso acontecer o “espectáculo” corre mal para todos.</p> <p>“A contracena” – os alunos juntam-se em pares, cada par tem uma bola. A bola deve estar em contacto com os dois alunos, sem que nenhum possa utilizar as mãos para segurar a bola. A proposta é que em conjunto façam com que a bola percorra pelo corpo de ambos sem cair ao chão.</p> <p><u>RETROACÇÃO</u></p> <p>Conversa com os alunos sobre as dificuldades da actividade.</p> <p><u>Fecho de sessão</u></p> <p>No final, em roda, os alunos partilham o que sentiram ao longo da sessão, com indicação do professor.</p> <p>De novo, de 1 a 5 quanto, a quanto se encontram.</p> <p>Para a avaliação final, o professor pede aos alunos que digam uma palavra sobre a aula (de preferência, uma palavra do teatro).</p>	<p>música ambiente (quando necessário)</p> <p>Bolas</p>		
--	--	--	---	--	--

C.1.5 Planificação diária 5 - 5.º ano e 6.º ano

PLANIFICAÇÃO DIÁRIA					
CPR		Turma: 5.º 6.º ano		2.º CEB	
<p>APRENDIZAGENS ESSENCIAIS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Experimentar e explorar diferentes possibilidades motoras e expressivas do corpo em diferentes atividades. • Transformar o espaço com recurso a elementos plásticos/ cenográficos e tecnológicos com vista a criar novos espaços para intervenções dramáticas • Construir personagens, em situações distintas e com diferentes finalidades • Produzir, sozinho e em grupo, pequenas cenas a partir de dados reais ou fictícios, através de processos espontâneos e/ou preparados, antecipando e explorando intencionalmente formas de “entrada”, de progressão na ação e de “saída” 				Aula nº 5	25 / 10 / 18
<p>COMPETENCIAS ORIENTADORAS PARA O PERFIL DO ALUNO</p> <p>A Linguagens e textos; C Raciocínio e resolução de problemas; D Pensamento crítico e pensamento criativo; E Relacionamento interpessoal; F Desenvolvimento pessoal e autonomia; H Sensibilidade estética e artística; J Consciência e domínio do corpo</p>				Duração	50 min.
Domínios	Conteúdos	Atividades	Recursos	Avaliação	
				Modalidades/ Instrumentos	Indicadores
Apropriação e Reflexão Interpretação	<ul style="list-style-type: none"> • Improvisação e Técnica teatral • Corpo e Movimento • Contacto e Grupo • Espaço 	<p><u>Início de sessão</u></p> <p>Em roda, conversa com os alunos sobre como se sentem ou se encontram energeticamente. De 1 a 5 como se sentem naquele momento.</p> <p><u>AQUECIMENTO</u></p> <p>Aquecimento físico a partir de estímulos sonoros.</p>	<p>Sala ampla e vazio</p> <p>Rádio com música ambiente (quando necessário)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Observação direta e feedback do professor • Auto-avaliação • Hetero-avaliação 	<ul style="list-style-type: none"> • O/a aluno/a • Segue as orientações de forma a realizar a atividade • Socializa

<p>e Comunicação</p>		<p><u>DESENVOLVIMENTO</u></p> <p>“A personagem” - a partir de imagens de diversos tipos de pessoas, o mais diferente possível (na atitude, no vestuário, na estrutura física, etc. ...) - o tema será o Circo.</p> <p>Cada aluno escolhe a personagem com mais se identificar.</p> <ul style="list-style-type: none"> • As personagens poderão ser reais ou imaginários, retirados da fantasia ou históricos, populares ou estereotipo <p>Depois de escolhida a figura da personagem, é pedido aos alunos que criem:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Uma identidade (nome, idade, qualidades, defeitos, gostos, medos, etc. ...) <p>Depois terão de dar corpo a essa personagem arranjando uma maneira de andar</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atitudes psíquico-físicas (introvertido, prepotente, reservado, altivo, etc) <p>Depois deste trabalho individual, passarão á interacção com os pares.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atitude social (como reage ao contacto com os outros? Como cumprimenta? Como olha?) <p>A dinâmica continua com os alunos divididos em pequenos grupos. É dado como tema – <i>O Circo</i> - os alunos terão de criar uma pequena dramatização a partir de uma situação proposta (incêndio na tenda, os animais fugiram, o palhaço não pára de chorar, inundação de pipocas no recinto, etc)</p> <p>Cada grupo apresentará a dramatização aos colegas.</p>	<p>Recortes de revista – figuras humanas</p>		<p>com o grupo através dos exercícios propostos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Defende uma opinião estruturada
--------------------------	--	--	--	--	---

		<p><u>RETROACÇÃO</u></p> <p>Conversa com os alunos sobre as dificuldades da actividade.</p> <p><u>Fecho de sessão</u></p> <p>No final, em roda, os alunos partilham o que sentiram ao longo da sessão.</p> <p>Como avaliação final, o professor pede aos alunos que digam uma palavra sobre a aula (de preferência, uma palavra do teatro).</p>			
--	--	---	--	--	--

C.1.6 Planificação diária 6 - 5.º ano e 6.º ano

PLANIFICAÇÃO DIÁRIA					
CPR		Turma: 5.º 6.º ano		2.º CEB	
<p>APRENDIZAGENS ESSENCIAIS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Experimentar e explorar diferentes possibilidades motoras e expressivas do corpo em diferentes atividades. • Transformar o espaço com recurso a elementos plásticos/ cenográficos e tecnológicos com vista a criar novos espaços para intervenções dramáticas • Construir personagens, em situações distintas e com diferentes finalidades • Produzir, sozinho e em grupo, pequenas cenas a partir de dados reais ou fictícios, através de processos espontâneos e/ou preparados, antecipando e explorando intencionalmente formas de “entrada”, de progressão na ação e de “saída” 				Aula nº 6	2 / 11 / 18
<p>COMPETÊNCIAS ORIENTADORAS PARA O PERFIL DO ALUNO</p> <p>A Linguagens e textos; C Raciocínio e resolução de problemas; D Pensamento crítico e pensamento criativo; E Relacionamento interpessoal; F Desenvolvimento pessoal e autonomia; H Sensibilidade estética e artística; J Consciência e domínio do corpo</p>				Duração	50 min.
Domínios	Conteúdos	Atividades	Recursos	Avaliação	
				Modalidades/ Instrumentos	Indicadores
Apropriação e Reflexão	<ul style="list-style-type: none"> • Improvisação e Técnica teatral • Corpo e Movimento • Contacto e Grupo • Espaço 	<p><u>Início de sessão</u></p> <p>Em roda, conversa com os alunos sobre como se sentem ou se encontram energeticamente. De 1 a 5 como se sentem naquele momento.</p> <p><u>AQUECIMENTO</u></p> <p>Aquecimento físico a partir de estímulos sonoros.</p>	<p>Sala ampla e vazio</p> <p>Rádio com música ambiente (quando</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Observação direta e feedback do professor • Auto-avaliação 	<p>O/a aluno/a</p> <ul style="list-style-type: none"> • Segue as orientações de forma a realizar a atividade • Socializa

<p>Interpretação e Comunicação</p>		<p><u>DESENVOLVIMENTO</u></p> <p>“A personagem animal” – construção de personagem a partir de animais</p> <p>Em roda, deitados no chão e com os olhos fechados, os alunos pensam no seu animal preferido.</p> <p>Começam a emitir sons idênticos aos do animal que escolheram.</p> <p>Ao sinal do professor, os alunos começam a levantar-se ao seu ritmo e deslocam-se pela sala como se fossem esse animal.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atitudes psíquico-físicas (medroso, aventureiro, agressivo, amigável, etc) <p>Depois deste trabalho individual, passarão à interação com os pares.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atitude social (como reage ao contacto com os outros? Como cumprimenta? Como olha? Como se defende?) <p>Aos poucos, e sempre tendo em conta as características do animal que escolheram, vão começando a adoptar uma postura de ser humano.</p> <p>A dinâmica continua com os alunos divididos em pequenos grupos. Tendo em conta o animal escolhido e as suas características.</p> <p>Cada grupo prepara uma dramatização curta e livre onde devem estar bem presentes nas personagens humanas as características dos animais.</p>	<p>necessário)</p> <p>Recortes de revista – figuras humanas</p>	<p>•Hetero-avaliação</p>	<p>com o grupo através dos exercícios propostos</p> <ul style="list-style-type: none"> •Defende uma opinião estruturada
------------------------------------	--	---	---	--------------------------	--

RETROACÇÃO

Conversa com os alunos sobre as dificuldades da actividade.

Fecho de sessão

No final, em roda, os alunos partilham o que sentiram ao longo da sessão, com orientação do professor.

Para a avaliação final, o professor pede aos alunos que digam uma palavra sobre a aula (de preferência, uma palavra do teatro).

C.1.7 Planificação diária7 - 5.º ano e 6.º ano

PLANIFICAÇÃO DIÁRIA					
CPR		Turma: 5.º e 6.º ano		2.º CEB	
APRENDIZAGENS ESSENCIAIS <ul style="list-style-type: none"> • Experimentar e explorar diferentes possibilidades motoras e expressivas do corpo em diferentes atividades. • Transformar o espaço com recurso a elementos plásticos/ cenográficos e tecnológicos com vista a criar novos espaços para intervenções dramáticas • Construir personagens, em situações distintas e com diferentes finalidades • Produzir, sozinho e em grupo, pequenas cenas a partir de dados reais ou fictícios, através de processos espontâneos e/ou preparados, antecipando e explorando intencionalmente formas de “entrada”, de progressão na ação e de “saída” 				Aula nº 7	9 / 11 / 18
COMPETÊNCIAS ORIENTADORAS PARA O PERFIL DO ALUNO A Linguagens e textos; C Raciocínio e resolução de problemas; D Pensamento crítico e pensamento criativo; E Relacionamento interpessoal; F Desenvolvimento pessoal e autonomia; H Sensibilidade estética e artística; J Consciência e domínio do corpo				Duração	50 min.
Domínios	Conteúdos	Atividades	Recursos	Avaliação	
				Modalidades/ Instrumentos	Indicadores
Apropriação e Reflexão Interpretação e	<ul style="list-style-type: none"> • Improvisação • Corpo e Movimento Espaço • Contacto e Grupo 	<u>Início de sessão</u> Em roda, conversa com os alunos sobre como se sentem ou se encontram energeticamente. De 1 a 5 como se sentem naquele momento. <u>AQUECIMENTO</u> Aquecimento físico a partir de estímulos sonoros. Ao som da música o professor dá e aceita sugestões de	Sala ampla e vazio Rádio com música ambiente (quando necessário)	•Observação direta e feedback do professor •Auto-avaliação •Hetero-	O/a aluno/a • Segue as orientações de forma a realizar a atividade •Socializa com o grupo através dos exercícios

Comunicação		<p>diferentes passos e maneiras de andar.</p> <p>- Em pontas dos pés, sobre os calcanhares, em câmara lenta, como um palhaço, a saltitar, marcha atrás, a jogar á macaca, como um patinador, com passos malucos, como um pinguim, um canguru, um elefante, etc.-</p> <p>Os alunos devem ter atenção ao espaço e à forma como se deslocam equilibradamente nele. Tentando ocupar todo o espaço.</p> <p><u>DESENVOLVIMENTO</u></p> <p>“Maestro” – Com a turma organizada em meia-lua, cada aluno imita, em mímica, um maestro a dirigir a orquestra, inicialmente ao som de música clássica. Depois a música altera para uma sonoridade mais forte, (rock por exemplo). A ideia é que sempre que a musica muda, a postura e atitude do maestro também se altere.</p> <p>“O Assalto” – o professor divide a turma em dois grupos.</p> <p>Um grupo será o grupo de assaltantes e o outro será o grupo do alarme.</p> <p>O grupo de assaltantes tem de atravessar a sala o mais rápida e silenciosamente possível, como se existissem várias células fotoelétricas que devem ser evitadas. Para as evitar tem de agachar-se, esconder-se, deitar-se, deslizar pelo chão, etc.</p> <p>O grupo do alarme combina entre si, um ponto imaginário na sala. Se algum dos assaltantes passar pelo ponto que foi definido por este grupo, o alarme dispara. E o grupo do alarme deve fazer sons de alarme.</p> <p>Este som vai obrigar todos os assaltantes a voltarem para trás e recomeçarem o “assalto”.</p> <p>O jogo pode terminar quando todos os assaltantes</p>		avaliação	<p>propostos</p> <ul style="list-style-type: none"> •Defende uma opinião estruturada
-------------	--	--	--	-----------	---

		atravessarem a sala sem fazer disparar o alarme.			
		<u>RETROACÇÃO</u> Conversa com os alunos sobre as dificuldades da actividade. <u>Fecho de sessão</u> No final, em roda, podem partilhar o que sentiram ao longo da sessão. O professor pede aos alunos que digam uma palavra sobre a aula (de preferência, uma palavra do teatro).			

C.1.8 Planificação diária 8 - 5.º ano e 6.º ano

PLANIFICAÇÃO DIÁRIA					
CPR		Turma: 5.º 6.º ano		2.º CEB	
APRENDIZAGENS ESSENCIAIS • Experimentar e explorar diferentes possibilidades motoras e expressivas do corpo em diferentes atividades.				Aula nº 8	23 / 11 / 18
COMPETÊNCIAS ORIENTADORAS PARA O PERFIL DO ALUNO A Linguagens e textos; C Raciocínio e resolução de problemas; D Pensamento crítico e pensamento criativo; E Relacionamento interpessoal; F Desenvolvimento pessoal e autonomia; H Sensibilidade estética e artística; J Consciência e domínio do corpo				Duração	50 min.
Domínios	Conteúdos	Atividades	Recursos	Avaliação	
				Modalidades/ Instrumentos	Indicadores
Apropriação e Reflexão Interpretação e Comunicação	<ul style="list-style-type: none"> Contacto e Grupo 	<u>Início de sessão</u> Em roda, conversa com os alunos sobre como se sentem ou se encontram energeticamente. De 1 a 5 como se sentem naquele momento. <u>AQUECIMENTO</u> Aquecimento físico a partir de estímulos sonoros. Em roda, os alunos fazem movimentos circulares com o pescoço, ombros, cotovelos, pulsos, anca, joelhos e tornozelos.	Sala ampla e vazio Rádio com música ambiente (quando necessário)	•Observação direta e feedback do professor •Auto-avaliação •Hetero-avaliação Recorrendo a: •Fichas de	O/a aluno/a • Segue as orientações de forma a realizar a atividade •Socializa com o grupo através dos exercícios propostos •Defende

		<p><u>DESENVOLVIMENTO</u></p> <p>“Vírus” – dispõem-se cadeiras pela sala de forma aleatória. Todos os elementos sentam-se nas cadeiras, ficando um elemento de pé e uma cadeira vazia.</p> <p>A pessoa que ficou de pé (inicialmente o professor) tem como objectivo sentar-se numa cadeira vazia.</p> <p>Para tal, ao se deslocar pelo espaço, apenas pode caminhar a uma velocidade média. Os restantes elementos têm como objectivo impedir que o professor se sente.</p> <p>Para isso, podem correr, falar, gritar de uma ponta para a outra.</p> <p>À medida que a dinâmica de grupo se vai instalando, pode-se acrescentar novas regras que dificultem a realização do objectivo do grupo como, por exemplo, quando uma pessoa se levanta de uma cadeira já não se pode sentar novamente na mesma cadeira; e por fim não podem falar (mas podem comunicar).</p> <p><u>RETROACÇÃO</u></p> <p>Conversa com os alunos sobre as dificuldades da actividade.</p> <p><u>Fecho de sessão</u></p> <p>No final, em roda, podem partilhar o que sentiram ao longo da sessão.</p> <p>O professor solicita aos alunos que digam uma palavra sobre a aula (de preferência, uma palavra do teatro).</p>		<p>observação das atividades</p> <ul style="list-style-type: none"> •Fichas de autoavaliação de alunos e professor •Conversas em grupo ou individuais •Diários de bordo do professor 	<p>uma opinião estruturada</p>
--	--	--	--	---	--------------------------------

C.1.9 Planificação diária 9 - 5.º ano e 6.º ano

PLANIFICAÇÃO DIÁRIA					
CPR		Turma: 5.º 6.º ano		2.º CEB	
APRENDIZAGENS ESSENCIAIS <ul style="list-style-type: none"> • Experimentar e explorar diferentes possibilidades motoras e expressivas do corpo em diferentes atividades. • Conhecer, Identificar e saber caracterizar diferentes estilos e géneros convencionais de teatro 				Aula nº 9	30 / 11 / 18
COMPETÊNCIAS ORIENTADORAS PARA O PERFIL DO ALUNO A Linguagens e textos; C Raciocínio e resolução de problemas; D Pensamento crítico e pensamento criativo; E Relacionamento interpessoal; F Desenvolvimento pessoal e autonomia; H Sensibilidade estética e artística; J Consciência e domínio do corpo				Duração	50 min.
Domínios	Conteúdos	Atividades	Recursos	Avaliação	
				Modalidades/ Instrumentos	Indicadores
Apropriação e Reflexão Interpretação e Comunicação	<ul style="list-style-type: none"> • Improvisação • Corpo e Movimento Espaço • Contacto e Grupo 	<u>Início de sessão</u> Em roda, conversa com os alunos sobre como se sentem ou se encontram energeticamente. De 1 a 5 como se sentem naquele momento. <u>AQUECIMENTO</u> Aquecimento físico a partir de estímulos sonoros. Em roda, os alunos fazem movimentos circulares com o pescoço, ombros, cotovelos, pulsos, anca, joelhos e tornozelos.	Sala ampla e vazio Rádio com música ambiente (quando necessário)	<ul style="list-style-type: none"> • Observação direta e feedback do professor • Auto-avaliação • Hetero-avaliação 	O/a aluno/a <ul style="list-style-type: none"> • Segue as orientações de forma a realizar a atividade • Socializa com o grupo através dos exercícios

		<p><u>DESENVOLVIMENTO</u></p> <p>Preparação para a festa de Natal.</p> <p>Com base no trabalho realizado em aulas anteriores, os alunos escolhem uma personagem alusiva ao Circo.</p> <p>Com o recurso a adereços e acessórios irão construir a personagem que escolheram.</p> <p>Para a festa de Natal, será preparada uma coreografia elaborada pelos alunos.</p>			<p>propostos</p> <ul style="list-style-type: none"> •Defende uma opinião estruturada
		<p><u>RETROACÇÃO</u></p> <p>Conversa com os alunos sobre as dificuldades da actividade.</p> <p><u>Fecho de sessão</u></p> <p>No final, em roda, podem partilhar o que sentiram ao longo da sessão.</p> <p>Pede-se aos alunos que digam uma palavra sobre a aula (de preferência, uma palavra do teatro).</p>	<p>Adereços e figurinos alusivos ao tema. (chapéus coloridos, casacos, óculos, fatos brilhantes, tecidos)</p>		

C.1.10 Planificação diária 10 - 5.º ano e 6.º ano

PLANIFICAÇÃO DIÁRIA					
CPR		Turma: 5.º 6.º ano		2.º CEB	
APRENDIZAGENS ESSENCIAIS <ul style="list-style-type: none"> • Experimentar e explorar diferentes possibilidades motoras e expressivas do corpo em diferentes atividades. • Transformar o espaço com recurso a elementos plásticos/ cenográficos e tecnológicos com vista a criar novos espaços para intervenções dramáticas • Construir personagens, em situações distintas e com diferentes finalidades • Produzir, sozinho e em grupo, pequenas cenas a partir de dados reais ou fictícios, através de processos espontâneos e/ou preparados, antecipando e explorando intencionalmente formas de “entrada”, de progressão na ação e de “saída” 				Aula nº 10	4 / 1 / 19
COMPETÊNCIAS ORIENTADORAS PARA O PERFIL DO ALUNO A Linguagens e textos; C Raciocínio e resolução de problemas; D Pensamento crítico e pensamento criativo; E Relacionamento interpessoal; F Desenvolvimento pessoal e autonomia; H Sensibilidade estética e artística; J Consciência e domínio do corpo				Duração	50 min.
Domínios	Conteúdos	Atividades	Recursos	Avaliação	
				Modalidades/ Instrumentos	Indicadores
Apropriação e Reflexão Interpretação e	<ul style="list-style-type: none"> • Improvisação • Corpo e Movimento • Espaço • Contacto e Grupo 	<u>Início de sessão</u> Em roda, conversa com os alunos sobre como se sentem ou se encontram energeticamente. De 1 a 5 como se sentem naquele momento. <u>AQUECIMENTO</u> Andar pelo espaço – sentir o corpo, o cansaço, as tensões musculares. Definir a velocidade média do caminhar como velocidade 5 e verbalizar diferentes que vão desde o 1 (o mais devagar que consigo caminhar sem ficar imóvel) até à velocidade 9 (o mais	Sala ampla e vazia	•Observação direta e feedback do professor •Auto-avaliação	O/a aluno/a • Segue as orientações de forma a realizar a atividade •Socializa com o grupo através dos

Comunicação		<p>rápido que consigo caminhar sem começar a correr).</p> <p>A dada altura, à ordem de STOP, devem parar imoveis e em tensão.</p> <p>Jogo da decomposição – os alunos continuam a andar pelo espaço, o professor dá indicação da parte do corpo que deve “ganhar vida” e movimentar-se de forma isolada do resto do corpo.</p> <p>Utilizando o corpo – Continuando a andar os alunos mimam sugestões sucessivas do professor (uma camisa a secar ao vento; uma pastilha a ser mastigada; água a cair num disco elétrico em brasa; um monte de roupa a ser lavada e centrifugada na máquina de lavar; uma jarra de vidro a partir-se no chão; uma arvore exposta a um vento ciclónico; uma arvore a arder; uma corda de guitarra a vibrar; etc)</p> <p><u>DESENVOLVIMENTO</u></p> <p>Robôs – Os alunos vão “ser robôs” e é dado um tempo para que criem um determinado movimento característico e um som para o seu robô.</p> <p>Depois deve obedecer à voz do seu criador, o professor. Ele manda-os executar diferentes tarefas: varrer o chão; limpar os vidros; cozinhar; lavar a louça; dar o biberão ao bebé e embala-lo; regar as plantas e tratar do jardim; limpar o pó; etc.</p> <p>Mais robôs – Divididos em grupos, os alunos irão preparar uma dramatização, onde robôs e humanos convivem num espaço único. Antes de começar convém discutir e combinar alguns pormenores, tais como: como é que os robôs comunicam entre si; como é que os humanos comunicam com os robôs; quem comanda os robôs; que limitações têm os robôs; que acidentes poderão existir; etc.</p>	Rádio com música ambiente (quando necessário)	•Hetero-avaliação	exercícios propostos •Defende uma opinião estruturada
			Adereços que		

		<p><u>RELAXAMENTO</u></p> <p>Tensão / Relaxamento – Metade da turma deita-se no chão, comprimindo todos os músculos, sentindo-se em tensão. Os alunos que estão em pé, vão ajudando os colegas a relaxarem algumas partes do corpo até que fiquem completamente em descontração.</p> <p>Trocam quando a música termina</p> <p><u>Fecho de sessão</u></p> <p>No final, em roda, os alunos partilham o que sentiram ao longo da sessão.</p> <p>De novo, de 1 a 5 quanto, a quanto se encontram.</p>	<p>possam contribuir para a criação do ambiente desejado.</p>		
--	--	--	---	--	--

PLANIFICAÇÃO DIÁRIA					
CPR		Turma: 5.º 6.º ano		2.º CEB	
<p>APRENDIZAGENS ESSENCIAIS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Experimentar e explorar diferentes possibilidades motoras e expressivas do corpo em diferentes atividades. • Reconhecer a dimensão multidisciplinar do teatro, identificando relações com outras artes e áreas de conhecimento • Reconhecer diferentes formas usar a voz e o corpo para a dinâmica teatral. • Interpretar situações da vida real e estabelecer relações entre acontecimentos do quotidiano e as situações dramáticas desenvolvidas em aula • Adequar as possibilidades expressivas da voz a diferentes contextos e situações de comunicação. 				Aula nº 11	11 / 1 / 19
<p>COMPETÊNCIAS ORIENTADORAS PARA O PERFIL DO ALUNO</p> <p>A Linguagens e textos; C Raciocínio e resolução de problemas; D Pensamento crítico e pensamento criativo; E Relacionamento interpessoal; F Desenvolvimento pessoal e autonomia; H Sensibilidade estética e artística; J Consciência e domínio do corpo</p>				Duração	50 min.
Domínios	Conteúdos	Atividades	Recursos	Avaliação	
				Modalidades/ Instrumentos	Indicadores
Apropriação e Reflexão	<ul style="list-style-type: none"> • Contacto e Grupo • Voz e texto • Improvisação e Técnica teatral 	<p><u>Início de sessão</u></p> <p>Em roda, conversa com os alunos sobre como se sentem ou se encontram energeticamente. De 1 a 5 como se sentem naquele momento.</p> <p><u>AQUECIMENTO</u></p> <p>Articulações- Em Roda,</p>	Sala ampla e vazia	<ul style="list-style-type: none"> • Observação direta e feedback do professor • Auto-avaliação 	<p>O/a aluno/a</p> <ul style="list-style-type: none"> • Segue as orientações de forma a realizar a atividade • Socializa com o grupo

<p>Interpretação e Comunicação</p>		<p>Jogos do comboio louco – Os alunos formam uma fila, uns atrás dos outros. Devem colocar a mão direita em cima do ombro direito do colega da frente e esticar o braço – esse é o espaço que deve haver entre cada um e o colega da frente, durante o jogo.</p> <p>Ao som da música, os alunos vão dançar de “forma estranha”, sentindo que mexem todas as partes do corpo, sem tirar a mão direita do ombro do colega da frente. A fila desloca-se pelo espaço da sala, a dançar, orientados pelo aluno que está no início da fila.</p> <p>Quando a música pára, e toda a fila deve parar, em estátua, exatamente na posição que estiverem.</p> <p>O último elemento da fila vai passar por baixo das pernas de todos os colegas até chegar ao início da fila, ocupando assim a sua nova posição. Esperam que a música recomece para continuar o jogo. O jogo prossegue até todos terem feito o exercício.</p> <p><u>DESENVOLVIMENTO</u></p> <p>Exercício de Escrita – A pares, os alunos devem pensar e escrever uma notícia, real ou inventada.</p> <p>Noticiário – Mantendo o par, os alunos escolhem uma notícia aleatoriamente, preparam-na durante uns minutos e depois devem apresentar a notícia de forma profissional, neutra e imparcial.</p> <p>Depois o professor dá orientação para que digam a mesma notícia, com outras emoções, sensações ou situações. (exemplo: dizer a mesma notícia com muita tristeza, a rir à gargalhada, com sono e adormece a meio das frases, com</p>	<p>Rádio com música ambiente (quando necessário)</p>	<p>•Hetero-avaliação</p>	<p>através dos exercícios propostos</p> <p>•Defende uma opinião estruturada</p>
------------------------------------	--	---	--	--------------------------	---

uma mosca sempre a chatear, com vontade de ir ao wc, com soluços...) sem nunca perder a ideia de que têm de transmitir a notícia de forma clara e profissional.

RELAXAMENTO

Tensão / Relaxamento – Metade da turma deita-se no chão, comprimindo todos os músculos, sentindo-se em tensão. Os alunos que estão em pé, vão ajudando os colegas a relaxarem algumas partes do corpo até que fiquem completamente em descontração.

Trocam quando a música termina

Fecho de sessão

No final, em roda, podem partilhar como se sentiram ao longo da sessão.

De novo, de 1 a 5 quanto, a quanto se encontram.

C.2. Planificação diária - 5.º ano

C.2.1 Planificação diária 12 - 5.º ano

PLANIFICAÇÃO DIÁRIA					
CPR		Turma: 5.º ano		2.º CEB	
APRENDIZAGENS ESSENCIAIS <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer, Identificar e saber caracterizar diferentes estilos e géneros convencionais de teatro. • Reconhecer a dimensão multidisciplinar do teatro, identificando relações com outras artes e áreas de conhecimento. • Apreciar e analisar os espectáculos ou performances, apropriando-se de um vocabulário adequado e específico. Valorizando a interpretação pessoal e tendo em conta os aspectos técnicos e contextuais. • Identificar, nas várias manifestações performativas. • Defender e saber explicar, oralmente, uma opinião crítica e construtiva. 				Aula nº 12	18 / 1 / 19
COMPETÊNCIAS ORIENTADORAS PARA O PERFIL DO ALUNO A Linguagens e textos; C Raciocínio e resolução de problemas; D Pensamento crítico e pensamento criativo; E Relacionamento interpessoal; F Desenvolvimento pessoal e autonomia; H Sensibilidade estética e artística; J Consciência e domínio do corpo				Duração	50 min.
Domínios	Conteúdos	Atividades	Recursos	Avaliação	
				Modalidades/ Instrumentos	Indicadores
Apropriação e Reflexão	<ul style="list-style-type: none"> • História do Teatro 	<u>Início de sessão</u> Em roda, conversa com os alunos sobre o espetáculo que assistiram “O Príncipe Nabo”. Inicialmente são colocadas algumas questões aos alunos e pede-se que registem numa folha as suas opiniões e respostas.	Sala com cadeiras dispostas de forma circular	<ul style="list-style-type: none"> • Observação direta e feedback do professor • Auto-avaliação 	O/a aluno/a <ul style="list-style-type: none"> • Segue as orientações de forma a realizar a atividade • Socializa com o grupo através

		<p>O professor coloca perguntas como:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Qual o momento que mais gostaram? ➤ Qual a história que este teatro contava? ➤ Em que época se passava a peça? ➤ Quais as personagens que se lembram? ➤ Onde estavam? ➤ O que faziam ao longo da primeira cena? ➤ Como terminava a peça? ➤ Como era o cenário? ➤ E os figurinos? Que cores tinham? Porque se vestiam assim? Algum adereço de cena? ➤ E a iluminação? ➤ Havia música? Gravada ou cantada? ➤ Havia conflito entre as personagens? ➤ O conflito foi resolvido? ➤ Qual a mensagem que este espectáculo queria passar? <p>Depois de escreverem as suas respostas individualmente, dá-se início à discussão/ roda de conversa sobre o que cada um viu, sentiu e analisou.</p> <p>No final da conversa, é pedido aos alunos que façam um desenho sobre o espectáculo que assistiram.</p>		<p>•Hetero-avaliação</p>	<p>dos exercícios propostos</p> <p>•Defende uma opinião estruturada</p>
--	--	--	--	--------------------------	---

PLANIFICAÇÃO DIÁRIA					
CPR		Turma: 5.º ano		2.º CEB	
APRENDIZAGENS ESSENCIAIS <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer, Identificar e saber caracterizar diferentes estilos e géneros convencionais de teatro. • Reconhecer a dimensão multidisciplinar do teatro, identificando relações com outras artes e áreas de conhecimento. • Adequar as possibilidades expressivas da voz a diferentes contextos e situações de comunicação. 				Aula nº 13	25 / 1 / 19
COMPETÊNCIAS ORIENTADORAS PARA O PERFIL DO ALUNO A Linguagens e textos; C Raciocínio e resolução de problemas; D Pensamento crítico e pensamento criativo; E Relacionamento interpessoal; F Desenvolvimento pessoal e autonomia; H Sensibilidade estética e artística; J Consciência e domínio do corpo				Duração	50 min.
Domínios	Conteúdos	Atividades	Recursos	Avaliação	
				Modalidades/ Instrumentos	Indicadores
Experimentação e Criação	<ul style="list-style-type: none"> • História do Teatro • Voz e texto 	<u>Início de sessão</u> <u>AQUECIMENTO</u> Em roda, os alunos colocam uma das mãos no diafragma e outra no peito e sentem a sua respiração. À indicação do professor deverão começar por fazer respirações profundas. Imaginando que a sua barriga é um balão que enche ao inspirar o ar e esvazia ao expirar. Depois massajar a cara, as bochechas, os lábios, conforme a orientação do professor; Fingir que mastigam pastilha elástica com movimentos exagerados da boca;	Sala com cadeiras	<ul style="list-style-type: none"> • Observação direta; • Autoavaliação; • Heteroavaliação • Apreciação do professor 	<ul style="list-style-type: none"> • Tem consciência e progressivo domínio da voz. • Explora textos e promove uma leitura expressiva.

		<p>Fazer vibrar os lábios produzindo o som idêntico ao de uma mota;</p> <p>Inspirar pelo nariz e deitar o ar fora com o som da letra “A”; “Lha; “Xa”; “Za”; “Já”</p> <p>Com o dedo na boca, com os dedos serrados, pede-se aos alunos que digam “O Rato roeu a rolha da garrafa do rei da russia”- trabalho de dicção.</p> <p>Solicita-se a cada aluno a cada aluno que tente produzir a som com a respiração de quando - Ri; Chora; Fica muito admirado; Assustado; Ressoa; Chama alguém muito longe; Está a desconfiar; Fica aborrecido; Chama um gato.</p> <p><u>DESENVOLVIMENTO</u></p> <p>Em articulação com as disciplinas de Cidadania, Português e Educação Visual, os alunos trabalharam o tema dos Direitos Humanos.</p> <p>Na disciplina de Teatro, e dando seguimento ao tema do projecto, os alunos leram o texto dramático “Sadaku e as mil garças de papel”.</p> <p>A leitura é feita em grupo.</p>			
--	--	--	--	--	--

C.2.3 Planificação diária 14 - 5.º ano

PLANIFICAÇÃO DIÁRIA					
CPR		Turma: 5.º ano		2.º CEB	
APRENDIZAGENS ESSENCIAIS <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer, Identificar e saber caracterizar diferentes estilos e géneros convencionais de teatro. • Reconhecer a dimensão multidisciplinar do teatro, identificando relações com outras artes e áreas de conhecimento. • Reconhecer diferentes formas usar a voz e o corpo para a dinâmica teatral. • Distinguir, pela experimentação e pela reflexão, jogo dramático, improvisação e representação. • Reconhecer, em produções próprias ou de outrem, as especificidades formais do texto dramático. 				Aula nº 14	1 / 2 / 19
COMPETÊNCIAS ORIENTADORAS PARA O PERFIL DO ALUNO A Linguagens e textos; C Raciocínio e resolução de problemas; D Pensamento crítico e pensamento criativo; E Relacionamento interpessoal; F Desenvolvimento pessoal e autonomia; H Sensibilidade estética e artística; J Consciência e domínio do corpo				Duração	50 min.
Domínios	Conteúdos	Atividades	Recursos	Avaliação	
				Modalidades/ Instrumentos	Indicadores
Experimentação e Criação Interpretação e Comunicação	<ul style="list-style-type: none"> • História do Teatro • Voz e texto • Contacto e grupo • Improvisação e 	<u>Início de sessão</u> <u>AQUECIMENTO</u> Aquecimento da boca e voz - Em roda, os alunos colocam uma das mãos no diafragma e outra no peito e sentem a sua respiração. À indicação do professor deverão começar por fazer respirações profundas. Imaginando que a sua barriga é um balão que enche ao inspirar o ar e esvazia ao expirar. Inspirar pelo nariz e deitar o ar fora com o som da letra "A";	Sala com cadeiras	<ul style="list-style-type: none"> • Observação direta; • Autoavaliação; • Heteroavaliação • Feedback do professor 	<ul style="list-style-type: none"> • Explora textos e promove uma leitura expressiva. • Segue as orientações de forma a realizar a actividade

	técnica teatral	<p>“Lha; “Xa”, “Za”, “Já”</p> <p><u>DESENVOLVIMENTO</u></p> <p>Continuação da aula anterior, com a leitura do texto “Sadaku e as mil Garças de papel”.</p> <p>Após a leitura em grande grupo, o professor pede aos alunos que se organizem em pequenos grupos de trabalho e que escolham uma cena do texto para preparar e apresentar aos colegas.</p>			<p>adequadamente</p> <ul style="list-style-type: none"> •Explora as possibilidades expressivas do seu corpo no espaço •Socializa com o grupo •Desenvolve a capacidade da improvisação, assim como da criatividade na expressão •Desenvolve técnicas de construção de personagem e contracena
--	-----------------	--	--	--	--

C.2.4 Planificação diária 15 - 5.º ano

PLANIFICAÇÃO DIÁRIA					
CPR		Turma: 5.º ano		2.º CEB	
APRENDIZAGENS ESSENCIAIS <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer, Identificar e saber caracterizar diferentes estilos e géneros convencionais de teatro. • Reconhecer a dimensão multidisciplinar do teatro, identificando relações com outras artes e áreas de conhecimento. • Reconhecer diferentes formas usar a voz e o corpo para a dinâmica teatral. • Distinguir, pela experimentação e pela reflexão, jogo dramático, improvisação e representação. • Reconhecer, em produções próprias ou de outrem, as especificidades formais do texto dramático. 				Aula nº 15	8 / 2 / 19
COMPETÊNCIAS ORIENTADORAS PARA O PERFIL DO ALUNO A Linguagens e textos; C Raciocínio e resolução de problemas; D Pensamento crítico e pensamento criativo; E Relacionamento interpessoal; F Desenvolvimento pessoal e autonomia; H Sensibilidade estética e artística; J Consciência e domínio do corpo				Duração	50 min.
Domínios	Conteúdos	Atividades	Recursos	Avaliação	
				Modalidades/ Instrumentos	Indicadores
Experimentação e Criação Interpretação e Comunicação	<ul style="list-style-type: none"> • História do Teatro • Voz e texto • Contacto e grupo • Improvisação e técnica teatral 	<u>Início de sessão</u> <u>AQUECIMENTO</u> Andar pelo espaço – O professor propõem aos alunos que andem pelo espaço ao som de uma música suave, e que sintam cada parte do seu corpo o corpo, o cansaço, as tensões musculares... O professor define a velocidade média do caminhar como velocidade 5. Serão então indicadas diferentes velocidades que vão desde o 1 (o mais devagar que é possível caminhar sem ficar imóvel) até à velocidade 9 (o mais rápido que é	Sala com cadeiras	<ul style="list-style-type: none"> • Observação direta; • Autoavaliação; • Heteroavaliação • Feedback do professor 	<ul style="list-style-type: none"> • Explora textos e promove uma leitura expressiva. • Segue as orientações de forma a realizar a actividade adequadamente • Explora as

		<p>possível caminhar sem começar a correr).</p> <p>A dada altura, à ordem de STOP, devem parar imóveis e em tensão. O jogo progride consoante o professor achar pertinente para o aquecimento seja eficaz.</p> <p><u>DESENVOLVIMENTO</u></p> <p>Continuação da aula anterior, com a leitura do texto “Sadaku e as mil Garças de papel”. Os alunos preparam a apresentação da cena que escolheram em grupo, assim como, o espaço cénico e os figurinos.</p>			<p>possibilidades expressivas do seu corpo no espaço</p> <p>•Socializa com o grupo</p> <p>•Desenvolve a capacidade da improvisação, assim como da criatividade na expressão</p> <p>•Desenvolve técnicas de construção de personagem e contracena</p>
--	--	---	--	--	--

PLANIFICAÇÃO DIÁRIA					
CPR		Turma: 5.º ano		2.º CEB	
APRENDIZAGENS ESSENCIAIS <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer, Identificar e saber caracterizar diferentes estilos e géneros convencionais de teatro. • Reconhecer a dimensão multidisciplinar do teatro, identificando relações com outras artes e áreas de conhecimento. • Reconhecer diferentes formas usar a voz e o corpo para a dinâmica teatral. • Distinguir, pela experimentação e pela reflexão, jogo dramático, improvisação e representação. • Reconhecer, em produções próprias ou de outrem, as especificidades formais do texto dramático. 				Aula nº 16	15 / 2 / 19
COMPETÊNCIAS ORIENTADORAS PARA O PERFIL DO ALUNO A Linguagens e textos; C Raciocínio e resolução de problemas; D Pensamento crítico e pensamento criativo; E Relacionamento interpessoal; F Desenvolvimento pessoal e autonomia; H Sensibilidade estética e artística; J Consciência e domínio do corpo				Duração	50 min.
Domínios	Conteúdos	Atividades	Recursos	Avaliação	
				Modalidades/ Instrumentos	Indicadores
Interpretação e Comunicação Experimentação e Criação	<ul style="list-style-type: none"> • História do Teatro • Voz e texto • Contacto e grupo • Improvisação e técnica teatral 	<u>Início de sessão</u> Em roda, conversa com os alunos sobre como se sentem ou se encontram energeticamente. De 1 a 5 como se sentem naquele momento. <u>AQUECIMENTO</u> Articulações - Em roda, ao som de uma música suave, o professor solicita aos alunos que, cada um na sua vez, faça uma parte do aquecimento, partilhando com o grupo que	Sala Ampla	<ul style="list-style-type: none"> • Observação direta; • Autoavaliação; • Heteroavaliação • Feedback do professor 	<ul style="list-style-type: none"> • Segue as orientações de forma a realizar a actividade adequadamente • Socializa com o grupo

		<p>deve aderir à sugestão de cada colega. O aquecimento termina, quando todos os alunos tiverem partilhado o aquecimento de uma parte do corpo.</p> <p><u>DESENVOLVIMENTO</u></p> <p>Apresentação das dos trabalhos feitos em grupo de preparação e pequena montagem de uma cena do texto “Sadaku e as mil Garças de papel”.</p> <p><u>Fecho de sessão</u></p> <p>No final de todas as apresentações, em roda, os alunos vão partilhar como se sentiram ao longo do processo deste trabalho. Também deverão fazer uma apreciação do trabalho dos colegas apontando um ponto positivo e um ponto a melhorar.</p> <p>O professor também dá o seu parecer no final.</p> <p>Antes de terminar a sessão, questionar os alunos como se sentem de 1 a 5 quanto e perceberem se sentem alguma diferença em relação ao início da sessão.</p>			<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolve técnicas de construção de personagem e contracena • Revela estar disponível para o autoaperfeiçoamento • Apresenta trabalhos com auto e heteroavaliação • Assume e cumpre compromissos
--	--	---	--	--	--

		<p>https://www.youtube.com/watch?v=W4KD04rJmm0&t=681s</p> <p>o vídeo “Teatro de Sombras de Ofélia - Grupo Caldeirão”, https://www.youtube.com/watch?v=hwh6rgtRww0, para contextualizar a aula de teatro de sombras.</p> <p>DESENVOLVIMENTO</p> <p>Após assistirem os vídeos, o professor convida os alunos a experimentarem, cada um na sua vez (de forma a serem vistos pelos colegas), produzirem e explorarem várias atitudes corporais, criando personagens com o corpo e alguns objetos.</p> <p>Depois de todos experimentarem, o professor orienta os alunos para que formem grupos de trabalho, escolham um tema e montem uma coreografia para ser dançada pelas sombras e apresentada para os colegas.</p> <p><u>Fecho de sessão</u></p> <p>Após a apresentação dos grupos, sentados em círculo, os alunos conversam sobre o processo e o produto do trabalho que fizeram.</p> <p>O professor lança questões sobre as diferenças existentes entre uma encenação normal e a de sombras, e quais as sensações que esta última produz? É também importante discutir as estratégias utilizadas e os “truques” empregados para produzir determinada imagem.</p>	<p>Objetos variados que sejam interessantes para criar sombra</p> <p>Fantoches de papel</p>		<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolve técnicas de construção de personagem e contracena • Revela estar disponível para o auto aperfeiçoamento • Apresenta trabalhos com auto e hetero avaliação • Assume e cumpre compromissos
--	--	--	---	--	--

		<p><u>Fecho de sessão</u></p> <p>Após a apresentação dos grupos, sentados em círculo, os alunos conversam sobre o processo e o produto do trabalho que fizeram.</p> <p>O professor lança questões sobre as diferenças existentes entre uma encenação normal e a de sombras, e quais as sensações que esta última produz? É também importante discutir as estratégias utilizadas e os “truques” empregados para produzir determinada imagem.</p>	<p>Objetos variados que sejam interessantes para criar sombra</p> <p>Fantoches de papel</p>		<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolve técnicas de construção de personagem e contracena • Revela estar disponível para o auto aperfeiçoamento • Apresenta trabalhos com auto e hetero avaliação • Assume e cumpre compromissos
--	--	---	---	--	--

C.2.8 Planificação diária 19 - 5.º ano

PLANIFICAÇÃO DIÁRIA					
CPR		Turma: 5.º ano		2.º CEB	
<p>APRENDIZAGENS ESSENCIAIS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer, Identificar e saber caracterizar diferentes estilos e géneros convencionais de teatro. • Reconhecer a dimensão multidisciplinar do teatro, identificando relações com outras artes e áreas de conhecimento. • Experimentar e explorar diferentes possibilidades motoras e expressivas do corpo em diferentes atividades. • Identificar, nas várias manifestações performativas. • Construir personagens, em situações distintas e com diferentes finalidades 				Aula nº 19	8 / 3 / 19
<p>COMPETÊNCIAS ORIENTADORAS PARA O PERFIL DO ALUNO</p> <p>A Linguagens e textos; C Raciocínio e resolução de problemas; D Pensamento crítico e pensamento criativo; E Relacionamento interpessoal; F Desenvolvimento pessoal e autonomia; H Sensibilidade estética e artística; J Consciência e domínio do corpo</p>				Duração	50 min.
Domínios	Conteúdos	Atividades	Recursos	Avaliação	
				Modalidades/ Instrumentos	Indicadores
Apropriação e Reflexão Experimentação e Criação	<ul style="list-style-type: none"> • História do Teatro • Voz e texto • Improvisação e técnica teatral 	<p><u>Início de sessão</u></p> <p><u>AQUECIMENTO</u></p> <p>Andar pelo espaço – sentir o corpo, o cansaço, as tensões musculares.</p> <p>Definir a velocidade média do caminhar como velocidade 5 e verbalizar diferentes que vão desde o 1 (o mais devagar que consigo caminhar sem ficar imóvel) até à velocidade 9 (o mais rápido que consigo caminhar sem começar a correr).</p> <p>A dada altura, à ordem de STOP, devem parar imóveis e em</p>	<p>Sala Ampla</p> <p>Papel de cenário ou lençol grande</p> <p>Candeeiro</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Observação direta; • Autoavaliação; • Heteroavaliação • Feedback do professor 	<ul style="list-style-type: none"> • Segue as orientações de forma a realizar a actividade adequadamente • Socializa com o grupo

		<p>tensão.</p> <p><u>DESENVOLVIMENTO</u></p> <p>Continuação da planificação n.º 17 – Teatro de sombras.</p> <p><u>Fecho de sessão</u></p> <p>Após a apresentação dos grupos, sentados em círculo, os alunos conversam sobre o processo e o produto do trabalho que fizeram.</p> <p>O professor pode lançar questões sobre as diferenças existentes entre uma encenação normal e a de sombras, e quais as sensações que esta última produz? É também importante discutir as estratégias utilizadas e os “truques” empregados para produzir determinada imagem.</p>	<p>Objetos variados que sejam interessantes para criar sombra</p> <p>Fantoches de papel</p>		<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolve técnicas de construção de personagem e contracena • Revela estar disponível para o autoaperfeiçoamento • Apresenta trabalhos com auto e heteroavaliação • Assume e cumpre compromissos
--	--	---	---	--	--

		<p>tensão.</p> <p><u>DESENVOLVIMENTO</u></p> <p>Continuação da planificação n.º 17 – Teatro de sombras.</p> <p><u>Fecho de sessão</u></p> <p>Após a apresentação dos grupos, sentados em círculo, os alunos conversam sobre o processo e o produto do trabalho que fizeram.</p> <p>O professor pode lançar questões sobre as diferenças existentes entre uma encenação normal e a de sombras, e quais as sensações que esta última produz? É também importante discutir as estratégias utilizadas e os “truques” empregados para produzir determinada imagem.</p>	<p>Objetos variados que sejam interessantes para criar sombra</p> <p>Fantoches de papel</p>		<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolve técnicas de construção de personagem e contracena • Revela estar disponível para o autoaperfeiçoamento • Apresenta trabalhos com auto e heteroavaliação • Assume e cumpre compromissos
--	--	---	---	--	--

C.3 Planificações diárias 6.º ano

C.3.1 Planificações diárias 12 - 6.º ano

PLANIFICAÇÃO DIÁRIA					
CPR		Turma: 6.º ano		2.º CEB	
APRENDIZAGENS ESSENCIAIS <ul style="list-style-type: none"> • Interpretar situações da vida real e estabelecer relações entre acontecimentos do quotidiano e as situações dramáticas desenvolvidas em aula • Adequar as possibilidades expressivas da voz a diferentes contextos e situações de comunicação 				Aula nº 12	18 / 01 / 19
COMPETÊNCIAS ORIENTADORAS PARA O PERFIL DO ALUNO A Linguagens e textos; C Raciocínio e resolução de problemas; D Pensamento crítico e pensamento criativo; E Relacionamento interpessoal; F Desenvolvimento pessoal e autonomia; H Sensibilidade estética e artística; J Consciência e domínio do corpo				Duração	50 min.
Domínios	Conteúdos	Atividades	Recursos	Avaliação	
				Modalidades/ Instrumentos	Indicadores
Apropriação e Reflexão Interpretação e Comunicação	<ul style="list-style-type: none"> • Voz • Improvisação 	<u>Início de sessão</u> Em roda, conversa com os alunos sobre como se sentem ou se encontram energeticamente. De 1 a 5 como se sentem naquele momento. <u>AQUECIMENTO</u>	Sala ampla e vazia	<ul style="list-style-type: none"> • Observação direta; • Autoavaliação; • Heteroavaliação • Feedback do professor 	<ul style="list-style-type: none"> • Segue as orientações de forma a realizar a actividade adequadamente

		<p>Em roda, os alunos deverão começar por fazer respirações profundas. Imaginando que a sua barriga é um balão que enche ao inspirar o ar e esvazia ao expirar.</p> <p>Massajar a cara, as bochechas, os lábios;</p> <p>Fingir que mastigam pastilha elástica com movimentos exagerados da boca;</p> <p>Fazer vibrar os lábios produzindo o som idêntico ao de uma mota;</p> <p>Inspirar pelo nariz e deitar o ar fora com o som da letra “A”; “Lha”; “Xa”; “Za”; “Já”</p> <p>Com o dedo na boca, pede-se aos alunos que digam “O Rato roeu a rolha da garrafa do rei da russia”- trabalho de dicção.</p> <p>Solicita-se a cada aluno a cada aluno que tente produzir a som quando:</p> <p>Ri; Chora; Fica muito admirado; Assustado; Ressoa; Chama alguém muito longe; Está a desconfiar; Fica aborrecido; Chama um gato...</p> <p>Solicita-se aos alunos que reproduzam em mimica, os gestos que fazem quando:</p> <p>Se riem de qualquer coisa muito cómica; Mandar calar alguém; Pedem para falar na aula; Protestam quando os mandam para a cama e queriam ver tv...</p>	<p>Rádio com música ambiente (quando necessário)</p>		<ul style="list-style-type: none"> •Socializa com o grupo •Desenvolve técnicas de construção de personagem e contracena •Revela estar disponível para o autoaperfeiçoamento • Apresenta trabalhos com auto e heteroavaliação • Assume e cumpre compromissos
		<p><u>DESENVOLVIMENTO</u></p> <p>O Professor pede aos alunos que tentem reproduzir em conjunto os sons que ouvem durante um passeio pelo campo</p>			

		<p>(ex.: pássaros, grilos, água de um riacho, vento, cães a ladrar, folhas a cair...)</p> <p>Variantes: Uma cidade; uma fábrica; Um comboio; Uma festa; Na escola...</p> <p>São formados grupos, cada grupo deve pensar num local, numa personagem e situação e escrevem em três papeis. Depois devem preparar a sua apresentação utilizando apenas sons. Todo o grupo deve participar.</p>	<p>Adereços que possam contribuir para a criação do ambiente desejado.</p>		
		<p><u>Fecho de sessão</u></p> <p>No final, em roda, podem partilhar o que sentiram ao longo da sessão.</p> <p>De novo, de 1 a 5 quanto, a quanto se encontram.</p>			

C.3.2 Planificações diárias 14 - 6.º ano

PLANIFICAÇÃO DIÁRIA					
CPR		Turma: 6.º ano		2.º CEB	
APRENDIZAGENS ESSENCIAIS <ul style="list-style-type: none"> Reconhecer a dimensão multidisciplinar do teatro, identificando relações com outras artes e áreas de conhecimento; Construir personagens, em situações distintas e com diferentes finalidades; 				Aula nº 14	1 / 02 / 19
COMPETÊNCIAS ORIENTADORAS PARA O PERFIL DO ALUNO A Linguagens e textos; C Raciocínio e resolução de problemas; D Pensamento crítico e pensamento criativo; E Relacionamento interpessoal; F Desenvolvimento pessoal e autonomia; H Sensibilidade estética e artística; J Consciência e domínio do corpo				Duração	50 min.
Domínios	Conteúdos	Atividades	Recursos	Avaliação	
				Modalidades/ Instrumentos	Indicadores
Apropriação e Reflexão	<ul style="list-style-type: none"> Voz e texto Corpo e Movimento Improvisação e Técnica teatral 	<u>Início de sessão</u> Em roda, o professor indaga com os alunos sobre como se sentem ou se encontram energeticamente. De 1 a 5 como se sentem naquele momento. <u>AQUECIMENTO</u>	Sala ampla e vazia	•Observação direta e feedback do professor •Auto-avaliação	O/a aluno/a • Segue as orientações de forma a realizar a atividade •Socializa

Interpretação e Comunicação		<p>“Marmelada” Em roda, o professor pede a um aluno que vá para o centro para que responda a todas as perguntas que são feitas com uma só palavra – “marmelada”. Às perguntas são feitas á vez e por ordem, pelos colegas da roda, e o aluno que responde, sem poder dizer nenhuma outra palavra, sem rir, procurando manter um ar natural e não podendo assumir uma postura rígida e contraída. Se conseguir responder a todos os colegas sem se desmanchar a rir e sem se enganar, ganha o jogo e dá a vez a outro colega.</p> <p><u>DESENVOLVIMENTO</u></p> <p>Na disciplina de Português, os alunos trabalharam a obra “Ulisses” de Maria Alberta Meneres.</p> <p>Na disciplina de Teatro, os alunos dividem-se em pequenos grupos, e escolhem uma cena do texto.</p> <p>A partir dessa cena vão preparar uma apresentação para apresentar aos colegas.</p> <p>Com toda a turma reunida, o professor explica os motivos que impulsionam a um trabalho deste género. O mais importante é que todos os alunos se sintam integrados e confortáveis com a tarefa.</p> <p>É relevante indicar a importância de todo o processo do trabalho: a escolha da cena a representar, a preparação individual e do grupo, os ensaios e o cunho pessoal de cada elemento, para que sintam que é “a sua obra”.</p> <p>Depois é pedido aos alunos que preencham uma ficha de registo com os dados sobre a sua criação.</p> <p>(ficha em Anexo a esta planificação)</p>		<p>•Hetero-avaliação</p>	<p>com o grupo através dos exercícios propostos</p> <p>•Defende uma opinião estruturada</p>
-----------------------------	--	--	--	--------------------------	---

		<p><u>Fecho de sessão</u></p> <p>No final, em roda, os alunos partilham o que sentiram ao longo da sessão e com pensam fazer a sua apresentação.</p> <p>Conversa de preparação para a ida ao teatro ver a peça “Ulisses”.</p>			
--	--	---	--	--	--

C.3.3 Planificações diárias 15 - 6.º ano

PLANIFICAÇÃO DIÁRIA					
CPR		Turma: 6.º ano		2.º CEB	
<p>APRENDIZAGENS ESSENCIAIS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer, Identificar e saber caracterizar diferentes estilos e géneros convencionais de teatro • Reconhecer a dimensão multidisciplinar do teatro, identificando relações com outras artes e áreas de conhecimento • Apreciar e analisar os espectáculos ou performances, apropriando-se de um vocabulário adequado e específico. Valorizando a interpretação pessoal e tendo em conta os aspectos técnicos e contextuais • Identificar, nas várias manifestações performativas • Defender e saber explicar, oralmente, uma opinião crítica e construtiva 				Aula nº 15	8 / 2 / 19
<p>COMPETÊNCIAS ORIENTADORAS PARA O PERFIL DO ALUNO</p> <p>A Linguagens e textos; C Raciocínio e resolução de problemas; D Pensamento crítico e pensamento criativo; E Relacionamento interpessoal; F Desenvolvimento pessoal e autonomia; H Sensibilidade estética e artística; J Consciência e domínio do corpo</p>				Duração	50 min.
Domínios	Conteúdos	Atividades	Recursos	Avaliação	
				Modalidades/ Instrumentos	Indicadores
Apropriação e Reflexão Interpretação e Comunicação	<ul style="list-style-type: none"> • História do Teatro 	<p><u>Início de sessão</u></p> <p>Em roda, conversa com os alunos sobre o espetáculo que assistiram “Ulisses”.</p> <p>Inicialmente são colocadas algumas questões aos alunos e pede-se que registem numa folha as suas opiniões e respostas.</p>	<p>Folhas de papel</p> <p>Lápis</p> <p>Borracha</p> <p>Lápis de cor</p> <p>Canetas de feltro</p>	<p>•Observação direta e feedback do professor</p> <p>•Auto-avaliação</p>	<p>O/a aluno/a</p> <p>• Segue as orientações de forma a realizar a atividade</p> <p>•Socializa</p>

		<p>O professor coloca perguntas como*:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Qual o momento que mais gostaram? ➤ Do que não gostaram? ➤ Em que época se passava a peça? ➤ Quais as personagens que se lembram? ➤ Onde estavam? ➤ O que faziam ao longo da primeira cena? ➤ Como terminava a peça? ➤ Como era o cenário? ➤ E os figurinos? Que cores tinham? Porque se vestiam assim? Algum adereço de cena? ➤ E a iluminação? ➤ Havia música? Gravada ou cantada? ➤ Havia conflito entre as personagens? ➤ O conflito foi resolvido? ➤ Qual a mensagem que este espectáculo queria passar? <p>Depois de escreverem as suas respostas individualmente, dá-se início à discussão/ roda de conversa sobre o que cada um viu, sentiu e analisou.</p> <p>No final da conversa, é pedido aos alunos que façam um desenho sobre o espectáculo que assistiram.</p> <p>**A ida ao teatro!" – Ingrid Dormien Koudela</p>		<p>•Hetero-avaliação</p>	<p>com o grupo através dos exercícios propostos</p> <p>•Defende uma opinião estruturada</p>
--	--	---	--	--------------------------	---

PLANIFICAÇÃO DIÁRIA					
CPR		Turma: 6.º ano		2.º CEB	
APRENDIZAGENS ESSENCIAIS <ul style="list-style-type: none"> Reconhecer a dimensão multidisciplinar do teatro, identificando relações com outras artes e áreas de conhecimento; Identificar, em manifestações performativas, personagens, cenários, ambientes, situações cénicas, problemas e soluções da ação dramática; 				Aula nº 16	15 / 2 / 19
COMPETÊNCIAS ORIENTADORAS PARA O PERFIL DO ALUNO A Linguagens e textos; C Raciocínio e resolução de problemas; D Pensamento crítico e pensamento criativo; E Relacionamento interpessoal; F Desenvolvimento pessoal e autonomia; H Sensibilidade estética e artística; J Consciência e domínio do corpo				Duração	50 min.
Domínios	Conteúdos	Atividades	Recursos	Avaliação	
				Instrumentos	Indicadores
APROPRIAÇÃO E REFLEXÃO EXPERIMENTAÇÃO E CRIAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> História do Teatro 	<u>Início de sessão</u> Em roda, conversa com os alunos sobre o espetáculo que assistiram “Ulisses”. No final da conversa, é pedido aos alunos que façam um desenho sobre o espectáculo que assistiram. *	Folhas de papel Lápis Borracha Lápis de cor Canetas de feltro	•Observação direta e feedback do professor •Auto-avaliação •Hetero-avaliação	O/a aluno/a • Segue as orientações de forma a realizar a atividade •Socializa com o grupo através dos exercícios propostos

		*"A ida ao teatro!" – Ingrid Dormien Koudela			•Defende uma opinião estruturada
--	--	--	--	--	----------------------------------

C.3.4 Planificações diárias 17 - 6.º ano

PLANIFICAÇÃO DIÁRIA					
CPR		Turma: 6.º ano		2.º CEB	
<p>APRENDIZAGENS ESSENCIAIS</p> <ul style="list-style-type: none"> Reconhecer a dimensão multidisciplinar do teatro, identificando relações com outras artes e áreas de conhecimento; Construir personagens, em situações distintas e com diferentes finalidades; 				Aula nº 17	22 / 02 / 19
<p>COMPETÊNCIAS ORIENTADORAS PARA O PERFIL DO ALUNO</p> <p>A Linguagens e textos; C Raciocínio e resolução de problemas; D Pensamento crítico e pensamento criativo; E Relacionamento interpessoal; F Desenvolvimento pessoal e autonomia; H Sensibilidade estética e artística; J Consciência e domínio do corpo</p>				Duração	50 min.
Domínios	Conteúdos	Atividades	Recursos	Avaliação	
				Modalidades/ Instrumentos	Indicadores
<p>APROPRIAÇÃO E REFLEXÃO</p> <p>EXPERIMENTAÇÃO E CRIAÇÃO</p>	<ul style="list-style-type: none"> Voz e Texto Improvisação e técnica teatral 	<p><u>Início de sessão</u></p> <p>Em roda, o professor conversa com os alunos sobre como se sentem ou se encontram energeticamente. De 1 a 5 como se sentem naquele momento.</p> <p><u>AQUECIMENTO</u></p> <p>Em roda e ao som de uma musica calma, aquecimento físico aquecendo as articulações. Rodar o pescoço, ombros, anca,</p>	Sala ampla e vazia	<ul style="list-style-type: none"> Observação direta e feedback do professor Auto-avaliação 	<p>O/a aluno/a</p> <ul style="list-style-type: none"> Segue as orientações de forma a realizar a atividade Socializa com o grupo através dos exercícios

		joelhos e tornozelos.		•Hetero-avaliação	propostos
		<p><u>DESENVOLVIMENTO</u></p> <p>Continuação do trabalho da aula n.º 14.</p> <p>Na disciplina de Português, os alunos trabalharam a obra “Ulisses” de Maria Alberta Meneses.</p> <p>Na disciplina de Teatro, os alunos dividem-se em pequenos grupos, e escolhem uma cena do texto.</p> <p>A partir dessa cena vão preparar uma apresentação para apresentar aos colegas.</p> <p>Nesta aula, os alunos já devem ter ideia do que querem apresentar. Durante este primeiro tempo de discussão, o professor não deverá intervir demasiado. Deve circular pelos grupos, ouvir as ideias e apenas intervir de forma a estimular e alertar para que comecem a tomar decisões em grupo.</p>			<p>•Defende uma opinião estruturada</p>
		<p><u>Fecho de sessão</u></p> <p>No final, em roda, o professor pede aos alunos que partilhem o que sentiram ao longo da sessão e com pensam fazer a sua apresentação.</p>			

C.3.5 Planificações diárias 18 - 6.º ano

PLANIFICAÇÃO DIÁRIA					
CPR		Turma: 6.º ano		2.º CEB	
<p>APRENDIZAGENS ESSENCIAIS</p> <ul style="list-style-type: none"> Reconhecer a dimensão multidisciplinar do teatro, identificando relações com outras artes e áreas de conhecimento; Construir personagens, em situações distintas e com diferentes finalidades; 				Aula nº 18	1 / 03 / 19
<p>COMPETÊNCIAS ORIENTADORAS PARA O PERFIL DO ALUNO</p> <p>A Linguagens e textos; C Raciocínio e resolução de problemas; D Pensamento crítico e pensamento criativo; E Relacionamento interpessoal; F Desenvolvimento pessoal e autonomia; H Sensibilidade estética e artística; J Consciência e domínio do corpo</p>				Duração	50 min.
Domínios	Conteúdos	Atividades	Recursos	Avaliação	
				Modalidades/ Instrumentos	Indicadores
<p>APROPRIAÇÃO E REFLEXÃO</p> <p>EXPERIMENTAÇÃO E CRIAÇÃO</p>	<ul style="list-style-type: none"> Voz e Texto Improvisação e técnica teatral 	<p><u>Início de sessão</u></p> <p>Em roda, o professor conversa com os alunos sobre como se sentem ou se encontram energeticamente. De 1 a 5 como se sentem naquele momento.</p> <p><u>AQUECIMENTO</u></p> <p>“O bando”. Os alunos estão dispostos pela sala livremente, ocupando o espaço de forma equilibrada. O Professor coloca</p>	Sala ampla e vazia	<ul style="list-style-type: none"> Observação direta e feedback do professor Auto-avaliação 	<p>O/a aluno/a</p> <ul style="list-style-type: none"> Segue as orientações de forma a realizar a atividade Socializa com o grupo através dos exercícios

		<p>uma música, e os alunos devem reagir ao estímulo sonoro movimentando-se pelo espaço. O professor diz o nome de um aluno e os outros devem imitar e seguir esse aluno como um “bando” de pássaros a voar.</p>		<p>•Hetero-avaliação</p>	<p>propostos</p>
		<p><u>DESENVOLVIMENTO</u></p> <p>Continuação do trabalho da aula n.º 17.</p> <p>Na disciplina de Português, os alunos trabalharam a obra “Ulisses” de Maria Alberta Meneres.</p> <p>Na disciplina de Teatro, os alunos dividem-se em pequenos grupos, e escolhem uma cena do texto.</p> <p>A partir dessa cena vão preparar uma apresentação para apresentar aos colegas.</p> <p>Os grupos expõem ao professor a ideia que têm e o material que pretendem utilizar. Às sugestões do professor, devem fazer as alterações e adaptações que surjam.</p>			<p>•Defende uma opinião estruturada</p>
		<p><u>Fecho de sessão</u></p> <p>No final, em roda, o professor pede para que os alunos partilhem o que sentiram ao longo da sessão e com pensam fazer a sua apresentação.</p>			

C.3.6 Planificações diárias 19 - 6.º ano

PLANIFICAÇÃO DIÁRIA					
CPR		Turma: 6.º ano		2.º CEB	
APRENDIZAGENS ESSENCIAIS <ul style="list-style-type: none"> Reconhecer a dimensão multidisciplinar do teatro, identificando relações com outras artes e áreas de conhecimento; Construir personagens, em situações distintas e com diferentes finalidades; 				Aula nº 19	8 / 03 / 19
COMPETÊNCIAS ORIENTADORAS PARA O PERFIL DO ALUNO A Linguagens e textos; C Raciocínio e resolução de problemas; D Pensamento crítico e pensamento criativo; E Relacionamento interpessoal; F Desenvolvimento pessoal e autonomia; H Sensibilidade estética e artística; J Consciência e domínio do corpo				Duração	50 min.
Domínios	Conteúdos	Atividades	Recursos	Avaliação	
				Modalidades/ Instrumentos	Indicadores
APROPRIAÇÃO E REFLEXÃO EXPERIMENTAÇÃO E CRIAÇÃO	Voz e Texto Improvisação e técnica teatral	<u>Início de sessão</u> Em roda, o professor conversa com os alunos sobre como se sentem ou se encontram energeticamente. De 1 a 5 como se sentem naquele momento. <u>AQUECIMENTO</u> Andar pelo espaço – sentir o corpo, o cansaço, as tensões musculares.	Sala ampla e vazia	•Observação direta e feedback do professor •Auto-avaliação	O/a aluno/a • Segue as orientações de forma a realizar a atividade •Socializa com o grupo através dos exercícios

		<p>Definir a velocidade média do caminhar como velocidade 5 e verbalizar diferentes que vão desde o 1 (o mais devagar que consigo caminhar sem ficar imóvel) até à velocidade 9 (o mais rápido que consigo caminhar sem começar a correr).</p> <p>A dada altura, à ordem de STOP, devem parar imóveis e em tensão.</p>		<p>•Hetero-avaliação</p>	<p>propostos</p> <p>•Defende uma opinião estruturada</p>
		<p><u>DESENVOLVIMENTO</u></p> <p>Continuação do trabalho da aula n.º 18.</p> <p>Na disciplina de Português, os alunos trabalharam a obra “Ulisses” de Maria Alberta Meneres.</p> <p>Na disciplina de Teatro, os alunos dividem-se em pequenos grupos, e escolhem uma cena do texto.</p> <p>A partir dessa cena vão preparar uma apresentação para apresentar aos colegas.</p> <p>Os grupos deverão mostrar o trabalho que têm estado a preparar já com as alterações e indicações do professor aos colegas.</p> <p>Os colegas poderão ajudar e dar opinião sobre o trabalho uns dos outros. Sempre apontado um ponto positivo e um ponto a melhorar.</p>			

Fecho de sessão

No final, em roda, o professor propõem aos alunos que partilhem o que sentiram ao longo da sessão e com pensam fazer a sua apresentação.

C.3.7 Planificações diárias 20 - 6.º ano

PLANIFICAÇÃO DIÁRIA					
CPR		Turma: 6.º ano		2.º CEB	
APRENDIZAGENS ESSENCIAIS <ul style="list-style-type: none"> Reconhecer a dimensão multidisciplinar do teatro, identificando relações com outras artes e áreas de conhecimento; Construir personagens, em situações distintas e com diferentes finalidades; 				Aula nº 20	15 / 03 / 19
COMPETÊNCIAS ORIENTADORAS PARA O PERFIL DO ALUNO A Linguagens e textos; C Raciocínio e resolução de problemas; D Pensamento crítico e pensamento criativo; E Relacionamento interpessoal; F Desenvolvimento pessoal e autonomia; H Sensibilidade estética e artística; J Consciência e domínio do corpo				Duração	50 min.
Domínios	Conteúdos	Atividades	Recursos	Avaliação	
				Modalidades/ Instrumentos	Indicadores
APROPRIAÇÃO E REFLEXÃO EXPERIMENTAÇÃO E CRIAÇÃO	Voz e Texto Improvisação e técnica teatral	<u>Início de sessão</u> Em roda, o professor conversa com os alunos sobre como se sentem ou se encontram energeticamente. De 1 a 5 como se sentem naquele momento. <u>AQUECIMENTO</u> “Zombie” – jogo de apanhada. Um aluno inicia o jogo sendo o Zombie. Os seus colegas devem fugir para não serem apanhados. Ao sentirem que estão quase a ser apanhados pelo Zombie, devem dizer o nome de outro colega, passando esse	Sala ampla e vazia Tecidos Chapéus Roupas	•Observação direta e feedback do professor •Auto-avaliação •Hetero-avaliação	O/a aluno/a • Segue as orientações de forma a realizar a atividade •Socializa com o grupo através dos exercícios propostos

		<p>que foi nomeado a ser o novo perseguidor. Se os alunos forem apanhados, sem que antes tenham dito o nome de ouro colega, saem do jogo*.</p> <p>O jogo termina quando ficarem duas crianças em jogo.</p>			<p>•Defende uma opinião estruturada</p>
		<p><u>DESENVOLVIMENTO</u></p> <p>Continuação do trabalho da aula n.º 19.</p> <p>Na disciplina de Português, os alunos trabalharam a obra “Ulisses” de Maria Alberta Meneres.</p> <p>Na disciplina de Teatro, os alunos dividem-se em pequenos grupos, e escolhem uma cena do texto.</p> <p>A partir dessa cena vão preparar uma apresentação para apresentar aos colegas.</p> <p>Construção e criação de figurinos e adereços.</p> <p>Esta aula destina-se ao trabalho de técnica – som, luz, adereços e figurinos.</p>	<p>Materiais necessários para a construção de adereços.</p>		
		<p><u>Fecho de sessão</u></p> <p>No final, em roda, o professor pede que os alunos partilhem o que sentiram ao longo da sessão e com pensam fazer a sua apresentação.</p>			

PLANIFICAÇÃO DIÁRIA					
CPR		Turma: 6.º ano		2.º CEB	
APRENDIZAGENS ESSENCIAIS <ul style="list-style-type: none"> Reconhecer a dimensão multidisciplinar do teatro, identificando relações com outras artes e áreas de conhecimento; Construir personagens, em situações distintas e com diferentes finalidades; 				Aula nº 21	22 / 03 / 19
COMPETÊNCIAS ORIENTADORAS PARA O PERFIL DO ALUNO A Linguagens e textos; C Raciocínio e resolução de problemas; D Pensamento crítico e pensamento criativo; E Relacionamento interpessoal; F Desenvolvimento pessoal e autonomia; H Sensibilidade estética e artística; J Consciência e domínio do corpo				Duração	50 min.
Domínios	Conteúdos	Atividades	Recursos	Avaliação	
				Modalidades/ Instrumentos	Indicadores
APROPRIAÇÃO E REFLEXÃO EXPERIMENTAÇÃO E CRIAÇÃO	Voz e Texto Improvisação e técnica teatral	<u>Início de sessão</u> Em roda, o professor conversa com os alunos sobre como se sentem ou se encontram energeticamente. De 1 a 5 como se sentem naquele momento. <u>AQUECIMENTO</u> “Câmara lenta” – Espalhados equilibradamente pelo espaço da sala, é pedido aos alunos pensem num desporto à sua escolha	Sala ampla e vazia Tecidos Chapéus	•Observação direta e feedback do professor •Auto-avaliação	O/a aluno/a • Segue as orientações de forma a realizar a atividade •Socializa com o grupo através dos exercícios

		<p>(voleibol, basquetebol, ténis, futebol, hóquei, etc). Devem representar esse desporto através da mímica e em câmara lenta.</p> <p>À voz de “STOP”, todos congelam o movimento que estão a fazer. O jogo prossegue à voz de “ACÇÃO”.</p> <p>Prolongamento: os alunos organizam-se em duas equipas e vão jogar uma modalidade escolhida pela maioria. Sempre em câmara lenta e respeitando o trajecto da bola e o seguimento do jogo.</p>	<p>Roupas</p> <p>Materiais necessários para a construção de adereços.</p>	<p>•Hetero-avaliação</p>	<p>propostos</p> <p>•Defende uma opinião estruturada</p>
		<p><u>DESENVOLVIMENTO</u></p> <p>Continuação do trabalho da aula n.º 20.</p> <p>Na disciplina de Português, os alunos trabalharam a obra “Ulisses” de Maria Alberta Meneres.</p> <p>Na disciplina de Teatro, os alunos dividem-se em pequenos grupos, e escolhem uma cena do texto.</p> <p>Ensaio geral.</p> <p><u>Fecho de sessão</u></p> <p>No final, em roda, o professor pede aos alunos que partilhem o que sentiram ao longo da sessão e com pensam fazer a sua apresentação.</p>			

PLANIFICAÇÃO DIÁRIA					
CPR		Turma: 6.º ano		2.º CEB	
APRENDIZAGENS ESSENCIAIS <ul style="list-style-type: none"> Reconhecer a dimensão multidisciplinar do teatro, identificando relações com outras artes e áreas de conhecimento; Construir personagens, em situações distintas e com diferentes finalidades; 				Aula nº 22	29 / 03 / 19
COMPETÊNCIAS ORIENTADORAS PARA O PERFIL DO ALUNO A Linguagens e textos; C Raciocínio e resolução de problemas; D Pensamento crítico e pensamento criativo; E Relacionamento interpessoal; F Desenvolvimento pessoal e autonomia; H Sensibilidade estética e artística; J Consciência e domínio do corpo				Duração	50 min.
Domínios	Conteúdos	Atividades	Recursos	Avaliação	
				Modalidades/ Instrumentos	Indicadores
APROPRIAÇÃO E REFLEXÃO EXPERIMENTAÇÃO E CRIAÇÃO	Voz e Texto Improvisação e técnica teatral	<u>Início de sessão</u> Em roda, o professor impulsiona uma conversa com os alunos sobre como se sentem ou se encontram energeticamente. De 1 a 5 como se sentem naquele momento.	Sala ampla e vazia Tecidos Chapéus	•Observação direta e feedback do professor •Auto-avaliação •Hetero-avaliação	O/a aluno/a • Segue as orientações de forma a realizar a atividade de forma adequada

			Roupas		<ul style="list-style-type: none"> •Explora as possibilidades expressivas do seu corpo no espaço
		<p><u>DESENVOLVIMENTO</u></p> <p>Na disciplina de Português, os alunos trabalharam a obra “Ulisses” de Maria Alberta Meneres.</p> <p>Na disciplina de Teatro, os alunos dividem-se em pequenos grupos, e escolhem uma cena do texto.</p> <p>Apresentação das dramatizações.</p>	<p>Materiais necessários para a construção de adereços.</p>		<ul style="list-style-type: none"> •Socializa com o grupo através dos jogos e exercícios propostos
		<p><u>Fecho de sessão</u></p> <p>No final, em roda, o professor pede aos alunos que partilhem o que sentiram ao longo da sessão e com quem pensam fazer a sua apresentação.</p>			<ul style="list-style-type: none"> •Desenvolve a capacidade da improvisação, assim como da criatividade na expressão •Desenvolve técnicas de construção de personagem e contracena

PLANIFICAÇÃO DIÁRIA					
CPR		Turma: 6.º ano		2.º CEB	
APRENDIZAGENS ESSENCIAIS <ul style="list-style-type: none"> Reconhecer a dimensão multidisciplinar do teatro, identificando relações com outras artes e áreas de conhecimento Construir personagens, em situações distintas e com diferentes finalidades; Defender e saber explicar, oralmente, uma opinião crítica e construtiva. Saber apontar pontos a favor e pontos por melhorar, seja no seu trabalho ou no trabalho dos colegas. 				Aula nº 23	5 / 04 / 19
COMPETÊNCIAS ORIENTADORAS PARA O PERFIL DO ALUNO A Linguagens e textos; C Raciocínio e resolução de problemas; D Pensamento crítico e pensamento criativo; E Relacionamento interpessoal; F Desenvolvimento pessoal e autonomia; H Sensibilidade estética e artística; J Consciência e domínio do corpo				Duração	50 min.
Domínios	Conteúdos	Atividades	Recursos	Avaliação	
				Modalidades/ Instrumentos	Indicadores
APROPRIAÇÃO E REFLEXÃO EXPERIMENTAÇÃO E CRIAÇÃO	Voz e Texto Improvisação e técnica teatral	<u>Início de sessão</u> Em roda, conversa com os alunos sobre como se sentem ou se encontram energeticamente. De 1 a 5 como se sentem naquele momento. <u>AQUECIMENTO</u> Em roda, o professor dá as instruções, exemplificando a melhor	Sala ampla e vazia Tecidos	•Observação direta e feedback do professor •Auto-avaliação	O/a aluno/a • Segue as orientações de forma a realizar a atividade de forma adequada

		<p><u>Fecho de sessão</u></p> <p>No final, em roda, com a orientação do professor, os alunos fazem um balanço do que sentiram ao longo da sessão e como pretendem fazer a sua apresentação.</p> <p>Conversa com os alunos sobre o período que está a terminar e pedir aos alunos que façam uma breve apreciação do seu trabalho ao longo das sessões.</p>			<p>•Desenvolve técnicas de construção de personagem e contracena</p>
--	--	---	--	--	--

PLANIFICAÇÃO DIÁRIA					
CPR		Turma: 6.º ano		2.º CEB	
APRENDIZAGENS ESSENCIAIS <ul style="list-style-type: none"> Reconhecer a dimensão multidisciplinar do teatro, identificando relações com outras artes e áreas de conhecimento; Construir personagens, em situações distintas e com diferentes finalidades; Defender e saber explicar, oralmente, uma opinião crítica e construtiva. Saber apontar pontos a favor e pontos por melhorar, seja no seu trabalho ou no trabalho dos colegas. 				Aula nº 24 -31 3.º Período	
COMPETÊNCIAS ORIENTADORAS PARA O PERFIL DO ALUNO A Linguagens e textos; C Raciocínio e resolução de problemas; D Pensamento crítico e pensamento criativo; E Relacionamento interpessoal; F Desenvolvimento pessoal e autonomia; H Sensibilidade estética e artística; J Consciência e domínio do corpo				Duração	50 min.
Domínios	Conteúdos	Atividades	Recursos	Avaliação	
				Modalidades/ Instrumentos	Indicadores
APROPRIAÇÃO E REFLEXÃO EXPERIMENTAÇÃO E CRIAÇÃO	Voz e Texto Improvisação e técnica teatral	<u>Início de sessão</u> Em roda, conversa com os alunos sobre como se sentem ou se encontram energeticamente. De 1 a 5 como se sentem naquele momento. <u>AQUECIMENTO</u> Em roda, o professor dá as instruções, exemplificando a melhor	Sala ampla e vazia Tecidos	•Observação direta e feedback do professor •Auto-avaliação	O/a aluno/a • Segue as orientações de forma a realizar a atividade de forma adequada

ANEXO D
QUESTIONÁRIOS

D.1 Alunos

28/12/2020

Teatro no 2.º Ciclo, uma disciplina como as outras

Teatro no 2.º Ciclo, uma disciplina como as outras

Este questionário tem como objetivo recolher informação para a realização de um estudo no âmbito do Mestrado em Educação Artística, na especialização de Teatro, a efetuar na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa.

Este questionário dirige-se aos alunos que frequentam o Colégio Penas Real e as questões estão diretamente relacionadas com as aulas de Teatro nesta escola.

Os dados fornecidos são absolutamente confidenciais e anónimos e serão exclusivamente utilizados para fins de investigação científica.

Peço, assim, que sejas o mais rigoroso possível no seu preenchimento.

Agradeço, desde já, o contributo!

*Obrigatório

1. 1. Ano de Escolaridade *

Marcar apenas uma oval.

5.º ano

6.º ano

2. 2. Desde que nível de escolaridade frequentas as aulas de Teatro / Expressão Dramática? *

Marcar apenas uma oval.

Pré-Escolar

1.º Ciclo

2.º Ciclo

Nunca frequentei.

3. 3. Na tua opinião, quão importante é esta disciplina para o teu desenvolvimento? *

Marcar apenas uma oval.

- Extremamente importante
 Muito importante
 Mais ou menos importante
 Pouco importante
 Nada importante

4. 4. Na tua opinião, o Teatro: *

Marcar apenas uma oval.

- Faz com que me sinta mais à vontade com os outros colegas
 Proporciona a colaboração entre os colegas
 Ajuda a perceber as capacidades expressivas do meu corpo
 Ajuda-me a projetar a voz, para que todos entendam o que eu digo
 Opção 5
 Outra: _____

5. 5. Como consideras o tempo da disciplina de Teatro, na tua carga horária? *

Marcar apenas uma oval.

- Tempo demais
 Tempo adequado
 Pouco tempo
 Extremamente pouco tempo

6. 6. O que achas sobre a disciplina de Teatro este ano? *

7. 7. O que mais gostas de fazer na disciplina de Teatro? *

8. 8. O que menos gostas de fazer na disciplina de Teatro? *

9. 9. Qual a tua sugestão de trabalho a desenvolver na disciplina de Teatro? *

10. 10. No 3.º Ciclo, tentonas escolher a disciplina de Teatro como opção? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim, sem dúvida.
- Ainda não pensei sobre o assunto.
- Só se não tiver outra opção.
- Se os meus amigos também escolherem.
- Não, gostaria de experimentar outras áreas.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google.

Google Formulários

D.2 Direcção

28/12/2020

Teatro no 2.º Ciclo

Teatro no 2.º Ciclo

Este questionário tem como objetivo recolher informação para a realização de um estudo no âmbito do Mestrado em Educação Artística, na especialização de Teatro, a efetuar na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa.

Este questionário dirige-se aos membros da Direcção Administrativa e Pedagógica do Colégio Penas Real e as questões estão diretamente relacionadas com as aulas de Teatro no 2.º Ciclo.

Os dados fornecidos são absolutamente confidenciais e anónimos e serão exclusivamente utilizados para fins de investigação científica.

Peço, assim, que seja o mais rigoroso possível no seu preenchimento.

Agradeço, desde já, o contributo!

*Obrigatório

1. 1. Cargo que desempenha na instituição *

Marcar apenas uma oval.

Direcção Administrativa

Direcção Pedagógica

2. 2. Quais as razões que levaram o Colégio a ter a disciplina de Teatro no 2.º ciclo? *

3. 3. Que condições tiveram de ser criadas para a concretização da disciplina?

4. 4. Como é que o Colégio se organizou para receber esta disciplina?

5. 5. O que teve de ficar de fora da carga horária, para que o Teatro tivesse lugar?

6. 6. Quais as vantagens em ter o Teatro como uma disciplina obrigatória?

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google.

Google Formulários

D.3 Comunidade Educativa

26/12/2020

Teatro no 2.º ciclo

Teatro no 2.º ciclo

Este questionário tem como objetivo recolher informação para a realização de um estudo no âmbito do Mestrado em Educação Artística, na especialização de Teatro, a efetuar na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa.

Este questionário dirige-se aos membros da comunidade escolar onde está a ser implementado o projeto de intervenção e as questões estão diretamente relacionadas com as aulas de Teatro no 2.º Ciclo.

Os dados fornecidos são absolutamente confidenciais e anónimos e serão exclusivamente utilizados para fins de investigação científica.

Peço, assim, que seja o mais rigoroso possível no seu preenchimento.

Agradeço, desde já, o contributo!

*Obrigatório

1. Qual o papel que desempenha na instituição? *

Marcar apenas uma oval.

- Direção
- Professor(a)
- Aluno(a)
- Encarregado de Educação
- Técnico(a) de ação Educativa
- Outra: _____

2. Qual a importância que considera ter a disciplina de Teatro no 2.º ciclo, nesta instituição? (sendo que 1 é nenhuma importância e 5 máxima importância) *

Marcar apenas uma oval.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

3. Como considera a inclusão da disciplina de Teatro na oferta curricular do 2.º ciclo do ensino básico? *

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google.

Google Formulários

ANEXO E
RESULTADOS DOS GRÁFICOS

E.1. Grupo de Participantes

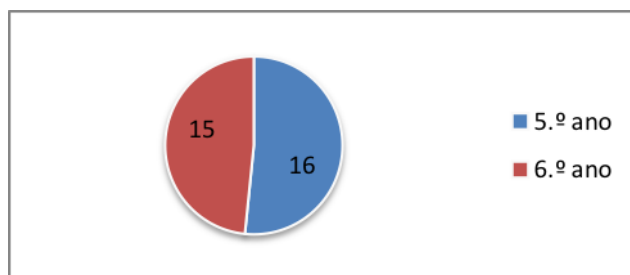


Fig. E.1.1 | Grupo de participantes

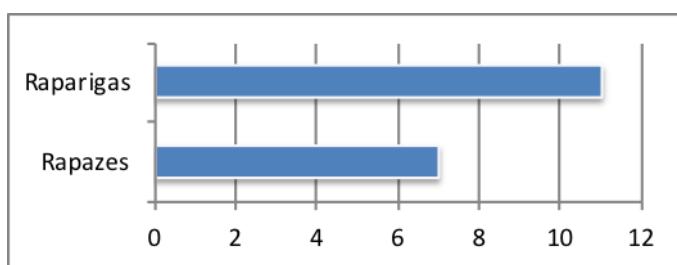


Fig. E.1.2 | Relação do n.º de alunos, 5.º ano

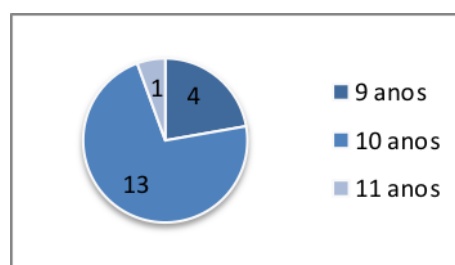


Fig. E.1.3 | Relação de idades, 5.º ano

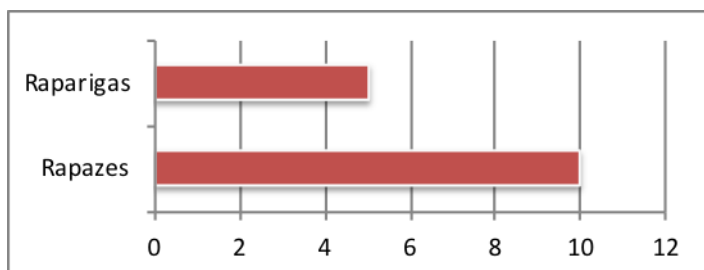


Fig. E.1.4 | Relação do n.º de alunos, 6.º ano

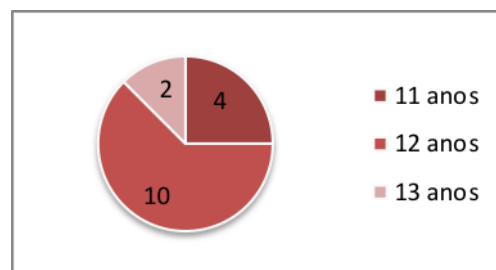


Fig. E.1.5 | Relação de idades, 6.º ano

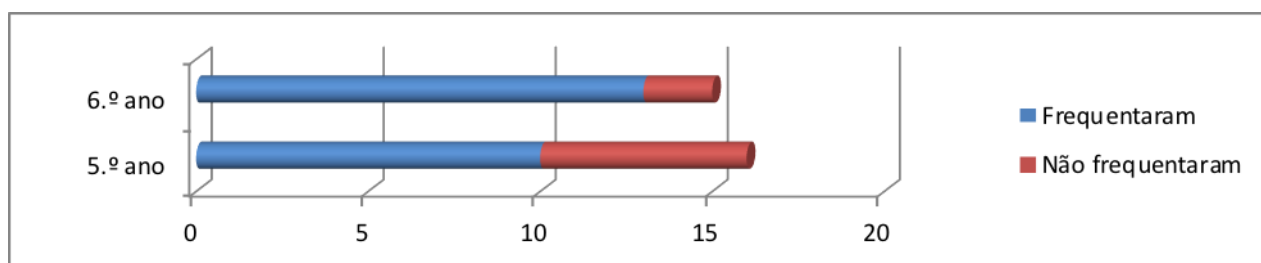


Fig. E.1.6 | Relação de alunos que frequentaram o Colégio no 1.º CEB

E.2. Questionário aos Alunos

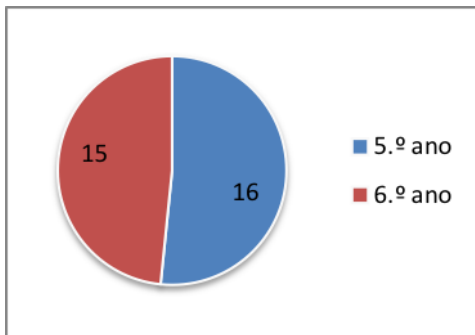


Fig.E.2.1 | Alunos inquiridos

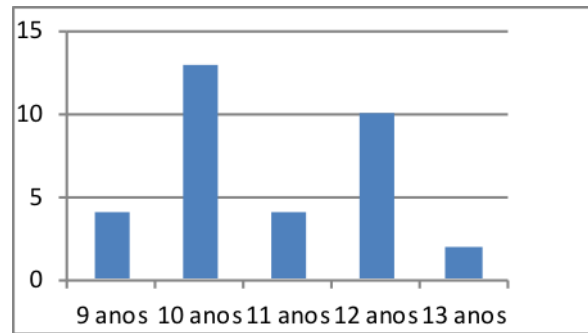


Fig. E.2.2 | Idade dos alunos inquiridos

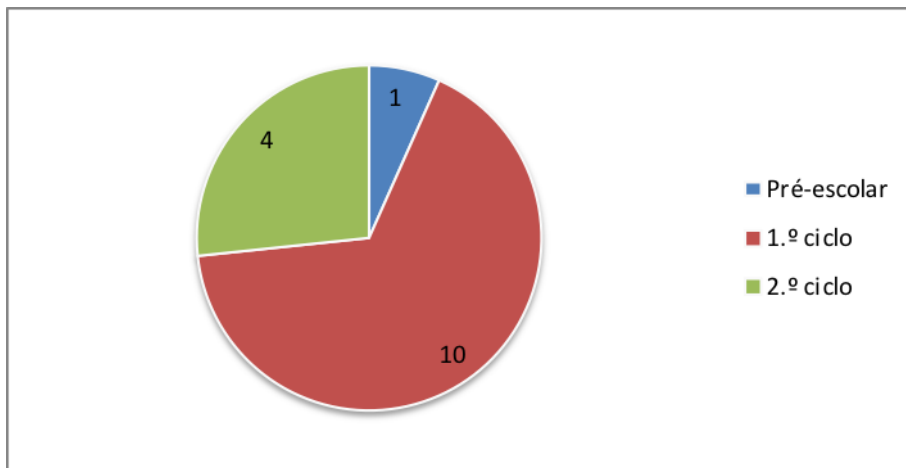


Fig. E.2.3 | Nível de escolaridade onde iniciou as aulas de Teatro

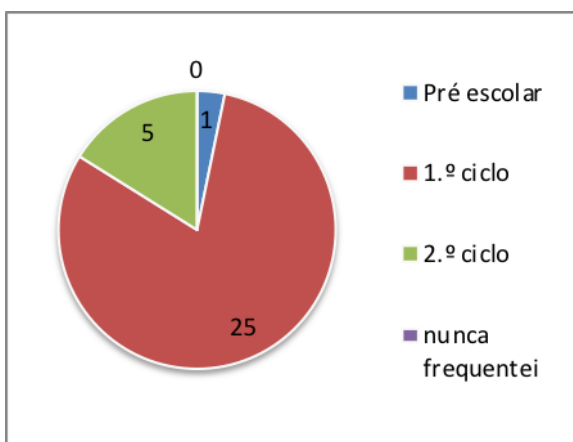


Fig. E.2.4 | Resposta dos alunos do 5.º ano

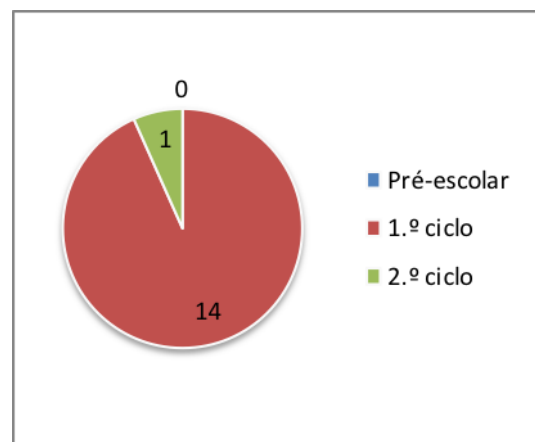


Fig. E.2.5 | Resposta dos alunos do 6.º ano

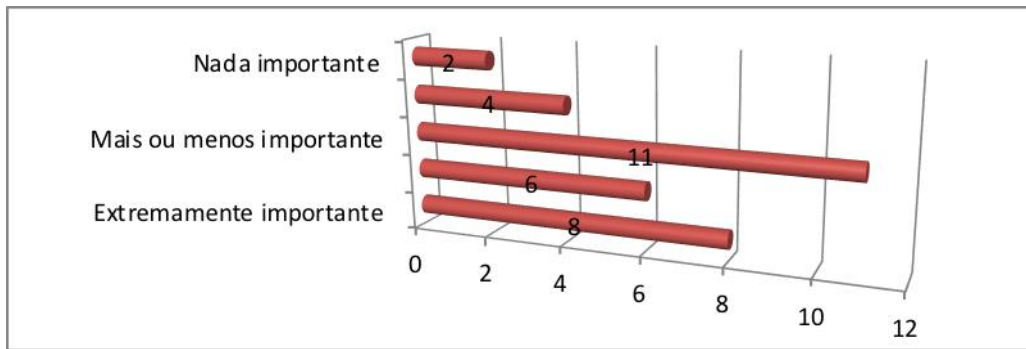


Fig. E.2.6 | Importância da disciplina - Alunos

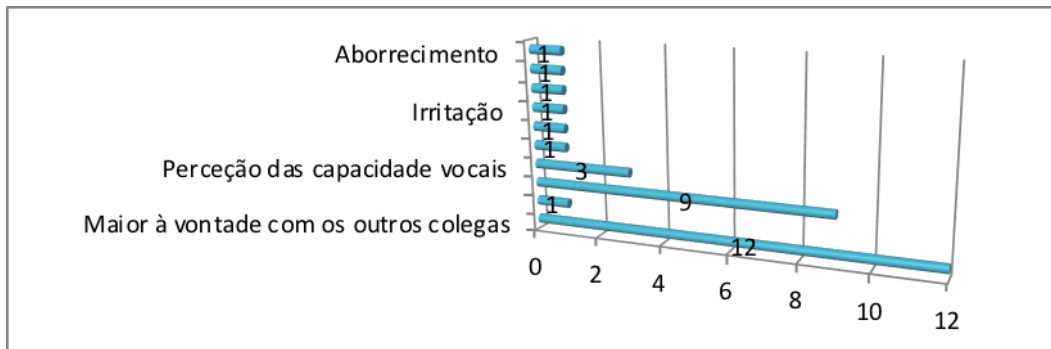


Fig. E.2.7 | Outros, o que o Teatro proporciona

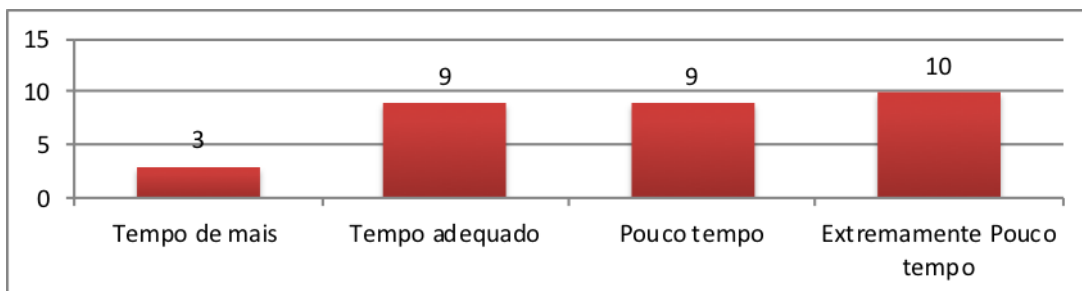


Fig. E.2.8. | Tempo de aula

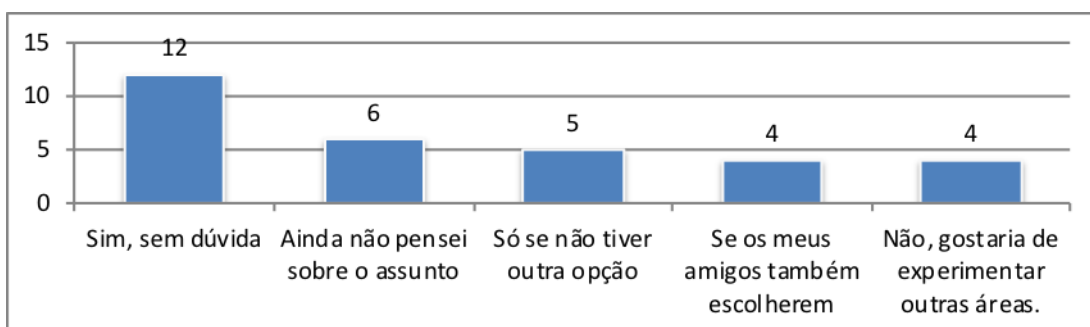


Fig. E.2.9 | Continuar com o Teatro no 3.º ciclo?

E.3. Questionário aos órgãos de gestão

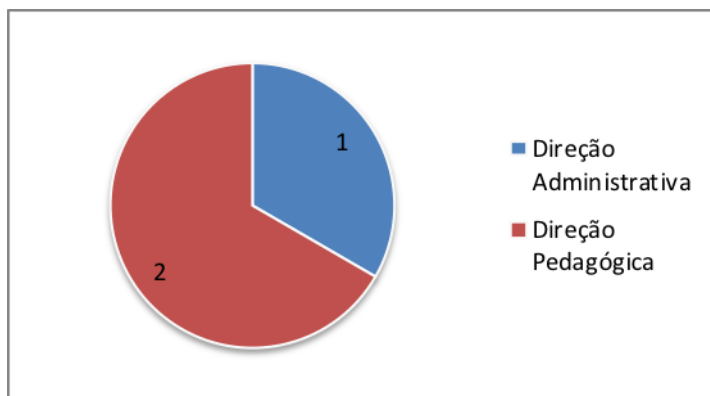


Fig. E.3.1 | Órgãos de Gestão

E.4. Questionário à comunidade educativa

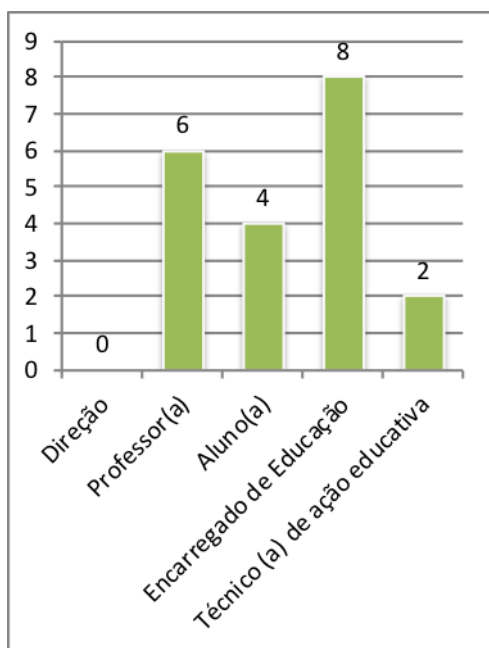


Fig. E.4.1 | Elementos da comunidade

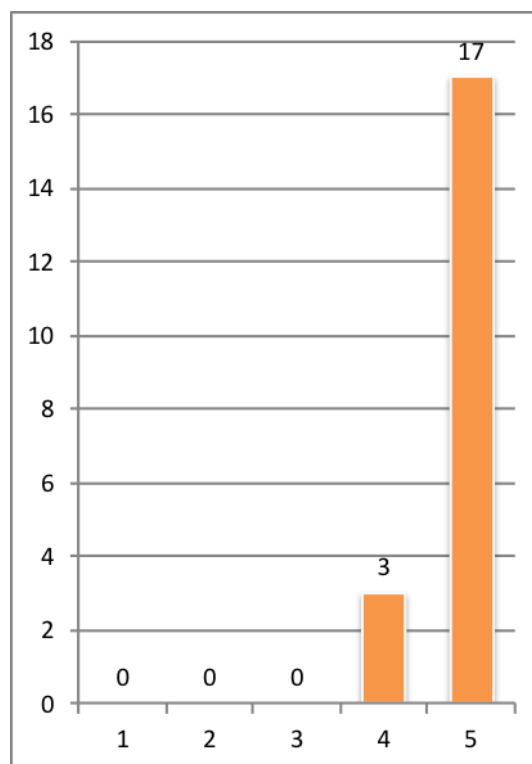


Fig. E.4.2 | Importância da inclusão do Teatro

E.5. Avaliação final

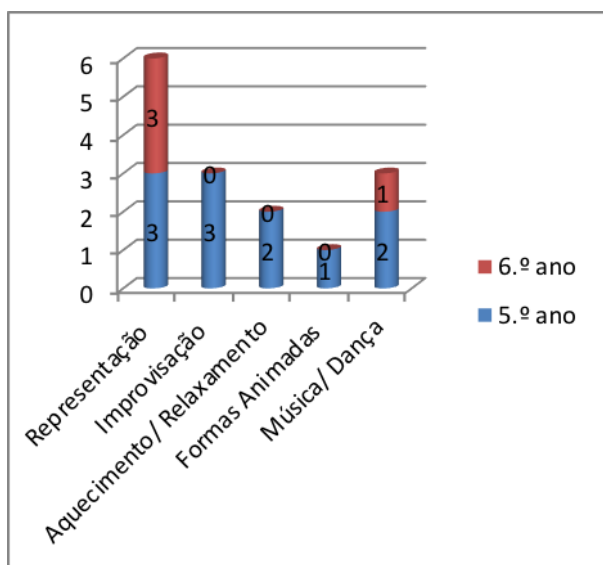


Fig. E.5.1 | O que mais gosta na disciplina

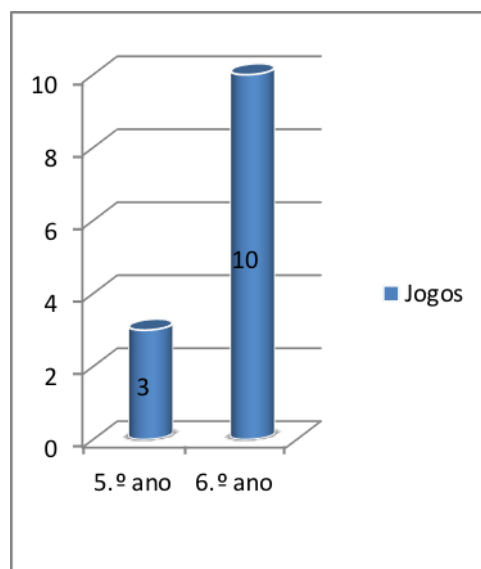


Fig. E.5.2 | 6.º ano aprecia mais Jogos

E.6. Estrutura de aula - programa

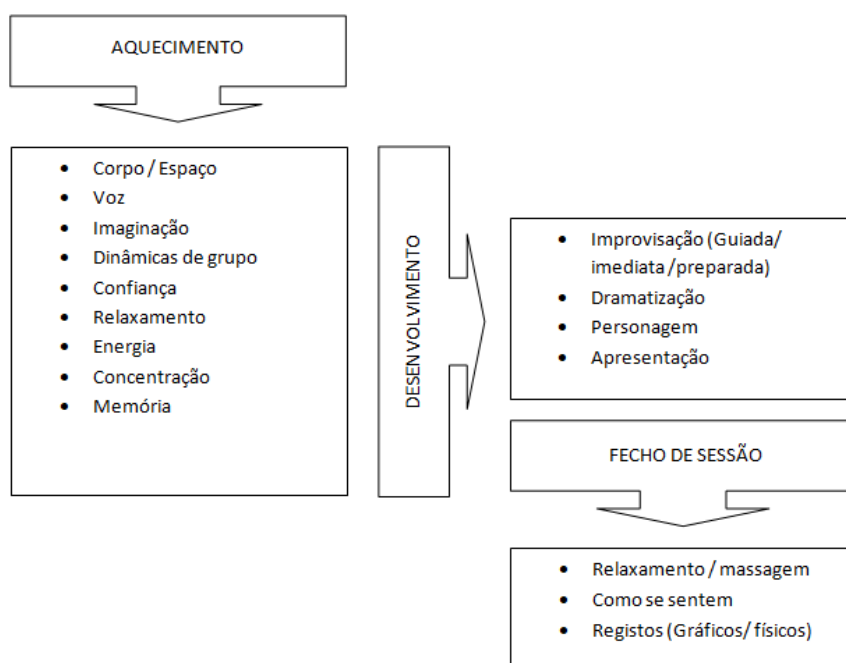


Fig. E.6.1 | Exemplo da estrutura de uma aula de Teatro

ANEXO F
ANÁLISE DE CONTEÚDO

F.1 Alunos

F.1.1. Considerações em relação à disciplina de Teatro

CATEGORIA	SUB CATEGORIA	INDICADORES	UR (Unidade de Registo)	Enumeração
Considerações em relação à disciplina de Teatro	Desenvolvimento peçoal e social	Controlo da timidez e exposição pública	R1- Perder a timidez	8
			R2 – Parar de ter vergonha	
			R3 - ...me sinta muito à vontade	
			R6 - ...que enfrente os meus medos do público	
			R9 – Melhorar a minha vergonha em público	
			R10 – Perder a vergonha de falar em público	
			R17 – Conseguir fazer o que a professora pede	
			R22 – o Teatro é muito importante para perdermos a vergonha...	
	Momentos de descontração e relaxamento	R3 - ...disciplina muito relaxante	3	
		R4 - ...que me descontraia		
		R5 - ...relaxar, descontrair.		
	Interacção com os pares	R1 – Interagir mais com as pessoas...	2	
		R25 – A união da Turma		
	Autoconhecimento	R15 – Libertar mais os meus sentimentos	3	
		R16 – Que me faça uma pessoa melhor		
R22 - ...para conhecermos mais o nosso corpo				
Desenvolvimento da expressão e da criatividade	Capacidades expressivas e relacionais	R15 – Tornar-me uma pessoa mais expressiva...	3	
		R16 – ...que consiga expressar melhor os meus sentimentos		
		R23 – Expressar-me		
	Estímulo à criatividade	R20 – Sentir-me livre, gosto de inventar, não sei explicar	1	

		Desenvolvimento pessoal	R21 – uma experiencia nova	1
	Oportunidade lúdica	Momento de diversão	R4 – Que me divirta... R5 – Divertir-me... R19 - Divertida R30 - ...muito divertida	4
	Expectativas genéricas	Funcionamento da aula	R2 – Que corra bem R7 – Correr mal R12 – Fazer tudo bem nas aulas de Teatro R13 – Gostava que houvesse mais tempo de aulas de teatro	4
	Desenvolvimento de aprendizagens em teatro	Emprego de vocabulário teatral	R14 – Fazer mais representação R21 - Representar R23 – Dramatizar, improvisar R24 – Realizar uma peça de teatro	4
	Não indicada	Razão não especificada	R8 – Acho que vou gostar R11 – Estou a gostar R18 - Boa R27 – Não sei R28 - Nada R29 – Não tenho expectativas R31- Péssimos	7

F.1.2. Práticas mais apreciadas na disciplina de Teatro

CATEGORIA	SUB CATEGORIA	INDICADORES	UR (Unidade de Registo)	Enumeração
Práticas mais apreciadas na disciplina de Teatro	Técnica teatral	Improvisação	R4 - ...improvisar	6
			R7 - Improvisar	
			R9 – Improvisar algum tema que a professora diz	
			R13 - Improvisação	
			R16 – Criar histórias improvisadas	
			R20 - Improvisar	
		Representação	R14 – A representação.	6
			R1 - ...fazemos uma pequena animação	
			R15 – Gosto de criar teatros com base nas instruções da professora	
			R27 – Mini teatros	
			R29 - Representar	
			R30 - Representar	
		Formas animadas	R10 – Brincar com sombras	1
		Aquecimento / relaxamento	R6 – Alongar, pois desenvolve os músculos do corpo	4
			R8 – Os alongamentos	
			R11 – ...os alongamentos	
R12 – Os alongamentos				

	Dinâmicas de grupo	Trabalho em grupo	R1 – Gosto quando a professora faz grupos	2
			R21 – Trabalhar em equipa	
		Jogos	R5 - ...o que mais gosto de fazer são os jogos.	14
			R3 – O que eu mais gosto são os jogos que fazemos no teatro.	
			R17 - Jogar	
			R18 – Fazer jogos	
			R19 – Fazer jogos	
			R22 – Jogo da “marmelada” incentiva-nos a estar concentrados em palco	
			R23 - Marmelada	
			R25 – O jogo do vírus	
			R26 – Jogar jogos como o Zombie e o Virús, estes jogos ajudam-nos a colaborar em conjunto divertindo-nos.	
			R27 – Jogos de dança	
			R28 - -Realizar os jogos	
			R29 – ...o jogo dos Zombies/Virús	
	R30 – Jogar jogos			
R31 – Os jogos				
Comentário geral	Apreciação global positiva	R2 - Tudo	1	

F.1.3. Práticas menos apreciadas na disciplina de Teatro

CATEGORIA	SUB CATEGORIA	INDICADORES	UR (Unidade de Registo)	Enumeração
Práticas menos apreciadas na disciplina de Teatro	Práticas específicas da técnica teatral	Exposição perante o grupo	R1 - Dizer uma coisa em voz alta com toda a gente a olhar para mim.	7
			R13 - Exercícios de imitação	
			R21 - De fazer teatro em frente a todos	
			R22 - Dramatizar, mas ao mesmo tempo ajudou-me a diminuir a minha vergonha	
			R25 - Dramatização	
			R26 - Representação, é muito chato e eu não sei fazer bem	
			R29 - Jogo do espelho	
	Improvisação	R6 - Improvisar	3	
		R26 - Improvisação		
		R29 - Improvisar		
Exploração corporal e movimento	R12 - Dançar	3		

			R19 - Aquecimento	5		
			R23 - Aquecer			
		Ensaio / repetição de tarefas	R5 - Ensaiar para as festas			
			R7 - Ensaiar para a festa de final de ano			
			R8 - Os ensaios para a festa de final de ano			
			R10 - Ensaiar			
	Práticas ligadas a dinâmica de grupo	Relação com os pares	R9 - Abraçar as meninas		4	
			R11 - Ter contacto físico com o sexo oposto			
			R27 - Quando no aquecimento temos de dar um abraço ou olhar nos olhos			
			R30 - Quando fazemos trabalhos de grupo			
	Perturbações da aula de Teatro	Supressão da aula	R3 - ...quando não temos aula		4	
			R4 - Que trocam as aulas por outras			
		Comportamentos inadequados na aula	R15 - Quando não temos a disciplina de teatro			2
			R16 - Quando não podemos ter aula de teatro			
	Comentário geral	Razão não especificada	R20 - Eu não gosto das perturbações negativas		5	
R2 - Nada						
R14 - Nada						
R17 - Nada porque gostei de tudo						
R28 - Nada						
		R31 - Tudo menos os jogos				

F.1.4. Práticas menos apreciadas na disciplina de Teatro

CATEGORIA	SUB CATEGORIA	INDICADORES	UR (Unidade de Registo)	Enumeração
Sugestões para a disciplina de Teatro	Atividades de criação coletiva/ Apresentação	Desenvolvimento criativo e performativo	R16 - Desenvolver a nossa criatividade	2
			R15 - Desenvolver histórias com teatro	
		Expressão corporal e movimento	R7 - Dançar	1
		Exercícios de relação	R2 - Não termos tanto nojo uns dos outros	1
		Montagem de peças de teatro	R1 - Eu queria que fizéssemos mais peças de teatro	8
			R4 - Apresentar peças que treinamos na aula	
			R14 - Ter mais representação	
			R20 - Eu gostava de realizar um guião (inventado) e montarmos um teatro	
			R21 - A representar	
			R23 - Criar peças de teatro e apresentar às pessoas	
	R24 - Realizar uma peça de teatro			
R27 - Mais teatros				
Dinâmicas de jogo	Jogos Dramáticos	R1 - ...mais jogos	9	

			R3 - ...fazermos jogos	
			R5 - Eu gostava de fazer mais jogos	
			R6 - Jogos sobre teatro	
			R19 - Fazer mais jogos	
			R25 - Jogo do Zombie	
			R26 - mais jogos e exercícios divertidos	
			R27 - Jogar jogos	
			R29 - mais jogos com Zombie, Virus...	
Reorganização curricular da disciplina de teatro	Atribuição de mais tempo de aula	R3 - Termos mais horas de teatro	4	
		R29 - Ter mais tempo de aula, assim podíamos desenvolver melhor		
		R30 - Ter mais tempo (as aulas serem maiores)		
		R31 - Não ter aula de teatro		
Comentário geral	Razão não especificada	R9 - Não sei	7	
		R10 - ...fazer mais atividades		
		R12 - Trabalhar		

			R13 - fazer mais atividades	
			R17 - Nenhuma	
			R18 - Nenhum	
			R28 - Não sei	

F.2 Direcção

F.2.1 Razões do Colégio para a criação da disciplina de Teatro no 2º CEB

CATEGORIA	SUB CATEGORIA	INDICADORES	UR (Unidade de Registo)	Enumeração
Razões do Colégio para a criação da disciplina de Teatro no 2º CEB	Reconhecimento das potencialidades do Teatro	Valorização do teatro como área artística	R1 - O facto do Teatro ser absolutamente essencial	2
			R2 - ...especificamente para as crianças, o teatro é muito importante	
	Aposta na educação artística	Trabalho multidisciplinar	R2 – despertar do interesse nas atividades	4
			R3 - O Colégio decidiu apostar na formação artística	
			R1 – educação e formação global dos alunos	
			R2 - pode ser trabalhado de diversas maneiras em aula	
		Estímulo à criatividade	R2 – desperta um universo lúdico	2
			R2 – desenvolvimento da criatividade	

F.2.2 Condições necessárias para a disciplina de Teatro

CATEGORIA	SUB CATEGORIA	INDICADORES	UR (Unidade de Registo)	Enumeração
Condições necessárias para a disciplina de Teatro	Recursos humanos e materiais	Adequação de horários	R1 - ajuste de horários	1
		Adequação de espaços e materiais	R1 - salas	3
			R2 - disponibilidade de espaços e materiais	
			R3 - espaço físico disponível	
		Adequação do perfil docente	R1 - disponibilidade por parte de professor com formação	2
			R2 - liberdade criativa da professora	

F.2.3 Reorganização do Colégio para integração da disciplina

CATEGORIA	SUB CATEGORIA	INDICADORES	UR (Unidade de Registo)	Enumeração
Reorganização do Colégio para integração da disciplina	Organização pedagógica	Adequação do planeamento na área de Teatro	R3 - elaborar uma planificação	3
			R3 - atividades adaptadas à faixa etária dos alunos	
			R3 - ...não sendo uma disciplina curricular nem de leccionação obrigatória	
	Adequação da experiência docente à disciplina	R3 - a docente necessitou trazer a sua experiência pessoal em formação de jovens no teatro	2	
		R2 - liberdade criativa da professora		
	Adequação dos espaços e dos materiais	R2 - Disponibilidade de espaços e materiais	1	
	Organização não indicada	Razão não especificada	R1 - Não houve	1

F.2.4 Alteração horária para integrar o Teatro

CATEGORIA	SUB CATEGORIA	INDICADORES	UR (Unidade de Registo)	Enumeração
Alteração horária para integrar o Teatro	Reorganização da carga horária	Nenhuma alteração	R3 - Nada	3
			R3 - todas as principais áreas de formação estão incluídas no currículo	
			R2 - não colidiu com a carga horária estabelecida	
		Alteração da carga horária	R1 - Menos horas de outras disciplinas	2
			R2 - O teatro foi uma opção e decisão	

F.2.5 Vantagens do teatro como disciplina obrigatória

CATEGORIA	SUB CATEGORIA	INDICADORES	UR (Unidade de Registo)	Enumeração
Vantagens do teatro como disciplina obrigatória	Desenvolvimento de múltiplas competências	Competências sociais/transversais	R1 - melhor perspetiva dos comportamentos humanos	3
			R2 - "o teatro ensina a viver"	
			R3 - proporciona ferramentas importantes aos alunos, que as aplicam no seu dia a dia	
		Competências expressivas	R1 - oportunidade de interagir com a sua própria consciência	4
			R1 - emoções	
			R1 - corpo	
			R3 - desenvolve nos alunos a capacidade de se expressarem melhor	
		Interdisciplinaridade	R3 – é uma mais valia (...) para todas as outras disciplinas	3
			R2 – outras realidades e outros pontos de vista	
			R2 – outras maneiras de ver a mesma coisa	

F.3 Comunidade Educativa

F.3.1. Consideração sobre a inclusão da disciplina de teatro na oferta curricular

CATEGORIA	SUB CATEGORIA	INDICADORES	UR (Unidade de Registo)	Enumeração
Como é considerada a inclusão da disciplina de teatro na oferta curricular	Reconhecimento da importância da disciplina	Apreciação global positiva	R20 - Muito importante na formação global dos alunos	21
			R19 - Essencial	
			R18 - Extremamente importante	
			R17 - Importante	
			R16 - Essencial	
			R15 - Deveria ser obrigatório	
			R14 - Excelente	
			R14 - Muita utilidade	
			R13 - Positiva	
			R11 - Muito importante	
			R10 - Ótima atividade	
			R9 - Bastante importante	
			R8 - Fundamental	
			R4 - Fundamental	
R3 - É muito importante				

			R2 - Uma mais valia educativa	
			R1 - É muito importante para os alunos	
			R7 – Deveria ser uma componente obrigatória no currículo	
			R9 - ...os alunos necessitam	
			R11 - ...faz muita falta no ensino básico	
			R12 - Faz muita falta	
		Valorização da dimensão lúdica	R2 - ...atividade mais dinâmica que a mera assistência dum aula normal	3
			R5 - ...muito divertido	
			R5 - ...é uma das disciplinas que não faltava por nada	
	Valorização do desenvolvimento de múltiplas competências	Desenvolvimento pessoal	R3 - ...desenvolve a personalidade e auto-estima	6
			R3 - ...importante para o crescimento e responsabilidade	
			R6 - ...os alunos aprendem várias coisas para a vida	
R18 - ...permite ao aluno conhecer-se melhor levando a que supere as suas dificuldades				
R20 - ...percepção do “eu”				
R20 - ...criação da identidade pessoal				
	Desenvolvimento de competências expressivas e comunicacionais	R1 - Ajuda na forma como os alunos se conseguem exprimir	8	
		R5 - ajuda a não ter medo de falar em público		
		R6 - ...ensina os alunos a fazer dramatização, e não só...		
		R7 -...permite que as crianças aprendam outras formas de comunicar		

			R9 - ...necessitam de um momento para se exprimirem	
			R14 - ...dar expressão às crianças	
			R16 - ...expressar sem medos	
			R16 - ...superar a timidez	
	Desenvolvimento de competências sociais		R7 - ...encontrem o seu lugar e o seu espaço numa turma e na sociedade	8
			R7 - ...trabalhar conceitos sociais fundamentais	
			R7 - ...empatia, respeito e a aceitação das diferenças	
		R8 - ... desenvolvimento das competências sociais nas crianças		
		R10 - ...desenvolvimento dos jovens		
		R13 - ...desenvolvimento social		
		R16 - ...futuras apresentações académicas e possivelmente profissionais		
		R20 – sistematização da personalidade de cada um nas relações com os outros		
	Desenvolvimento de competências criativas da linguagem teatral		R5 - ...gosto de fazer personalidades e personagens	5
			R9 -... corpo	
			R9 - ...voz	
R9 - ...outras personagens e vidas diferentes das suas próprias				
R20 – inclui expressão verbal e não verbal				

F.4 Avaliação global

CATEGORIAS	SUB CATEGORIAS	INDICADORES	UR (Unidade de Registro)	Enumeração
Reflexões sobre as aulas de teatro ao longo do ano	Consideração sobre as práticas da disciplina	Desenvolvimento das sessões	R1 – Começamos por fazer o aquecimento e de seguida fazemos umas atividades em que me sinto descontraída e depois representamos ou improvisamos	20
			R3 – gostava de ter mais aulas e com mais tempo	
			R5 – gostei de desenvolver exercícios propostos pela professora	
			R8 – gostei muito dos exercícios que realizamos. Eu acho que podíamos ter mais aulas de teatro, para mim esta aula é muito importante e gostava de ter aula de teatro todos os dias	
			R9 – As aulas de teatro têm sido muito boas, principalmente ver a professora a ajudar-nos todos os dias, todos os ensaios	
			R10 – normalmente fazemos atividades que eu gosto, como por exemplo as atividades de “sombra”, “gato e do rato” e do “Zoom – Rah – Kiu”	
			R12 – Gosto muito de teatro por isso todo o ano gostei de fazer as aulas. Acho que o teatro é uma disciplina que ajuda a perceber as minhas capacidades expressivas	
			R14 – Em todas as aulas fazemos alongamento, o que nos relaxa	
			R15 – Fizemos vários exercícios como improvisar	
			R16 – Acho que só me ajuda na imaginação e é uma forma de descontrair	
			R17 – gostei quando jogámos ao “zombie”	
			R21 – Gostei muito das atividades que pratiquei, os jogos que joguei e o desenvolvimento que tive na minha dramatização	
			R22 - Gostei muito do teatro ao longo do ano porque fizemos muitas atividades	
			R23 – Gostei dos exercícios realizados na aula	
R24 – O jogo do Zombie, o jogo da marmelada, o jogo dos países, o aquecimento, a dramatização e trabalhar em grupo				
R25 – Fizemos jogos, representação, apresentação, improvisação				

			R26 – Fizemos atividades giras. No aquecimento eu achava uma seca	
			R29 – Gostava que fossem mais tempo	
			R31 – Gostei dos jogos que nós fizemos	
		Evolução pessoal em relação à disciplina	R2 – Acho que fiz tudo. Acho que estava a ficar melhor na representação	5
			R13 – ao longo deste ano letivo eu melhorei alguns aspetos, por exemplo: nas peças de teatro eu tenho interagido mais com o público	
			R24 – ...acho que fiz uma boa evolução	
			R26 - Nas primeiras aulas eu chorava horrores, nas últimas não	
			R31 – Acho que evolui nesta disciplina ao longo do ano.	
		Emoções inerentes à prática	R2 – Em cada aula senti-me feliz	20
			R3 – Foram divertidas	
			R4 – Eu às vezes sinto-me muito bem quando nós exploramos os nossos sentimentos	
			R5 – Adorei as aulas de teatro	
			R7 – Eu gostei muito das aulas de teatro, pois fazem-me sentir feliz	
			R8 – Nas aulas de teatro sinto-me feliz	
			R11 – mas foi fixe	
			R12 – Quando faço teatro sinto-me bem	
			R15 - ...senti-me estranho	
			R18 – quando a professora diz para fazer os exercícios eu começo a divertir-me e brinco com os meus amigos	
		R19 – Eu senti que quero ser atriz, gosto muito de teatro, por isso isto leva-me a querer ser atriz		

			R21 – Senti que todas as atividades me ajudaram, eu gostei muito de praticar a disciplina	
			R22 – o que mais gostei foi de fazer as atividades com os meus amigos	
			R23 – Gostei muito da disciplina	
			R25 – Foram divertidas	
			R26 – eu achei as aulas de teatro divertidas	
			R27 – Gostei muito destas aulas, senti-me livre e gostei de todas as atividades. Vou ter saudades e gostei destes momentos	
			R29 – Gostei muito das aulas ao longo do ano.	
			R30 – Eu adorei estas aulas. Gostei de tudo e para o próximo ano quero voltar a repetir esta experiencia	
			R31 – Foram aulas muito boas até das minhas preferidas.	
	Correções ou melhorias pessoais	R2 – Acho que podia melhorar o comportamento	4	
		R13 – Mas ainda não consegui superar a minha timidez, mas espero melhorar no próximo ano letivo		
		R15 – tenho de melhorar o meu empenho nas aulas		
	Reflexões menos positivas sobre as práticas	Apreciações menos positivas por parte dos alunos	R23 – Acho que na minha opinião evolui. Devo melhorar o meu comportamento	8
			R6 – As aulas de teatro este ano, foram um pouco aborrecidas porque não gosto dos exercícios	
			R10 – Eu não gosto muito das aulas de teatro, mas não odeio	
R11 – foram algumas engraçadas e outras mais chatas, como as das festas.				
R16 – as aulas que eu tive, não aproveitei bem, porque eu acho que o teatro não me ajuda em nada.				
R17 – ... começámos a ensaiar e eu não gostei				
	R18 – eu não gosto de ir às aulas de teatro			

			R26 - ...em alguns jogos eu ficava nervosa.	
			R28 – Não gostei das aulas de teatro, só dos jogos. As partes da aula que menos gostei foi do aquecimento, mas também não gostei de mais nada. Eu acho que o teatro è um gasto de tempo.	

F.4.1

QUESTÃO	TÓPICOS	INDICADORES	RESPOSTAS	Enumeração	5.º
					6.º
O que mais gostaste e porquê?	Técnica teatral	Representação	R1 – Representar porque me sinto mais ativa	6	3
			R2 - Representação		
			R3 - Representação		
			R19 – Gostei quando apresentamos/ dramatizamos um excerto de “Ulisses”, porque foi especial.		
			R26 – Mini-teatros em grupo		
			R31 - Representação		
		Improvisação	R12 –Improvisação, porque é como se tivesse planos parece que se vai desenvolvendo	3	3
			R15 – Improvisar, porque gosto de inventar		
			R16 – Improvisar, é uma forma autónoma de fazer teatro		
		Aquecimento/ Relaxamento	R5 – Exercícios de relaxamento porque gosto de descansar	2	2
	R6 – Fazer o aquecimento				
	Formas animadas	R10 – Atividade das sombras	1	1	
				0	
	Música/ Dança	R11 – O rap que a professora pôs uma vez na aula	3	2	
		R14 – Dançar pois movimentamos o corpo		1	
		R26 – Dança			
	Dinâmicas de grupo	Jogos	R4 – Jogos, não sei explicar	13	3
R7 – Gostei dos jogos porque me deixa mais motivada					
R13 – Dos jogos, porque nos divertimos imenso					
R17 – Jogar à marmelada porque era engraçado					

			R21 – Gostei do jogo da marmelada, porque me ensinou a ficar sempre serio e concentrado em palco		
			R22 – Zombie, porque era divertido		
			R23 – Aatividade dos países pois pude conhecer melhor alguns países		
			R24 – O jogo do Zombie porque é uma atividade mais ludica		
			R25 – O jogo do Zombie é divertido		
			R26 – Jogo do vírus		
			R27 - Zombies		
			R28 – Os Zombies e só		
			R29 – Zombies, pois é muito divertido		
			R30 – Os jogos		
	Comentário geral	Apreciação global positiva	R8 – Eu gosto de todas as atividades	2	2
			R9 – Gostei de tudo		0

F.4.2

QUESTÃO	TÓPICOS	INDICADORES	RESPOSTAS	Enumeração	5.º
					6.º
O que mais gostaste e porquê?	Técnica teatral	Representação	R1 – Representar porque me sinto mais ativa	4	3
			R2 - Representação		
			R3 - Representação		
			R19 – Gostei quando apresentamos/ dramatizamos um excerto de “Ulisses”, porque foi especial.		
			R26 – Mini-teatros em grupo		
			R31 - Representação		
		Improvisação	R12 –Improvisação, porque é como se tivesse planos parece que se vai desenvolvendo	3	3
			R15 – Improvisar, porque gosto de inventar		
			R16 – Improvisar, é uma forma autónoma de fazer teatro		
		Aquecimento/ Relaxamento	R5 – Exercícios de relaxamento porque gosto de descansar	2	2
	R6 – Fazer o aquecimento				
	Formas animadas	R10 – Atividade das sombras	1	1	
				0	
	Música/ Dança	R11 – O rap que a professora pôs uma vez na aula	3	2	
		R14 – Dançar pois movimentamos o corpo		1	
		R26 – Dança			
	Dinâmicas de grupo	Jogos	R4 – Jogos, não sei explicar	13	3
			R7 – Gostei dos jogos porque me deixa mais motivada		
			R13 – Dos jogos, porque nos divertimos imenso		
			R17 – Jogar à marmelada porque era engraçado		
R21 – Gostei do jogo da marmelada, porque me ensinou a ficar sempre serio e concentrado em palco			10		

			R22 – Zombie, porque era divertido		
			R23 – Aatividade dos países pois pude conhecer melhor alguns países		
			R24 – O jogo do Zombie porque é uma atividade mais ludica		
			R25 – O jogo do Zombie é divertido		
			R26 – Jogo do vírus		
			R27 - Zombies		
			R28 – Os Zombies e só		
			R29 – Zombies, pois é muito divertido		
			R30 – Os jogos		
	Comentário geral	Apreciação global positiva	R8 – Eu gosto de todas as atividades	2	2
			R9 – Gostei de tudo		0

F.4.3

QUESTÃO	TÓPICOS	INDICADORES	RESPOSTAS	Enumeração	5.º					
					6.º					
Algum comentário ou desabafo?	Expressão livre	Comentários	R2 – Adoro Teatro	7	4					
			R3 – Adoro Teatro							
			R8 – Gosto muito de teatro							
			R10 – Gostava de fazer mais atividades							
			R21 – Gostei muito de praticar as aulas							
			R23 – Gostei da disciplina							
			R24 – Gostei muito de ter esta disciplina							
		Sem comentários	R4 – Não tenho	20	11					
			R5 - Não							
			R6 - Não							
			R7 - Não							
			R9 - Não							
			R11 - Não							
			R12 - Não							
			R13 - Nada							
			R14 - Não							
			R15 - Não							
			R16 - Não							
			R17 - Não							
			R22 - Não							
			R25 - Não							
			R26 - Não							
			R27 - Não							
			R28 - Não							
			R29 - Não							
			R30 - Não							
			R31 - Não							
			Não indicada			Sem resposta	R1	3	9	1

			R18		3
			R19		
			R20		

F.4.4

QUESTÃO	TÓPICOS	INDICADORES	RESPOSTAS	Enumeração	5.º
					6.º
Palavra do teatro que saiba explicar	Palavra relacionada com o vocabulário	Drama (8)	R1 - Drama, porque representámos muitas vezes	19	10
			R6 - Dramático		
			R9 - Dramática		
			R11 - Dramatização, porque o teatro é muito dramático.		
			R22 - Dramatizar		
			R23 – Dramatizar, realizar uma cena		
			R24 – Dramatização, criação instantânea de uma cena		
			R27 - Dramatizar		
		Representar (1)	R29 - Representar		
		Mímica (2)	R5 - Mímica, movimento feito pelo ser humano		
			R8 - Mímica, porque fizemos atividades de mímica		
		Ação (2)	R2 - Acção		
			R3 - Acção		
		Improvisação (5)	R12 - Improvisação, que é teatro sem guião		
	R15 - Improvisar, inventar alguma coisa				
	R19 – Improvisação, ao longo do ano fizemos exercícios				
	R25 – Improvisação, sem ensaiar				
	Teatro (1)	R30 – Improvisação, representar sem ensaiar			
		R17 - Teatro, porque tem a ver com as aulas.			
	Não relacionada com o vocabulário teatral	Diversos	R4 - Sentimentos	9	5
R7 - Divertido					
R10 - Expressar, falar para o público					
R13 - Divertida, porque gosto muito da aula					

			R16 - Engraçado, as aulas foram divertidas e gostei de algumas atividades		4
			R21 - Atividades		
			R26 – Ulisses, porque fizemos o teatro do Ulisses		
			R28 – Zombies, um jogo		
			R31 – Alegria , porque era o que sentia		
Não responde		R14	3	1	
		R18		2	
		R20			

ANEXO G
IDA AO TEATRO

G.1 Conversas de roda/ análise 5.º ano

Espetáculo “O Príncipe Nabo” por Cultural Kids, encenação Pedro Cardoso e Sofia Brito https://www.culturalkids.com.pt/o-principe-nabo				
CATEGORIA	SUB CATEGORIA	INDICADORES	UR (Unidade de Registo)	Enumeração
O momento que mais gostaram	Personagens e enredo	Referência à personagem principal	R4 - ...quando o Príncipe Nabo foi ao castelo e a princesa pela primeira vez gostou de um príncipe	7
			R5 - ...quando a princesa Beatriz ouviu música	
			R6 - ...quando a princesa estava a escolher o príncipe	
			R7 - ...quando o músico canta com as alterações sugeridas pela princesa	
			R10 - Quando apareceu o músico.	
			R11 - Da ligação da princesa e do príncipe.	
			R14 - ...a princesa Beatriz casou com o príncipe Nabo	
	Personagens secundárias	R1 - ...quando os músicos apareceram	3	
		R2 - ...Quando o Rei entrou no cenário		
		R12 – Da Madmoiselle		
Cena Concreta	R8 – O casamento	3		
	R9 - ...do casamento			
	R13 – quando a princesa deixou de pensar só em si			
Criatividade e atualidade na encenação	Momentos criados para o espetáculo, que não fazem parte do texto original	R3 - ...quando houve fogo de artifício.	1	
Não responde				1

G1.1 Conversas de roda/ análise 5.º ano

Espetáculo “O Príncipe Nabo” por Cultural Kids, encenação António Feio				
CATEGORIA	SUB CATEGORIA	INDICADORES	UR (Unidade de Registo)	Enumeração
O que menos gostaram	Adptação da obra	Fatores técnicos	R2 - ...quando lançaram um fumo	1
		Formato escolhido pela companhia para apresentação do espectáculo	R8 - ...dos adolescentes	1
		A obra e suas personagens	R1 - ...quando a princesa foi forçada a casar com o príncipe Nabo	6
			R5 - ...quando o músico levou a princesa para a sua cabana	
			R6 - ...quando o pai disse que a princesa iria casar com o próximo que aparecesse	
			R9 - ...quando o rei expulsou a filha	
			R10 - ...da Madmoiselle	
	R14 - ...da princesa ser obrigada a casar			
Características pessoais e morais	Valores e afectividade	R3 - ...quando se beijaram	4	

			R7 - ...a princesa insultou os pretendentes	
			R12 - ...do beijo	
			R15 - ...quando eles se beijaram na boca	
	Aspetos alheios à encenação	Meio envolvente	R13 - ...do barulho	1
	Não responde			2

G.1.2 Análise das Ilustrações 5.ºano, “O Príncipe Nabo”

Espetáculo “O Príncipe Nabo” por Cultural Kids, encenação Pedro Cardoso e Sofia Brito				
CATEGORIA	SUB CATEGORIA	INDICADORES	UR (Unidade de Registo)	Enumeração
Desenhos ilustrativos	Cenas comuns	A cena final	D1	5
			D2	
			D3	
			D4	
			D5	
		Empregada(s) a limpar	D6	3
			D7	
			D8	
		Princesa pobre	D9	3
			D10	
			D11	
	Princesa rejeita os pretendentes	D12	2	
		D13		
	Personagens	Princesa Beatriz	D1; D2; D5; D9; D10; D11;D12; D13	8
Príncipe Nabo		D1; D2; D5; D14	4	
Empregada(s)		D6; D7; D8	3	
Rei		D12; D13	2	
Madmoiselle		D12	1	
Sem personagens		D3; D4	2	
Elementos cénicos	Com elementos representativos de Teatro	D3; D4; D6	3	

G.1.3 Ilustrações 5.ºano, "O Príncipe Nabo"

			
D1	D2	D3	D4
			
D5	D6	D7	D8
			
D9	D10	D11	D12



D13



D14

G.2 Conversas de roda/ análise 6.º ano

Espetáculo “as Aventuras de Ulisses” por Cultural Kids, encenação António Feio				
CATEGORIA	SUB CATEGORIA	INDICADORES	UR (Unidade de Registo)	Enumeração
O momento que mais gostaram	Personagens e enredo	Referência à personagem principal	R1 - Chegada de Ulisses a Ítaca.	4
			R3 - Gostei quando o Ulisses entra na ilha deserta	
			R6 - Da personagem Ulisses	
			R11 - Foi o regresso de Ulisses a Itaca, quando Ulisses e o filho se voltaram a encontrar	
		Referência a uma personagem concreta	R4 - Gostei da parte em que o Telémaco não parava de se atirar para o Ulisses	3
			R5 - Quando o Telémaco descobriu que o seu pai tinha voltado	
			R7 - Quando o Telémaco apareceu	
		Personagens secundárias	R8 - Os companheiros do Ulisses	4
			R9 - A parte em que os marinheiros queriam saber o que estava escondido dentro do saco dos ventos	
			R2 - Quando os marinheiros tentaram abrir o saco	
	R13 - A parte em que os marinheiros tentaram abrir o saco, porque quando o Ulisses olhou eles começaram a cantar a musica do Toy.			
	Espaços	Referência a	R14 - a Ilha dos Infernos.	2

	cênicos	espaços e cenários	R12 - Ilha da Circe	
	Criatividade e atualidade na encenação	Momentos criados para o espetáculo, que não fazem parte do texto original	R10 – misturam a antiguidade com a atualidade como o “el cortingrego”	2
			R13 - começaram a cantar a musica do Toy.	


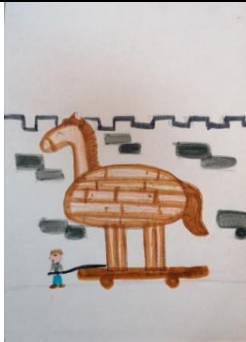


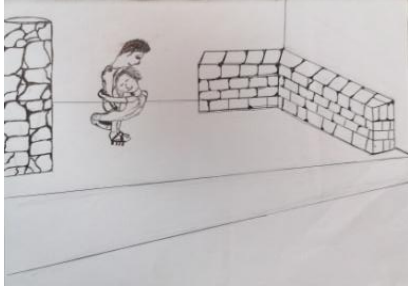
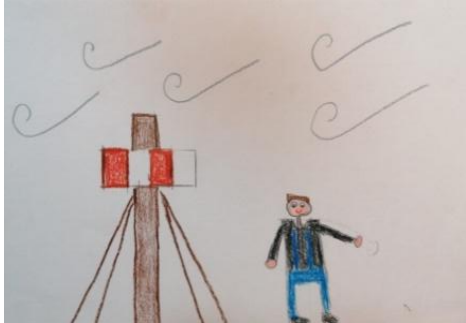
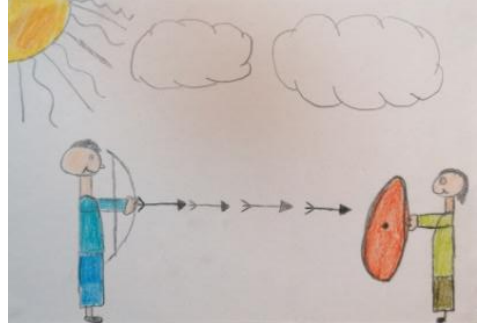


G.2.1 Conversas de roda/ análise 6.º ano

Espetáculo “as Aventuras de Ulisses” por Cultural Kids, encenação António Feio				
CATEGORIA	SUB CATEGORIA	INDICADORES	UR (Unidade de Registo)	Enumeração
O que menos gostaram	Adptação da obra original	Formato escolhido pela companhia para apresentação do espectáculo	R5 - ...transformarem a vida do Ulisses num jogo	3
			R3 - ...quando os deuses começaram a brincar com a vida de Ulisses	
			R8 - o facto de ser um jogo	
	Adptação da obra original	Introdução histórica da obra e suas personagens	R9 - ...o power point dos deuses	4
			R10 - ...do power point dos deuses, foi chato	
			R11 – Não gostei do power point	
			R12 – Power point	
	Características pessoais e morais	Valores e sensibilidade	R4 - ...os pretendentes estarem a gozar com o mendigo (Ulisses)	2
			R7 - ...quando os companheiros do Ulisses morreram	
	Não justificado	Cenas específicas	R1 - Dos deuses	4
			R6 - ...da parte do arco e da flecha	
			R13 - ...a parte do deserto	
			R14 - ...do canto das sereias	
Aspetos alheios à encenação		Condições para assistir ao espetáculo	R2 - Do lugar onde estávamos sentados	1

G.2.2 Análise das Ilustrações 6.ºano, “Ulisses”

Espetáculo “O Príncipe Nabo” por Cultural Kids, encenação Pedro Cardoso e Sofia Brito				
CATEGORIA	SUB CATEGORIA	INDICADORES	UR (Unidade de Registo)	Enumeração
Desenhos ilustrativos	Cenas comuns	Cena final	D20	2
			D24	
		Ilha de Circe	D15	2
			D18	
		Cavalo de Tróia	D16	2
			D23	
	Ilha de Polifemo	D17	1	
	Personagens	Ulisses	D15; D16; D18;D19; D20;D21;D22;24	8
		Circe	D8; D15	2
	Elementos cénicos	Com elementos representativos de Teatro	D15; D20; D24	3

G.2.3 Ilustrações 6.ºano, "Ulisses"

					
D15		D16		D17	D18
					
D19	D20	D21	D22		
					
D23	D24				

**ANEXO H
PROGRAMA**

PROGRAMA

Teatro

2.º CICLO



PROPOSTA DE TRABALHO

**PROGRAMA PARA
A DISCIPLINA DE TEATRO
2.º CICLO**

PROPOSTA DE TRABALHO

Por

Rita Alexandre Dias Cardoso Fonseca Miranda

Programa realizado no âmbito do Mestrado em Educação Artística - Teatro
Com a orientação do Professor Doutor Miguel Falcão
2019

Índice

1.

Introdução

Apresentação do Programa

Metodologia de trabalho

Conteúdos da disciplina de Teatro

Pressupostos do ensino-aprendizagem em Teatro

Critérios de avaliação

Fichas de registo de avaliação dos alunos

Grelha de registo de avaliação

2.

Dinâmicas de sessão e Planificações

Elementos de uma planificação

Planificação geral

Exemplo de planificação de aula

Exercícios e prática

3.

Avaliação

Critérios de aval

Conclusão

Referências

INTRODUÇÃO

A preocupação de realizar um programa de Teatro específico para o 2º Ciclo do Ensino básico, prende-se com o facto de, ao longo da escolaridade, os alunos poderem ter possibilidade de fazer um percurso formativo, contínuo e gradual, adequando a complexidade da disciplina aos níveis de desenvolvimento das crianças. Com vista a sistematizar e transformar os conhecimentos adquiridos em aprendizagens com significado. De forma a manter uma estrutura coerente e um fio condutor sequencial ao longo das várias valências.

Este programa apresenta-se como referência geral para a disciplina de Teatro no 1º ciclo, sendo responsabilidade do professor gerir de forma dinâmica e criativa o processo de ensino-aprendizagem, que se traduz em várias abordagens e diferentes possibilidades de planificação, tornando mais compreensível o entendimento da inter-relação dos conteúdos do programa.

Nesta proposta de programa da disciplina de Teatro, os conteúdos estão organizados em **três partes**: a **primeira**, relativa à contextualização das artes na educação e às aprendizagens essenciais que se pretende que sejam adquiridas pelos alunos no final do ciclo 2.º Ciclo. A **segunda**, centrada concretamente nos planos de aula propostos que apresentam exercícios que mobilizam diversos conteúdos, estruturados numa lógica de planificação aula a aula. A **terceira**, e última parte, na sistematização de critérios e descritores de avaliação e de como pode ser executada na disciplina de Teatro por alunos e professores.

O professor pode ainda encontrar neste caderno um conjunto de exercícios e práticas de trabalho com e para os alunos.

A expectativa é poder contribuir para a reflexão e a prática de professores que queiram fazer um trabalho mais consistente na área do Teatro, não só apoiando aqueles que neste caderno encontram ferramentas e propostas para as suas práticas pedagógicas, mas também os que acreditam no papel importante e transformador das artes performativas na formação inicial, e no contributo que

concedem nodesenvolvimento cultural dos alunos e para uma capazinclusão dos nossos jovens na sociedade.

APRESENTAÇÃO

DO PROGRAMA

É essencial, entre os profissionais do ensino, haver uma prática de reflexão diária sobre o processo de ensino-aprendizagem e as oportunidades para enriquecer esse mesmo processo.

Esta reflexão constante, por um lado, conduz a uma maior busca de atualização profissional, científica e de informação sobre as didáticas específicas, por outro lado, estimula e capacita para passar as experiências e o saber alcançado para os materiais pedagógicos que são construídos.

A essência desta disciplina promove um vasto leque de possibilidades e fórmulas a lecionar, pois a sua conjuntura permite desenvolver competências que são determinantes para o aluno à saída da escolaridade obrigatória, como: consciência e domínio do corpo, sensibilidade estética e artística, desenvolvimento pessoal e autonomia, relacionamento interpessoal, pensamento crítico e pensamento criativo, raciocínio e resolução de problemas.

METODOLOGIA

DE TRABALHO

A prática do teatro baseia-se numa metodologia **ativa** (método de ação-reflexão-ação), **participativa** (implicando cada um no conjunto do grupo), **descentralizada** (no sentido da adaptação às circunstâncias de cada um e de cada grupo), **individualizada** (correspondendo às necessidades de cada um dentro do grupo a que pertence e do qual recebe e ao qual dá algo de novo), **personalizada** (respeitando o ritmo de cada um numa aprendizagem progressiva), **lúdica** (em situação de distensão, sem ansiedades, sem juízos de valor, sendo o jogo um estímulo à criatividade, à expressão, à originalidade). (Laferrière G. , 1997)

Metodologias ativas e de descoberta, baseadas na reflexão sobre as

atividades orientam a aplicação deste programa.

Toda e qualquer adequação teórico-prática surgirá na sequência das interrogações reflexivas sobre o quê, o como e o porquê do que acontece na prática pedagógica letiva dos diferentes professores ao trabalharem nesta área de expressão, assentando numa atividade que resulte da colaboração pelo encontro e troca de experiências.

A prática do teatro enquanto disciplina possibilita a cada criança/ jovem um melhor conhecimento de si, tem influência no modo como se aprende, como se comunica e é essencial para o crescimento intelectual, social, físico e emocional do aluno.

É importante ter em conta que o processo deste ensino-aprendizagem desta disciplina apoia-se sobretudo na componente prática, no exercício reflexivo, crítico e sistemático que permita adquirir a capacidade de integrar os princípios teatrais e estéticos.

Pretende-se promover fundamentalmente, através de diferentes meios desenvolver a sua criatividade, dando liberdade à sua imaginação e sensibilidade num trabalho criador, criativo e livre, assim como as noções básicas da linguagem do teatro.

O professor deve ter em conta o seu importante papel como formador, mediador e impulsionador, lembrando que uma prática mal conduzida pode causar irremediáveis danos numa personalidade em formação.

CONTEÚDOS DA DISCIPLINA DE TEATRO

Além dos Domínios e Áreas de competência, é importante ter em conta as Áreas de Conteúdos fundamentais na disciplina de Teatro:

- Contacto e Grupo
- Espaço e Objetos
- Voz e texto
- Corpo e Movimento
- Improvisação e Técnica teatral

- História do Teatro

Todos os planos curriculares de uma aula são uma alternativa particular e individual, construída a partir do plano curricular pré concebido; por isso, os pontos programáticos pensados neste documento, são meros pontos de referência para a realidade quotidiana de qualquer professor. Deste modo, relembra-se que este programa é somente de carácter orientador, para servir de base e reflectir.

		5.º ANO	6.º ANO
Contacto e Grupo	Desenvolver uma relação de pertença e de autonomia no seio do grupo	X	X
	Aprofundar a dinâmica de grupo	X	X
	Consolidar a dinâmica de grupo		X
Espaço e Objetos	Transformar o espaço com recurso a elementos plásticos/ cenográficos e tecnológicos com vista a criar novos espaços para intervenções dramáticas.	X	X
	Transformar objetos e materiais, em adereços cénicos, experimentando intencionalmente diferentes materiais e técnicas para obter efeitos distintos.		X
Voz e texto	Experimentar técnicas de respiração.	X	X
	Trabalhar a articulação das palavras.	X	X
	Trabalhar a Dicção	X	X
	Projetar e colocar a voz		X
Corpo e Movimento	Deslocar o corpo através de movimentos orientados	X	
	Deslocar o corpo através de Movimentos livres		X
	Criar personagens	X	X
	Comunicar corporalmente	X	
Improvisação e Técnica teatral	Explorar o jogo dramático/ teatral	X	X
	Improvisar		X
	Dramatizar	X	X
	Criar coletivamente		X
	Organizar e Montar um espetáculo		X

	Trabalhar com Máscara	X	
	Formas animadas	X	X
	Trabalhar Teatro de Sombras	X	
História do Teatro	Conhecer, identificar e saber caracterizar diferentes estilos e gêneros convencionais de teatro		
	Apreciar e analisar os espetáculos ou performances, apropriando-se de um vocabulário adequado e específico. Valorizando a interpretação pessoal e tendo em conta os aspetos técnicos e contextuais relativamente	X	X

PRESSUPOSTOS

DO ENSINO-APRENDIZAGEM EM TEATRO

Este desenho curricular parte de um desenho curricular base; por isso, os pressupostos programáticos aqui assinalados, surgem como meros pontos de referência para o trabalho do professor da disciplina de Teatro.

Com esta disciplina pressupõem-se que seja proporcionado ao aluno uma diversidade de experiências impulsionadoras de uma variedade de práticas teatrais e dramáticas, através da exploração da sua criatividade, do estímulo do sentido crítico, o desenvolvimento da comunicação e autonomia no seu processo criativo.

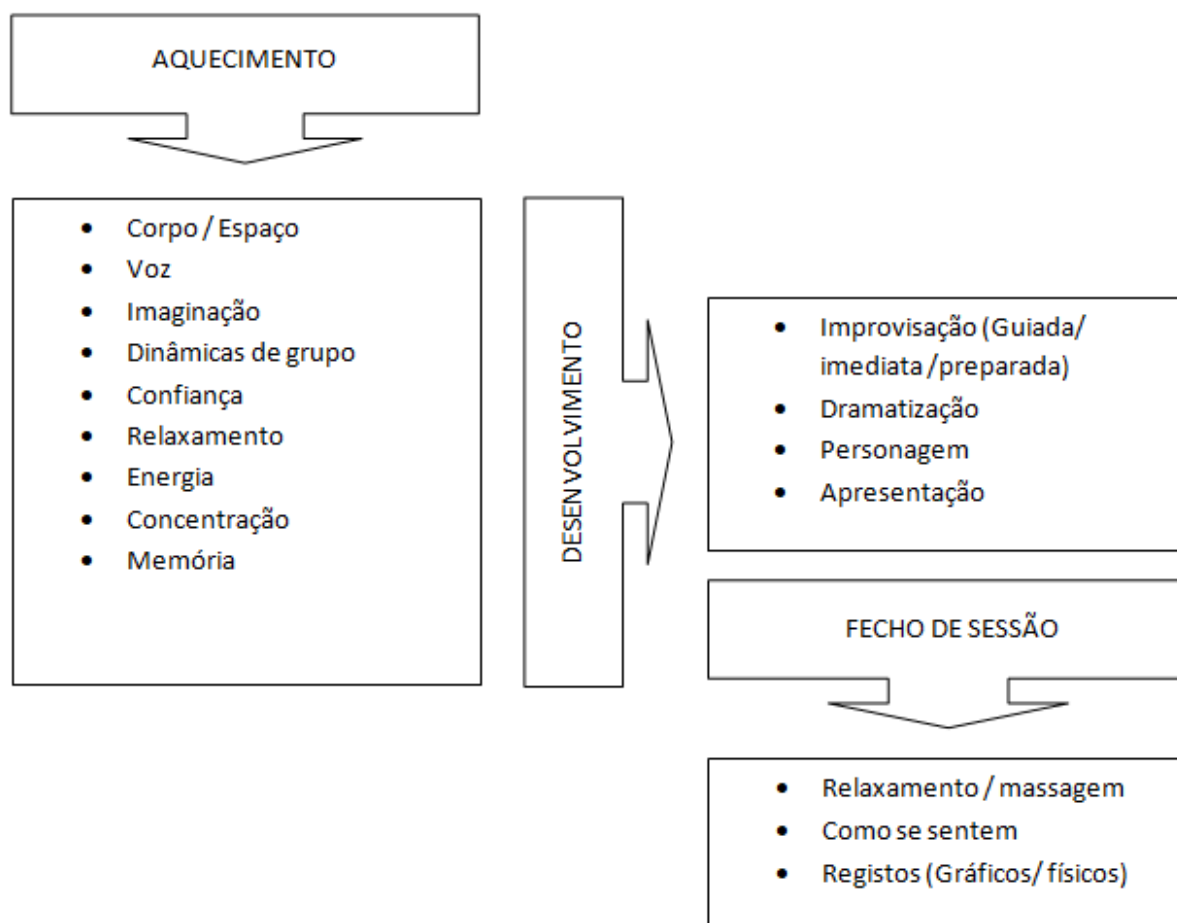
A disciplina de Teatro concorre para a promoção de diversas competências e aprendizagens: a confiança em si próprio e no grupo, a relação e o compromisso com o grupo, o trabalho conjunto, vários tipos de expressão (corpo, gesto, voz...) diversão, criatividade e o prazer pelo jogo. Assim como, aprofundar os conhecimentos pela linguagem teatral, o desenvolvimento estético e crítico.

2.

DINÂMICA DE SESSÃO e PLANIFICAÇÕES

Como orientação, é indicada uma possível dinâmica e encadeamento de uma aula de teatro (Como se observa nos exemplos de planificação de aula).

Assim, a proposta de sessão inicia-se com o Aquecimento, que se pretende que predisponha e prepare o corpo e os sentidos para a aula; segue-se o Desenvolvimento, onde é trabalhado o conteúdo específico da aula; e o Fecho de sessão, onde se promove o retorno à calma e a partilha das experiências e aprendizagens feitas na aula.



Exemplo de dinâmica de aula

A partir das aulas da unidade curricular “Desenvolvimento Curricular em Educação Artística [Teatro]” do MEA, coordenada por Miguel Falcão.

ELEMENTOS DE UMA PLANIFICAÇÃO

É importante para a preparação das aulas, que seja feita uma planificação do trabalho que se pretende desenvolver, é igualmente necessário saber a quem se destina; o quê e que conteúdos, conceitos e técnicas serão trabalhados; que aprendizagens serão feitas e para quê; quais as metas e objetivos a atingir; como atingir os objetivos; com o recurso de que material; quanto tempo será necessário e como se verifica e avalia o processo.

Seguindo as questões a cima colocadas, apresentamos um modelo de uma planificação de aula.

PLANIFICAÇÃO <u>Teatro</u>					
Instituição		Ano de Escolaridade		__º ciclo	
APRENDIZAGENS ESSENCIAIS Indicação das aprendizagens essenciais a trabalhar, explícitas nos documentos orientadores				Aula n.º	Data
COMPETENCIAS ORIENTADORAS PARA O PERFIL DO ALUNO				Duração da aula Duração da aula em minutos	
Domínios	Conteúdos	Actividades	Recursos	Avaliação	
				Instrumentos	Indicadores
Indicação dos domínios organizadores de competência da disciplina	Indicação dos conceitos a formar e técnicas a dominar.	Explicação, passo a passo, das atividades que os alunos vão realizar, estratégias e técnicas.	Indicação dos recursos necessários (materiais) Espaço, equipamento, material didático (humanos) Alunos, professores ou outras pessoas da comunidade.	Indicação das modalidades de avaliação (autoavaliação, heteroavaliação, feedback do professor); e, se necessário, instrumentos a utilizar.	Indicação do que pretende observar e avaliar.

Modelo de planificação diária.

Adaptado de modelo usado na unidade curricular “Desenvolvimento Curricular em Educação Artística [Teatro]” do MEA, coordenada por Miguel Falcão.

EXEMPLOS

DE PLANIFICAÇÃO DIÁRIA

PLANIFICAÇÃO DIÁRIA					
Escola E.B. 2/3		Turma: 5.º/ 6.º ano		2.º CEB	
<p>APRENDIZAGENS ESSENCIAIS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Experimentar e explorar diferentes possibilidades motoras e expressivas do corpo em diferentes atividades. • Construir personagens, em situações distintas e com diferentes finalidades. 				Aula nº 1	21 / 09 / 18
<p>COMPETENCIAS ORIENTADORAS PARA O PERFIL DO ALUNO</p> <p>A Linguagens e textos; C Raciocínio e resolução de problemas; D Pensamento crítico e pensamento criativo; E Relacionamento interpessoal; F Desenvolvimento pessoal e autonomia; H Sensibilidade estética e artística; J Consciência e domínio do corpo</p>				Duração 50 min.	
Domínios	Conteúdos	Atividades	Recursos	Avaliação	
				Modalidades/ Instrumentos	Indicadores
<p>APROPRIAÇÃO E REFLEXÃO</p> <p>EXPERIMENTAÇÃO E CRIAÇÃO</p>	<p>Contacto e Grupo</p> <p>Espaço</p>	<p><u>Início de sessão</u></p> <p>Em roda, conversa com os alunos sobre como se sentem ou se encontram energeticamente. De 1 a 5 como se sentem naquele momento.</p> <p><u>AQUECIMENTO</u></p> <p>Em roda, aquecer as articulações fazendo rotações no pescoço, dos ombros, cotovelos, pulsos, ancas, joelhos e</p>	<p>Sala ampla e vazia</p> <p>Rádio com música ambiente (quando necessário)</p>	<p>•Observação direta e feedback do professor</p> <p>•Auto-avaliação</p>	<p>O/a aluno/a</p> <p>• Segue as orientações de forma a realizar a atividade de forma adequada</p> <p>•Explora as possibilidades</p>

		<p>tornozelos.</p> <p>Interagir com o grupo – Andar pelo espaço de forma relaxada, tomando consciência do movimento que tem ao andar.</p> <p>Depois o professor dá a indicação de que quando se cruzarem com um colega os alunos deverão:</p> <p>-parar e colocar-se frente a frente, olhando nos olhos um do outro (olham-se por uns segundos e depois continuam a andar pelo espaço).</p> <p><u>DESENVOLVIMENTO</u></p> <p>Fotografia de família – Sob indicação do professor, os alunos andam pelo espaço e ao sinal do professor devem colocar-se todos juntos e colocar-se em estátua para tirar uma fotografia de família. Antes de “tirar a fotografia” o professor dá sugestões de ambientes e sensações para que os alunos mimem a situação comum ao grupo. (ideias como: estão cheio de frios, cheios de calor, com medo, a rir, a chorar, com vontade de ir ao wc...)</p> <p><u>Fecho de sessão</u></p> <p>No final, em roda, podem partilhar o que sentiram ao longo da sessão.</p> <p>De novo, de 1 a 5 quanto, a quanto se encontram</p>		<p>•Hetero-avaliação</p>	<p>expressivas do seu corpo no espaço</p> <p>•Socializa com o grupo através dos jogos e exercícios propostos</p> <p>•Desenvolve a capacidade da improvisação, assim como da criatividade na expressão</p> <p>•Desenvolve técnicas de construção de personagem e contracena</p>
--	--	--	--	--------------------------	--

		<p><u>RELAXAMENTO</u></p> <p>Tensão / Relaxamento – Com a indicação do professor, Metade da turma deita-se no chão, comprimindo todos os músculos, sentindo-se em tensão. Os alunos que estão em pé, vão ajudando os colegas a relaxarem algumas partes do corpo até que fiquem completamente em descontração, deitada no chão com a coluna direita.</p> <p>Trocam quando a música termina.</p>			
--	--	--	--	--	--

PLANIFICAÇÃO

GERAL 2.º CICLO

Conteúdos	Objetivos gerais das sessões	Tipos de atividades	Períodos		
			1.ºP	2.ºP	3.ºP
<p>➤ Contato e Grupo</p>	<p>Desenvolver uma relação de pertença e de autonomia no seio do grupo</p> <p>Desenvolver a aptidão para interiorizar sensações e emoções experimentadas no contacto com o meio, a fim de renovar a relação com o mundo e enriquecer a sua expressão.</p>	<p>Realizar atividades, jogos e exercícios, em que o aluno possa:</p> <ul style="list-style-type: none">- experimentar ativamente com os outros elementos do grupo as noções de confiança e interajuda;- partilhar com o grupo sensações, emoções e ideias nascidas ou expressas no decorrer da atividade em grupo;- escutar o outro e o grupo;- argumentar e expor ideias ao grupo. <p>Realizar atividades em que o aluno possa:</p>			

		<ul style="list-style-type: none"> - desenvolver a capacidade de percepção e exploração sensoriais, explorando os 5 sentidos; - identificar as qualidades do meio no plano: sonoro, visual tátil, gustativo e olfativo; - tomar consciência das suas sensações; <p>reviver pela memória sensorial e afetiva, sensações e emoções ligadas a experiências vividas.</p>			
<p>➤ Corpo e Movimento</p>	<p>Tomar consciência do corpo, explorando as suas potencialidades no processo de expressão/comunicação.</p>	<p>Realizar com os alunos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Exercícios de discriminação das diferentes partes do corpo e da autonomização dos movimentos. - Exercícios de exploração de movimentos de expansão globais. 			

		<ul style="list-style-type: none"> - Jogos de exploração da imobilidade em contraste com a mobilidade. - Jogos utilizando diferentes ritmos corporais. - Jogos utilizando as diferentes qualidades do movimento. - Improvisação utilizando as diferentes possibilidades expressivas do corpo. <p>Poder-se-ão desenvolver atividades que permitam ao aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> - explorar atitudes e movimento para exprimir sensações, emoções e ideias no interior de situações de expressão individual, a pares e em grupo; 			
➤ Voz e texto	Tomar consciência da voz, timbre e	<p>Realizar atividades que incluam:</p> <ul style="list-style-type: none"> - exercícios tendentes a compreender 			

	<p>dicção explorando as suas potencialidades no processo de expressão/comunicação.</p>	<p>o funcionamento dos aparelhos respiratório e vocal;</p> <ul style="list-style-type: none"> - exercícios de exploração das qualidades da emissão sonora; - exercícios de exploração das modificações introduzidas na emissão; sonora, por variações na altura, volume, ritmo, entoação e respiração - jogos de exploração da produção de som com o corpo; - jogos de exploração da produção de som reagir corporalmente de forma expressiva a estímulos exteriores (sons, palavras e imagens); - explorar as qualidades sonoras e semânticas das palavras e encadeamentos de palavras, no interior de situações de expressão individual e comunicação a pares ou 			
--	--	---	--	--	--

		<p>em grupo;</p> <ul style="list-style-type: none"> - improvisar uma linguagem por onomatopeias; <p>improvisar um diálogo com recurso ao uso com o corpo do outro.</p>			
<p>➤ Espaço e Objetos</p>	<p>Tomar consciência do meio (espaço e objeto), explorando as suas potencialidades ao serviço da expressão/comunicação</p>	<p>Poder-se-ão desenvolver atividades que permitam ao aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> - distinguir entre espaço íntimo, pessoal, relacional e social; - reconhecer e orientar-se no espaço em função de referências visuais, auditivas e tácteis; - explorar deslocções simples seguindo trajetos diferenciados; - explorar mudanças de níveis e de planos simples, no espaço. 			

<p>➤ Improvisação e Técnica teatral</p>	<p>Explorar diferentes técnicas performativas</p>	<p>Poder-se-ão desenvolver atividades que permitam ao aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Distinguir, pela experimentação e pela reflexão, jogo dramático, improvisação e representação; <p>Reconhecer, em produções próprias ou de outrem, as especificidades formais do texto dramático convencional</p>			
<p>➤ História do Teatro</p>	<p>Conhecer, identificar e saber caracterizar diferentes estilos e géneros convencionais de teatro;</p> <p>Apreciar e analisar os espetáculos ou performances, apropriando-se de um vocabulário adequado e específico.</p> <p>Valorizando a interpretação pessoal e tendo em conta os aspetos técnicos e</p>	<p>Poder-se-ão desenvolver atividades que permitam ao aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer, em produções próprias ou de outrem, as especificidades formais do texto dramático convencional: - Indicações cénicas; - Estrutura externa da peça (divisão 			

	contextuais relativamente	em atos, cenas ou quadros); - Indicações sobre o cenário e guarda-roupa das personagens; - Indicações sobre a movimentação das personagens em palco, as atitudes a tomarem, os gestos que devem fazer ou a entoação de voz com que devem proferir as palavras.			
--	---------------------------	--	--	--	--

GRELHA

DE PLANIFICAÇÃO [versão para impressão]

PLANIFICAÇÃO <u>Teatro</u>					
Instituição _____			Ano de Escolaridade _____		__. ^o ciclo
APRENDIZAGENS ESSENCIAIS				Aula n.º __	Data __/__/__
				Duração da aula _____ min	
Domínios	Conteúdos	Actividades	Recursos	Avaliação	
				Instrumentos	Indicadores

EXERCÍCIOS E PRÁTICA

“Um excelente educador não é um ser humano perfeito, mas alguém que tem serenidade para se esvaziar e sensibilidade para aprender.”

Augusto Cury Pais brilhantes, professores fascinantes.

Não existe uma receita, nem um modelo único para uma de teatro. Mas há que ter a consciência que é muito importante a adaptação ao grupo, principalmente quando se trata de crianças. Tentar conhecer as suas motivações, capacidades e dúvidas. Ter a capacidade de encaixe em relação às circunstâncias em que se inicia uma aula, tirar partido das potencialidades ou limitações criadas pela situação em que se inicia ou desenrola uma aula.

É importante criar estratégias e pontos de partida para perceber em que estado se encontra o grupo. O professor deve ser claro, para não haver equívocos.

Seguidamente são apresentados vários jogos e exercícios que podem servir como ponto de partida para várias atividades e também relatos na primeira pessoa sobre a aplicação dos mesmos.

LISTAGEM

DE EXERCÍCIOS

1. Exercícios de entrada e aquecimento

- Entrada
- Respira
- Roda equidistante
- Posições para os pés
- Aquecimento das articulações
- Andar para aquecer

2. Exercícios de apresentação e confiança

- Bola
- STOP!
- Andar pelo espaço

3. Exercícios de memória e auto conhecimento

- Memória Sensível
- De 0 a 5
- Partilha de histórias e experiências

4. Exercícios de observação/ dinâmicas de grupo

- Movimento coletivo
- Sucessão de estátuas
- Cori Corifeu
- Survivor
- Filmes
- Jogo do 40
- Raio
- Estalinhos
- Corrida em camara lenta
- “O Rei manda”

5. Exercícios de respiração e voz

- Lista de compras
- Leitura e dicção
- Respiração controlada

6. Exercícios de relaxamento

- Massagens
- Pontos muito íntimos
- Auto Massagens no rosto
- Auto Massagens
- Meditação

7. Exercícios de retroação

- Numa palavra
- Análise do grupo
- De 0 a 5

8. Fábrica de improvisações e texto

1. Entrada e aquecimento

○Entrada

Material: Nenhum

Objetivos: Concentração, consciência do espaço, consciência do corpo no espaço

Desenvolvimento: Pede-se aos alunos que antes de entrar na sala ou no espaço de aula, tomem consciência da importância do momento. Chamar à atenção de que não devemos entrar de qualquer maneira naquele espaço (assim como quando entramos na igreja, num restaurante ou na casa de alguém).

Para isso, pede-se aos alunos que num momento íntimo e individual, parem, respirem e então entrem.

Aplicação: Não é fácil conseguir esta consciência nas crianças e jovens com quem trabalho. Eles querem entrar, fazer os exercícios, brincar... não fixam a atenção. Com este exercício tento ajudar os meus alunos, a corrigir essa desatenção, ensinando-lhes a conhecerem-se melhor e a auto dominarem-se.

○Respira

Material: Nenhum

Objetivos: Concentração, consciência do corpo, consciência da respiração

Desenvolvimento: Pede-se aos alunos que antes de entrar na sala ou no espaço de aula, tomem consciência da importância do momento. Chamar à atenção de que não devemos entrar de qualquer maneira naquele espaço (assim como quando entramos na igreja, num restaurante ou na casa de alguém).

Para isso, pede-se aos alunos que num momento íntimo e individual, parem, respirem e então entrem.

Aplicação: A importância da consciência da respiração é uma constante em todos os exercícios. As crianças ganham a consciência de si e da atividade que estão a desenvolver.

○Roda equidistante

Material: Nenhum

Objetivos: Aquecimento, concentração, construção do sentido coletivo, equilíbrio, conexão, ligações

Desenvolvimento: Pede-se aos alunos que formem uma roda. Essa roda deve ser formada em silêncio e todos os elementos devem ficar á mesma distância uns dos outros e do centro.

É uma forma de manter a concentração e atenção da turma.

Prolongamento 1: Um elemento de cada vez abandona o seu lugar e dirige-se para outro lugar na roda, ocupando-o. O movimento de um elemento do grupo faz mover todos os outros. Mantendo sempre a roda equidistante.

Nota: Para a explicação do prolongamento, é interessante dar como exemplo que “o bater de asas de uma simples [borboleta](#) poderia influenciar o curso natural das coisas e, assim, talvez provocar um [tufão](#) do outro lado do mundo.”
Teoria do caos.

Prolongamento 2: Este exercício pode ser explorado em espaços do dia-a-dia (cafés, metro, rua) mantendo a equidistância entre as pessoas que se cruzam conosco.

Aplicação: Iniciar a aula com este tipo de esquema e estratégia funciona muito bem, é um processo gradual, mas a cada aula/ sessão os alunos assumem de forma mais clara que ali é o ponto de partida da aula. Sinto que os alunos gradualmente se vão concentrando na atividade e ganhando o foco na aula.

○Posições para os pés

Material: Nenhum

Objetivos: Consciência do corpo

Desenvolvimento: A ideia é que os alunos tenham uma postura mais correta consoante o que cada exercício pede. Assim, são apresentadas 4 posições para a colocação dos pés:

- 1 – Pés juntos
- 2 – Alinhar os pés com a largura ancas
- 3 – Alinhar os pés com a largura dos ombros
- 4 – Alinhar os pés para além da largura dos ombros (sentir o desconforto e quando necessário “acomodar-se” ao desconforto)

Aplicação: Esta dica, tão simples, faz com que os alunos quando chamados à atenção para o número em que devem ter a posição dos pés (por exemplo durante o aquecimento) tomem rapidamente a postura correta

○Aquecimento das articulações

Material: Nenhum

Objetivos: Aquecimento físico, consciência do corpo, convocar a vontade

Desenvolvimento: Este exercício serve para ativar os músculos e articulações do corpo inteiro, de modo a que o aluno esteja pronto, recetivo e ágil para qualquer proposta criativa. Rodando e movimentado o pescoço, ombros, cotovelos, pulsos, dedos, ancas, joelhos e tornozelos.

Aplicação: As minhas aulas de teatro iniciam, regra geral, com estes aquecimentos simples:

- **Primeira etapa:** Respirar profundamente pela zona abdominal, de modo a ativar a energia vital de cada um;
- **Segunda etapa:** Alinhar os pés à largura das ancas (posição 2)

- **Terceira etapa:** Rodar o pescoço para um lado e para o outro, devagar, de modo a permitir que qualquer tensão física desapareça. Depois, rodar os ombros para trás e para a frente, os pulsos, o tronco, os joelhos, os tornozelos e os pés, com o objetivo de libertar tensões e ativar a circulação e a musculatura.
- **Quarta etapa:** Rodar o corpo sobre o eixo da coluna, deixando os braços soltos e moveis.

○Andar para aquecer

Material: Nenhum

Objetivos: Ocupação do espaço, consciência do corpo no espaço, aquecimento

Desenvolvimento: Andar pelo espaço livremente, sem chocar com ninguém. Respirar para aquecer. Trabalhar o esfíncter, contraindo e descontraindo o musculo.

Este exercício é individual e silencioso.

Aplicação: Este exercício funciona bem com as crianças. Mas é necessário que o professor seja bem claro com o que pretende com este exercício, pois geralmente a tendência da pequenada é andar em pequenos grupinhos de conversa, ou andar em roda sempre no mesmo sentido...

○Música inspiradora

Material: Aparelho de som, música

Objetivos: Movimento, criatividade, consciência do corpo

Desenvolvimento: Os alunos circulam pelo espaço, com uma passada normal do dia-a-dia. O professor passa uma sequência de músicas. Ao som de cada música e mantendo o andar, os alunos devem responder aos estímulos que cada música provoca com o corpo.

Aplicação: Este exercício funciona muito bem com os mais pequeninos, até mesmo para aqueles que são mais tímidos e com mais vergonha de se expor. Neste exercício não há uma exposição direta, todos se mexem livremente e consoante sentem. (Não há certo, nem errado – é o que sentimos!)

2. Exercícios de apresentação e confiança

○A bola

Material: Bola

Objetivos: Seguir instruções simples, concentração, construção do sentido coletivo, memorização de nomes, coordenação, comunicação, movimento

Desenvolvimento: Primeiramente, em roda, pede-se ao aluno que tem a bola que a passe ao colega da esquerda, comunicando com o olhar que vai lançar a bola. Por sua vez, o colega que vai receber a bola, também deve estabelecer comunicação com o olhar, manifestando que está pronto para a receber. Repetir o exercício.

Prolongamento: O grupo desloca-se pelo espaço e continua a passar/ atirar a bola pela mesma ordem pela qual estavam posicionados na roda.

Variantes: Alterar a ordem, pedido que os alunos passem a bola a quem inicialmente estava à sua direita na roda.

○STOP!

Material: Nenhum

Objetivos: Seguir instruções simples; concentração; observação; memória visual; percepção do grupo, do lugar de cada um e do espaço envolvente.

Desenvolvimento: Os alunos, circulam pelo espaço, sem chocarem uns com os outros. Quando o professor disser “STOP!”, todos param imediatamente ficando imóveis. O professor pede que fechem os olhos, e pergunta onde está um dos elementos do grupo. Ainda com os olhos fechados, os alunos deveram apontar para o local que acham em que está o colega.

Prolongamento: Podem ser colocadas mais questões sobre o grupo por exemplo: “quantas pessoas têm o cabelo preso?”, “Quem está vestido de vermelho?”

Variantes: As questões colocadas também podem ter a ver com o local onde estão (quantas janelas tem a sala, para que lado está a porta...)

Aplicação: Este exercício funciona muito bem com jovens adolescentes, pois entendem o que se pretende com o exercício.

Com o grupo dos mais pequenos, o exercício funciona, mas a vontade de responder certo à questão colocada dá azo a muitas “batotas” e falta de rigor no exercício.

○Andar pelo espaço livremente

Material: Nenhum

Objetivos: Concentração, ocupação e consciência do espaço, interação com o outro

Desenvolvimento: Pede aos alunos que circulem livremente pelo espaço da sala, com o corpo alinhado e o olhar fixo para onde se dirigem. É importante ter a consciência que o espaço deve ser bem ocupado.

Sob a voz de comando do professor, são dadas possíveis sugestões para a interação do grupo (quando se cruzam uns com os outros):

- Olhar nos olhos
- Dar um aperto de mão
- Dar a mão e circular pelo espaço com o par
- Dar um abraço
- Entre outras sugestões

Nota: Tentar que as sugestões tenham uma evolução emocional proporcional às relações que se vão estabelecendo entre os alunos

Aplicação: Ao experimentar este exercício, senti que com as crianças há vários níveis de “aceitação”, principalmente no que diz respeito à sugestão do abraço. Com os pequeninos (6-7 anos) dar abraços é maravilhoso, todos se abraçam sem problemas nem complexos e tudo é uma brincadeira, chegando à faixa etária dos 8-12 anos, em que rapazes e raparigas não gostam de misturas... o processo é mais demorado, mas respeitando as características de cada grupo e repetindo os exercícios, o que era um transtorno passa a ser aceite com normalidade.

Variantes: Mantendo a ocupação do espaço, os olhares, apertos de mão e abraços em simultâneo e acrescentar a passagem de objetos, tudo em simultâneo e só quando nos cruzamos com alguém.

3. Exercícios de memória e auto conhecimento

○Memória Sensível

Material: Nenhum

Objetivos: Memorização, verbalização, criatividade, imaginação, detalhe

Desenvolvimento: Os alunos estão dispostos em círculo (opcional), e são colocadas questões que estimulem a memória dos cinco sentidos.

Alguns exemplos:

- A primeira palavra do dia.
- O primeiro sabor do dia.
- A primeira pessoa que viu.
- O que aconteceu desde que acordou até ao momento da aula

Aplicação: Exercício que funciona bem com todas as faixas etárias. Também é um bom ponto de partida para improvisações.

○De 0 a 5

Material: Nenhum

Objetivos: Autoavaliação, auto conhecimento, verbalização

Desenvolvimento: O exercício consiste em que o aluno consiga avaliar o seu estado de espírito, emotivo e energético no momento. É dada uma escala de 0 a 5, sendo que 0 é o nível energético mais baixo e 5o auge de energia.

Este exercício pode ser feito no início da sessão para compreender o estado em que se encontra o grupo. Também pode ser feito no final da sessão como modo de retroação.

Aplicação: Este momento de autoavaliação, é entendido pelos alunos e funciona bem com as várias faixas etárias.

○Partilha de histórias e experiências

Material: Nenhum

Objetivos: Escuta ativa, discussão de ideias, reflexão

Desenvolvimento: A partir de uma história ou situação que aconteceu com algum elemento do grupo, pensar o que cada um faria nessa situação. Disponibilizar este tempo, para cada elemento do grupo possa fazer uma intervenção.

Aplicação: Este exercício é profundamente enriquecedor. É importante que as crianças ouçam a história dos colegas até ao fim, trabalhando assim o respeito e a responsabilidade.

4. Exercícios de observação/ interação de grupo

○ Movimento coletivo

Material: Cadeiras

Objetivos: Concentração, coesão de grupo

Desenvolvimento: Os alunos estão sentados nas cadeiras, espalhados pelo espaço. Cada aluno tem um colega que deve observar. Todos são observados e em simultâneo observam alguém que devem imitar. A proposta é, que em grupo se levantem e voltem a sentar da cadeira. Pretende-se que o grupo consiga criar uma coesão em que não seja visível de onde começou o movimento, pois todos os movimentos serão feitos praticamente em simultâneo. Ter sempre em conta a importância da respiração, individual e de conjunto.

Prolongamento: Para além do levantar e sentar. Pode propor-se outro tipo de movimentos livres. Convém que sejam movimentos lentos e precisos.

○ Sucessão de estátuas

Material: Nenhum

Objetivos: Observação, ensaio de movimento, controlo corporal, consciência individual e de grupo

Desenvolvimento: Os alunos estão dispostos numa roda equidistante. Cada elemento do grupo na sua vez, desloca-se pelo espaço e no meio da roda assume uma posição de estátua. O grupo observa e um de cada vez avança para completar a estátua iniciada pelo colega. Os vários elementos devem juntar-se, mas tendo em atenção que deve haver sempre “público”, ou seja o grupo da estátua vai saindo da posição quando achar pertinente. Podendo voltar e formar outra estatua quando quiser.

É importante a observação do grupo, para que haja intensão na interação.

Aplicação: Este exercício resulta muito bem com todas as faixas etárias. Os alunos revelam grande satisfação e gosto por este jogo dramático. Com o reparo de que, com grandes grupos de crianças entre os 6 e os 10 anos, senti que era necessário criar uma ordem marcada para as entradas e saídas de cada aluno na integração da estátua. Com jovens entre os 11 e os 16, onde a compreensão da importância que também é “ver de fora” as entradas e saídas da estátua aconteciam de forma autónoma e mais espontânea.

OCori Corifeu

Material: Nenhum

Objetivos: Concentração, consciência de grupo, criação de movimento, criação sonora, imaginação

Desenvolvimento: Os alunos colocam-se em fila, o objetivo do grupo é avançar de um ponto de partida até um ponto de chegada. Para isso, cada elemento do grupo deve avançar produzindo um movimento e um som que os restantes elementos devem reproduzir. Todos os elementos fazem na sua vez produzindo um movimento e um som. Não é dada uma ordem específica, por isso todos devem estar concentrados e perceber quando será a sua vez.

Aplicação: Com as crianças mais pequenas, para o bom funcionamento do jogo, é necessário que haja uma sequência, na vez de quem faz o movimento

OSurvivor

Material: Nenhum

Objetivos: Concentração, percepção do grupo, raciocínio, apresentação

Desenvolvimento: Os alunos estão em roda (equidistante).

O jogo inicia quando um elemento do grupo (A) avança na direção de um colega (B). Este, para não ser “apanhado” deve pedir socorro a outro colega que esteja na roda (C). Este deve dizer o nome do colega que está a “pedir

ajuda” para o salvar. Ao ser salvo avança na direção do seu salvador, que será a “vítima” desta vez, e de igual modo deve pedir ajuda a outro colega.

O pedido de socorro deve ser feito através de mímica, utilizando sobretudo a expressão facial e olhando diretamente para quem é feito esse pedido de ajuda.

Aplicação: Só experimentei este jogo com alunos dos 11 aos 16 e há um grande envolvimento e gosto pelo jogo, e entendem-no de forma relativamente rápida.

○Filmes

Material: Filme, aparelho áudio visual

Objetivos: Perceber hábitos, parar para observar, rir (e de nós próprios)

Desenvolvimento: Sugestão de visionamento do filme de comédia francês “*Play time*” de Jacques Tatti

○Jogo do 40

Material: Nenhum

Objetivos: Concentração, consciência de grupo, capacidade de escuta, intervenção adequada

Desenvolvimento: A proposta será que os alunos, em coletivo, contem até 40. Mas nesta contagem, apenas um elemento de cada vez pode dizer um número. Se acontecer, mais do que um elemento dizer o mesmo número em simultâneo, a contagem volta ao início. Cada um vai tentando dizer um número de modo, em conjunto, conseguirem chegar ao 40. É importante repetir o exercício várias vezes, quanto mais for desenvolvido o espírito de grupo e concentração, melhor irá correr o exercício.

Aplicação: Este jogo é muito bem aceite pelos jovens. O que senti na minha prática, foi que os alunos estavam muito motivados para o jogo e para o conseguir concretizar a contagem até ao fim, claro que a vontade de chegar ao 40 por vezes tira-lhes o foco de grupo, e percebem que tem de ter calma, estar concentrados, comunicar uns com os outros através do olhar.

OO Raio

Material: Nenhum

Objetivos: Concentração, consciência de grupo, capacidade de escuta, intervenção adequada, criação de ritmos

Desenvolvimento: Os alunos estão dispostos em círculo e devem passar o “raio” através de uma palma direcionada para um colega, este recebe e passa o raio a outro. Quando um aluno não receber o raio, todos “perdem” atirando uma palma ao ar. Retomam o jogo e sequência.

As sequências podem ser:

- Atirar o raio pela ordem da roda
- Alternadamente, saltando uma pessoa
- Seguindo um ritmo e uma cadência sonora (rápido/ lento)
- Para qualquer elemento do grupo

Aplicação: É um jogo simples e apreciado pelos meus alunos das várias faixas etárias.

O Estalinhos

Material: Nenhum

Objetivos: Concentração, consciência de grupo, capacidade de escuta, coordenação

Desenvolvimento: Os alunos estão dispostos em círculo e devem passar o “estalinho” para o colega que está à sua direita, este recebe e por sua vez passa o estalinho ao seu colega da direita. Quando este exercício se torna sistemático, o professor mais acrescentando novas “mensagens” que devem circular acrescentando uma palavra, por exemplo “arroz”, mas desta vez o aluno passa a palavra para o seu lado esquerdo, mantendo em simultâneo os estalinhos que circulam para o lado direito.

Prolongamento: Aumentar o grau de dificuldade, introduzindo (para a esquerda e para a direita) novas palavras (nomes, países, animais...)

Aplicação: Experimentei fazer este exercício com as minhas alunas mais velhas (12-16 anos) e o resultado, após o prolongamento foi caótico. As alunas não manifestaram gosto pelo exercício e até à data não voltei a repetir.

○Corrida em câmara lenta

Material: Nenhum

Objetivos: Concentração, consciência individual do corpo, consciência do movimento

Desenvolvimento: Os alunos colocam-se em fila, como se estivessem na partida para uma corrida, (e na realidade estão) o objetivo desta corrida é ser o último a chegar à meta. Para isso devem fazê-lo em camara lenta. Tomando consciência de que todo o corpo tem de estar envolvido no movimento que fazem até chegar à meta. Coordenar bem os braços e as pernas, as articulações dos pés e o equilíbrio do tronco.

Aplicação: É um jogo simples e apreciado pelos meus alunos das várias faixas etárias. Numa corrida todos querem ser os primeiros a chegar, e neste jogo é interessante ver o esforço e a paciência que alguns alunos têm para conseguir ganhar, chegando por último. Contrariando assim, o seu estímulo natural para os jogos.

○“O Rei manda”

Material: Nenhum

Objetivos: Concentração, capacidade de reação

Desenvolvimento: Os alunos estão colocados em fila, virados para o professor que será o “soberano” que dará as instruções:

“O Rei manda por a mão na cabeça / ombros/ joelhos ...”

É importante referir que as instruções só devem ser executadas quando se disser a frase “O Rei manda”, sempre que a ordem não acompanhe esta frase, não deverá ser executada. Se for, o jogador perde.

Nota: Poderá mudar a expressão para o nome de quem está a mandar no momento (“A Rita manda”)

Aplicação: Este jogo é excelente para os grupos mais novos, é muito importante para aprender a seguir instruções simples, trabalhando a motricidade e a capacidade de respeitar regras.

5. Exercícios de voz e respiração

○Lista de compras

Material: Nenhum

Objetivos: Capacidade de síntese, objetividade, verbalização

Desenvolvimento: Pede-se aos alunos que façam em 5 ou 6 palavras uma lista mental e que depois a partilhem com o grupo (exemplos: lista de compras; o que têm na mochila; nos bolsos; na gaveta da secretária; relatar o seu dia até aquele momento). A ideia é que se pratique a capacidade de dizer, com o mínimo de palavras e interjeições, o máximo de informação pertinente.

○Leitura e dicção

Material: Livros, textos, artigos de jornal

Objetivos: Experimentar várias formas de dizer um texto

Desenvolvimento: A proposta é que se pratique o ato da leitura em voz alta. Tomando atenção a alguns pormenores de pronúncia, entoação, trabalhar a dicção, ritmo e volume.

Orientações para a leitura:

- Desconstruir a forma
- Sentir a vibração das palavras, como é que elas vibram dentro de nós
- Ler mais de vagar
- Com pausas excessivas, ou sem contar com as vírgulas
- Busca pela qualidade
- Parar
- Mudanças de velocidade e ritmos

O objetivo é realizar uma leitura bem lida, dizendo as sílabas todas, trabalhado os músculos da boca e língua para que seja rápida e o som que emite seja perceptível. Igualmente se trabalha a respiração, para que todas as frases sejam ditas com a projeção devida.

Algumas propostas de leitura:

- *"Ler, ouvir e cantar: os pais com os filhos"* de Lucinda Atalaia
- *"Haiku"*, poesia tradicional japonesa
- *"O Gosto Solitário do Orvalho"* de Matsuo Bashô (Haiku)
- *"O Pássaro da Cabeça e mais versos para crianças"* de Manuel António Pina
- *"Sim, sei bem"* de Ricardo Reis, em *LisbonPoets*
- *"Mar me quer"* de Mia Couto;

- “Respira” de Inês Castelo Branco

○Respiração controlada

Material: Nenhum

Objetivos: Consciência da respiração, controle da respiração

Desenvolvimento: pede-se aos alunos que tomem consciência do seu ritmo respiratório de maneira a conquistarem um autodomínio sobre si.

- **Primeira etapa:** Respirar profundamente pela zona abdominal, de modo a ativar a energia vital de cada um; Dando o exemplo que a barriga é um balão que enche e esvazia.
- **Segunda etapa:** Alinhar os pés à largura das ancas (posição 2)
- **Terceira etapa:** pedir que, com os dedos tapem uma narina de cada vez. Inspiração e expiração profundas só por uma narina.
- **Quarta etapa:** o professor conta os tempos da respiração: 6 tempos para a inspiração - 3 tempos para pausa (bloquear o ar) – 6 tempos para a expiração.

Esta respiração deve ser feita de forma contínua, suave e silenciosa.

Aplicação: Estes exercícios costumam ser executados com grande gosto por parte das crianças, geralmente com grande interesse por este fenómeno que nos acompanha pela vida, mas que nunca temos tempo para pensar nele. Respirar é estar vivo, e com este tipo de exercícios as crianças compreendem a sua importância.

6. Exercícios de relaxamento

○Massagens

Material: Nenhum

Objetivos: Interação com os pares, alicerçar a confiança, sentimento coletivo

Desenvolvimento: Os alunos distribuem-se em pares, um dos alunos coloca-se posicionado em frente ao seu par, virado de costas. Esse aluno que está à frente irá receber a massagem, fecha os olhos e ganhando consciência da sua respiração, tenta relaxar. O aluno que está atrás, deverá entrar em contacto com o colega da frente através do toque.

- **Primeira etapa:** Respirar profundamente e, aos poucos, pedir “autorização” para entrar em contacto com o corpo do outro
- **Segunda etapa:** Tocando no colega de forma a transmitir, com as palmas das mãos, calor e energia ao par. Podendo começar pelos ombros, braços, peito, abdómen, pernas e pés
- **Terceira etapa:** Com movimentos circulares esfregar a zona dos rins e depois movimentos energéticos em linha reta percorrendo a coluna
- **Quarta etapa:** Aplicar a massagem como se estivesse a “amaçar o pão”, com suavidade, respeitando sempre o corpo do colega. Massajar os ombros, o pescoço, a cabeça, as costas, os braços, as mãos, os dedos, as pernas e pés.

Nota: Tocar noutras pessoas, nem toda a gente aprecia. Por isso, não se deve obrigar ninguém a participar se não se sentir à vontade. Mas aos poucos e com a confiança estabelecida no grupo, funciona como um jogo introdutório para grupos que não se conhecem.

Aplicação: Regra geral, os meus alunos gostam de fazer este tipo de exercício. No grupo dos mais velhos, muitas vezes são eles que pedem para terminar a sessão com este tipo de massagens e relaxamento.

Pensamentos: “Aquilo que tu dás, tens para sempre; o que guardas perdes”, “A mão que oferece a flor, fica com o seu perfume” – é importante criar a consciência do cuidado e o respeito que devemos ter com o outro e que no momento da massagem (como em tudo na vida) devemos dar o que de melhor temos.

○Pontos muito delicados

Material: Nenhum

Objetivos: Concentração, consciência do corpo, trabalhar as emoções, identidade

Desenvolvimento: Parados, ganhar consciência da respiração, tenta relaxar. Massajar dois pontos energéticos:

- **Ponto da emoção** – Este ponto situa-se no centro do peito, deve ser massajado, com muito cuidado e respeito, em movimentos circulares.
- **Ponto energético** – Este ponto situa-se abaixo dos ombros, no músculo que dá suporte ao peito

Estes pontos, se massajados no sentido dos ponteiros do relógio, são “apertados”, estimulados, convocam os sentidos; se a massagem for aplicada no sentido contrário dos ponteiros, acalma, relaxa e descontraí os sentidos.

Nota: É importante trabalhar e estimular estes pontos no nosso dia-a-dia, durante o banho, por exemplo.

○Automassagem no rosto

Material: Nenhum

Objetivos: Concentração, consciência do corpo, trabalhar as emoções, identidade

Desenvolvimento: Com as mãos apalpa-se suavemente os músculos da cara. Percorre-se o queixo, os maxilares inferiores e superiores, as maçãs do rosto, o nariz, a zona dos olhos, sobrancelhas, testa e as orelhas.

○AutoMassagem

Material: Nenhum

Objetivos: Concentração, consciência do corpo, trabalhar as emoções, identidade

Desenvolvimento: Com as mãos apalpa-se suavemente todos os músculos e articulações. Começando nos pés, pernas, andas, abdómen, peito, braços, pescoço e cabeça.

○ Meditação

Material: Vela, música relaxante (opcional)

Objetivos: Concentração, meditação, foco

Desenvolvimento: Pede-se aos alunos que observem a vela acesa e que se concentrem na chama da vela. Sempre que sentirem o pensamento a desviar do foco pensam “Vela” e tentam retornar ao foco e à meditação.

7. Exercícios de retroação

○ Numa palavra

Material: Nenhum

Objetivos: Autoavaliação, auto conhecimento, verbalização das experiencias, objetividade, simplicidade

Desenvolvimento: No final de cada aula, pede-se aos alunos que façam uma retrospectiva da aula. Depois cada aluno deverá dizer em apenas uma palavra o que para si foi a aula.

Aplicação: Este momento de retrospeção da aula, é entendido pelos alunos e funciona bem com as várias faixas etárias. E é muito interessante ouvir as palavras que cada crianças escolhe para resumir a aula.

○ Análise do grupo

Material: Nenhum

Objetivos: Avaliação, sentido crítico, resolução de problemas, confiança

Desenvolvimento: No final de um exercício de leitura ou de uma dramatização, pede-se aos alunos que façam um breve comentário sobre a prestação dos colegas. Atribuindo um ponto positivo e um ponto a melhorar.

Aplicação: Neste exercício é necessário ter algum cuidado com as opiniões que possam surgir, principalmente quando se trata de crianças mais pequenas. A ideia nunca poderá ser que este é um momento de julgamento. O professor deve pedir sempre as opiniões de uma forma positiva para não melindrar ou causar embaraço a ninguém.

○ De 0 a 5

Material: Nenhum

Objetivos: Autoavaliação, auto conhecimento, verbalização, retroação

Desenvolvimento: O exercício consiste em que o aluno consiga avaliar o seu estado de espírito, emotivo e energético no momento. É dada uma escala de 0 a 5, sendo que 0 é o nível energético mais baixo e 5 o auge de energia.

Na **retroação**, pretende-se que os alunos ganhem consciência, de que modo a atividade que fizeram alterou o seu estado de espírito até aquele momento.

Aplicação: Este momento de autoavaliação, é entendido pelos alunos e funciona bem com as várias faixas etárias.

8. Fábrica de texto e improviso

Material: Papel e caneta

Objetivos: Criatividade, imaginação, simplicidade, interação com o par,

Desenvolvimento: O professor dá motes que servirão para uma curta improvisação ou criação de texto

Exemplos:

Improvisação a partir de uma **Cor**, um **Verbo** e uma **Palavra**

- Rosa
- Beijar
- Complicado

Criação de textos a partir do cotidiano:

- O que acontece ao acordar
- O que acontece no caminho para o trabalho/ escola
- O que acontece na hora de almoço
- O que acontece depois do trabalho
-

Criação de um texto curto e simples a partir das palavras:

- **Luz**
- **Amor**
- **Tranquilidade**
- **Confusão**

“**Quem, onde, o quê**”

Em grupo, os alunos retiram um cartão de cada um de três baralhos, um deles contém Personagens (policia, bombeiro, fada madrinha, princesa, bêbado, etc), outro Lugares (montanha, deserto, escola, barco, floresta, etc) e o ultimo Objetos (vassoura, binóculo, flor, toalha, etc).

A partir da personagem, do lugar e do objeto o grupo inventa uma história que apresenta aos colegas. As histórias podem ser dramatizad

AVALIAÇÃO

Na disciplina de Teatro não se avalia o talento dos jovens como atores, mas sim, qualificar o nível de envolvimento nas tarefas propostas, sinceridade, imaginação, criatividade, cooperação com o grupo, expressão vocal, expressão corporal, competência para planejar e organizar tarefas de grupo, tendentes à realização de unidades de trabalho ou projetos de aula.

Alguns alunos, devido a inibições e dificuldades de trabalhar em grupo, não conseguem, numa primeira etapa, manifestar o seu envolvimento na dinâmica da aula. No entanto através das **reflexões escritas de autoavaliação**, que deverão fazer parte das atividades da disciplina, torna-se possível ao professor perceber as interações que estão a decorrer entre os conteúdos da disciplina e o aluno.

A avaliação aplica-se na apreciação do desenvolvimento expressivo do aluno e ocorre ao longo do trabalho. Fundamenta-se na observação direta de comportamentos e atitudes. A criação de critérios torna-se inevitável uma vez que se opera através de um sistema de domínios e aprendizagens a alcançar, aplicados a um conjunto de indivíduos todos diferentes. De acordo com a especificidade da disciplina os critérios deverão ser estabelecidos no início do ano e manter-se constantes.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

A avaliação, na disciplina de Teatro, refere-se ao desenvolvimento de um conjunto de conhecimentos nos seguintes domínios:

➤ Apropriação e Reflexão

Vocabulário e princípios da disciplina/ Regras do jogo dramático

_ O aluno sabe o significado e pratica a improvisação, a mímica e a expressão vocal e corporal.

_ O aluno Identifica performativamente personagens, cenários, situações cénicas, problemas e soluções da ação.

➤ Interpretação e Comunicação

Capacidade de expressão/ comunicação e operacionalização de conceitos técnicos

_ O aluno sabe o que significa –Aquecimento, jogo teatral, sentido estético, improvisação, dramatização, relaxamento, retroação.

_ O aluno domina e reconhece vocabulário da técnica teatral. (códigos e convenções. Ex.: máscaras, guarda-roupa, efeitos de luz simples, tensão dramática, sonoplastia. Vocabulário técnico aplicável ao cenário, ao sistema de luz, à sonorização, produção e promoção de um espetáculo, etc.).

➤ Experimentação e Criação

Desenvolvimento da criatividade

_ O aluno exprime opiniões pessoais e estabelece relação entre acontecimentos da vida real e as situações dramáticas de forma original e criativa.

_ O aluno explora novas possibilidades motoras e expressivas do corpo e da voz.

Apresentação/ Participação ativa e pertinente

_ O aluno constrói personagens, em situações distintas e com diferentes finalidades.

_ O aluno produz, individualmente e em grupo, cenas dramáticas.

_ O aluno frequenta espetáculos de teatro e outros eventos performativos, visiona documentários de produções artísticas e aborda os temas da aula com base na sua experiência pessoal.

➤ **Desenvolvimento Pessoal e Autonomia**

Assiduidade e Pontualidade

_ O aluno está presente e disponível para trabalhar até ao final da aula, como cumpre a hora marcada para o seu início.

Organização/ Responsabilidade

_ O aluno organiza, respeita e preserva o espaço da aula de Teatro. Responsabiliza-se por manter a sala limpa e arrumada, após o final de cada aula.

_ O aluno usa o equipamento segundo as necessidades da sessão e volta a colocá-lo limpo, operacional e arrumado no seu lugar.

Autonomia e Rigor

_ O aluno realiza o trabalho no tempo indicado e acordado pelos alunos e pelo professor.

_ O aluno segue as instruções, faz ou realiza o que ele próprio se propõe. Trabalha de uma forma concentrada e calma, tendo em vista a finalização da tarefa proposta.

➤ **Relacionamento interpessoal**

Comportamento

_ O aluno respeita as normas de convivência de acordo com as normas de convivência da escola relativas aos diferentes contextos de atividade.

Participação

_ O aluno participa nas atividades propostas de forma apropriada e lógica tendo em conta que está inserido num grupo.

Cooperação

_ O aluno trabalha em equipa e demonstra flexibilidade aceitando outras opiniões.

_ O aluno interage com tolerância e empatia.

Nota final: O professor deverá reconhecer que esta disciplina se foca numa forma diferente de produzir e adquirir conhecimentos. O envolvimento e a experiência pessoal são determinantes. Os acontecimentos, pressupostos nos conteúdos, só ocorrem se tiverem sido experienciados pelos alunos.

O desenvolvimento da capacidade e da qualidade de reflexão devem ser avaliados.

Aos Domínios – **Apropriação e Reflexão; Interpretação e Comunicação; Experimentação e Criação** - As áreas de avaliação também contemplam as seguintes vertentes:

Trabalhar com os outros:

- O aluno revela capacidade de trabalhar com todos os elementos do grupo.
- O aluno revela capacidade de argumentar sem provocar desavenças e propondo novas soluções.

Discussão das propostas de trabalho:

- Desenvolvimento das ideias de outros colegas.
- Capacidade de escuta e observação ativa.
- Capacidade de crítica construtiva, saber indicar os pontos positivos e pontos a melhorar.

TrabalhoTeatral:

- Envolvimento nas pesquisas necessárias para o desenvolvimento do trabalho.
- Empenho nos exercícios de expressão oral e corporal, improvisações, trabalho sobre personagem, escrita de guiões simples, etc.

Comprometimento e envolvimento na realização e produção de projetos.

CRITÉRIOS ESPECÍFICOS DE AVALIAÇÃO

TEATRO

2.º CICLO

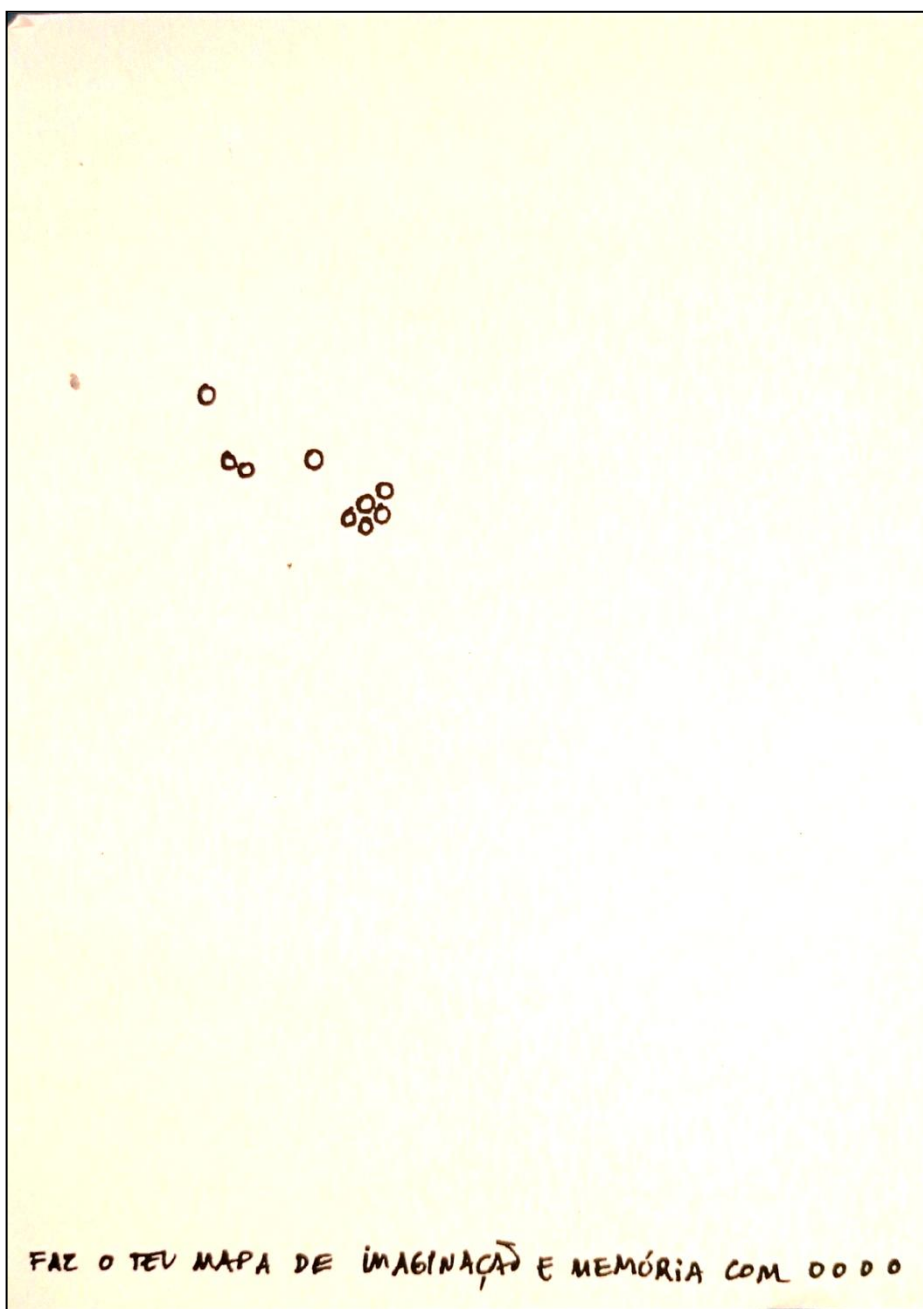
Domínios		Ponderação		Competências Transversais	Instrumentos de Avaliação	Áreas de Competência do Perfil do aluno
APROPRIAÇÃO E REFLEXÃO	Desenvolvimento de vocabulário e os princípios da disciplina/ Regras do jogo dramático	10%	70%	Identifica performativamente personagens, cenários, situações cénicas, problemas e soluções da ação. Reconhece diferentes formas de usar a voz e o corpo.	Registos de observação Registos dos trabalhos individuais/ a pares /de grupo.	A- Linguagens e textos B- Informação e Comunicação C- Raciocínio e resolução de problemas
	Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação e operacionalização de conceitos	10%		Distingue o jogo dramático, da improvisação e representação. Exprime opiniões pessoais e estabelece relação entre acontecimentos da vida real e as situações dramáticas.	Desenvolvimento de projetos. Registos de autoavaliação.	D- Pensamento crítico e Criativo E- Relacionamento Interpessoal F- Desenvolvimento pessoal e autonomia
EXPERIMENTAÇÃO E CRIAÇÃO	Desenvolvimento da criatividade	20%		Explora possibilidades motoras e expressivas do corpo. Constrói personagens, em situações distintas e com diferentes finalidades.	Intervenções orais dos alunos durante as aulas.	G- Bem-estar, saúde e Ambiente H- Sensibilidade estética e artística
	Apresentação/ Participação ativa e pertinente	30%	Produz, individualmente e em grupo, pequenas cenas dramáticas.	I- Saber científico, técnico e tecnológico J- Consciência e domínio do corpo		

Áreas de Competências – Sociais – Atitudes e Valores				Instrumentos de Avaliação	Ponderação		
Domínio do ser	Domínio Transversal	Desenvolvimento Pessoal e Autonomia	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Respeita as regras definidas para a pontualidade e a assiduidade; ▪ Procura ultrapassar as suas dificuldades e enriquecer as suas aprendizagens, solicitando ajuda e apoio, quando necessário; ▪ Demonstra empenho, autonomia e rigor no seu processo de aprendizagem; 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Pontualidade e Assiduidade - 5% ▪ Organização / Responsabilidade – 5% ▪ Autonomia e rigor – 5% 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Grelha de observação. ▪ Documentos de registo. 	30%	15%
		Relacionamento Interpessoal	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Atua de acordo com as normas de convivência da escola relativas aos diferentes contextos de atividade. ▪ Trabalha em equipa e demonstra flexibilidade aceitando outras opiniões; ▪ Interage com tolerância e empatia. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Comportamento – 5% ▪ Participação – 5% ▪ Cooperação – 5% 			15%

Domínios específicos					Domínio pessoal e social						
Projetos ao longo do ano				Média Cognitivo	Desenvolvimento Pessoal e Autonomia			Relacionamento interpessoal			Média D. P. e social
Apropriação e Reflexão	Interpretação e Comunicação	Experimentação e Criação			Pontualidade e Assiduidade (5%)	Organização/ Responsabilidade (5%)	Autonomia e Rigor (5%)	Comportamento (5%)	Participação (5%)	Cooperação (5%)	
Desenvolvimento de vocabulário e os princípios da disciplina/ Regras do jogo dramático	Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação operacionalização de conceitos	Desenvolvimento da criatividade	Apresentação/ Participação ativa e pertinente								

EXEMPLO DE FICHAS DE REGISTO E AVALIAÇÃO DOS ALUNOS

No final da aula de teatro podem ser pedidos registos aos alunos, como forma de avaliar o que para os alunos foi mais importante, o que os deixou desconfortáveis ou mesmo o que querem repetir. Os registos podem ser **escritos**, através de **desenho**, de uma **frase**, de um **movimento**, de uma **postura** ou traduzido numa única **palavra**.



Modelo de avaliação final

Adaptado de modelo usado na unidade curricular "Oficina de Corpo" com a prof. Madalena Vitorino em Educação Artística [Teatro] do MEA, coordenada por Miguel Falcão.

EXEMPLO DE FICHAS DE REGISTO E AVALIAÇÃO DOS ALUNOS

Instituição

Teatro

Nome_____ Ano_____ Turma_____ Data_____

Faz uma **reflexão** sobre a aula. (a ordem dos exercícios, nome dos exercícios, o que sentiste ao desenvolver cada um deles, apontamentos para lembrar mais tarde, desabaços, aspetos a melhorar, pontos positivos...)

Indica a atividade que **mais gostaste** nesta aula e **porquê**.

Indica uma **palavra do teatro** que hoje tenha sido usada e que consigas **explicar**.

Nas próximas aulas, o que achas que deves melhorar?

Algum comentário ou desabafo?

Nesta aula o meu comportamento* foi...



O/A aluno/a

*consultar quadro de comportamento

Para avaliar o meu comportamento, tenho em conta...	
	Nunca ou quase nunca respeitei as normas de convivência para com os meus colegas, a professora e as <u>atividades</u> da aula. Não participei nas <u>atividades</u> propostas.
	Raramente respeitei as normas de convivência para com os meus colegas, a professora e as <u>atividades</u> da aula. Só participei quando chamado à atenção, mas a minha participação não foi devidamente preparada.
	Em alguns momentos cumprí as normas de convivência para com os meus colegas, a professora e as <u>atividades</u> da aula. Participei algumas vezes, embora nem sempre como solicitado pela professora;
	Quase sempre respeitei as normas de convivência para com os meus colegas, a professora e as <u>atividades</u> da aula. Participei nas <u>atividades</u> propostas e quase sempre de acordo com o solicitado pela professora;
	Respeitei sempre as normas de convivência para com os meus colegas, a professora e as <u>atividades</u> da aula.

(2/2)

GRELHA DE REGISTO DE AVALIAÇÃO

CONHECIMENTOS E CAPACIDADES

Esta grelha destina-se ao registo de avaliação de cada aluno nos domínios de Saber Fazer (Conhecimentos e Capacidades).
Utilizando a escala: Nunca (**N**) , Nem Sempre (**NS**), Regularmente (**R**) e Sempre (**S**).

Aluno: _____ Turma: _____ .ºPeríodo		Data: ____/____/____				
Domínios		Escala				
Saber Fazer		N	NS	R	S	
APROPRIAÇÃO E REFLEXÃO	Desenvolvimento de vocabulário e os princípios da disciplina/ Regras do jogo dramático	Identifica performativamente personagens, cenários, situações cénicas, problemas e soluções da ação.				
		Reconhece diferentes formas de usar a voz e o corpo.				
INTERPRETAÇÃO E COMUNICAÇÃO	Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação e operacionalização de conceitos	Distingue o jogo dramático, da improvisação e representação.				
		Exprime opiniões pessoais e estabelece relação entre acontecimentos da vida real e as situações dramáticas.				
EXPERIMENTAÇÃO E CRIAÇÃO	Desenvolvimento da criatividade	Explora possibilidades motoras e expressivas do corpo.				
		Constrói personagens, em situações distintas e com diferentes finalidades.				
	Apresentação/ Participação ativa e pertinente	Produz, individualmente e em grupo, pequenas cenas dramáticas.				

GRELHA DE AVALIAÇÃO

VALORES E ATITUDES

Esta grelha destina-se ao registo de avaliação de cada aluno nos domínios de Saber Estar (Valores e Atitudes).

Utilizando a escala: Nunca (**N**), Nem Sempre (**NS**), Regularmente (**R**) e Sempre (**S**).

Aluno: _____ Turma: _____ .º Período						
Data: ____ / ____ / ____						
Domínios			Escala			
Saber Estar			N	NS	R	S
Áreas de Competências – Sociais – Atitudes e Valores	Desenvolvimento Pessoal e Autonomia	Respeita as regras definidas para a pontualidade e a assiduidade.				
		Procura ultrapassar as suas dificuldades e enriquecer as suas aprendizagens, solicitando ajuda e apoio, quando necessário.				
		Demonstra empenho, autonomia e rigor no seu processo de aprendizagem.				
	Relacionamento Interpessoal	Atua de acordo com as normas de convivência da escola relativas aos diferentes contextos de atividade.				
		Trabalha em equipa e demonstra flexibilidade aceitando outras opiniões.				
		Interage com tolerância e empatia.				

CONCLUSÃO BREVE

Com base no que foi apresentado, resta desejar que este programa/caderno de apoio ao docente de Teatro, tenha a proficuidade que os seus utilizadores pretendam tirar dele.

Repito que não existe uma receita nem um modelo único para pôr em prática naquela a chamamos a disciplina de Teatro, todavia, a intenção foi a de construir um documento que seja uma aproximação daquilo que pode (e deve) ser uma base de trabalho perfeitamente aplicável a esta disciplina.

Em virtude do que é apresentado neste caderno de apoio é possível concluir ainda que o Teatro e as experiências dramáticas, permitem ao aluno adquirir destreza mental, confiança em si mesmo e no grupo, saber controlar o corpo e a voz para intervir quando necessário.

“O Teatro é uma arma eficaz que pode servir de libertação, se se souber utilizar de uma forma adequada.”

Augusto Boal

Referências Bibliográficas

- Aires, L. (2015). *PARADIGMA QUALITATIVO e práticas de investigação educacional*. Universidade Aberta.
- APEVT. (07 de 12 de 2017). *APEVT - Associação Nacional de Professores de Educação Visual e Tecnológica*. Obtido em março de 2019, de <https://apevt.pt/2017/12/23/parecer-educacao-artistica-no-desenho-das-matrizes-curriculares/>
- Barata, J. O. (1979). *Didática do Teatro, Introdução*. Livraria Almedina.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições Setenta.
- Beja, F., Topa, J. M., & Madureira, C. *Drama, pois! jogos e projetos de Expressão Dramática*. Porto Editora.
- Bell, J. (1993). *Como realizar um projeto de investigação- um guia para a pesquisa em ciencias sociais e na educação*. (G. Valente, Ed., & M. J. Cordeiro, Trad.) Gradiva - Publicações S.A.
- Bercebal, F., De Prado, D., & Laferrière, G. &. (2000). *Con los pedagogos de hoy. Sesiones de trabajo*. Ciudad Real: Ñaque.
- Berthold, M. (2006). *História Mundial do Teatro*. São Paulo: Perspectiva.
- Bezelga, I., Correia, J., Machado, S., & Tavares, M. (2002). *OFICINA DE TEATRO – 3º Ciclo. Orientações Curriculares- 7.º, 8.º e 9.º anos*. Obtido em maio de 2020, de https://myesecweb.esec.pt/pagina/cdi/ficheiros/docs/Ofic_%20teatro_3ciclo.pdf
- Brook, P. (1993). *O Diabo é o aborrecimento. Conversas sobre teatro*. . (C. Porto, Trad.) Porto: Edições Asa.
- Buzan, T., & Buzan, B. (1996). *Mapa Mental: Auxiliar do Pensamento Criativo*. Obtido em junho de 2018, de <file:///C:/Users/diamo/Documents/MESTRADO/Aprendizagem%20e%20Criatividade/Mapa%20Mental.pdf>
- Caldas, J., & Pacheco, N. (. (1999). *Teatro na Escola, A Nostalgia do Inefável*. Porto: Quinta Parede.
- Cañas, J. (1999). *Didática de la expresión dramática*. Barcelona: OCTAEDRO S.L.
- Constituição da República Portuguesa*. (s.d.). Obtido em 23 de maio de 2019, de <https://www.parlamento.pt/Legislacao/paginas/constituicaorepublikaportuguesa.aspx>
- Constituição da República Portuguesa*. (s.d.). Obtido em agosto de 2020, de <https://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>
- Cook, C. (1917). *The play way*. London: Heinemann.
- Courtney, R. (2003). *Jogo, teatro e pensamento*. São Paulo: Perspectiva.
- Coutinho, C. P., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J., & Vieira, S. (2009). *Investigação-acção : metodologia preferencial nas práticas educativas*. Instituto Superior Politécnico Gaya (ISPGaya). Centro de Investigação e Desenvolvimento.

- Coutinho, C. (2011). Paradigmas, Metodologias e Métodos de Investigação. In *Metodologias de Investigação em Ciências Sociais e Humanas* (pp. 9-41). Lisboa: Almedina.
- Cury, A. (2003). *Pais brilhantes, Professores fascinantes*. Pregaminho.
- Damásio, A. (s.d.). Criatividade: a representação das memórias. (M. Mazzilli, Entrevistador, M. Waquil, & F. Settineri, Tradutores)
- Duarte, J.-F. J. (2001). *Por que arte-educação? (12ª ed.)*. Campinas, S.P.: Papyrus Editora.
- Eça, T. T. (2010). A Educação Artística e as Prioridades Educativas do Século XXI. *Revista Iberoamericana de Educação*, 52, 127-146.
- Educação, M. d. (s.d.). *Aprendizagens Essenciais - Ensino Básico*. Obtido de Direção Geral da Educação:
https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/1c_teatro.pdf
- Educação, M. d. (2001). *Curriculo Nacional do Ensino Básico*.
- Educação, M. d. *Organização Curricular e programas*.
- Educação, M. d. (s.d.). *Perfil do aluno à saída da escolaridade obrigatória*. Obtido de https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf
- Eisner, W. (1997). *Educating Artistic Vision*. [S.l.]: Stanford University.
- Esteves, M. (2006). Análise de Conteúdo. In J. Á. Lima, & J. A. Pacheco, *Fazer Investigação* (pp. 105-125). Lisboa: Porto Editora.
- Falcão, M. (s.d.). *Teatro no currículo: avaliar o quê e para quê?* Obtido de <https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/3561/1/Teatro%20no%20curr%C3%ADculo.pdf>
- Faure, G., & Lascar, S. (1982). *O Jogo Dramático na escola Primária*. Editorial Estampa.
- Faure, G., & Lascar, S. (2000). *O jogo dramático na escola primária*. (M. Ruas, Trad.) Estampa.
- Fortuna, C. (. (2014). *Cultura, Formação e Cidadania*. Lisboa: Gabinete de Estratégia, Planeamento e Avaliações Culturais, Secretaria de Estado da Cultura.
- Gómez, J. C., Martins, J., & Vieites, M. F. (2000). *Animação Teatral, teoria e prática*. Campo de Letras.
- Grácio, R. R. (1966). *Educação estética e ensino escolar*. Lisboa: Publicações Europa-America.
- Guerra, M. (1991). *Activites dramatiques hypotheses pour la formation des enseignants au Portugal, Tese de mestrado em Estudos Teatrais*. Paris: Instituto de Estudos Teatrais da Universidade de Sorbonne – Paris III.
- IAVE. (2019). *PROVAS DE AFERIÇÃO – 2.º Ano de Escolaridade*. Obtido em 2019, de http://www.iave.pt/images/FicheirosPDF/Docs_Avalia%C3%A7%C3%A3o_Alunos/Info-provas/2018_2019/IP-PA-2-2019.pdf
- Koudela, I. D. (s.d.). *A ida ao teatro. Sistema Cultura é currículo*. . Obtido em 2 de maio de 2020, de

<http://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/administracao/Anexos/Documentos/420090630140316A%20ida%20ao%20teatro.pdf>

Laferrière, G. (1997). *La pedagogía puesta en escena*. Madrid: Ñaque.

Laferrière, G. (1997). *Prácticas Creativas para una Enseñanza Dinámica*. España: ÑAQUE.

Lima, J., & Pacheco, J. (2006). *Fazer Investigação. Contributos Para a Elaboração de Dissertações e Teses*. Porto: Porto Editora.

Martins, A. (2002). *Didática das Expressões*. Lisboa: Universidade Aberta.

Mascaró, P. J. (2001). *Teatro - el arte en la enseñanza*. Espanha: ÑAQUE Editora.

Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da investigação-Ação*. Porto: Porto Editora.

Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*. Porto Editora.

Mendonça, A. (2006). *A problemática do insucesso escolar: a escolaridade obrigatória no arquipélago da Madeira em finais do sec. XX (1994-2000) (Dissertação de doutoramento. Universidade da Madeira)*. Obtido em 2019, de <https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/194>

Navarro, A. (s.d.). Teatro en la Educación, nuevos enfoques del teatro para el cambio.

Navarro, R. (2007). *Drama, creatividad y aprendizaje vivencial: algunas aportaciones del drama a la educación emocional. Cuestiones Pedagógicas*, 18.

Nóvoa, A. (1989). "A Expressão Dramática e a Formação de Professores" em *Aprender*, 9.

O Espaço Vazio 1968 Orfeu Negro

Oliveira, F. M. (2003). *Teatralidades: 12 percursos pelo território do espectáculo*. Coimbra.

Pacheco, J., & Morgado, J. (2003). *Construção e avaliação do projeto curricular de escola*. Porto: Porto Editora.

Pais, A. (2011). *Jogos de Ser e Crescer*. Lisboa: Edições ISPA.

Peixinho, H., & João, M. (1998). RETIA - Rede de Centros de Formação de Associação de Escolas. *EXPRESSÃO DRAMÁTICA: um contributo para a mudança na escola*, pp. 8-10.

Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (1995). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (4ª edição: outubro de 2005 ed.). (J. M. Marques, M. A. Mendes, & M. Carvalho, Trads.) Lisboa: Gradiva.

Read, H. (1958). *A Educação Pela Arte*. Lisboa: Edições 70.

Ribeiro, L. C., & Ribeiro, A. C. (1990). *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Roldão, M. d. (2009). *Estratégias de Ensino: o saber e o agir do professor*. V.N. Gaia: Fundação Manuel Leitão.

Roldão, M. d., & Almeida, S. d. (s.d.). *Gestão Curricular para a autonomia das escolas e professores*. Obtido em 12 de janeiro de 2020, de Direção geral da Educação: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/AFC/livro_gestao_curricular.pdf

- Rooyackers, P. (2002). *101 Jogos dramáticos: Aprendizagem e diversão com jogos de teatr e faz-de-conta*. (J. Palinhos, Trad.) ASA.
- Sánchez, A. (1983). *Estética y Marxismo*. México: Ed. ERA.
- Sousa, A. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação, bases psicopedagógicas*. . Lisboa: Instituto Piaget.
- Stanislavski, C. (1997). *Manual do ator*. 2ª.
- Vianna, T., & Strazzacappa, M. (2012). Teatro na Educação: Reinventado mundos. In S. Ferreira, *O Ensino das Artes: construindo caminhos* (p. 115). Papyrus Editora.
- Vieira, M., & Rodrigues, P. (2011). *Manual de atividades teatrais*. Associação de Amigos do Gabinete Coordenador de Educação Artística.
- Vieira, M., & Rodrigues, P. (2011). *Manual de atividades teatrais*. (A. d. Artística, Ed.) Funchal.
- Vilelas, J. (2009). *Investigação – O Processo de Construção do Conhecimento*. Lisboa: Edições Sílabo, LDA.
- Vygotsky, L. S. (1987). *Thinking and speech* (N. Minick, Trans.). In R. W. Rieber & A. S. Carton (Eds.). New York: Plenum Press. (Original publicadoem 1934).
- Xavier, J. B. (2004). “*Relatório do Grupo de Trabalho do Ministério da Educação e do Ministério da Cultura*”. Obtido em 15 de dezembro de 2020, de http://www.pranet.esecs.ipleiria.pt/files/_relatorioGT_educacao_e_cultura_4
- Zabala, A. (1998). *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Artmed.

H.1 Um currículo baseado em aprendizagens essenciais e as áreas de competência do perfil do aluno

O atual documento regulador define *Aprendizagens Essenciais*, estruturadas por domínios transversais, que incidem em conhecimentos, capacidades e atitudes que deverão ser desenvolvidas em cada ciclo (Decreto-Lei n.º 55/2018 de 6 de Julho).

O programa que foi apresentado tenciona fazer a ligação entre os conteúdos da disciplina e atividades práticas específicas que dêem sentido às aprendizagens que se predizem essenciais, assim como, uma resposta didática enriquecedora para a prática docente com soluções metodológicas e ideias educativas que se enquadrem nos mais diversos contextos escolares e humanos.

As *Aprendizagens Essenciais*, desenvolvidas pela administração central em cooperação com as associações de professores, indicam para cada ano ou ciclo, de cada disciplina/área disciplinar, os princípios integradores do conceito das *Aprendizagens Essenciais* (conhecimentos, capacidades e processos, atitudes e valores), que estabelecem uma ligação com as várias áreas do *Perfil do aluno* que cada disciplina vai trabalhar em cada ciclo ao longo dos anos de escolaridade obrigatória.

As Áreas de Competência do *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, visam incidir nas boas prática se orientar a progressão do aluno no seu percurso escolar.

As Áreas de Competência do *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, visam incidir nas boas práticas e orientar a progressão do aluno no seu percurso escolar.

O quadro que se segue, têm como base de trabalho as *Aprendizagens Essenciais* para a disciplina de Expressão Dramática / Teatro elaboradas para o 1.º ciclo do ensino básico (subjacente um desenvolvimento das competências por ciclos (1.º, 2.º e 3.º ciclos)), assim como orientações do documento de *Orientações Curriculares de Oficina de Teatro* para o 3.º ciclo.

Proposta de APRENDIZAGENS ESSENCIAIS (Com base no documento orientadores)¹

TEATRO 2.º ciclo

APRENDIZAGENS ESSENCIAIS - TEATRO OPERACIONALIZAÇÃO			
DOMÍNIO	Aprendizagens Essenciais (Conhecimentos, capacidades e atitudes)	AÇÕES ESTRATÉGICAS	Articulação Perfil do Aluno
APROPRIAÇÃO E REFLEXÃO	<p>➤ Conhecer, Identificar e saber caracterizar diferentes estilos e géneros convencionais de teatro:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Comédia; • Drama; • Auto; • Ópera; 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver e estimular hábitos de frequentar, conhecer e apreciar diferentes contextos culturais; • Consciencializar para o entendimento de que (o)s gosto (s) e os juízos críticos, se desenvolvem e formam através das vivências. 	<p>Conhecedor/ sabedor/ culto/ informado (A, B, G, I, J)</p>

¹https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/ae_1oc_teatro.pdf

	<ul style="list-style-type: none"> • Teatro Musical; • Teatro de Revista; • Teatro de improviso; • Teatro invisível; • Teatro de formas animadas. <p style="margin-left: 40px;">➤ Reconhecer a dimensão multidisciplinar do teatro, identificando relações com outras artes e áreas de conhecimento;</p> <p style="margin-left: 40px;">➤ Apreciar e analisar os espetáculos ou performances, apropriando-se de um vocabulário adequado e específico, valorizando a interpretação pessoal e tendo em conta os aspetos técnicos e contextuais relativamente:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ao texto; • O dramaturgo; • O encenador; • Aos atores: 	<ul style="list-style-type: none"> • Mobilizar saberes e processos, através dos quais os alunos percecionam, selecionam, organizam os dados e lhes atribuem significados novos; • Promover dinâmicas que exijam relações entre aquilo que se sabe, o que se pensa e os diferentes universos do conhecimento; • Incentivar práticas que mobilizem diferentes processos para imaginar diferentes possibilidades, considerar opções alternativas e gerar novas ideias. <p>Promover estratégias que desenvolvam o pensamento crítico e analítico do aluno, incidindo em:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Debates sobre diferentes situações cénicas criando circunstâncias para a discussão e argumentação dos seus pontos de vista e dos outros; • Manifestação das suas opiniões em relação aos seus trabalhos e aos dos seus pares. 	<p>Criativo (A, C, D, J)</p>
--	---	---	-------------------------------------

	<p>➤ Identificar, alguns termos técnicos correntes no teatro:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sala; • Palco; • Pano; • Varas; • Bastidores; • Camarins; • Personagens; • Cenários; • Figurinos; • Maquiagem; • Adereços; • Situações cênicas; • Iluminação; • Sonoplastia. <p>➤ Reconhecer diferentes formas usar a voz e o corpo para a dinâmica teatral.</p>		<p>Crítico/Analítico (A, B, C, D, G)</p>
--	---	--	---

<p>INTERPRETAÇÃO E COMUNICAÇÃO</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Distinguir, pela experimentação e pela reflexão, jogo dramático, improvisação e representação; ➤ Reconhecer, em produções próprias ou de outrem, as especificidades formais do texto dramático convencional: <ul style="list-style-type: none"> • Monólogo; • Diálogo; • Apartes; • Didascálias; • Indicações cénicas; • Listagem inicial das personagens; • Nome das personagens no início de cada fala; • Estrutura externa da peça (divisão em atos, cenas ou quadros); • Indicações sobre o cenário e guarda-roupa das personagens; • Indicações sobre a 	<ul style="list-style-type: none"> • Questionar e experimentar soluções variadas; - Criar, aplicar e testar ideias; • Descobrir progressivamente a intencionalidade das suas experiências dramáticas. • Reconhecimento da importância do património cultural e artístico nacional e de outras culturas, como valores indispensáveis para uma maior capacidade de participação e intervenção nas dinâmicas sociais e culturais. • Utilizar vários processos de registo de ideias, de planeamento e de trabalho. • Mobilizar diferentes critérios de argumentação para a apreciação dos diferentes universos dramáticos; • Indagação das realidades que observa numa atitude crítica. • Ter consciência e progressivo 	<p>Indagador/ Investigador (C, D, F, H, I)</p> <p>Respeitador da diferença/ do outro (A, B, E, F, H)</p>
---	--	--	--

	<p>movimentação das personagens em palco, as atitudes a tomarem, os gestos que devem fazer ou a entoação de voz com que devem proferir as palavras.</p> <p>➤ Interpretar situações da vida real e estabelecer relações entre acontecimentos do quotidiano e as situações dramáticas desenvolvidas em aula.</p>	<p>domínio da voz.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Explorar textos construindo situações cénicas. • Identificar pontos fracos e fortes das suas aprendizagens; • Descrever processos de pensamento usados durante a realização de uma tarefa ou abordagem de um problema; • Apreciar criticamente as experimentações cénicas próprias e de outros para melhoria ou aprofundamento de saberes. 	<p>Sistematizador / organizador (A, B, C, I, J)</p> <p>Questionador (A, F, G, I, J)</p> <p>Comunicador (A, B, D, E, H)</p>
<p>EXPERIMENTAÇÃO E CRIAÇÃO</p>	<p>➤ Experimentar e explorar diferentes possibilidades motoras e expressivas do corpo em diferentes atividades:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Movimento livre ou orientado; • Criação de personagens; • Comunicação corporal. <p>➤ Adequar as possibilidades expressivas da voz a diferentes contextos e situações de comunicação,</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Colaborar com outros, auxiliar terceiros em tarefas; • Fornecer feedback para melhoria ou aprofundamento de ações; • Apoiar atuações úteis para outros (trabalhos de grupo). • Assumir responsabilidades relativamente aos materiais, ao espaço e ao cumprimento de 	<p>Autoavaliador (transversal às áreas);</p> <p>Participativo/ colaborado</p>

	<p>através de exercícios de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Respiração; • Articulação; • Dicção; • Projeção e colocação da voz. <p>➤ Transformar o espaço com recurso a elementos plásticos/cenográficos e tecnológicos com vista a criar novos espaços para intervenções dramáticas.</p> <p>➤ Transformar objetos e materiais, em adereços cénicos, experimentando intencionalmente diferentes materiais e técnicas para obter efeitos distintos.</p> <p>➤ Construir personagens, em situações distintas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reais; • Imaginárias; • Fantásticas; • Históricas; • Populares; • A partir de Estereótipos. 	<p>compromissos face às tarefas contratualizadas;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Realizar autonomamente tarefas e organizá-las; • Assumir e cumprir compromissos, contratualizar tarefas; • Apresentar trabalhos com auto e heteroavaliação; • Dar conta a outros do cumprimento de tarefas e funções que assumiu. • Criar ações solidárias com outros nas tarefas de aprendizagem; • Posicionar-se perante situações dilemáticas de ajuda a outros e de proteção de si; • Estar disponível para o auto aperfeiçoamento. 	<p>(B, C, D, E, F)</p> <p>Responsável/ autónomo (C, D, E, F, G, I, J)</p> <p>Cuidador de si e</p>
--	--	---	--

	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Produzir, sozinho e em grupo, pequenas cenas a partir de dados reais ou fictícios, através de processos espontâneos e/ou preparados, antecipando e explorando intencionalmente formas de “entrada”, de progressão na ação e de “saída”; ➤ Defender e saber explicar, oralmente, uma opinião crítica e construtiva. Saber apontar pontos a favor e pontos por melhorar, seja no seu trabalho ou no trabalho dos colegas. ➤ Desenvolver uma relação de pertença e de autonomia no seio do grupo. 		<p>do outro (B, E, F, G)</p>
--	--	--	------------------------------

ANEXO I
REGISTOS FOTOGRÁFICOS

I.1 5.º ano



Fig. I.1.1 | 5.º ano Conversa de roda



Fig. I.1.2 | 5.º ano Exploração de um objeto



Fig. I.1.3 | 5.º ano Dramatização

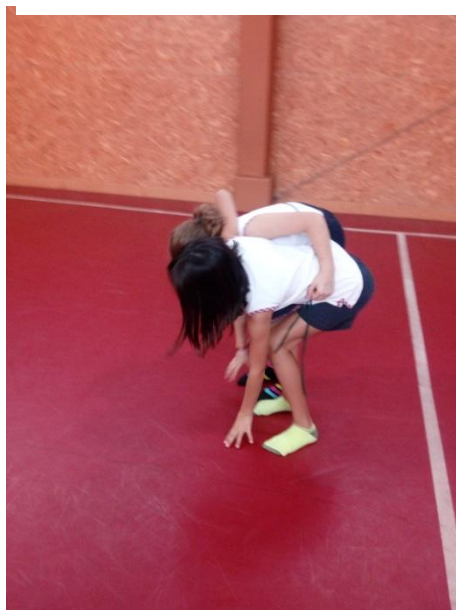


Fig. I.1.4 | 5.º ano Jogos de confiança



Fig. I.1.5 | 5.º Teatro de Sombras



Fig. I.1.6 | 5.º ano Avaliação final de aula

I.2 6.º ano



Fig. I.2.1 | 6.º ano Dinâmicas de grupo



Fig. I.2.2 | 6.º ano Dramatizações



Fig. I.2.3 | 6.º ano Apresentações ao grupo



Fig. I.2.4 | 6.º ano Teatro de sombras - processo



Fig. I.2.5 | 6.º ano Ensaio para apresentação de "Ulisses"



Fig. I.2.6 | 6.º ano Jogos de mímica

I.3 Festa Final - Espectáculo

